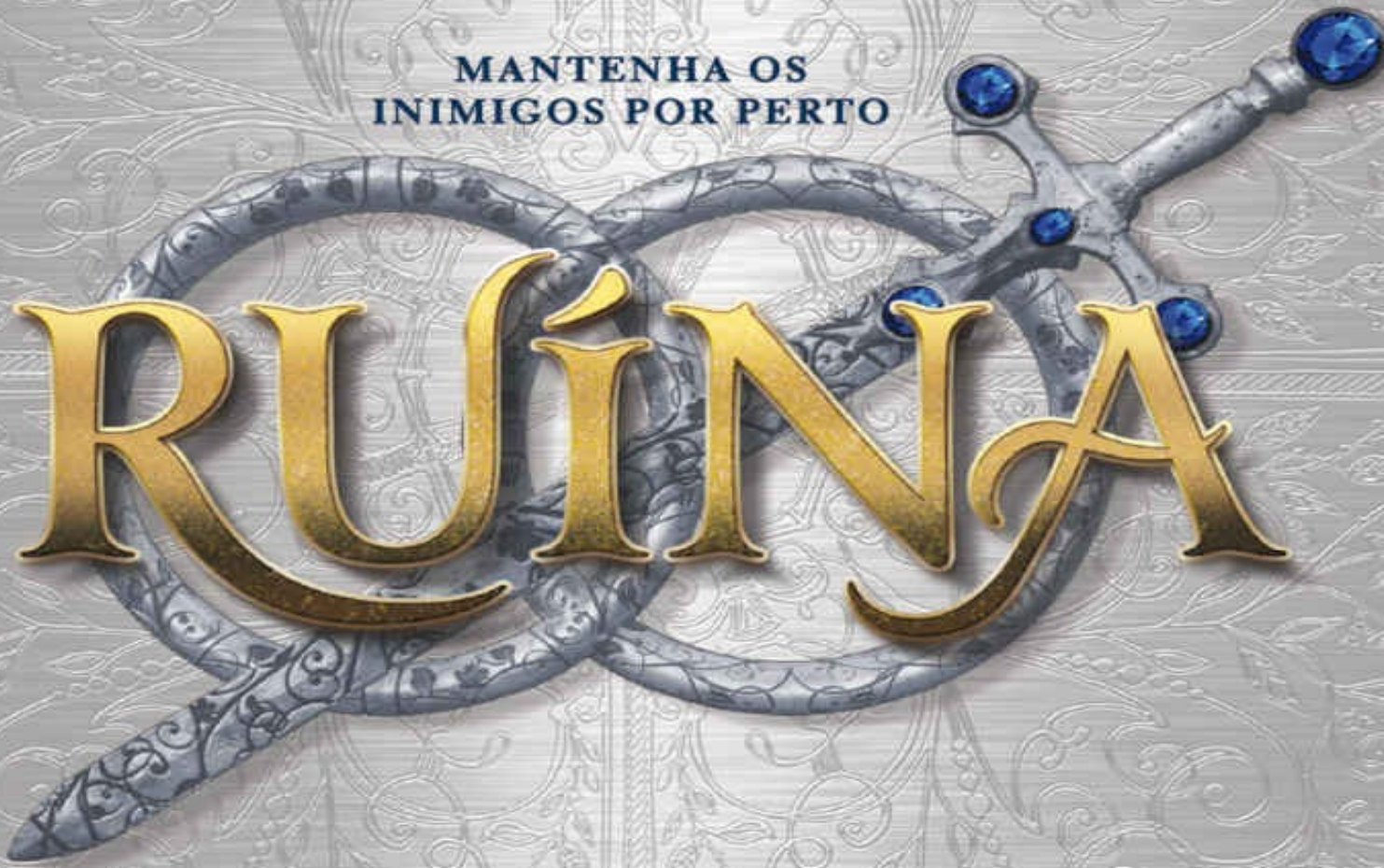


“Repleto de ação, intriga e romance. Fiquei presa até a última página!”

— KIERA CASS, autora de *A Seleção*

MANTENHA OS
INIMIGOS POR PERTO

RUÍNA



AMY TINTERA



Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Reboot

Reboot

Rebelde

Série Ruína

Ruína

AMY TINTERA

RUÍNA

Tradução

Ana Resende

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2017



T497r

Tintera, Amy Ruína [recurso eletrônico] / Amy Tintera ; tradução Ana Resende. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2017.
recurso digital

Tradução de: Ruined

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-01-11256-9 (recurso eletrônico) 1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Resende, Ana. II.

Título.

17-45204

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:

Ruined Copyright © 2016 by Amy Tintera Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica: Abreu's System Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-85-01-11256-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Sumário

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

UM

AS RODAS DA CARRUAGEM estalavam na estrada de terra. O som ecoava no silêncio da floresta.

Emm estava agachada atrás de uma árvore, apertando os dedos em volta da espada. Um esquilo disparou pela estrada e desapareceu dentro de um arbusto denso. Ela ainda não conseguia enxergar a princesa nem seus guardas.

Olhou por cima do ombro e viu Damian agachado, escondido atrás do arbusto. Seu corpo estava imóvel e parecia não respirar. Esse era ele: incrivelmente rápido ou incrivelmente imóvel, dependendo da situação.

Aren estava em uma árvore do outro lado da estrada, precariamente empoleirado sobre um galho, a espada desembainhada.

Os dois rapazes a encaravam aguardando o sinal.

Emm encostou a mão no tronco da árvore e olhou ao redor. O sol estava se pondo atrás dela e sua respiração condensava no ar. Ela estremeceu.

O primeiro guarda dobrou a esquina a cavalo; era fácil vê-lo no casaco preto e amarelo vibrante. Amarelo era a cor oficial de Vallos, o lar da princesa, mas Emm teria feito com que usassem apenas preto. E teria insistido para que alguns guardas examinassem a área ao redor da carruagem.

Aparentemente a princesa não era tão inteligente assim. Ou talvez se sentisse segura no próprio reino.

Emm mal se lembrava de como era se sentir segura.

Ela estremeceu novamente, mas não foi por causa do frio. Cada nervo seu estava em alerta máximo.

A carruagem puxada por quatro cavalos seguiu pela estrada atrás do primeiro guarda. Havia cinco deles no total. Um guarda na frente, um de cada lado, e dois atrás. Estavam todos a cavalo e suas espadas pendiam dos cintos. A princesa devia estar no interior do vagão.

Seis contra três. Emm, Damian e Aren já tinham enfrentado probabilidades muito piores.

O guarda da frente comentou alguma coisa com um dos homens mais atrás, e ambos riram. Naquela distância, não se distinguia claramente a mancha de cor azul em seu peito, mas Emm sabia do que se tratava. Soldados que tinham matado pelo menos dez habitantes de Ruína usavam broches azuis. A cada dez mortos, recebiam um novo broche.

O homem da frente tinha três, no mínimo.

Emm estava ansiosa para apagar aquele sorriso do rosto do guarda.

Ela voltou a atenção para Damian e mal moveu a cabeça.

O garoto se levantou lentamente, com uma adaga em uma das mãos e uma espada na outra.

Ergueu a adaga e estreitou os olhos para o alvo.

A lâmina voou pelo ar.

Emm se levantou com um pulo. A adaga de Damian afundou na garganta do guarda da lateral da carruagem, e um grito rasgou o ar. Ele caiu do cavalo, e os outros rapidamente desmontaram com as espadas desembainhadas. Os cavalos relincharam alto; um deles correu, os cascos batendo com força ao desaparecer no meio da mata.

Aren pulou da árvore e pousou em cima de dois guardas. Sua espada cortou o ar e encontrou o alvo.

Damian correu para o homem que tentava bloquear a porta lateral da carruagem. O rosto do guarda se contorceu, aterrorizado. Seu medo era palpável.

Sobrava apenas um homem — o da frente —, e ele olhava fixamente para Emm. Ela segurou a espada com mais força ao correr até ele.

O homem pegou alguma coisa nas costas. Emm mal teve tempo de reparar no arco antes que a flecha fosse lançada em sua direção. A garota desviou para o lado, mas a flecha atingiu seu braço esquerdo. Ela arfou ao sentir a breve pontada da dor, mas não teve tempo de diminuir a velocidade.

Emm começou a correr ainda mais rápido quando o guarda fez menção de pegar outra flecha. O guarda mirou e ela rapidamente saiu da frente, escapando por pouco do segundo disparo.

Damian apareceu atrás do homem e enterrou a espada em suas costas. O guarda suspirou e caiu de joelhos.

Emm olhou ao redor e flagrou a princesa Mary pulando da carruagem com a espada na mão.

Uma onda de alívio explodiu em seu peito enquanto ela examinava a menina. As duas tinham o mesmo cabelo escuro e pele bronzeada. Mary tinha olhos verdes; os de Emm eram escuros. E Mary tinha traços pequenos e delicados, que a deixavam bonita de um modo que Emm jamais seria. Mas, de longe, a maior parte das pessoas não seria capaz de distingui-las.

Emm ergueu a espada quando a outra correu em sua direção, mas subitamente a princesa cambaleou para trás, puxada por uma força invisível. Seus dedos se abriram com força e a espada caiu com um tinido no chão.

Aren estava parado atrás de Mary, o olhar fixo nela enquanto usava magia de Ruína para prendê-la no lugar.

Emm não tinha magia, mas era melhor do que quase todo mundo com a espada.

Ela balançou a cabeça para Aren, e o garoto soltou a princesa. Emm não precisava da ajuda dele. Ela deu um pequeno passo para trás, permitindo que a garota recuperasse sua arma.

Emm queria derrotar a princesa, no sentido amplo da palavra. Queria ver a expressão de Mary quando percebesse que a superara.

No começo, a raiva subia, hesitante, talvez porque medo fosse a emoção mais adequada

naquele instante. Mas Emm abraçou a fúria, deixou-a agitar-se e crescer até que apertou seu peito e dificultou sua respiração.

Emm atacou primeiro, e Mary ergueu a espada para bloquear a da garota. A princesa continuou atenta a Damian, mas Emm sabia que seus amigos não voltariam a ajudá-la, a menos que fosse absolutamente necessário. Eles sabiam que ela precisava fazer aquilo sozinha.

Emm partiu para cima da princesa mais uma vez, jogando terra para cima. Mary ergueu a espada e Emm se abaixou, deixando a lâmina voar acima de sua cabeça. Ela pulou e se pôs de pé, cruzando a espada no braço direito de Mary.

A princesa arfou e cambaleou. Emm se aproveitou do momento de fraqueza e lançou sua arma contra a de Mary, tirando-a com um golpe da mão da princesa.

Emm deu um passo à frente, mirando a ponta de sua lâmina no pescoço da outra. Suas mãos tremiam e ela apertou com mais força a espada. Havia imaginado aquela parte do plano uma centena de vezes, mas não contara com a sensação de náusea no fundo do estômago.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou.

Mary balançou a cabeça, o peito descia e subia.

— Acho que você conheceu meu pai, não é? — insistiu Emm. — Você o matou e empalou sua cabeça para que eu a encontrasse.

Mary apertou os lábios; seus olhos foram rapidamente de Emm para a lâmina em seu pescoço. Sua boca se abriu e, antes de falar, saiu um grasnido.

— Eu...

A princesa se afastou e abaixou, pegando alguma coisa em seu tornozelo. Ela se pôs de pé com uma adaga na mão e partiu para cima da outra garota.

Emm mergulhou para o lado. O pânico tomou conta de seu peito por um instante. Se Mary a matasse ou fugisse, o plano inteiro iria por água abaixo.

Mary correu na direção dela mais uma vez, mas Emm agarrou-lhe o pulso e puxou o braço com a adaga na direção do céu.

Com a outra mão, a garota atravessou a espada no peito da princesa.

*

Os broches azuis batiam no chão com um tilintar baixinho. Emm contava enquanto Damian e Aren os arrancavam dos casacos dos guardas mortos de Vallos. Eles tinham nove. Noventa habitantes de Ruína assassinados apenas por aqueles cinco homens.

Ela se inclinou e recolheu os broches. Os dois círculos entrelaçados simbolizavam a união de dois reinos — Lera e Vallos — em sua luta contra a perigosa Ruína. A espada que cortava o desenho representava a força deles.

Emm colocou cinco broches na mão de Aren.

— Prenda no seu casaco.

— Mas...

— A guarda de Lera vai respeitá-lo muito mais assim. Na verdade... — Ela botou mais um. — Seis. Você vai ser uma estrela.

A boca de Aren se contorceu como se estivesse engolindo algo amargo, mas ele recolocou os broches em um dos casacos sem protestar. Enfiou um dos braços no casaco amarelo e preto, e depois o outro. Ele abotoou os cinco botões dourados e passou a mão pela parte da frente, esticando o tecido.

— Eu me pareço com um guarda de Vallos? — Pegou a espada. — Espera. Fica mais realista quando eu agito a espada como se não tivesse ideia de como usar. Agora estou bem, certo? — Ele abriu um sorriso grande, mostrando as covinhas nas duas bochechas.

Emm soltou um riso abafado.

— Perfeito. — Ela apontou para o local onde o sangue salpicava a pele morena de Aren, acima da sobrancelha. — Você está sangrando.

O rapaz enxugou a testa enquanto Emm entregava os três broches restantes na mão de Damian.

— Livre-se deles. Não queremos que os caçadores encontrem e fiquem desconfiados.

Damian enfiou os broches no bolso.

— Vou queimá-los junto com os corpos.

Emm olhou para a carroça atrás dele, onde a princesa e seus guardas estavam empilhados. Um pedaço do cabelo comprido e escuro de Mary saía do cobertor, no fundo da carroça, e quase tocava o chão.

Ela desviou o olhar. Sua mãe costumava dizer que o único meio de encontrar a paz era matando todas as pessoas que a ameaçavam. Mas a sensação de aperto no peito de Emm permanecia.

— Melhor eu dar um jeito nos corpos logo — falou Damian, baixinho.

Emm assentiu e se virou para encarar o garoto, e imediatamente fitou o chão. Ele estava com aquela expressão que fazia o coração dela ficar dolorosamente apertado. Era um misto de tristeza e esperança, e talvez até amor.

Ele deu um passo para a frente, e ela passou os braços em volta dele, envolvida pelo cheiro familiar. Damian sabia que ela não era capaz de retribuir seus sentimentos. Não agora. A vingança crescia, se contorcia, ardia dentro dela e não deixava espaço para mais nada. Às vezes, o sentimento se acalmava por algum tempo, e ela pensava que tinha ido embora, mas sempre aparecia novamente. Ela voltava para casa, os pulmões cheios de fumaça e os olhos lacrimejando enquanto espiava uma esquina. Observava o rei Salomir retirar a espada ensanguentada do peito

de sua mãe. Ouvia os gritos da irmã enquanto os soldados a arrastavam. Encontrava o pai após algumas semanas, depois que a princesa Mary o matara.

Talvez quando ela matasse o rei e sua família, fosse capaz de sentir outra coisa. Talvez então conseguisse olhar para Damian do mesmo modo que ele olhava para ela.

Ela tentou sorrir. Um nó havia se formado em sua garganta, e o sorriso devia ter parecido mais uma careta. Ela observou enquanto Damian se despedia de Aren.

— Devo chegar ao acampamento de Ruína amanhã à noite — falou Damian e parou perto de um dos cavalos que puxavam a carroça. Ele encarou Emm. — Você tem certeza de que não quer que eu conte a eles que está tentando encontrar Olivia? Eles deveriam saber que há uma chance da rainha voltar.

Emm balançou a cabeça.

— Ainda não. Eles o elegeram líder e precisam depender de alguém agora. Não vamos lhes dar muitas esperanças por enquanto.

O arrependimento brilhou no rosto de Damian ao ouvir a palavra *líder*. Ele era bom no comando, apesar de jovem. Mas somente conseguira a função porque o povo de Ruína dera as costas para Emm. Talvez ela tivesse herdado o trono após a morte da mãe e o desaparecimento da irmã, mas ela era inútil. Fraca. *Não servia para liderar*, havia dito alguém quando exigiram que Damian assumisse, um ano atrás.

— Mantenha-os em segurança — pediu ela. — Vou esperar notícias suas.

Damian subiu na carroça, pôs o punho direito sobre o peito e bateu uma vez. Aquela era a saudação oficial de Ruína à rainha, e somente Damian e Aren já a haviam feito para ela, mais ninguém. Emm piscou para afastar as lágrimas.

Ela ergueu o braço para dar adeus e Damian fez o mesmo. As marcas de Ruína na mão e no pulso do garoto eram visíveis, uma lembrança do motivo pelo qual ele não poderia nem pensar em ir com eles. As marcas diziam ao mundo que ele era um habitante de Ruína com poder. Emm não tinha nenhum poder, e por isso não tinha marcas também.

Estava completamente escuro, e o vulto de Damian desapareceu rapidamente. O barulho dos cascos ecoou noite adentro.

Emm se virou para Aren, que afastava a gola do casaco do pescoço cheio de cicatrizes. Foi por pouco que ele escapou vivo do incêndio no castelo de Ruína, e boa parte de seu corpo fazia menção a isso. E também escondia a história de sua magia, pois o fogo havia apagado todos os vestígios das marcas no rapaz. Elas eram bonitas, brancas contra a pele escura; as linhas finas das marcas torciam-se juntas e criavam espirais pelos braços, costas e peito.

— Pronta? — perguntou ele em voz baixa.

Ela levou a mão ao colar e esfregou o polegar no O de prata. *Não*. Ela havia planejado aquilo

por quase um ano, mas nunca estaria pronta.

— Nós devemos chegar à fronteira de Lera de manhã — falou Aren enquanto caminhava até a carruagem e subia nela. Ele fez um gesto e apontou para trás. — Você quer ir na carruagem como uma princesa de Vallos de verdade?

Emm caminhou até um dos cavalos.

— Ainda não. Vou a cavalo um pouco mais à frente e examino a área. Entrarei na carruagem quando nos aproximarmos da fronteira. — Ela passou uma perna por cima do animal e se ajeitou na sela. Olhou por cima do ombro e viu que o amigo a observava, a cabeça inclinada para o lado. — O que foi?

— Sua mãe ficaria orgulhosa, Emm. — Ele abaixou a cabeça levemente ao mencionar a rainha morta.

— Espero que sim. — As palavras saíram como um sussurro. Ela tinha certeza de que a mãe ficaria furiosa por Emm ter deixado que a irmã mais nova e mais poderosa fosse levada pelo rei de Lera. Ela deveria proteger Olivia, e havia falhado.

Mas Emm ia consertar as coisas. Salvaria a irmã e mataria o homem que a levou e assassinou sua mãe.

Faça as pessoas temerem você, Emmelina. As palavras da mãe ecoaram em sua mente. Pare de se preocupar com o que você não tem e comece a se concentrar no que você faz. Faça as pessoas temerem ao ouvir seu nome. Medo é o seu poder.

Wenda Flores não vivera nos tempos em que o povo de Ruína era temido por seus poderes e reverenciado como deuses, mas sentia saudade desses dias. Não queria nada além de fazer os humanos se curvarem, aterrorizados.

Emm ergueu a cabeça e fixou o olhar à sua frente.

Ninguém temia Emmelina Flores, a inútil filha da rainha mais poderosa que Ruína já conhecera.

Mas eles temeriam.

DOIS

CAS SE CURVOU PARA trás, mal evitando o golpe da espada em seu pescoço enquanto girava para se afastar do oponente. Seu pé esbarrou numa pedra e ele tropeçou, estendendo os braços para não cair de cara no chão.

A espada do rival cutucou seu peito. Uma infelicidade.

— Morto. — Galo sorriu ao afastar a lâmina sem ponta. — Cansado, Alteza?

Cas deu um passo para trás e passou a mão pelos cabelos. O sol descia sobre os dois no jardim do castelo, e seu cabelo estava úmido de suor.

— Estou um pouco cansado. Deve ser porque ganhei as quatro primeiras vezes.

O guarda abriu bem os braços. Ele ainda respirava com dificuldade por causa da luta.

— Eu gosto de criar uma falsa sensação de segurança em você primeiro. Depois, eu começo a lutar de verdade.

Cas riu e passou a espada para a mão esquerda, enrolando a manga da camisa branca. O casaco estava no chão, coberto com a areia que eles chutaram para o ar enquanto lutavam. Sua mãe não ia ficar nada satisfeita.

— Mais uma vez — falou ele e ergueu a espada.

— Talvez você deva descansar um pouco. — Galo apoiou as palmas das mãos nas coxas e deixou a espada pender de seus dedos. Depois de um longo suspiro, continuou: — Você parece exausto.

— Sei. *Eu* que pareço exausto.

Galo se endireitou e voltou o olhar para o castelo. A construção de pedras brancas se erguia, imensa, perto deles e lançava uma sombra sobre os jardins. Janelas em arco se alinhavam na parte de trás do castelo, e uma criada enfiou a cabeça para fora de uma delas no segundo andar, dando batidinhas rápidas em um tapete contra a parede.

— Talvez a gente devesse parar. — Galo fez um gesto na direção do casaco empoeirado no chão. — Você vai estar fedendo a areia e suor quando sua nova noiva chegar.

Cas deixou a espada cair em cima do casaco, sujando-o ainda mais.

— Ela está viajando há dias. Tenho certeza de que também vai estar fedida. Estaremos quites.

— Quanta consideração, Alteza.

Galo somente o chamava de “Alteza” quando queria zombar dele. Cas lançou-lhe um olhar vagamente divertido. Galo era dois anos mais velho que ele e, em seus três anos na guarda, tinha se tornado mais um amigo do que alguém que deveria chamá-lo pelo título formal.

— Você ouviu a notícia de que guerreiros de Olso vêm nos visitar após o casamento? — perguntou Cas.

— Não ouvi falar disso — retrucou Galo, passando a mão pelo cabelo escuro. — Por quê?

— Negócios. Eles têm alguns problemas com um tratado que deu a Lera controle de seu porto principal depois da última guerra. Mas acho que meu pai concordou com a visita para que pudesse se exhibir.

— Exibir o que exatamente?

— Depois que eu me casar, Lera vai controlar Vallos e Ruína também. — Cas deu uma risada. — É impressionante. Ele não consegue parar de dizer que vai me deixar com dois reinos a mais do que o pai dele o deixou. Claro, um deles é Ruína, e não é exatamente algo sobre o qual se gabar.

— Não. A menos que você goste de campos secos e céus cinzentos.

— Eu perguntei ao meu pai se poderia visitar Ruína, ver as minas, mas... — Cas deu de ombros. — Talvez ainda seja muito perigoso.

— Com certeza, é muito perigoso — concordou Galo.

— Casimir? CASIMIR!

Cas se virou ao ouvir a voz da mãe no interior do castelo. Ela apareceu no pátio da biblioteca do segundo andar, as saias do vestido azul-claro balançaram em torno de seus tornozelos. A rainha pôs as mãos nos quadris.

— Ela foi avistada no fim da estrada — falou.

O coração de Cas saiu do peito e foi parar nos pés.

— Está bem.

— Você poderia ao menos fingir que está animado.

— Eu estou simplesmente em êxtase com a expectativa e agitação. Mal posso me conter, na verdade. — Ele abriu um sorriso falso. — Que tal assim?

Galo fingiu tossir em vez de dar risada. A mãe de Cas soltou um suspiro profundamente irritado e voltou para dentro do castelo.

— Melhor eu ir — falou o príncipe ao mesmo tempo em que pegava a espada e a entregava a Galo. Depois pegou o casaco do chão, balançando para tirar a terra.

— Boa sorte — emendou Galo e, em seguida, franziu a testa. — É isso que se deve dizer numa situação dessas?

Cas deu de ombros. Não havia muito o que dizer a alguém que ia conhecer a mulher com quem era obrigado a se casar. *Tente não vomitar* talvez fosse a melhor opção.

Ele deu a Galo um meio sorriso, pulou os degraus para subir e agarrou a maçaneta da porta alta de madeira. Ele a empurrou com força, os olhos se ajustando à pouca luz na sala de jantar dos servos. À sua esquerda, um garoto saiu pela porta da cozinha, e o som de gritos e panelas batendo surgiu atrás dele. Ele segurava uma bandeja de tortas e parou subitamente ao avistar o príncipe.

Cas assentiu para o garoto, passando por ele no caminho para a porta na outra extremidade do cômodo e entrando no corredor. O sol entrava pelas janelas amplas à sua direita, e as paredes daquele corredor ficavam quase cor-de-rosa sob a luz da tarde. Mais tarde, elas pareceriam vermelhas. Cada corredor era pintado com uma cor diferente, e quando ele dobrou a esquina, viu dois criados arrumando buquês de flores amarelas contra as paredes de tom verde vibrante.

O castelo era todo rumores conforme ele se aproximava do saguão. Mais flores cobriam o corrimão da escada e um dos criados amarrava fitas azuis ao redor delas. O ar estava carregado de expectativa e animação conforme a criadagem do castelo preparava a chegada da nova princesa. Os rostos felizes apenas aterrorizavam Cas ainda mais.

Os pais do rapaz estavam parados diante da porta na entrada principal, e ele se aproximou deles.

— Você está todo sujo — observou a mãe enquanto tirava o casaco. Ela deu tapinhas nele, tentando retirar a terra grudada. — Você tinha que lutar com aquele guarda *antes* que ela chegasse?

O rei deu um tapinha no braço do filho.

— Ele só está nervoso. Estava extravasando um pouco de energia.

— Não estou, não.

Sim, ele estava.

Talvez nervoso não fosse a palavra correta. Cas sempre soubera que se casaria com alguém que seus pais escolhessem. Ele sabia, mas não tinha se preparado para como realmente seria. Com o estômago indo parar nos pés e a cabeça parecendo que ia explodir de tanto latejar.

Qual era a palavra para esse sentimento?

— Não vai ficar melhor do que isso — falou a mãe, devolvendo-lhe o casaco, que ele vestiu.

— *Tente* conversar com ela, está bem? — emendou o rei. — Quando você fica só parado, em silêncio, deixa as pessoas pouco à vontade.

— Nem sempre tenho alguma coisa pra dizer.

— Então pense em alguma coisa — retrucou o pai, exasperado.

A rainha caminhou até a porta e fez um gesto para os dois a acompanharem.

— Venham. Vocês dois. — Ela deixou o rei passar e pôs uma das mãos no braço do filho. — Não se preocupe, Cas. Sei que ela vai gostar bastante de você.

Ele afastou a mão dela, mas tentou sorrir como se acreditasse. *Gostar bastante de você*. Que ridículo. Era um casamento arranjado, e Mary sabia tanto sobre ele quanto ele sobre ela. Nada.

Eles saíram para a luz do dia, Cas se arrastando atrás dos pais. Dez criados e alguns integrantes da guarda de Cas esperavam em duas filas bem organizadas.

Ele desceu os degraus do castelo e assumiu seu lugar perto do pai quando o portão começou a

se abrir. Juntou as mãos atrás das costas; em seguida, puxou cada um dos dedos da mão esquerda até sentir a junta estalar. O coração batia tão alto que vibrava em seu ouvido. Ele tentou assumir uma expressão neutra.

Uma trilha de terra batida ia do castelo até o portão principal, ladeada por grama verde e luxuriante, e arbustos perfeitamente quadrados. Dois guardas abriram o portão de ferro, saindo apressadamente do caminho quando a escolta real de Lera passou em suas montarias.

Atrás deles, seguia uma pequena carruagem que já tinha visto dias melhores. Sujeira e lama estavam grudadas às rodas, embora isso fosse esperado após o trajeto através da floresta de Lera. Ela era cinzenta, com uma janela de vidro de cada lado. As janelas estavam abertas, e a mais próxima de Cas estava prestes a cair das dobradiças. Uma cortina cobria a abertura, escondendo o interior da carruagem.

Um jovem vestindo uniforme de Vallos estava sentado na frente do veículo, com as rédeas na mão. Cas esperava que mais guardas o seguissem, mas ele era o único com a roupa amarela de Vallos. Estranho. Ele sempre levava alguns guardas durante as viagens.

O guarda de Vallos parou os cavalos e saltou da carruagem, esticando as extremidades de seu casaco. Suas mãos eram cobertas por cicatrizes, como se ele tivesse sido queimado, e Cas tentou não ficar encarando enquanto o homem abria a porta do veículo. Ele nunca tinha visto pele tão mutilada antes.

Uma mão emergiu da carruagem primeiro, e o guarda a segurou, dando um passo para trás quando uma cabeça morena apareceu.

A princesa Mary pulou da carruagem, sem prestar atenção no degrau e, nesse meio-tempo, levantou um pouco de poeira.

Ela era alta, tinha pernas compridas e trajava um vestido amarelo apertado em seu peito. O vestido também era muito curto e roçava na parte de cima dos sapatos, revelando um pedaço do tornozelo. Cas se perguntou se ela tinha crescido recentemente ou se apenas tinha uma péssima costureira. Algumas mechas do cabelo escuro se soltaram, e ela ganhou uma aparência selvagem e desgrenhada.

— Os boatos sobre sua beleza eram... exagerados — murmurou o pai.

Na verdade, Cas sabia de uma coisa sobre Mary: os pais dela haviam escrito antes de morrer e diziam que a garota era “linda”, “adorável”, “tão bonita e delicada”. Mas a princesa diante deles não era nenhuma dessas coisas. Ela era toda angulosa e com feições duras. Nada nela parecia delicado.

O guarda acenou na direção de Mary. Era evidente que ele não costumava fazer as apresentações.

— Princesa Mary Anselo, de Vallos. — Cas tinha pensado que talvez eles se referissem a ela como “rainha Mary”, mas tecnicamente ela não havia ascendido ao trono de Vallos após a morte

dos pais. Vallos agora pertencia ao pai de Cas.

O olhar de Mary foi imediatamente para Cas. A princesa tinha olhos escuros e intensos, emoldurados por cílios compridos. A pele debaixo deles também era um pouco escura, o que a fazia parecer cansada ou aborrecida. Talvez as duas coisas.

Cas abaixou levemente a cabeça para saudá-la e, em seguida, concentrou sua atenção nas árvores distantes. Era menos provável que ele agisse com surpresa se não olhasse nos olhos dela.

O arauto deu um passo para a frente e fez um gesto amplo na direção do rei.

— Sua Majestade, o rei Salomir Gallegos. Sua Majestade, a rainha Fabiana Gallegos. E Sua Alteza, o príncipe Casimir Gallegos.

— É um prazer conhecê-la, Mary — falou a mãe de Cas, inclinando a cabeça e então dando um passo para a frente para segurar as mãos da princesa entre as dela. A garota pareceu surpresa com o gesto e reclinou-se como se quisesse fugir.

Cas não podia culpá-la. Ele também estava pensando em fugir.

— Também é um prazer conhecê-la — respondeu Mary em voz baixa.

O rei sorriu para ela do modo como sempre fazia com as mulheres.

— Um prazer.

Um dos cantos da boca de Mary se curvou em algo como um sorriso. Ou uma careta. Cas tinha dificuldade em interpretar as expressões no rosto dela.

— Este é o meu guarda, Aren — falou Mary, e o jovem deu um passo à frente.

— Você trouxe apenas um? — O tom do rei trazia uma nota de desconfiança.

— Muitos dos guardas de Vallos foram enviados para caçar os habitantes de Ruína — explicou Mary. — Alguns outros me escoltaram até a fronteira de Lera, mas achei melhor mandá-los de volta, para onde eram necessários. — Seus lábios fizeram alguma coisa que ainda não era bem um sorriso. — Vocês têm tantos guardas excelentes aqui em Lera.

— É verdade. — O rei abriu um sorriso amplo ao chamar Julio, o capitão da guarda de Cas. — Leve Aren para dentro e mostre suas instalações.

Aren jogou a bolsa sobre o ombro e acompanhou Julio para dentro do castelo.

Os pais se viraram para Cas, como se esperassem que ele dissesse alguma coisa, e sua boca ficou seca.

Mary o encarou como se também esperasse alguma coisa, e subitamente ele teve vontade de nunca mais falar. Ele a encarou e, no mesmo instante, foi como se estivessem competindo para ver quem ficaria sem graça primeiro. Cas estava confiante de que venceria a competição sempre.

— Excelente — falou a rainha. O rei arregalou os olhos para o filho. A mãe esticou o braço, passando-o pelo de Mary enquanto a conduzia na direção do castelo. — Suas coisas vêm em breve?

— Tudo que tenho está na carruagem. — Ela disse aquilo como se não tivesse vergonha. Cas

deu outra olhada na pequena carruagem. Não poderia haver mais de um baú lá dentro.

— Está tudo bem, é bom recomeçar — falou a rainha suavemente. — Vou mandar alguém vir imediatamente para tirar suas medidas. Eu ouvi dizer que você gosta muito de vestidos, não é?

— Quem não gosta? — perguntou Mary.

Cas observou enquanto elas subiam os degraus principais e desapareciam através das imensas portas de madeira. Ele nada tinha dito a ela. Talvez devesse ter, ao menos, perguntado como foi a viagem ou se ela precisava de algo.

O rei suspirou.

— Suponho que você poderia ter se saído pior do que Mary.

— Deveríamos pedir que o padre diga isso no casamento — falou Cas. — ‘E agora vamos unir Casimir e Mary. Os dois poderiam ter se saído pior.’

TRÊS

UMA BATIDA NA PORTA fez os olhos de Emm se abrirem no mesmo instante. Ela arfou, se remexeu e se sentou, os lençóis embolados nos pés. Ela rolou para fora da cama, abafando um gritinho e atingindo o chão com uma pancada..

Ela se encolheu e tirou o cabelo do rosto. Estava surpresa pelo fato de ter conseguido dormir. Quando o sol começou a aparecer entre as cortinas, ela ainda estava acordada, incapaz de cair no sono num castelo cheio de inimigos. Ela havia passado quase um ano planejando se infiltrar, mas a realidade de estar cercada por pessoas que a matariam se descobrissem sua verdadeira identidade era mais perturbadora do que havia imaginado.

— Alteza? — chamou uma voz por detrás da porta.

Ela se pôs de pé, esticando a camisola.

— Sim?

A porta se abriu, mostrando Davina, uma das criadas, que trazia uma bandeja de comida. *Uma* de suas criadas. A vida que essas pessoas levavam era ridícula. A mãe de Emm não tinha criadagem.

Uma criada é uma espiã em potencial, era o que a rainha costumava dizer.

Davina ergueu a bandeja.

— Eu trouxe o café, Alteza. E a rainha solicitou a sua presença. — Ela pôs a bandeja sobre a mesa de canto e se voltou para Emm, com um sorriso no rosto jovem e bonito.

Havia uma faca sobre a bandeja, e Emm a examinou, tentando avaliar se era afiada. Três passos rápidos pelo cômodo e ela poderia desviar de Davina para pegar a faca e apontá-la para a garganta da garota antes que a criada soubesse o que estava acontecendo. Cinco segundos, no máximo.

Emm balançou a cabeça e afastou aquele pensamento. Ela não precisava matar a moça naquele momento.

— Solicitou a minha presença para quê?

— Para experimentar o vestido de noiva, Alteza.

— Ah. Certo. — Ela tentou disfarçar a vontade de vomitar que lhe dava pensar no vestido de casamento.

— E a Batalha da União é nesta tarde — falou Davina. — A rainha quer que a prova do vestido seja feita antes disso.

Será que ela deveria saber o que era a Batalha da União? Não parecia bom, não importava o que fosse.

— Claro — falou Emm. — Vou me aprontar rapidamente.

Davina fez um movimento como se fosse ficar e ajudar, mas Emm balançou a cabeça.

— Estou bem por enquanto. Chamarei quando estiver quase pronta, está bem?

Davina hesitou, e em seguida caminhou até a porta.

— Eu espero do lado de fora?

— Sim, por favor — respondeu Emm.

A princesa suspirou enquanto Davina desaparecia pela porta. A criada tinha deixado chá e uma grossa fatia de pão com uma cor estranha na bandeja. Ela partiu um pedaço e o enfiou na boca. Era doce e delicioso, e Emm rapidamente terminou todo o pão. No último ano, ela não tinha provado comida boa.

Emm olhou ao redor do cômodo. Ela também raramente dormira numa cama no último ano, e agora tinha uma sala de estar, um gabinete e um quarto. A grande janela na parede exibia uma vista adorável dos jardins. O cômodo tinha sido decorado em azul, a cor oficial de Lera. A cadeira no canto era azul, a tapeçaria na parede era azul, e os lençóis na cama eram azuis.

Era tudo muito limpo e bonito, e Emm queria rasgar tudo em pedaços. Eles viviam desse jeito enquanto os habitantes de Ruína eram postos para fora de casa e tinham que mudar o acampamento de lugar depois de alguns dias simplesmente para sobreviver?

Ela fazia questão de incendiar e destruir o castelo antes de acertar as contas. Ainda podia sentir o cheiro de fumaça do dia em que o rei havia queimado completamente seu lar, matado sua mãe e levado sua irmã. A única coisa certa a fazer era retribuir o favor.

Emm tomou o chá e tirou da bagagem um vestido cor-de-rosa horroroso de Mary. O clima em Vallos era bem mais frio que em Lera, e as pessoas costumavam andar totalmente cobertas, do pescoço até os pés. Os vestidos de Mary tinham mangas compridas e rígidas e eram feitos para serem funcionais, não bonitos. Eram absurdamente deprimentes.

Como o vestido que tinha usado no dia anterior, aquele estava curto demais e apertado quando ela o vestiu. Mas a saia pesada disfarçava muito bem o péssimo caimento.

Seu colar pendia no centro do peito, e ela o apertou com os dedos por alguns instantes. O O em prata era de Olivia, e Emm tinha pensando em deixá-lo para trás ao se tornar Mary. No

entanto, ela usava o colar todos os dias desde que voltara aos restos do castelo e o encontrara entre os cascalhos. Se um dia encontrasse Olivia, devolveria para ela.

Quando encontrasse Olivia. Ela não sabia por que o rei havia levado a irmã em vez de simplesmente matá-la, mas nada a impediria de descobrir isso e resgatar a menina.

Ela soltou o colar e o pingente bateu contra o peito. Se alguém perguntasse, poderia simplesmente dizer que era um círculo. Um presente dos pais.

Emm puxou o cabelo para trás, enrolando-o num coque simples atrás da cabeça. Davina retornou e abotoou a parte de trás do vestido, acompanhando-a em seguida para fora do cômodo.

Aren estava de pé perto da porta com outros dois guardas, vestidos com o uniforme azul e branco da guarda de Lera. Ela teve que resistir à vontade de correr até ele. No ano anterior, Aren tinha ficado constantemente ao seu lado, e sem ele por perto era como se tivesse perdido um braço ou uma perna.

Emm queria perguntar como ele estava se adaptando, se havia descoberto alguma coisa, se alguém suspeitava que havia algo estranho, mas Davina passou rapidamente por ele e pelos outros guardas. A criada deu uma olhadela por cima do ombro para Aren e o rubor subiu por suas bochechas quando ele sorriu para ela. Emm disfarçou uma gargalhada. A lista de garotas corando por causa de Aren nunca acabava.

Emm e Davina dobraram algumas esquinas e no mesmo instante ela perdeu a noção de onde estava. Todos os corredores tinham a mesma aparência, a não ser pelas cores vibrantes nas paredes, que mudavam sempre que elas seguiam em outra direção. O castelo tinha um formato quadrado, então era um conforto saber que, quando ela estivesse irremediavelmente perdida, poderia continuar dobrando esquinas e voltaria para onde tinha começado.

Tapetes azul-escuros cobriam o centro do assoalho, e a luz se esparramava pelos corredores, vinda das grandes janelas, que estavam abertas e davam para o leste, onde mal se via o oceano. A maresia fresca soprava pelos corredores. Lera era muito mais quente que Vallos e Ruína; o céu não tinha uma única nuvem. Emm podia entender por que o povo de Lera havia expulsado os habitantes de Ruína muitas gerações atrás para que pudessem permanecer ali. Ela também não ia querer ir embora.

Davina parou e bateu numa imensa porta de madeira, que rapidamente foi aberta por uma jovem. A criada saiu correndo.

A mulher acompanhou Emm para dentro do cômodo. A rainha estava parada bem no centro, e seu vestido vermelho-escuro contrastava com as roupas cor de creme que as duas mulheres perto dela vestiam.

No imenso cômodo viam-se cabides com vestidos, calças, blusas e uma parede inteira de

sapatos. O closet da rainha. Ela não conseguiu evitar torcer para que pudesse ter esse tipo de guarda-roupa durante sua estadia. Se tinha que lidar com aquelas pessoas, poderia ao menos usar roupas bonitas ao fazê-lo.

Ela examinou o cômodo, procurando armas. Um espelho preso a uma parede, grande demais para ela quebrar. Mas havia uma grande bandeja com frutas sobre a mesa, e o prato de cerâmica provavelmente era sólido o suficiente para causar algum estrago quando batesse num crânio. Um, três, seis passos e ela conseguiria passar entre as criadas e chegar ao canto extremo do cômodo. E então era pegar o prato, derrubar uma criada, quebrar a cerâmica na cabeça da rainha, girar, empurrar a outra criada e usar uma das pontas do prato quebrado para cortar o pescoço da rainha. E ela estaria morta.

— Mary — chamou a rainha, estendendo os braços para ela.

Emm cerrou os punhos, lutando contra a vontade de gritar. Ela não contava com a dificuldade de ficar na presença das pessoas que destruíram sua vida. Quando desceu da carruagem na véspera, por pouco não tomou a espada de Aren e a enterrou na cabeça do rei.

Ela respirou lentamente. Calma. Firme. A mãe foi a mulher mais assustadora que ela já havia conhecido — a mulher mais assustadora que a maioria das pessoas já havia conhecido — e parte disso se devia ao fato de a rainha de Ruína nunca ter perdido a paciência. Se ela quisesse matar você, você não saberia até ter a faca enfiada em suas entranhas.

Emm tinha que ser como a mãe naquele momento.

Talvez a rainha tivesse percebido que ela não queria um abraço, pois em vez disso segurou suas duas mãos e as apertou. Quando sorriu, a pequena cicatriz de semicírculo em sua bochecha esquerda se moveu. Era a única coisa interessante no rosto bonito, mas tedioso.

— Como foi a sua primeira noite? O quarto estava adequado?

— Estava perfeito, Majestade — respondeu Emm.

— Por favor, me chame de Fabiana — falou a rainha, soltando as mãos de Emm. — Em breve, seremos uma família.

— Claro. — Fabiana era um nome horroroso, e Emm ficaria feliz em chamá-la assim.

— O que você está achando de Lera até agora? — perguntou a rainha. — É diferente de Vallos, não é? Menos deprimente.

— Muito menos — falou Emm, notando o sutil sarcasmo com Vallos. — E em comparação com Olso? Ouvi dizer que lá é frio.

Fabiana mal ergueu uma das sobrancelhas.

— Lera é menos... rigoroso.

— Tenho certeza de que é. — Emm nunca tinha visitado Olso, mas conhecia bem os guerreiros, o grupo de homens e mulheres que protegia o reino. Fabiana costumava ser um deles antes de desertar e levar informações secretas a Lera. Ela provavelmente era a traidora mais

famosa em todo o reino. Emm tinha lembrado os guerreiros da traição de Fabiana ao oferecer uma parceria. Eles alegremente concordaram em se juntar à missão.

A porta se abriu e uma garota de cabelos escuros entrou.

— Jovita! — exclamou a rainha. — Fico feliz por você poder se juntar a nós.

Emm observou longamente a sobrinha da rainha. Ela era a segunda na linha de sucessão ao trono de Lera. Embora tivesse mais ou menos a mesma idade de Emm, alguma coisa no modo como se portava a fazia parecer muito mais velha. Ela era um pouco mais baixa que Emm, mas ainda tinha uma aparência formidável. Seus ombros eram largos e fortes, e os músculos do braço ondulavam por baixo da túnica cinza sempre que se mexia. Ela não sorria muito, embora Emm não achasse que fosse infelicidade. Simplesmente parecia o tipo de garota que não sorria apenas para deixar as outras pessoas à vontade.

— Pensei em dar uma paradinha e ver como a nossa nova princesa estava indo. — Ela cruzou o cômodo até a bandeja de frutas e enfiou uma uva na boca. Emm franziu a testa. Seria muito difícil alcançar a arma que havia escolhido se Jovita ficasse parada na frente dela.

— O momento é perfeito. Ela está prestes a experimentar o vestido. — A rainha fez um gesto para as criadas e uma das mulheres saiu correndo e voltou com uma pilha de tecido azul, tão alta que quase cobria seu rosto.

— Se você puder tirar suas roupas, Mary — falou Fabiana e fez um gesto com a mão.

Uma das garotas começou a desabotoar a monstruosidade cor-de-rosa, e Emm baixou a cabeça para esconder as bochechas vermelhas enquanto o vestido caía no chão. Talvez aquelas mulheres costumassem tirar a roupa na frente de totais estranhos, mas Emm nunca tinha ficado só com a roupa de baixo diante de ninguém além da mãe e da irmã.

— Vamos tirar as medidas e fazer mais algumas roupas para você — falou a rainha ao mesmo tempo em que as garotas tiravam o vestido de Mary. Emm percebeu uma pontinha de desprezo quando a rainha examinou a peça de roupa. Subitamente, passou a gostar do vestido.

As garotas seguraram o vestido azul aberto para Emm e ela o vestiu rapidamente, ansiosa para voltar a estar coberta. O tecido era fresco e macio contra a pele, e se alargava a partir de sua cintura de maneira extravagante. A parte de cima cheia de babados do vestido abraçou seu tronco, e uma bela corrente de contas envolvia-lhe a cintura. Era elegante em sua simplicidade, e Emm cautelosamente tocou o tecido macio.

— Ah, sim, isso é adorável.

Emm ergueu o olhar e viu a rainha parada perto do espelho. Ela deu um passo para a frente e o próprio reflexo a encarou. O vestido era ainda mais deslumbrante quando dava para vê-lo em toda a sua glória. Era o vestido mais bonito que ela já vira. Olivia teria batido palmas e feito uma dancinha feliz se estivesse ali.

Lágrimas fizeram seus olhos arder.

— Me desculpem — falou, quando uma escorreu por sua bochecha. Rapidamente ela a limpou.

— Você gostaria que sua mãe estivesse aqui? — sugeriu a rainha.

Emm acenou com a cabeça. Provavelmente a Mary real também teria chorado pela família morta. Talvez qualquer garota nesta situação tivesse chorado, não importasse a condição da mãe. Afinal de contas, ela tinha que se casar com Casimir.

Cas. O nome lhe dava um aperto no estômago. Eles mal tinham se falado no dia anterior, e ela torcia de verdade para que ele planejasse ignorá-la completamente. Os pais dele tinham arranjado o casamento; talvez, em algum lugar, tivesse uma garota que ele amasse, e ia fingir que Emm não existia.

Quando ela criou este plano, sabia, no fundo de sua mente, que teria que lidar com a noite de núpcias. Normalmente se esperava o sexo imediatamente após o casamento, o que significava que amanhã à noite ela teria que estar na cama de Cas. Ela nunca estivera na cama de alguém.

Emm simplesmente não ia pensar sobre isso. Ela ainda tinha um dia até o casamento e fingir que esse problema não existia parecia a melhor coisa a se fazer.

Talvez ela se concentrasse no plano para matá-lo. Ela precisava de Cas, ao menos por enquanto, mas tinha esperança de se livrar dele antes de ir embora de Lera. Ela o mataria antes do rei e da rainha, para que eles pudessem sentir um pouco da dor que ela havia sentido quando sua família morreu.

— Me desculpem — repetiu Emm, tentando se recompor. — Eu adorei o vestido.

— Claro que adorou — falou a rainha. — Eu tenho excelente gosto.

Apesar de tudo, Emm riu, e recebeu um sorriso de aprovação de Fabiana.

As mulheres tiraram algumas medidas e prenderam alfinetes no vestido, depois, ajudaram Emm a tirá-lo.

— Você conseguiu conversar com Cas desde que chegou? — perguntou a rainha enquanto Emm voltava para o vestido cor-de-rosa.

— Só um pouquinho — respondeu a garota. Se é que ele dizer “oi” para ela no jantar do dia anterior contava.

— Não se preocupe, em breve vocês vão se acostumar um com o outro. — Os lábios da rainha se contorceram, como se ela pensasse em alguma coisa que não queria compartilhar. — Alguém lhe contou sobre a Batalha da União?

— Não que eu me lembre — falou Emm cautelosamente, sem saber se Mary deveria ter aquela informação. Uma criada apertou ainda mais o vestido, tentando abotoá-lo, e ela puxou todo o ar para dentro.

— É uma tradição nos casamentos reais de Lera — explicou a rainha. — O pretendente real luta contra alguém de sua escolha para a diversão de todos. Com lâminas sem ponta, claro.

Emm tentou disfarçar um sorriso. Isso soava exatamente como o seu tipo de festa de casamento.

— O objetivo é provar seu valor e habilidade numa batalha — falou Jovita. — Eu pessoalmente mal posso esperar. Sabe, a rainha derrotou o capitão da guarda real em sua batalha. O adversário era muito difícil, e ela acabou com ele. Todo mundo ainda fala sobre isso.

— Jovita, pare — falou a rainha baixinho. — Você vai deixá-la nervosa. — E deu um tapinha na mão de Emm. — Você pode escolher quem quiser, querida.

A condescendência era tão evidente que Emm quase riu. Era simplesmente como se a família real de Lera pensasse que derrotava todo mundo.

— Me ordenaram matar o rei de Ruína antes de me casar com Cas. Vocês não acham que isso provou meu valor e habilidade numa batalha? — Emm mentiu e engoliu uma onda de náusea. Mary matar seu pai tinha sido apenas um teste para essas pessoas.

— Então eu acho que hoje não será desafio algum — falou Jovita. Seu sorriso não diminuiu, mas seus olhos fitaram os da rainha.

— Já terminou? — A rainha perguntou para a criada que apertava o último botão. — Vamos chamar Cas.

— Ah, vocês não têm que fazer isso — falou Emm com pressa.

— Vamos deixar que ele a acompanhe de volta até o seu quarto — falou a rainha com uma expressão divertida. — Afinal, ele não pode evitar você para sempre. — E pediu a uma das criadas que fosse chamá-lo.

Emm suspirou e passou a mão pelos cabelos. Um olhar no espelho confirmou que parecia cansada e pálida (e absurdamente ridícula no vestido cor-de-rosa pequeno demais), e ela torceu para que Cas a achasse demasiadamente pouco atraente.

A porta se abriu apenas uns minutos depois, e elas viram Cas, com a expressão de quem estava sendo cutucado nas costas com facas quentes. Ele parecia aborrecido, entediado ou ambos. Olhou rapidamente para Emm, mas nada falou, e ela mudou de posição, desconfortável. Emm achava que ele fazia todo mundo se sentir desconfortável.

No entanto, Cas era bonito de um modo que, infelizmente, era difícil de ignorar. Ele tinha os cabelos escuros do pai e os olhos azuis da mãe, que juntos tinham um efeito espetacular. O rei tinha uma pele morena muito parecida com a de Emm; a rainha era ligeiramente mais clara. Cas ficou em alguma parte do meio-termo, com a pele bronzeada por causa do sol constante em Lera. Ele vestia uma camisa branca fina com mangas enroladas até os cotovelos, e Emm podia ver os músculos definidos através do tecido. Ela rapidamente desviou o olhar.

— Mãe, a senhora solicitou a minha presença? — Quando finalmente falou, foi de modo ríspido, quase irritado.

— Pensei que seria gentil se você acompanhasse Mary de volta aos aposentos dela.

Terminamos de ajustar o vestido de casamento.

Cas não olhou para Emm nem por um segundo sequer.

— Claro.

— Foi adorável conversar com você, querida — falou a rainha. Jovita sorriu afetada, obviamente ainda satisfeita por ter tirado a nova princesa do sério.

Emm murmurou uma resposta educada ao se afastar do espelho. Cas ofereceu o braço para ela, que o segurou, tentando não fazer uma careta com o contato.

Cas se virou para a porta tão subitamente que Emm quase tropeçou quando ele a empurrou. Ela apertou mais ainda o braço do rapaz e rapidamente conseguiu se equilibrar antes de passar vergonha caindo aos pés dele.

— Como foi a sua viagem até Lera? — perguntou ele enquanto a conduzia pelo corredor.

— Foi boa, obrigada. — Na verdade, ela estava exausta e seu corpo ainda estava dolorido dos dias que passou em cima de um cavalo. Depois do encontro com os guardas de Lera na fronteira, passaram-se vários dias até chegar ao castelo com aquela carruagem estúpida e pesada.

— E seus aposentos são adequados? — perguntou o príncipe.

— São muito bons.

Ele acenou uma vez com a cabeça e depois não tentou mais conversar. Emm não sabia se deveria ficar aliviada ou achá-lo incrivelmente rude, portanto ela também ficou de boca fechada.

Dois guardas e uma criada passaram por eles no corredor, e ela avistou as espadas no quadril dos homens. Desarmar um membro da guarda de Lera não seria fácil. Provavelmente ela teria mais sorte arrancando uma corda das cortinas e usando-a para estrangular Cas. Estrangulamentos eram demorados, então ela teria que empurrá-lo para um cômodo ou canto deserto por, pelo menos, um minuto inteiro.

Cas parou diante da porta dela, e Emm tirou o braço do dele.

— Obrigada — falou ao segurar a maçaneta da porta.

— Contaram a você sobre a Batalha da União de hoje à tarde? — perguntou ele.

— Contaram. Parece divertido.

Ele ergueu uma das sobrancelhas; um vestígio de divertimento cruzou seu rosto.

— Fico contente que pense assim. — E baixou a voz. — Ouvi de uma fonte segura que um dos guardas bebeu mais do que devia na noite passada e não está se sentindo muito bem hoje. Ele tem uma barba vermelha e um monte de sardas, caso você esteja procurando uma opção mais fácil.

Ela piscou, sem saber ao certo se isso era algum tipo de armadilha.

— E esperam que eu escolha a opção fácil? — A rainha e Jovita tinham acabado de lhe dar a impressão oposta.

— Bem, isso vai fazer você se dar bem. — Ele deu um passo para trás. Seu rosto era bem menos irritante quando ele sorria. — Prometo que não vou contar a ninguém.

— O-obrigada? — Parecia um truque. O rei Salomir agarrava cada oportunidade que tinha para provar que Lera era melhor, e desta vez não parecia ser uma exceção. Eles queriam que ela fracassasse para que todos pudessem rir de sua falta de habilidade numa batalha.

Os cantos da boca de Cas se contorceram, convencendo-a mais ainda de que a dica era o seu modo de tentar envergonhá-la na frente de todos.

— Vou me lembrar disso. — Ela passou os dedos em volta do braço dele e encarou-o fixamente. — Que gentileza da sua parte me ajudar.

Ele deu um passo para trás e limpou a garganta.

— Hum, claro. Nos vemos mais tarde. — O príncipe girou nos calcanhares e caminhou pelo corredor.

Ela sorriu com afetação nas costas dele. Ele ia ter que se esforçar muito mais para enganá-la.

QUATRO

A BATALHA DA UNIÃO ocorria no Salão da Glória, que, conforme Davina explicou a Emm, era o menor dos três salões do castelo. Ainda assim, era impressionantemente grande, com um assoalho quadrado de madeira no centro e carpete roxo nas laterais. Os membros da guarda já estavam alinhados ao longo das paredes, e os espectadores ficavam de pé diante deles. As únicas cadeiras eram as grandes, na frente do cômodo — obviamente para a família real. Os funcionários da cozinha estavam do lado de fora, prontos para levar comida e bebida após a batalha.

Emm tinha trocado o vestido por calça preta com uma blusa preta mais justa para a ocasião. Eram suas próprias roupas, e ela esticou os braços com um suspiro aliviado; o tecido macio se movia com ela.

Espadas pendiam do quadril de cada membro da guarda. Havia facilmente cinquenta guardas. Mesmo que ela surpreendesse um deles e lhe tirasse a espada, provavelmente mataria um ou dois — no máximo —, antes que eles a golpeassem. Ela engoliu em seco e tentou não pensar nisso.

Emm viu Aren na multidão. Ele parecia calmo e assumiu uma expressão neutra enquanto um dos guardas lhe dizia alguma coisa.

Os olhos castanhos, porém, estavam brilhantes e vivos de um modo que Emm não via desde... sempre, na verdade. O povo de Ruína era movido pela energia ao redor — no caso de Aren, a energia de todos os seres humanos no castelo. Depois de algumas semanas, provavelmente seria capaz de esmagar os ossos de dez homens antes de sua energia ser drenada. Ao menos, era o que ela esperava.

Diversos mapas pendiam das paredes. Ela ficou na ponta dos pés para examinar o mais próximo. Era datado mais ou menos da mesma época em que a guerra entre Lera e Olso ocorrera, duas gerações atrás. Os quatro reinos estavam no mapa: Lera, a leste, Vallos, bem abaixo, e Olso, a oeste de Lera. No sul de Olso, estava seu lar, Ruína.

Parecia improvável que eles tivessem simplesmente escrito *Olivia* em um mapa para anunciar o local em que ela estava, mas Emm forçou a vista assim mesmo, para ter certeza. E foi para o mapa seguinte.

— Mary! — A rainha estava parada na entrada do salão, com uma expressão irritada no rosto. — Por favor, venha para cá. Você vai entrar com Cas.

Emm foi até a porta, passou pela rainha e encontrou Cas reclinado contra a parede, os braços cruzados sobre o peito. Ainda parecia que alguém o cutucava com facas quentes, embora agora ele parecesse entediado com isso. Um tédio doloroso. Esse era o príncipe.

— Se você não souber onde deixá-la, não a largue simplesmente em qualquer lugar. — A

rainha repreendia Davina, que retorcia as mãos ao lado de Fabiana. — Se for o caso, traga-a até mim.

— Sim, Majestade.

A rainha desapareceu no salão, e as criadas se apressaram atrás dela. Emm viu as portas balançarem e se fecharem, e o silêncio desceu sobre o corredor.

— Vamos entrar quando meu pai chegar. — Cas se inclinou, afastando-se da parede, e olhou para ambos os lados, como se tivesse esperança de que aquele fosse o momento.

Ela acenou com a cabeça e esfregou o polegar no colar. Ele a observou, seus olhos acompanhando o movimento.

— Você está nervosa? — perguntou ele.

Emm rapidamente soltou o colar e enfiou as mãos nos bolsos.

— Não.

— Isso não significa muita coisa, na verdade. É apenas tradição.

— Se não significasse muita coisa, você não faria. — Ela o olhou nos olhos. — Vocês sempre usaram lâminas sem ponta?

— Claro.

— Por quê? Têm medo de que o pretendente ganhe e um de vocês morra?

— Acho que a maior preocupação é que perca e a gente tenha que encontrar um substituto. Sua boca se contorceu, e ela quase gargalhou.

— Se eu ficasse sangrando no chão, o casamento de amanhã seria bem deprimente — falou ela.

O rosto do príncipe ganhou uma expressão divertida, e ele hesitou por um segundo longo demais. Talvez estivesse reconsiderando o uso de lâminas sem ponta.

— Sim, ia.

— Mary!

O coração de Emm pulou ao ouvir o som da voz retumbante do rei. Ele percorreu o corredor, os lábios repuxados num sorriso quase cômico. Era grande demais, como se estivesse tentando conquistar o restante de seus traços.

O rei Salomir e Cas tinham praticamente a mesma altura, mas o homem mais velho era mais forte e largo, com uma barba escura bem aparada. Algumas pessoas diriam que ele era bonito. Emm não achava isso.

— Você está pronta para a batalha? — perguntou ele.

— Mal posso esperar.

Ele deu uma risada e bateu com uma das mãos em seu ombro. Emm pensou em quebrar alguns dos dedos dele.

O rei abaixou a mão e caminhou para o salão, convidando-os a seguirem-no. Ele empurrou a

porta com força, de um jeito dramático, abrindo os braços como se agora seus admiradores estivessem livres para adorá-lo.

— Bem-vindos à Batalha da União! — gritou ele.

Gritos irromperam da multidão. Emm seguiu atrás de Cas e de seu pai quando eles cruzaram o cômodo. O rei fez um gesto para que ela parasse no meio do assoalho. Ele e Cas continuaram até a frente do cômodo, ficando de pé com a rainha e Jovita.

O rei esperou que os gritos diminuíssem antes de voltar a falar.

— Hoje nós celebramos a união de meu filho, príncipe Casimir, e da princesa Mary, de Vallos. Se esta for a primeira Batalha da União de vocês, as regras são simples. Nossa futura princesa escolherá alguém para a batalha. Somente espadas serão usadas. A primeira pessoa a dar três golpes fatais sairá vencedora. Eu vou anunciar cada golpe à medida que acontecem. — Ele olhou para Emm. — Mary, você pode escolher qualquer membro da minha guarda ou da guarda de Cas como seu oponente. Ou... você pode escolher qualquer membro da família real, com a exceção de Cas. — Seus lábios estremeeceram, achando graça. — Mas saiba que aqueles que escolheram um membro da família real viveram para lamentar. Se você tem alguma dúvida sobre suas habilidades, eu não recomendo que faça isso.

A última frase era um desafio. Emm sabia disso. Cada uma das pessoas no local sabia disso.

Ela examinou a guarda e achou o homem de barba vermelha e sardas. Ele estava um pouco pálido.

Emm se virou novamente para a frente. Poderia escolher o rei, que a desafiara. Ou a rainha, que havia sido treinada como guerreira em Olso.

Ou Jovita. Emm conhecia menos as habilidades da sobrinha da rainha, embora, como membro da família real de Lera, ela provavelmente tivesse treinamento intenso em todo tipo de combate. Certamente tinha deixado claro que duvidava das habilidades de Emm.

Jovita ergueu as sobrancelhas enquanto Emm a fitava. O rei deu uma risada.

Ela voltou a olhar para a fila e viu Cas sutilmente balançando a cabeça para ela.

O objetivo é provar seu valor e habilidade numa batalha...

— Jovita — falou rapidamente.

O rei deu mais risada.

— Uma escolha corajosa. Você vai passar a noite cuidando dos ferimentos, imagino.

— Vai mesmo — falou Jovita com um sorriso. Ela percorreu o assoalho de madeira e parou diante de Emm. — Não se preocupe — murmurou —, vou guardar os hematomas para a parte de baixo do seu corpo, para que ainda pareça bonita no dia do seu casamento.

— Boa sorte tentando.

Jovita sorriu com afetação quando um homem levou as espadas sem ponta para as duas. Emm pegou a dela, aliviada por ter de novo uma espada, mesmo que não fosse de verdade.

— Eu gostaria de lembrá-las que a batalha deveria ser uma diversão, portanto, por favor, façam um pouquinho de teatro — falou o rei antes de sentar em sua cadeira.

Emm empunhou a espada para sentir a arma. Era mais pesada do que aquela que tinha deixado com Damian, mas não muito. Jovita deu alguns passos em círculo, balançando a lâmina para a frente e para trás.

Emm olhou as três pessoas sentadas na parte da frente do salão. O rei se recostava em sua cadeira, com um sorriso largo congelado no rosto. A rainha estava vagamente interessada, as mãos dobradas no colo.

Cas se inclinou para a frente na cadeira, com os olhos brilhantes ao acenar com a cabeça para ela. Será que ele a estava encorajando? Ela gostaria que ele parasse.

— No um — falou o rei.

Emm concentrou a atenção em Jovita. Se não ganhasse a batalha, teria que olhar para aquela expressão insolente pelo restante da estadia em Lera. Ela tinha que ganhar. Tinha que ver Jovita de joelhos, com uma espada encostada na garganta.

— Três... dois... um.

Emm deu um passo para a esquerda quando Jovita se aproximou. Era uma abordagem lenta, cuidadosa, como costumava ver nos caçadores mais habilidosos. Os novos atacavam, e os veteranos eram mais lentos.

Elas se cercaram por apenas um instante antes que Emm desse o primeiro golpe. O cômodo estava quieto, e o som de metal encontrando metal ecoou pelo recinto.

Alguém gritou quando elas começaram e outras pessoas se juntaram. Jovita deu dois passos rápidos para a frente, e Emm mal bloqueou a espada antes do objeto roçar seu pescoço. Ela pulou para trás, desviando do segundo ataque de Jovita, e rolou pelo chão para alcançar o outro lado da garota. Emm correu para a frente, batendo com a lâmina no centro das costas da adversária.

— Um para Mary — falou o rei, com uma pontada de surpresa em seu tom de voz. A multidão comemorou.

Um. O primeiro. Emm saltitou nos calcanhares. Ela precisava ser a primeira.

A expressão divertida de Jovita desapareceu quando ela girou. Era evidente que tinha decidido levar Emm a sério, e uma onda de agitação percorreu a espinha da garota.

Ela bloqueou o ataque seguinte de Jovita, e a multidão rugiu quando as duas mulheres deram voltas, bloqueando com dificuldade as lâminas uma da outra. Quando Jovita fingiu se jogar para a direita, conseguiu enganar Emm, e acertou com a espada o peito da princesa.

— Um para Jovita.

Emm mal teve tempo de respirar antes que Jovita fosse atrás dela novamente. Os rostos e o barulho do entorno começaram a diminuir, e seu foco estava inteiramente na adversária diante

dela. A mãe a havia feito praticar diversos tipos de combate todos os dias quando Emm era mais nova, e ela sempre achou que lutar era tranquilizador.

Você nasceu inútil, mas não tem que ser um caso perdido, a mãe costumava dizer.

Emm viu uma abertura e tocou a espada direto na barriga de Jovita, por pouco escapando de ser atingida por um golpe no pescoço.

— Dois para Mary — falou o rei.

Ela deu um passo para trás e se afastou rapidamente de Jovita, contornando a beira do assoalho até a adversária rosnar, frustrada. Emm voltou correndo para a luta. Às vezes, um momento para limpar a mente era útil.

Jovita foi para cima com tanta rapidez que ela mal viu o movimento. A lâmina estava apontada diretamente para sua testa.

— Dois para Jovita.

Pro inferno com essa história de limpar a mente.

Ela girou e ficou numa posição melhor no chão, assim Jovita não conseguiria empurrá-la para o canto. Emm respirava pesadamente, mas estava mais relaxada do que já estivera desde que havia chegado ao reino. Ela tinha que encontrar alguém para lutar todos os dias ou enlouqueceria naquele lugar.

Bloqueou a espada de Jovita uma, duas, três vezes. Emm desviou e abaixou, e no mesmo instante se sentiu melhor do que quando tinha começado a lutar. Correu pelo assoalho, e um sorriso começou a aparecer em seu rosto.

Quando viu a abertura, usou um chute bem dado nas pernas para derrubar Jovita e deixá-la de joelhos. Emm pulou diante dela, mirando a lâmina diretamente no pescoço da adversária. Gritos e aplausos irromperam pelo recinto.

— Mary vence — gritou o rei acima do barulho.

Emm manteve a espada no pescoço de Jovita um pouquinho mais do que o necessário. Não podia matá-la com aquela espada, mas imaginou que poderia por um instante.

Emm engoliu em seco, dando um passo para trás e largando a arma. Jovita se pôs de pé, um vestígio de diversão em seu rosto.

— Imagino que é bem feito para mim por ter subestimado você, não é?

Emm deu uma risada e fingiu não ter mágoa em relação àquilo. Ela se virou, afastando-se da garota.

— É bem feito, sim — resmungou baixinho.

CINCO

CAS SUAUA DEBAIXO DA roupa. As janelas do Grande Salão estavam abertas e uma brisa fria do oceano soprava através delas, mas ele estava preso na sala de espera pequena e abafada ao lado, com seus pais. Ele pensou que talvez pudesse derreter antes do casamento começar.

— Você parece nervoso — falou o pai ao ajustar a gola do filho.

— Não pareço, não.

— Ora, você não tem expressão alguma no rosto, o que significa que está nervoso.

Cas ergueu uma das sobrancelhas. Seu pai tinha um jeito de fazer todo mundo sorrir, e ele tentava não ceder com muita facilidade.

— Eu acho que ela não gosta muito de você — falou o rei com uma risadinha.

A rainha deu um suspiro irritado e afagou o elaborado penteado. Os cabelos escuros estavam presos tão alto na cabeça que devia doer.

— Ela gosta dele. Ainda ontem estava perguntando se eu achava que ele gostava dela.

— E o que você disse? — perguntou o rei.

— Eu lhe disse a verdade. Que eu não achava que ele tinha decidido.

O rei segurou o braço de sua esposa.

— Isso deve ter feito ela se sentir muito melhor.

Não era raro a mãe de Cas ser brutalmente honesta, embora ela também soubesse o valor de uma mentira na hora certa. Cas estava surpreso por ela não ter tranquilizado Mary com uma mentira sobre como ele tinha ficado imediatamente encantado com ela, mas era tímido demais para dizer.

Mas talvez não importasse se ela soubesse a verdade. Eles iam se casar, não importava se ele gostasse ou não dela.

Ou se ela gostasse ou não dele. No dia anterior, quando Cas deu a dica sobre a Batalha da União, Mary tinha olhado para ele como se o príncipe fosse um inseto debaixo do sapato dela.

O sacerdote abriu a porta e as vestes cor de laranja bem forte giraram em torno dos calcanhares.

— Estamos prontos para começar.

Cas se virou e se afastou dos pais, passando pelo sacerdote e cruzando o Grande Salão. O recinto tinha uma vista impressionante de Lera até o oceano através das janelas que iam do assoalho ao teto à sua esquerda, e flores e fitas brancas de tecido fino recobriam cada um dos bancos lotados no centro.

Cas entrou de modo tão súbito que todas as fileiras de pessoas ficaram de pé em um pulo ao mesmo tempo, e os bancos de madeira estalaram e os pés se remexeram contra o chão. Ele

apertou o braço com a outra mão, virou-se para o corredor e torceu para que ela caminhasse rapidamente.

Os pais vieram atrás dele e se sentaram no banco da frente, ao lado de Jovita. Os três tinham no rosto a expressão de quem está feliz com alguma coisa. Cas tentou não olhar para eles.

Os convidados voltaram aos seus lugares, e o príncipe examinou o recinto. Cada convidado segurava um copo de vinho, o que não era costumeiro, mas seu pai deve ter imaginado que a cerimônia poderia ficar mais animada. Ele não estava errado.

Os convidados sorriam e sussurravam, e o cheiro era de fim de festa, não de começo. O aroma de álcool e decepção, e um lembrete de que o dia seguinte traria uma ressaca e a labuta de sempre.

Que apropriado, pensou Cas.

A porta dos fundos se abriu, e todos ficaram de pé e se viraram para encarar Mary. O vestido era de um tom azul-escuro e vibrante, que captava a luz conforme ela andava, e seu cabelo escuro estava arrumado no topo da cabeça com uma intrincada série de pérolas trançadas nas mechas. As mangas do vestido mal cobriam seus ombros, e a pele bronzeada parecia macia e quase luminosa.

Tradicionalmente, os pais caminhavam ao lado da noiva, mas ela estava só. Ele sabia que seus pais deviam ter se oferecido para acompanhá-la, e ela provavelmente não aceitou. Cas entendia os motivos da garota.

O príncipe tentou fazer uma expressão animada, mas Mary parecia tão infeliz que ele achou difícil encará-la. Cas se concentrou num local além de sua cabeça conforme ela cruzava rapidamente o corredor.

Ela parou diante dele sem sorrir. Seus lábios se moveram de um modo que deveria manifestar felicidade, mas sua expressão era alguma coisa próxima ao terror. Eles se viraram para o sacerdote.

— Vamos agradecer aos ancestrais que construíram nosso mundo — falou o padre.

Cas abaixou a cabeça, mexendo num fio na parte de baixo de seu casaco.

— Vamos rezar a Boda e agradecer ao corpo que ela criou para nós — emendou o sacerdote.

— A Lelana, pela terra fértil que concedeu a Lera. A Solia, pela alma que nos torna humanos. E rezamos pela libertação dos monstruosos habitantes de Ruína, que corromperam seus dons.

Pelo canto do olho, Cas viu a cabeça de Mary se erguer levemente e a observou. Ela estava inquieta, torcendo os dedos, e subitamente parou quando viu o olhar de Cas.

A cerimônia se arrastou. Cas não sabia por qual razão o sacerdote sentia necessidade de falar monotonamente sobre amor, casamento e sacrifício, já que sabia muito bem que se tratava de um casamento arranjado. Era quase rude.

— E para selar esta união — falou o sacerdote finalmente, sinalizando que se aproximavam do fim da cerimônia — nós unimos nossas almas com os elementos.

Cas esticou as mãos com as palmas para baixo, e Emm fez a mesma coisa. O sacerdote salpicou um pouco de terra mãos dos dois e, em seguida, um pouco de água.

— E nós unimos nossas almas com um beijo, para ficarmos unidos até a morte. Que esta união seja abençoada pelos ancestrais.

Cas se virou para Mary. As mãos da princesa tremiam tão violentamente que faziam seus ombros se contraírem. Sua respiração estava entrecortada e ela engoliu em seco. Ele nunca tinha feito alguém tremer de medo antes, e este provavelmente era o pior momento para passar por isso pela primeira vez.

Ele se inclinou para a frente, e seus olhos se encontraram por uns instantes quando ela levou a cabeça para a dele. Cas mal roçou os lábios nos dela e os convidados irromperam num aplauso.

O príncipe arriscou um olhar até onde Mary estava sentada, à sua direita. Ela comera um pouco, e ficava girando o copo de vinho nas mãos, sem nunca tomar um gole.

O recinto se agitava, barulhento, ao redor. As mesas formavam um semicírculo nas beiradas do Grande Salão, e a pista de dança se estendia diante deles, com músicos do outro lado da sala. Os convidados do casamento eram uma agitação de cores — vestidos vermelhos, verdes e laranja giravam com a música; os homens vestiam, em sua maioria, roupas brancas ou cáqui, com explosões de cor em forma de flores na lapela. Ninguém trajava azul, a cor reservada para o vestido de Emm e a flor no casaco cinza de Cas.

Um homem se aproximou da cabeceira da mesa e parabenizou o casal, e o rosto de Mary assumiu uma expressão educada. Cas começava a conhecer bem aquela expressão: um bico com os lábios, a cabeça inclinada para o lado, como se estivesse encantada com a conversa (ela não estava), e um suspiro de alívio quando a pessoa se afastava.

Galo estava parado com os outros guardas, encostado na parede à direita de Cas. O príncipe empurrou a cadeira e se pôs de pé.

— Já volto — falou na direção dos pais, depois se afastou rapidamente antes que eles pudessem protestar. Deu um breve alô para o governador da província do sul, para que pudesse ao menos dizer que estava cumprimentando os convidados se os pais perguntassem.

Galo se afastou da parede assim que Cas se aproximou. Eles caminharam para longe dos outros guardas e para fora do alcance de seus ouvidos. Cas observou enquanto as pessoas à sua frente começavam a dançar uma música animada.

— Eu não sei quem parece mais infeliz, se é você ou a sua esposa — falou Galo, com uma pitada de divertimento na voz.

Cas se encolheu ao ouvir a palavra *esposa*. Seu pai tinha uma esposa. Todos os conselheiros e

governadores tinham marido ou esposa. A palavra não soava como algo que fizesse parte da vida dele.

— E temos culpa? Ela chegou faz dois dias. — Cas examinou o recinto até encontrar Aren. O olhar do guarda seguia Mary, e ele pensou que talvez o rapaz fosse mais do que um guarda ou amigo.

— Você chegou a conversar com Aren? — perguntou ele, tentando manter um tom de voz casual.

— Um pouco. É evidente que ele não está apaixonado por Mary, se é isso que você está perguntando. Ele já causou uma boa impressão em algumas das garotas na guarda.

Cas deu de ombros, sem querer admitir que se importava se Mary estivesse apaixonada por outra pessoa.

— Ele é meio estranho — emendou Galo. — Tem seis broches.

— E daí?

— Daí que isso significa que ele matou sessenta habitantes de Ruína, mas age como um caçador novato — explicou Galo. — Daqueles que não aguentam e voltam para casa depois de algumas mortes, pedindo para lhe darem uma nova função.

— E como os caçadores são? — perguntou Cas, virando-se para ele, interessado.

Galo nunca havia falado sobre encontrar caçadores. Cas não conseguia imaginar como seria matar sessenta pessoas e depois pôr um lembrete disso no peito, mas os habitantes de Ruína não eram exatamente *pessoas*. Ainda assim, ele não sabia se ficaria orgulhoso disso.

— Os novos costumam ser bem parecidos com Aren. Perturbados. Apavorados. — Galo inclinou a cabeça na direção do guarda de Mary. — Ele se sobressalta ao ouvir barulhos altos e nunca larga a arma, mesmo quando estamos bebendo ou fazendo exercícios. Está sempre no limite, e nunca se gaba dos broches, mesmo quando um dos outros guardas insiste no assunto. Os caçadores com essa quantidade de mortes... — Galo balançou a cabeça, e uma expressão amarga cruzou seu rosto. — Eles não estão perturbados. Costumam gostar de caçar o povo de Ruína. São confiantes, não medrosos.

Cas voltou a olhar para Aren.

— Ele pode ter roubado os broches e estar usando para tentar nos impressionar.

— É provável — falou o guarda. — Não o coloque numa tarefa importante até eu conhecê-lo melhor. Na melhor das hipóteses, ele está muito traumatizado para estar em algum tipo de situação intensa.

— Não vou. Obrigado. — A palavra *traumatizado* ecoou na mente de Cas, fazendo com que se perguntasse pela primeira vez quantos caçadores estavam na ativa atualmente. A maioria vinha das prisões de Lera, mas também havia alguns de Vallos. O que essas pessoas fariam depois de

matar todos os habitantes de Ruína? Será que esperavam que voltassem à vida normal como se nada tivesse acontecido?

— Mary está muito bonita hoje, você não acha? — As palavras de Galo trouxeram Cas de volta ao presente.

— Sim.

— Você já conversou com ela? — perguntou Galo lentamente.

— Não.

— É... — Galo se interrompeu.

Cas suspirou, virando-se para o amigo.

— Minuto livre.

— Eu não preciso disso.

— Precisa sim. Diga o que quiser dizer. Não vou me irritar.

Galo diminuiu o tom de voz quando falou:

— Não é culpa de Mary que seus pais o tenham feito se casar com ela. Ninguém do reino dela veio, a não ser por um guarda. Deve ser solitário, você não acha?

Era óbvio que Galo tinha razão, embora Cas não fosse admitir. Mas talvez ele devesse ter visitado Mary ao menos uma vez desde que ela chegara. Ela devia pensar que ele a odiava.

Cas não achava que a odiava. Na verdade, não conseguia ter sentimentos em relação a ela, para melhor ou para pior.

— Eu tentei ser simpático com ela — falou ele. — Dei a dica sobre Henry para a Batalha da União.

Galo deu uma risada.

— Percebi que ela ignorou o conselho.

— Ora, sem dúvida. Ela não precisava de uma vitória fácil.

— Ela é praticamente tão boa quanto você com a espada.

— Não vamos nos empolgar — falou Cas.

— Eu disse *praticamente*.

Cas lançou-lhe um olhar divertido. Em seguida, suspirou.

— Eu devia ter tentado mais. Devia ter ido falar com ela ontem à noite depois da batalha. É que tudo parece tão estranho.

— Sem dúvida. Mas vai ser ainda mais estranho se você nunca conversar com ela.

— Muito bem — falou o príncipe, dando um passo para trás e fitando Mary. — Mas se ela ficar se recusando a sorrir para mim, vou parar de tentar.

— Talvez você devesse sorrir primeiro.

— O minuto livre acabou.

— Sim, Alteza. — Galo deu uma risada e voltou para o seu lugar, perto da parede.

Cas se dirigiu à parte da frente do salão, tentando mudar a expressão em seu rosto para algo mais apropriado. Isso. Ele estava sorrindo. Mais ou menos.

— Você gostaria de dançar? — Cas perguntou ao estender a mão para Mary. Ele ia ter que pensar em alguma coisa sobre a qual falar enquanto dançavam, mas já era um começo.

— Ah, sim! — exclamou a mãe antes da resposta da garota. Ela fez um gesto para os músicos e eles pararam de tocar. — A tradicional dança de casamento.

— Ela não teve tempo de aprender, mãe — retrucou Cas. — Nós podemos simplesmente dançar alguma outra coisa.

— É a tradição! Você pode conduzi-la, Cas.

— Eu realmente não...

— Posso fazer isso — interrompeu Mary. Seu olhar endureceu, como se tivesse sido insultada. Ele não teve intenção de dizer que ela não poderia; simplesmente estava tentando poupá-la do constrangimento.

— Vamos dançar, então — respondeu ao mesmo tempo em que ofereceu novamente a mão para ela.

Mary ficou parada e a palma de sua mão estava fria quando a estendeu para segurar a dele. Ela olhou para Cas e, em seguida, olhou para o salão diante dos dois, onde as pessoas se afastavam da pista de dança. Os músicos no fundo da sala se ajeitaram em suas cadeiras, com os arcos sobre as cordas.

— Eu não sabia que nós seríamos os únicos — falou ela quando o príncipe a conduziu para o centro do salão.

— Está arrependida agora? — perguntou ele.

Ela mordeu o lábio.

— Você vai ficar bem. — Com a mão esquerda, ele segurou com firmeza a mão direita da garota, e colocou a outra no centro das costas dela. — Primeiro, eu vou para trás e você vem para a frente — falou em voz baixa. — Ponha a mão no meu ombro.

O olhar de Mary se fixou no dele enquanto seguia as instruções. Ele não tinha percebido que os olhos escuros eram rajados de dourado e agora que estava perto o bastante para ver, não queria desviar o olhar.

A música começou, e ele deu um passo para trás, colocando uma pressão leve em suas costas. Ela o acompanhou e a saia girou na altura de seus pés.

— Para o lado — falou ele baixinho. — Para trás. Para trás.

Ela aprendeu os passos rapidamente, deixando que ele a guiasse e levasse pela pista de dança. Cas esticou os braços, encostando o corpo no dela por um momento.

— Gire — falou ele, erguendo as mãos. Ela deu um giro rápido e quando pousou a mão

novamente no ombro de Cas, seus olhos ardiam com um fogo que o fez querer puxá-la ainda mais para perto.

Ele se movia rápido e, discretamente, dava dicas de alguns dos passos em voz baixa. Cas percebeu tarde demais que ela estava indo na direção errada e, em vez de deixá-la chocar-se contra ele, apertou o braço ao redor de sua cintura e a levantou. Ele girou e a colocou novamente no chão, e todas as pessoas ao redor deles aplaudiram como se aquilo tivesse sido planejado.

Ela lhe deu um sorriso grato, e seus passos ficaram mais confiantes conforme eles continuaram a dançar.

— Percebi que você ignorou a minha sugestão ontem — falou ele suavemente. — Para a Batalha da União.

— Pensei que fosse uma armadilha.

— Uma armadilha?

— Sim. Como se parte da tradição fosse tentar me conduzir para a opção fácil, para ver se eu ficava com ela.

Ele riu baixinho.

— Você não peca por excesso de confiança nas pessoas, não é?

— Não.

Enquanto a girava, Cas retirou a mão das costas dela e depois a colocou de volta no mesmo lugar. Ele não sabia ao certo o que dizer sobre aquilo.

— Então não foi uma armadilha? — perguntou ela.

— Claro que não. — Ele lançou uma rápida olhadela aos pais. — Meu pai ficaria furioso se soubesse que ajudei você. Não é permitido.

— Ah.

— Mas, é claro, você não precisava de ajuda.

— Não. — Os dedos dela se dobraram no ombro de Cas. — Mas obrigada.

— De nada. — Ele olhou para ela e viu os lábios dela se curvarem lentamente para cima. Era o primeiro sorriso genuíno que via nela e, sem sombra de dúvida, era o seu favorito. Aquele sorriso guardava segredos que ele queria desesperadamente conhecer.

Ela acenou com a cabeça para os músicos e então para a multidão quando a música terminou. Eles irromperam em palmas, e a mãe de Cas abriu um sorriso ao se levantar e aplaudir.

Ele ofereceu o braço a Mary, que o aceitou. Uma mecha de cabelo se soltara e roçava o ombro dela, e Cas foi tomado pela súbita vontade de botar o cabelo para trás da orelha da garota.

Mary inclinou a cabeça, fitando alguma coisa diante deles. Ela respirou com força.

Cas se virou bem a tempo de ver a lâmina afundar em seu corpo.

SEIS

O PRIMEIRO PENSAMENTO DE Emm foi: *Que sorte!*

Um homem qualquer com uma espada ia matar o príncipe Casimir, e ela não teria nada a fazer além de ficar parada ali e observar. Ela nem teria que se preocupar com a noite de núpcias.

O segundo pensamento, porém, foi para o seu plano. Se Cas morresse, ela seria enviada de volta a Vallos, e Jovita seria nomeada a próxima herdeira. Ela nada conseguiria se Cas morresse naquela noite.

O homem retirou a espada do ombro esquerdo do príncipe e gritos cortaram o salão de baile. Cas cambaleou para trás, e seu braço se soltou do de Mary. O homem mirava a espada diretamente para o coração de Cas. O príncipe não estava armado e piscava atordoado, o sangue pingando das pontas de seus dedos. Era evidente que ele não estava acostumado a ser atacado.

A situação era a seguinte: um homem com uma espada, vinte guardas, no mínimo, já correndo na direção dele e — mais importante — dela. Fácil.

Emm se lançou para cima do homem. Ela estava muito acostumada a ser atacada. Ela não poderia se sentir mais à vontade.

A princesa meteu o pé no joelho do agressor segundos antes da lâmina do homem encontrar o seu alvo. Ele tropeçou, a espada balançando para o lado, e errou totalmente Cas. O homem deu meia-volta na direção dela e Emm bateu com o punho no rosto dele, usando a outra mão para tirar a espada do estranho.

O agressor pulou para cima dela, mas três guardas já estavam atrás dele e o puxaram para trás. Aren era um deles, e lançou a Emm um olhar com os olhos arregalados que tanto podia ser aprovação quanto confusão.

— Cas! Cas! — guinchou a rainha ao passar por Emm. O príncipe estava de joelhos, com a mão no ombro. O casaco cinza escondia grande parte do sangue, mas uma pequena poça se formava no chão conforme o líquido pingava. Cas estava pálido.

Mãos envolveram os braços de Emm, apertando mais forte quando ela tentou se soltar.

— Nós temos que levá-la para um lugar seguro, Alteza — falou um guarda, puxando os braços dela. Dois outros a cercavam.

Ela olhou por cima do ombro para Cas enquanto os guardas a afastavam, mas as pessoas se aglomeraram em volta do príncipe, escondendo-o da vista.

Por favor, não morra, rezou ela. Ainda não.

Os guardas a deixaram no quarto, fecharam e trancaram a porta atrás deles. Os três rapazes ficaram rigidamente posicionados diante da porta, com os braços atrás das costas.

A dor tomou conta da mão que tinha usado para socar o homem, mas ela ignorou.

— Quero ver se Cas está bem.

O guarda mais alto balançou a cabeça.

— Lamento, Alteza. O procedimento diz que nós devemos mantê-la aqui até eles terem certeza de que o castelo é seguro.

— Isso acontece com frequência? — perguntou ela, surpresa. Emm tinha a impressão de que Lera era o mais seguro dos quatro reinos. Eles tinham derrotado todos os outros para ter certeza disso.

— Nós temos procedimentos para todas as situações possíveis — explicou o guarda.

Isso não era uma resposta. O que era interessante.

— Você sabe quem era ele? — perguntou Emm. — Por que ele queria matar Cas?

— Sinto muito, Alteza, eu não sei. Ele vai ser interrogado em breve.

Emm caminhou até a cama e se jogou no colchão enquanto franzia a testa mentalmente. Ela não sabia quem ia querer matar o príncipe. Bem, além dela.

Longos minutos se passaram, e Emm ia da cama até a janela e vice-versa. Pelo menos uma hora se passou antes de a porta finalmente se abrir.

Jovita estava parada do lado de fora. Emm pulou da cama e correu até ela.

— Ele está vivo? — perguntou.

— Cas está bem — falou Jovita. — Foi apenas o ombro.

Emm suspirou, aliviada, e o gesto foi reproduzido por todos os três guardas.

— Ele gostaria de ver você — falou Jovita, encostando as costas contra a porta e chamando Emm com dois dedos.

Ele não queria continuar com a noite de núpcias depois de ser esfaqueado, não é? Emm engoliu em seco ao passar pela porta e cruzar o corredor com Jovita e dois guardas. Talvez as feridas não fossem muito graves. Era um monte de sangue, mas Emm já tivera ferimentos que sangraram profusamente e não a tinham parado.

— Nós devíamos conversar logo sobre o que fazer em caso de emergência — falou Jovita. — Temos um ponto de encontro, caso o castelo seja tomado ou não esteja seguro.

— Onde fica? — perguntou Emm.

— Forte Victorra, nas Montanhas do Sul. Você conhece?

— Conheço. Fica perto da fronteira de Vallos.

— Isso. Mais tarde trago um mapa, caso você precise. Todos os membros da família real têm um.

Cinco guardas estavam do lado de fora dos aposentos de Cas. Jovita conduziu Emm por eles e através de um gabinete escuro, cheio de livros. A porta do quarto de Cas estava aberta, e a luz passava pela abertura.

— Você deveria descansar, Cas — falou a rainha do outro lado da porta.

— Eu vou, mãe. — E então diminuiu o tom de voz: — Eu estou bem.

Jovita bateu e empurrou a porta. O cômodo era ainda maior do que o de Emm, com uma penteadeira impressionante, um espelho enfeitado num dos lados do cômodo, e duas cadeiras de veludo no outro, diante de uma imensa janela que agora estava coberta por cortinas azul-escuras. Cas estava deitado na cama grande, no centro do cômodo, sem camisa e com um curativo branco, que cobria seu ombro esquerdo. Ele ainda estava pálido, mas sorriu quando ela entrou no cômodo.

A rainha se virou, e Emm se viu imprensada contra a mulher. Ela a apertava com tanta força que era difícil respirar.

— Obrigada — murmurou a rainha.

Emm controlou a vontade de revirar os olhos enquanto saía do abraço de Fabiana. O rei estava de pé perto dela, com uma expressão agradecida no rosto. Emm rapidamente cruzou os braços sobre o peito para que ele não tivesse também a ideia de abraçá-la.

— Podemos ter um minuto? — perguntou Cas.

A rainha enxugou as bochechas.

— Ficaremos bem aqui, do lado de fora.

O rei pôs uma das mãos no ombro de Emm ao passar por ela.

— Nós temos uma dívida de gratidão com você — falou baixinho.

Emm tentou não parecer muito satisfeita. Nem se tivesse planejado teria encontrado um meio melhor de ganhar a simpatia do rei e da rainha.

A porta se fechou com um som baixinho quando eles saíram, e ela juntou as mãos na frente do corpo, subitamente nervosa. Uma espada elaborada e cheia de joias pendia a não mais que três passos, e outra, embainhada e pronta para ser manuseada, sobre a penteadeira no canto. Cinco segundos para matar o príncipe. Se não tivesse acabado de salvar sua vida, ela ficaria tentada.

Cas ainda estava sorrindo para ela, e fez um gesto com a mão boa.

— Vem cá?

Ele falou como se fosse uma pergunta, e ela fez que sim com a cabeça enquanto dava um passo para a frente. Ficou tentada a parar no meio do cômodo, mas isso pareceu estranho, então foi até a cama do príncipe e parou ao lado dela.

Emm nunca tinha visto um garoto sem camisa antes. Ela e Damian tinham dividido a tenda muitas vezes, mas era diferente. Ambos dormiam totalmente vestidos, na terra batida, e normalmente Aren estava lá também. Isso parecia mais íntimo. Ela conseguia ouvir o coração nos ouvidos e enxugou a palma da mão suada no vestido.

— Eu só queria dizer obrigado. — Cas tinha os olhos fixos nos dela e Emm não conseguia desviar. Sob certa luz, os olhos do rapaz eram azuis, sob outras, pareciam um pouco esverdeados. De um jeito ou de outro, eram claros e impressionantes.

— De nada.

— Salvar minha vida no dia de nosso casamento é realmente bem mais do que uma obrigação.

— Não foi nada.

Um dos lados da boca de Cas se ergueu, e a sobrancelha acompanhou. Ele estava achando graça, mas também estava... intrigado? Ele a fitava como se gostasse dela. Emm não sabia se queria que ele realmente gostasse dela.

Mas ela tinha que admitir que seria útil se fosse verdade. Ela não conseguia ignorá-lo e esperava receber informações confidenciais sobre o paradeiro de Olivia e sobre as defesas de Lera.

Ela deu mais um pequeno passo para perto da cama.

— Você está sentindo dor?

— Um pouco. Está diminuindo. — Ele fitou o curativo. — O médico me deu alguma coisa. Falou que me deixaria sonolento, então não se assuste se eu desmaiar de repente.

Ela tentou não deixar seu corpo suspirar de alívio. Se ele ia desmaiar, não havia expectativa de que ela se deitasse na cama com ele. Emm tinha mais um dia ou dois até ter que encarar esse desafio específico.

— É normal as pessoas atacarem você? — perguntou ela.

— Foi a primeira vez. — Ele sorriu para tranquilizá-la. — Lera costuma ser muito segura. Principalmente no castelo. Você não precisa se preocupar.

— Eu não estava preocupada. Eu venci.

Ele deu uma risada e seus olhos brilharam, divertidos.

— Você venceu. Na verdade, foi impressionante.

— Já fui atacada mais vezes do que posso contar — disse ela quase presunçosamente.

O sorriso de Cas desapareceu.

— Imagino que sim. Os habitantes de Ruína estavam espalhados por Vallos, não é?

— Estavam. Agora são menos.

— E eles atacavam com frequência?

A raiva se revirou em seu estômago quando a expressão do príncipe se transformou em solidariedade. Solidariedade por ela ter que lidar com os maus e horríveis habitantes de Ruína.

— Eles eram caçados e assassinados, então, sim, se defendiam com frequência. — As palavras saíram de sua boca antes que ela pudesse impedir. Emm não se importou e diria novamente, apenas para ver aquela expressão estúpida cruzar seu rosto.

— Você...? — Ele se sentou mais ereto e se encolheu por causa da dor.

— É melhor eu deixar você descansar — falou ela rapidamente, antes que ele pudesse terminar aquela frase. A última coisa que queria fazer era conversar sobre o povo de Ruína com o príncipe. Era improvável que ela mantivesse a paciência.

Emm se afastou da cama e ele estendeu o braço, segurando sua mão na dele. O príncipe tinha

uma expressão pensativa, os olhos suaves e completamente diferentes dos olhos do pai.

— Eu gostaria de ouvir sobre suas experiências com os habitantes de Ruína uma hora dessas. Se você não se importar em falar sobre isso.

— Claro. — Ela mentiu, torcendo para que ele se esquecesse do pedido.

Ele esfregou o polegar nos dedos dela, e Emm percebeu, pela primeira vez, que marcas vermelhas e roxas tinham surgido nos nós de seus dedos, que usou para socar o homem.

— Você precisa que um médico dê uma olhada na sua mão? — Ele a soltou, como se estivesse com medo de machucá-la.

— Não. Está tudo bem — falou. — É só um hematoma.

Ele lentamente a deixou ir. Emm abaixou a cabeça ao passar pela porta, mas não resistiu e olhou para trás, para ele, antes de sair. A luz do lampião próximo à cama tremeluziu em seu peito nu e ele tirou uma mecha de cabelo escuro dos olhos.

— Boa noite — falou.

Ela segurou a maçaneta, resmungando um “boa-noite” ao abrir a porta e sair do quarto.

SETE

CAS VIROU A CABEÇA ao ouvir o som de passos se aproximando da porta. Ele havia passado a maior parte da manhã sozinho, e o primeiro pensamento (ou esperança) era de que fosse Mary. Ele mudou de posição nos travesseiros e passou uma das mãos pelo cabelo.

A porta se abriu e revelou Galo, e Cas tentou se convencer de que não estava decepcionado.

— Alteza — falou o jovem ao entrar no cômodo.

— Estamos formais esta manhã, não?

— Parece apropriado, se levarmos em consideração que deixei você ser esfaqueado ontem à noite. — Havia uma inquietação em sua voz, e ele não conseguia olhar nos olhos de Cas.

— Praticamente todos os guardas estavam naquele salão. Não sei bem se podemos considerar você responsável — respondeu ele alegremente, mas Galo não sorriu. — Meu pai gritou?

— E sua mãe. E Jovita. Eles mandaram embora os guardas que estavam na porta e deixaram o homem entrar.

Cas se recostou com um suspiro; a dor percorreu seu ombro.

— Eles sabem quem era?

— Não sei. O rei está com ele agora. — Galo esfregou uma das mãos na barba por fazer. — Eu preciso me desculpar por...

— Não precisa, não. — Cas o interrompeu. — Não quero guardas do meu lado todas as horas do dia. Você não pode me proteger o tempo todo.

— Na verdade, este é o nosso trabalho. Proteger você o tempo todo. Embora Mary pareça mais que disposta a assumir essa tarefa.

— Sim, ela está — murmurou Cas, e a imagem do punho dela entrando em contato com o rosto daquele homem piscou em sua mente. Anos de batalha contra os habitantes de Ruína fizeram de Mary uma excelente guerreira.

— Mas preciso pedir desculpas em nome de toda a guarda — falou Galo. — Não o culparíamos se você substituisse todos nós.

— Você sabe que não vou fazer isso — retrucou Cas.

— Não seria a pior das ideias. — Jovita apareceu na porta. Ela balançou a cabeça, indicando que Galo deveria sair, e o guarda rapidamente deixou o quarto.

Jovita entrou e fechou a porta atrás dela.

— Como está o ombro?

— Bem. O ferimento não foi tão ruim assim, mas o médico insistiu que eu fique de cama hoje.

— Fico feliz que não tenha sido grave.

Cas estalou a língua.

— Claro que sim.

Jovita lançou um olhar irritado para o rapaz, mas um sorriso repuxou a sua boca quando ela caiu pesadamente na cadeira perto da janela.

— Eu ficaria muito triste se algo acontecesse a você, Cas.

— Eu tenho certeza de que sim. Ficaria arrasada no trajeto até o trono.

Jovita se sentou de lado e inclinou a cabeça para trás, a trança comprida e escura balançando para fora do braço da cadeira.

— Você me pegou. Foi eu quem contratou aquele homem para tentar matá-lo no seu casamento. Estou morrendo de inveja de você.

— Eu sabia. Embora sempre tivesse pensado que você preferiria veneno.

— Assim é muito mais teatral. — Ela girou a cabeça e sorriu para ele. — Mas eu vim com as notícias oficiais — falou ela, endireitando as pernas e sentando-se ereta na cadeira. — O homem que esfaqueou você depôs. Ele era um caçador.

As sobrancelhas de Cas se ergueram.

— Um caçador? Dos habitantes de Ruína?

— Sim.

— O que ele queria comigo?

— Um pequeno grupo deles se organizou contra o rei. Andam exigindo mudanças na política de caçadores há algum tempo. Sobretudo, que o cargo se torne voluntário.

— Será que as pessoas realmente se ofereceriam para caçar e matar os habitantes de Ruína?

— Não muitos, e por esse motivo o cargo é usado como castigo em vez da prisão. — Ela esfregou alguns dedos pelo queixo. — O que os criminosos querem é irrelevante. Nós precisamos de caçadores. O rei tinha ouvido rumores sobre a organização deles, mas evidentemente temos que começar a considerá-los com mais seriedade. Ele ainda não revelou outros nomes, mas deve ter tido ajuda. Nós vamos encontrá-los. E, nesse meio-tempo, ainda temos vários caçadores matando muitos habitantes de Ruína diariamente.

Eles eram caçados e assassinados, então, sim, se defendiam com frequência. As palavras de Mary percorreram sua mente pela centésima vez desde que ela as dissera. Ele nunca tinha ouvido alguém chegar perto de defender o povo de Ruína. Ninguém usava a palavra *assassinado*. Eles eram *eliminados*, *mortos* ou *descartados*. As palavras de Mary pendiam no ar, provocando-o.

— Você já se perguntou se matar todos os habitantes de Ruína foi a decisão certa? — perguntou ele lentamente.

As sobrancelhas de Jovita foram parar quase no fim da testa.

— Não.

— Será que todos eles são realmente maus? Cada um deles?

— Sim, cada um deles — falou Jovita com um tom de exasperação. Ela era conselheira do rei há apenas um ano, mas sempre agia como se soubesse mais do que Cas. — Os habitantes de Ruína nos governaram sem uma gota de compaixão. Estamos retribuindo o favor.

— Verdade — falou Cas em voz baixa. Ele não era vivo quando o povo de Ruína escravizava humanos e os matava por esporte, nem seu pai. Seu avô os havia expulsado de Lera, mas os habitantes de Ruína tinham perdido o controle dos humanos anos antes, após seus poderes enfraquecerem. Foi o castigo dos ancestrais por usarem o poder de forma errada, era o que seu avô costumava dizer.

Os ancestrais não tinham nada a ver com o fato desse povo ter perdido seu poder, disse o pai de Cas, revirando os olhos. Ele não era o tipo de homem que acreditava em coisas que não podia ver. *Os habitantes de Ruína vão se erguer novamente. A menos que sejam impedidos.*

Os habitantes de Ruína vão se erguer novamente costumava causar calafrios na espinha de Cas. Agora ele não sentia nada além do peso daquelas vidas perdidas. Apesar de todo o poder, eles não conseguiam voltar dos mortos.

Jovita se levantou.

— Os guerreiros de Olso chegam em dois dias. Será que você vai estar bem o suficiente para participar do jantar?

— Tenho certeza de que sim. Não vou perder a primeira visita dos guerreiros a Lera em duas gerações.

— Bom. E tente não ser esfaqueado no evento. Não queremos que os guerreiros pensem que precisamos de alguém de *Vallos* para salvar o nosso príncipe. — Ela pronunciou Vallos como se fosse algo desagradável, mas um sorriso apareceu em seu rosto.

— Que horror. Quase tão constrangedor quanto apanhar da princesa deles na Batalha da União.

Ela o olhou com cara feia, e ele riu enquanto afundava ainda mais nos travesseiros.

— Eu não estava planejando envenenar você antes, mas com certeza estou agora — falou ela enquanto abria a porta com um empurrão. — Cuide-se, príncipe Casimir.

Ele sorriu para ela.

— Eu tenho Mary para fazer isso por mim.

— Por que sempre faz sol? — Aren ergueu os olhos para o céu, indignado, e protegeu o rosto com a mão. — Até o clima deles está zombando de mim.

Emm acompanhou o olhar dele para o céu azul e límpido. O ar estava fresco e frio, as aves voavam na direção do mar. Os jardins do castelo floresciam com flores vermelhas, amarelas e

cor-de-rosa, e várias frutas cítricas pendiam das árvores. Lera era mesmo asquerosamente bonita.

— Os ancestrais os abençoaram — falou Emm, com uma expressão que fingia seriedade.

Aren revirou os olhos.

— Se eu tiver que ouvir isso mais uma vez, vou matar alguém. Não se surpreenda se encontrar uma cabeça subitamente separada do corpo.

Ela olhou por cima do ombro, para a trilha vazia atrás deles.

— Fale isso um pouco mais alto. Acho que não ouviram você do outro lado do jardim.

— Me desculpe. — Ele baixou a voz. — Minha mãe costumava dizer que os ancestrais me abençoaram. Eu não gosto de ouvi-los dizendo isso.

— Eu sei — falou ela baixinho.

— Talvez os ancestrais não tenham abençoado ninguém. Talvez eles nem mesmo tenham existido — continuou Aren, com a voz vacilante. Sua mãe era a sacerdotisa do castelo, e as palavras dele pesaram no coração de Emm. Ele nunca teria sonhado em dizer coisas assim um ano atrás.

Ela esticou a mão e apertou brevemente a dele. Ele retribuiu o aperto.

Quando chegaram aos arredores do jardim, foi possível ver o muro do castelo. Uma faixa ampla de grama se estendia do muro ao início do jardim, para garantir que quem quer que o pulasse fosse visto pelos guardas.

— Tem um guarda naquela torre — falou Emm, sem olhar para trás. A torre ficava do lado direito do castelo e se elevava acima do restante da construção. Um lugar perfeito para observar o muro inteiro.

— Dois, talvez — falou Aren. — E você viu aquela guarita quando chegamos? Pela posição, o guarda também teria uma visão excelente de todo o terreno do castelo.

— Eu não conseguia ver nada naquela carruagem estúpida.

— Fica nas árvores, não muito longe do portão principal.

— Descubra como os turnos são divididos. Quero saber se são sempre as mesmas poucas pessoas ou se tem troca.

Ela tocou o muro. Pedra. Era muito alto, mas havia uma árvore mais à frente que poderia facilmente ser escalada, embora fosse uma queda alta para o outro lado.

— Guardas postados do outro lado do muro? — murmurou ela.

— Sim. Não é uma posição popular. Aparentemente é um bocado entediante. E você tem que ficar em pé o tempo todo.

— Descubra quantos são e onde.

— Já estou vendo isso.

— Alguém de Ruína poderia derrubar este muro, correto? — perguntou ela. — Ou, pelo menos, um pedaço dele?

— Damian poderia derrubar um pedaço grande se estivesse com toda a sua energia.

— Bom.

Eles continuaram a caminhar; Emm tomava nota de quanto tempo levava para cruzar o perímetro inteiro. Se uma fuga precipitada fosse necessária, o muro seria um grande problema.

— Como estava o príncipe ontem à noite? Você o viu, não foi? — perguntou Aren.

— Muito bem. Foi apenas um ferimento no ombro. — Ela soltou o ar. — Ele quer conversar comigo sobre o povo de Ruína.

— O quê? Como foi que o assunto surgiu?

— Foi minha culpa. Eu não consigo manter a boca fechada. Talvez eu tenha dito que eles estavam nos assassinando.

— Mary teria odiado os habitantes de Ruína, Emm. Eles mataram os pais dela.

— E daí? Ninguém aqui a viu. Eles não sabem disso com certeza.

— Ele ficou furioso? Tipo, “Vamos conversar sobre isso depois, plebeia. Agora me deixe em paz com minha matança”? — Ele baixou a voz, imitando Cas, e sorriu.

— Não. Era mais como se estivesse intrigado. Como se quisesse realmente conversar — respondeu ela, e Aren lançou um olhar confuso. — Eu sei! Eu nunca considerei a possibilidade de que poderia realmente fazê-lo refletir sobre isso.

— Não é uma possibilidade — falou Aren.— Mesmo se Cas estivesse disposto a ouvir e se o rei morresse amanhã, nada mudaria. Os conselheiros reais apoiam a política de Ruína. Além disso, ele tem o quê... dezessete anos?

— Isso.

— Já faz dois anos que ele pode assumir o trono. Ele estava naquelas reuniões em que decidiram. Se tivesse alguma coisa a dizer, já teria dito.

— Verdade. Solidariedade não significa muito se você não age. — Ela estremeceu quando a imagem de Cas sem camisa apareceu em sua mente. Ela não gostava quando o rapaz aparecia assim em sua mente.

— Você já ouviu alguma coisa sobre Olivia? — perguntou Aren.

— Não. Estou esperando por uma maneira natural de introduzir o assunto na conversa. Não quero que comecem a desconfiar. Até agora tudo o que querem conversar comigo é sobre vestidos e o casamento. Nem sequer se importaram de me dizer que os guerreiros Olso estão chegando. Andei praticando minha expressão surpresa. — Ela ergueu as sobrancelhas e abriu a boca dramaticamente. — Que tal?

— Horrrosa. Não faça isso.

— Talvez Cas se lembre de me contar hoje, pois devem chegar logo. Ele mal falou comigo até ontem, então acho que não teve muitas oportunidades. — Ela franziu a testa. — Agora eu acho que ele gosta de mim.

— Esse era o objetivo, não era?

— Acho que sim.

Ele esfregou as mãos na parte de trás do pescoço.

— Nós nunca conversamos sobre... hum... a parte do sexo.

— E vamos continuar sem falar sobre isso.

— Você vai pedir que ele espere? Não acho que seja irracional. Afinal, vocês acabaram de se conhecer.

— Aren, não vamos falar sobre isso.

— Certo. Desculpe. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e deu alguns passos, se afastando dela. — Eu tenho que voltar. Falei que ia apenas dar uma olhada em você, então eles esperam que eu volte logo. — Ele sorriu. — Além do mais, nós não devíamos ser vistos frequentemente juntos. As pessoas vão achar que estamos transando.

Emm franziu o nariz e tentou disfarçar um sorriso no rosto.

— Que coisa nojenta.

— O sentimento é mútuo.

OITO

AS PESSOAS NO CASTELO tinham começado a se dirigir a Emm como “Sua Alteza Real” ou “princesa de Lera”. Ela se encolhia por dentro todas as vezes.

A rainha dizia que ia começar a treinar Emm para as “tarefas reais”, embora nos últimos dois dias a garota tivesse ficado sozinha na maior parte do tempo, memorizando o terreno do castelo e procurando suas fraquezas. Fazia as refeições sozinha, pois o rei e a rainha praticamente desapareceram depois de Cas ser esfaqueado. Era provável que eles estivessem lidando com o tal caçador que tinha decidido matar a família real em vez dos habitantes de Ruína.

Cas não a chamou, e ela não o visitou. Os guardas informavam que ele estava se restabelecendo bem. Emm ficou feliz pela distância dele. Como o príncipe não esperava que Emm se juntasse a ele na cama, ela ficava livre para perambular pelo castelo à noite, esgueirando-se em quartos e mexendo nas gavetas para procurar informações sobre a localização de Olivia.

Finalmente Jovita se lembrou de avisar que os guerreiros de Olso estavam chegando a Lera para passar o verão, e Emm fez sua melhor expressão de surpresa ao ouvir as notícias. Ela recebeu um exuberante vestido cor-de-rosa claro para usar no jantar de recepção.

A princesa já tinha acumulado uma boa quantidade de vestidos, e Davina a informou de que ela teria muitas oportunidades de usá-los. Parecia que dar festas era a única coisa da qual o povo de Lera gostava mais do que lutar.

O vestido que estava usando tinha uma grande fileira de botões nas costas, mas era bastante cavado na frente, mostrando um pedaço generoso do decote. A maioria dos vestidos enviados a ela não cobria exatamente muita carne, e ela não conseguia deixar de pensar que a rainha tinha feito isso de propósito, para deixar a garota conservadora de Vallos desconfortável.

Emm empurrou os ombros para trás com um sorriso. Que bom que ela não era de Vallos.

Cas chegou à sua porta depois do sol se pôr. Ele vestia calça preta, uma camisa de gola branca e um casaco preto com botões prateados até o meio. O casaco pendia aberto, sem abotoar. Ele estava um tanto desarrumado, como se tivesse corrido ao redor do castelo algumas vezes antes de vê-la. Teria sido fofo, se ela não estivesse determinada a odiá-lo.

— Boa noite — falou ele quando ela saiu do quarto. Subitamente Emm não sabia bem o que fazer com as mãos.

— Olá — murmurou ela, evitando seu olhar. Ele lhe ofereceu o braço bom, ela o pegou e deixou que ele a conduzisse pelo corredor. — Você está se sentindo bem? — perguntou, olhando de soslaio para ele. A cor escura do casaco fazia com que os olhos do príncipe se destacassem ainda mais do que o normal. Era difícil não olhar.

— Estou, obrigado. Um pouco dolorido ainda, mas estou me recuperando bem.

— Que bom ouvir isso — mentiu ela. Mas quão “bem” ele estava? “Bem” como em “pronto para a noite de núpcias”? Ela estremeceu e deixou os dedos roçarem contra a abraçadeira de corda das cortinas quando eles passaram por elas.

— Jovita contou sobre os guerreiros? — perguntou ele.

— Contou. Fiquei surpresa, achava que as relações entre Olso e Lera fossem tensas.

— Durante muito tempo foram. Mas os guerreiros recentemente entraram em contato e queriam vir pessoalmente discutir alguns tratados. Disseram que queriam manter a paz.

— Isso é maravilhoso — falou ela, suprimindo um sorriso. Na voz de Cas, não havia nem um pingo de desconfiança. Ele realmente acreditava que os guerreiros estavam lá para se curvar aos pés de Lera, como todos os outros.

— Você já conheceu um guerreiro? — perguntou ele.

Ela havia conhecido. E não apenas aqueles com quem negociara recentemente. Muitos cidadãos de Olso tinham passado algum tempo em Ruína, pois seus reis e rainhas sempre pareceram mais intrigados do que assustados pelos habitantes. A mãe de Emm tinha admirado a maneira como os guerreiros dedicavam suas vidas ao treinamento para a batalha, e tinha convidado muitos a se hospedarem no castelo.

Cas a observava, esperando uma resposta. Será que Mary tinha encontrado algum guerreiro? Parecia improvável. Olso esnobava Vallos.

— Não que eu me lembre — falou ela cautelosamente.

Eles se dirigiram à sala de jantar principal, e os sons de risadas e conversa encheram o ar quando eles se aproximaram das portas duplas. Um dos criados as abriu, e Cas e Emm entraram no recinto.

Algumas fileiras compridas de mesas cruzavam o centro do cômodo, a maioria delas cheia. Grandes tigelas de pão e frutas foram colocadas no centro de cada uma e os criados corriam por ali, enchendo os copos de vinho.

Havia pelo menos uma centena de pessoas, talvez mais. A maior parte dos convidados do casamento ia ficar no castelo durante semanas, exatamente como os guerreiros tinham dito que ficariam. Para dismantelar Lera de maneira apropriada, ela precisava matar muitos de seus líderes, e um bom número deles estava sentado naquele cômodo. Os governadores das seis províncias se reportavam diretamente ao rei, e cinco deles estavam presentes. Também havia alguns capitães, os responsáveis por cuidar da segurança e dos soldados em sua área. A rainha havia informado Emm de que os juízes, o posto mais baixo em Lera, tinham ficado para trás principalmente para cuidar de suas províncias na ausência do governador ou capitão. De qualquer forma, eles não eram terrivelmente importantes.

— Príncipe Casimir e princesa Mary — anunciou uma voz.

Todos no cômodo rapidamente se levantaram, e Emm examinou a multidão, procurando

pelos guerreiros.

— Sentem-se, por favor — pediu Cas. Todos obedeceram e voltaram a se sentar.

Três pessoas em uniformes branco e vermelho ficaram de pé por mais tempo do que as outras. Os guerreiros. Dois homens e uma mulher. Na verdade, Emm conhecia a garota. Ela tinha passado alguns dias no castelo de Ruína há três anos com os pais, uma família poderosa de Olso.

Íria. Esse era o nome.

Um risinho cruzou o rosto de Íria, e Emm resistiu à vontade de revirar os olhos. A guerreira havia passado a maior parte do tempo no castelo de Ruína desafiando-a para “duelos” (“Até a morte!”, ela gritava sempre, e depois dava uma risadinha), e no restante do tempo hostilizava Emm e Olivia em qualquer ocasião.

Sem dúvida, o rei Lucio havia mandado Íria. Provavelmente, ela tinha pedido para vir porque sabia que isso irritaria Emm.

A garota respirou fundo e olhou para Cas, que a fitava.

— Você está bem? — perguntou ele e franziu as sobrancelhas.

— Estou bem. — Ela limpou a garganta. — Vamos nos sentar?

Cas a conduziu na direção da mesa na frente do salão, onde Jovita e alguns dos governadores já estavam sentados. Emm percebeu que os guerreiros não estavam com a família real, o que parecia uma descortesia intencional.

Ela e Cas se sentaram, e um dos criados trouxe os guerreiros para conhecê-los. Emm se inclinou para a frente na cadeira, congelando um sorriso no rosto.

— Koldo Herrero — falou o criado, e o jovem guerreiro de olhos brilhantes sorriu para ele.

— Benito Lodo. — O homem com a barba escura acenou com a cabeça.

— Íria Urbino.

Íria deu um passo à frente. O cabelo escuro, comprido e ondulado estava preso em uma trança que caiu por cima do ombro quando ela inclinou a cabeça na tradicional saudação de Lera. Os olhos escuros estavam apontados somente para a princesa quando ela se endireitou, e Cas olhou de uma para a outra.

— Vocês já se viram antes? — perguntou ele, alto o bastante para os guerreiros ouvirem.

Um dos lados da boca de Íria se levantou, e Emm torceu para que a guerreira soubesse que ela estava imaginando como seria estrangulá-la.

— Acho que não.

Íria esperou um longo tempo antes de falar. Emm desejou que ela disfarçasse seu prazer em torturá-la um pouco melhor.

— Me desculpem — falou a guerreira finalmente. — Você se parece muito com alguém que eu conhecia, Alteza.

Emm torceu para que seu rosto exibisse algum tipo de expressão agradável e não revelasse o

fato de que ela mal conseguia conter o desejo de chutar Íria na barriga.

Cas tocou sua mão levemente, seus dedos enrolando ao redor dos dela, e Emm pulou de surpresa. A diversão de Íria se intensificou enquanto ela os observava.

— Por favor, sentem-se.

Os guerreiros voltaram para seus assentos, e Íria lançou mais uma rápida olhada em Emm por cima do ombro. Cas inclinou-se para a garota, afastando sua mão da dela.

— Ela estava tentando desequilibrar você — falou ele, um tanto perceptivelmente. — Não deixe que faça isso.

Era um excelente conselho, embora inteiramente errado naquelas circunstâncias.

Os criados serviram a comida no prato dela, e o salão fervilhava com conversa e risadas. Emm se forçou a engolir o jantar para que Cas não ficasse preocupado.

Depois que eles terminaram de comer e os músicos começaram a tocar, o rei e a rainha finalmente entraram no salão. As festividades pararam por um instante, e Emm os observou quando passaram rapidamente pelos guerreiros sem cumprimentá-los. Os três observaram a rainha com uma expressão séria nos rostos. Fabiana deve ter sido a traidora mais famosa em Olso, e certamente não faria nada para amenizar as coisas agora.

Emm olhou para Cas quando a música recomeçou. Ela se inclinou até seus lábios ficarem próximos da orelha dele.

— Por que eles chegaram atrasados?

Cas balançou a cabeça levemente.

— Não sei.

— Insultou os guerreiros — falou ela. — Olhe os rostos deles.

Cas olhou casualmente para os guerreiros; depois, olhou novamente para Emm.

— Acho que tudo os insulta. Eles estão sempre com raiva de alguma coisa.

— E seus pais fizeram questão de que eles ficassem com raiva disso também.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você acha?

— Sim. — Estratégia típica de Lera. Eles sempre estavam mais preocupados em fazer com que todos soubessem como eles eram melhores do que em realmente mostrar um pouco de respeito.

— Vou dizer olá — falou ela. — Fazê-los se sentir bem-vindos.

— Eu fiquei com a impressão de que você estava com medo deles — falou Cas. — Você fitou Íria como se ela fosse pular por cima da mesa com uma espada e atacar você.

O rosto de Emm se contorceu de um modo que fez Cas rir.

— Eu não estou com medo!

— Provavelmente é sinal de juízo ter um pouco de medo dos guerreiros.

— Eu não estou com medo — repetiu ela com firmeza. — O que ela vai fazer, me atacar na

frente de todo mundo?

— É improvável.

— Isso não foi muito reconfortante.

Os olhos do príncipe brilhavam, achando graça naquilo.

— Era pra ser sincero, não reconfortante. E não vamos esquecer que recentemente fui esfaqueado no meu próprio casamento.

— É verdade.

Ele olhou por cima do ombro para os guerreiros Olso.

— Vamos pedir que venham até aqui.

— Não. Seria melhor se eu fosse até eles. É um sinal de respeito.

Ele fez uma pausa momentânea.

— Muito bem. Eu vou com você.

Emm não conseguiu protestar, não sem demonstrar que queria falar com eles a sós. Ela se levantou e Cas fez o mesmo, inclinando-se para dizer alguma coisa ao pai. O rei franziu o cenho, mas não protestou.

A sala ficou em silêncio enquanto eles andavam. Os guerreiros de Olso se viraram, depois ficaram de pé quando eles se aproximaram. A surpresa passou pelo rosto dos homens quando Cas e Emm deram a volta na mesa e se sentaram no banco diante deles. Íria ainda tinha a expressão insolente, mas a princesa decidiu fingir que não tinha percebido.

— Como estava a comida? — perguntou Cas, apontando para os pratos vazios.

— Muito boa, Alteza, obrigado — falou Koldo.

— Eles ainda vão trazer mais, se vocês estiverem com fome — falou Cas. — E a sobremesa, em breve. Recomendo as tortas de figo, são deliciosas.

Koldo se animou, e seus olhos examinaram o recinto atrás das guloseimas. Benito não parecia nem um pouco impressionado com a ideia de sobremesa.

— Vou fazer questão de pegar uma — falou Íria. Ela fixou o olhar em Cas. — Parabéns pelo casamento.

— Obrigado.

— Que maravilha Lera e Vallos poderem finalmente se unir. — A guerreira virou seu sorriso de Cas para Emm.

— Você esteve lá? — perguntou Cas. — Em Vallos?

— Estive — retrucou Íria. — Um pouco tristonho, comparado com isto aqui. Embora não tão sombrio quanto Ruína.

Emm fez um esforço para manter a expressão neutra.

— Eu nunca estive em Ruína, mas tenho certeza de que você tem razão.

— Alteza — falou Íria, olhando para Cas. — Você se importa se eu dançar com a sua esposa?

— Se ela quiser — retrucou ele.

— Eu adoraria — falou Emm, puxando as saias ao ficar de pé. Ela passou o braço pelo da garota e foi com ela até a pista de dança.

Íria pousou a mão leve sobre suas costas e Emm resolveu deixá-la conduzir. Não havia necessidade de provocá-la.

— É mesmo necessário ficar com essa cara? — perguntou Emm, entre os dentes, quando começaram a dançar.

— Que cara?

— Como se você tivesse descoberto uma coisa e estivesse maravilhada com isso. Você está aqui para me ajudar, lembra?

Íria deu uma risadinha.

— Desculpe. É que é tão divertido. Emmelina Flores como a princesa de Lera. É ridículo.

Os olhos dela foram até Cas, e Emm também olhou por cima do ombro. Ele estava conversando com os outros dois guerreiros, mas ainda as observava.

— Embora ele pareça totalmente convencido.

— Por que não estaria? Eu falei para os guerreiros que poderia fazer isso.

— E fez. Apostei contra você. Na verdade, perdi um bocado de dinheiro.

— Que pena — retrucou Emm secamente. Ela olhou para Benito e Koldo. — Eles sabem sobre mim?

— Claro. São de confiança.

— Eu é que decido isso. Você não contou a mais ninguém por aqui, contou?

— Não. Nem ao seu próprio povo. É estranho deixar os habitantes de Ruína no escuro sobre esse plano, se você quer saber a minha opinião.

— Não quero. Quanto menos pessoas souberem, melhor. — De qualquer forma, os habitantes de Ruína não teriam fé em Emmelina nem em seu plano. A expressão no rosto deles seria muito melhor assim que descobrissem que ela tinha conseguido.

— Ouvi dizer que você salvou o príncipe da morte no dia do casamento. Foi um golpe de sorte, não foi?

— Foi mesmo. — Emm fitou Íria com desconfiança. — Não foi?

— Não tivemos nada a ver com isso. Mas estamos tentando encontrar os caçadores agora, para ver quão organizado é o movimento. Pode ser útil.

— Você tem alguma novidade?

— Vi Damian rapidamente antes de sair de Olso. Ele está ajudando o povo de Ruína a cruzar a fronteira. Nós conseguimos tirar alguns ilesos. Eles iam ver o rei Lucio quando saí de lá.

— Por que precisavam ver o rei? — perguntou Emm.

— Nosso rei é muito amigável.

Ela não ia conseguir uma resposta direta sobre o assunto, então guardou a pergunta para fazê-la a Damian mais tarde. Ela não confiava nem um pouco no rei de Olso. Ele tinha concordado em ajudá-la porque queria ter o controle de Lera, mas nada tinha feito para ajudar os habitantes de Ruína quando eles estavam sendo caçados e executados.

— Damian me deu um bilhete para entregar a você — falou Íria.

— Agora não — retrucou ela, embora quisesse ler o bilhete desesperadamente. — Não quero que a vejam me entregando alguma coisa.

— Muito bem. Você poderia parar de apertar minha mão assim? — perguntou Íria. — Vou precisar dela mais tarde.

— Desculpe — resmungou Emm, relaxando. Mas quebrar a mão de Íria seria uma bela distração. Ela poderia quebrá-la, e então girar e imobilizar a guerreira num mata-leão. Emm era mais alta do que Íria, então tinha uma boa chance de conseguir manter o aperto.

Emm controlou sua vontade. Os guerreiros eram seus parceiros, não teria que matá-los para se manter segura.

— Não tem chance de você fazer uma besteira, tipo, matar o rei antes do tempo, não é? — perguntou Íria, a expressão ficando séria. — Eu lembro que você é meio pavio curto.

— Estou perfeitamente bem — falou Emm. — Não devíamos conversar sobre isso aqui. Amanhã de manhã vá ao meu quarto. Leve o bilhete. Vou pedir que Aren vá também.

— Muito bem. Mas se vou passar no seu quarto, você vai ter que dizer a Cas que nos demos maravilhosamente bem. Diga a ele que ficamos amigas instantaneamente.

Emm revirou os olhos.

— E sobre o que conversamos que nos fez ficar amigas tão rápido?

— Conversamos sobre Vallos e sobre como você ficou triste ao ir embora.

— Concorde. E vou dizer que você mencionou o quanto gosta de sua terra, e que estava nervosa com a visita, considerando as relações tensas entre Lera e Olso.

— Eu não estou nervosa. — Íria tinha uma fileira de sardas no nariz, e elas se moviam quando ela o franzia.

— Bem, agora você está. Assim como eu. Você decidiu confiar em mim. É isso que vou dizer a ele.

— Eu não gosto de você de verdade, só para constar.

— Estou de coração partido — falou Emm.

— Mas admiro o que está fazendo — emendou Íria, fazendo um gesto para Emm. — Não pensei que você tivesse coragem, sinceramente. Você parecia um pouco reclamona quando a vi. Emburrada.

A música terminou e Emm deu um passo para trás, soltando a mão de Íria. A guerreira não estava errada, mas Emm certamente não admitiria isso. Três anos atrás, quando elas se

conheceram, Emm estava amargurada com o fato de não ter magia e invejava a de Olivia. “Reclamona” era provavelmente uma maneira bonita de descrever a garota naquela época.

— As coisas mudaram — falou.

Algo como pena cruzou o rosto de Íria.

— Vou ficar alerta por notícias de Olivia — falou ela baixinho.

— Obrigada. — Emm girou nos calcanhares. A última coisa que ela queria era pena.

NOVE

CAS FITOU MARY COM curiosidade quando ela saiu da pista de dança e se afastou de Íria. A guerreira estava sorrindo, como se Mary a tivesse deixado à vontade. Era um feito e tanto.

Os dois voltaram para perto dos pais dele e ficaram sentados pelo restante da noite. Quando o rei e a rainha ficaram de pé para sair, Cas fez o mesmo, esticando seu braço para Mary. Ela o segurou enquanto atravessavam o recinto e passavam pela porta. Os sons da festa ficaram abafados quando a porta fechou atrás deles.

O rei sorriu para Cas e Mary.

— Finalmente a noite de núpcias, suponho?

Cas ficou tenso, e sua mãe cutucou o marido nas costelas. O rei apenas deu uma risadinha e um tapinha no ombro do filho. Cas queria estrangular seu pai.

Ele olhou para Mary, mas os olhos dela estavam abaixados e as bochechas, rosadas. O príncipe não tinha ideia do que dizer para tornar o momento menos constrangedor, então nada disse enquanto dava meia-volta e caminhava na direção dos aposentos dela. Ela o acompanhou em silêncio.

Quando alcançaram a porta, Cas a empurrou e deu um passo para trás, deixando que a princesa entrasse primeiro. A saia do vestido roçou suas pernas quando passou por ele.

Cas entrou e fechou a porta atrás de si. Estava mortalmente silencioso, e o assoalho de madeira rangeu quando Mary cruzou o cômodo. Ela passou uma das mãos sobre a saia do vestido. Suas mãos tremiam e seu peito se movia para cima e para baixo rápido demais, como se estivesse prestes a entrar em pânico.

— Você prefere não fazer isso? — perguntou ele baixinho.

Seus olhos se encontraram por um instante, e as bochechas dela ficaram com um tom ainda mais escuro de vermelho.

— Eu...

Ele esperou, mas ela não terminou a frase. Sua postura calma estava ruindo bem diante dele. As mãos tremiam com força, e ela engoliu em seco como se estivesse prestes a vomitar.

— Eu nunca faria algo que você não quer fazer — disse ele, finalmente. — Nós acabamos de nos conhecer. Eu compreendo se quiser esperar.

Um suspiro percorreu o corpo de Mary, e ela assentiu com tanto entusiasmo que ele quase riu. Cas nunca tinha feito sexo antes, e transar pela primeira vez com uma garota que parecia que ia vomitar parecia deprimente.

— Mas posso pedir um favor? — perguntou ele. — Você se importa se eu ficar aqui um pouquinho? Queria que meus pais pensassem que a gente consumou o casamento. Caso

contrário, vou ouvir um sermão e tanto. — Dava para imaginar os comentários de seu pai. Ele nunca ia superar a vergonha.

— Claro — falou ela. — Na verdade, é uma boa ideia. — Ela apontou para a cadeira no canto da sala, e ele tirou o casaco com um movimento dos ombros no caminho até lá. Depois de dobrar a peça e pendurá-la na cadeira, ele se sentou. Mary se ajeitou na beirada da cama, esfregando o polegar no colar que sempre usava.

— Parece que você se entendeu muito bem com aquela guerreira, Íria — falou ele, e ela fez que sim com a cabeça. — Sobre o que vocês conversaram?

— Vallos. A viagem dela pra cá. Ela está nervosa com o futuro das negociações.

— Não acho que os guerreiros de Olso fiquem nervosos — falou ele com uma risada.

— Ansiosa, então. Nem todo mundo é tão durão quanto parece, sabe.

— E nem todo mundo é tão fraco quanto finge ser. — Ele se recostou e estalou um dedo.

— Está se referindo a mim? — perguntou ela rapidamente.

— Na verdade, não. É algo que minha mãe sempre diz.

— Ah.

— Você está fingindo ser fraca? — perguntou ele. — Porque eu odiaria ver você com força total, se for o caso.

Mary riu alto, sem um pinga de constrangimento. Ela se livrou de alguma coisa muito profunda dentro dela quando riu.

— Não — retrucou. — Certamente eu nunca tive que fingir ser fraca. Mas sua mãe tem razão. Ser subestimada tem seu benefício.

— Suponho que sim. Meu pai subestimou você na Batalha da União, disso eu tenho certeza. Ele nem sequer escondeu a surpresa.

— Seu pai acha que não tem ninguém melhor do que ele mesmo — murmurou ela, e pareceu se dar conta no mesmo instante do que tinha acabado de dizer. Ela respirou fundo e seus olhos encontraram os dele. — Eu sinto muito. Eu não... eu não...

Cas disparou a rir.

— Você não gosta do meu pai? Todo mundo o adora.

— Hum... — Ela pareceu estar procurando a mentira correta.

— Você pode me falar a verdade — disse ele, apoiando os cotovelos nas coxas e se inclinando para a frente. — Podemos ter alguns segredos apenas entre nós dois.

Ela hesitou, então finalmente falou, em não mais do que um sussurro: — Não. Eu não gosto dele.

— Por que não? — perguntou o príncipe.

— É como se ele sempre estivesse fingindo.

— Como assim?

— Ele está sempre sorrindo. E sendo simpático. — Ela franziu o nariz, e seus lábios se viraram para baixo com a expressão mais engraçada que ele já tinha visto. Era como se ela estivesse ao mesmo tempo indignada e chateada.

Cas apoiou o queixo na mão, divertindo-se.

— Odeio quando as pessoas são simpáticas. É terrível.

— Não, o que eu quis dizer é que... — Ela deu uma risada. — Não parece genuíno. Parece atuação. Como se fosse difícil dizer como ele realmente é, sabe?

— Ah.

— Faz sentido?

— Faz muito sentido. — Cas sustentou o olhar dela, e uma sensação quente invadiu o peito do rapaz. Talvez fosse errado sentir prazer com o fato de Mary não idolatrar seu pai como o restante do mundo. Mas ele não conseguia evitar.

— E seus pais? — perguntou ele em voz baixa.

Alguma coisa na expressão dela mudou.

— O que tem eles?

— Como eles eram?

Ela agarrou o colar e pensou por um momento antes de responder.

— Meu pai era tranquilo. Todo mundo ouvia o que tinha a dizer porque ele não falava com muita frequência. — Ela sorriu, embora o riso não alcançasse seus olhos. — Minha mãe era o oposto exato. Meu pai costumava dizer que ela precisava de público, que por essa razão tinha se casado com ele. Ele sempre foi o público dela.

— Parece que sua mãe e meu pai teriam se dado bem.

Mary inclinou a cabeça, apertando os lábios.

— De certa forma, acho que teriam. Mas minha mãe tinha uma escuridão dentro de si. Ela ia de feliz a furiosa muito rápido. Seu pai parece lidar melhor com as emoções do que a minha mãe.

Um longo silêncio seguiu as palavras dela.

— Eu lamento que eles tenham morrido — ele falou finalmente.

— Obrigada — retrucou ela, sem muito sentimento, como se tivesse dado aquela resposta mil vezes. Ela ficou em silêncio por muito tempo, encarando-o como se estivesse reunindo coragem para perguntar alguma coisa. — Por que você queria conversar sobre os habitantes de Ruína? — perguntou ela, afinal.

— Estou curioso. As pessoas não falam muito deles aqui.

— Seu pai está em guerra com eles.

— Não tem ninguém de Ruína em Lera. É fácil fingir que eles não existem.

— Nem mesmo Olivia Flores? — perguntou ela. — Seu pai a fez prisioneira, não fez?

— Não creio que ela esteja em Lera. Se estiver, é bem longe daqui.

— Você não sabe onde?

Ele balançou a cabeça.

— Ela foi transferida recentemente.

Mary torceu os lábios e fitou a parede atrás dele.

— Você discorda? — perguntou ele. — De mantê-la prisioneira?

Ela olhou fixamente para Cas.

— Eu não disse isso.

Seu tom de voz tinha mais fervor do que ele imaginava.

— Então você concorda?

— Não.

Ele esperou e riu quando ela não disse mais nada.

— Tem outra opção?

— Ele poderia não tê-la feito prisioneira.

Cas ergueu as sobrancelhas.

— Meu pai não falou muito sobre ela, mas tenho a impressão de que era mais uma convidada do que uma prisioneira.

Mary deu uma risada alta.

— Uma convidada!

— Eu... Essa foi a impressão que tive. De que ela está ajudando e curando.

— Uma princesa de Ruína. Ajudando vocês! — Mary jogou a cabeça para trás como se fosse a coisa mais engraçada que ela já tivesse ouvido. — Depois de você ter matado a mãe dela e declarado guerra ao povo!

— Eu... Parece ridículo quando você coloca assim.

— Com certeza parece, Cas.

Sua voz tinha um pouco de condescendência e ele riu apesar do constrangimento.

— Talvez eu não tenha pensado muito nisso.

— Talvez não. Olivia Flores é uma prisioneira, não uma convidada. — A expressão divertida sumiu e seus olhos se fixaram nos olhos de Cas. — Você deveria perguntar a seu pai sobre ela. Descobrir a verdade.

— Eu vou. — Subitamente ele estava constrangido pelo fato de não ter perguntado por Olivia antes. Quantos anos ela tinha? Catorze? Quinze? O que exatamente seu pai estava fazendo com ela?

Nenhum dos dois parecia ter muito mais a dizer depois disso, e ambos ficaram sentados em silêncio por alguns longos minutos até Cas decidir que provavelmente tinha ficado tempo demais. O príncipe se levantou e foi até a porta.

— É melhor eu ir. Vejo você amanhã.

— Cas.

Ele parou com a mão na maçaneta e o coração saltando no peito. Será que ela havia mudado de ideia? Será que queria que ele ficasse? Ele se virou para ela.

Mary estava de pé e apontava para o vestido cor-de-rosa.

— Não posso tirá-lo sozinha. Vou ter que chamar as criadas para me ajudarem a desabotoar, e se você queria que pensassem que a gente consumou... — Ela se interrompeu e juntou as mãos na frente do corpo.

— Ah. Claro. — Ele nem sequer pensara nisso.

Ela deu meia-volta e revelou uma fileira impossivelmente longa de minúsculos botões pelas costas do vestido. Cas se aproximou, segurando o primeiro, atrás do pescoço.

— Todos esses botões são mesmo necessários?

— Eu não saberia dizer. Sua mãe me mandou o vestido e disse para eu usar hoje à noite.

— Claro que ela fez isso. — Ele passou para o segundo botão.

Mary segurou levemente a beirada da saia, e o tecido farfalhou quando se moveu.

— É bonito. Sua mãe tem um excelente gosto.

— Imagino que ela mesma disse isso para você.

Ela riu baixinho e Cas sentiu o corpo da princesa subindo e descendo sob seus dedos.

— Ela disse.

Ele percorreu a fileira de botões, abrindo cada um lentamente. Quando o tecido aberto começou a revelar a pele nua de suas costas, ele achou difícil não olhar. A pele macia e bronzeada praticamente brilhava, e ele quase ficou tentado a passar os dedos por sua coluna.

O ombro esquerdo do vestido escorregou, e ela rapidamente cruzou os braços por cima do peito, mantendo-o no lugar.

Os botões terminavam abaixo da cintura e ele engoliu em seco ao abrir os últimos. As palmas das mãos estavam suadas e seu estômago começou a se mover de um jeito que ele não gostava muito.

— Obrigada — falou ela baixinho, sem se virar.

— De nada. — Ele se forçou a desviar os olhos do vestido aberto, que revelava uma parte de uma mulher sobre quem ele nunca tinha pensado duas vezes. Agora ele achava que talvez pudesse querer ver isso todos os dias.

Ele seguiu para a porta, pegando o casaco da cadeira. Não olhou para Mary por medo de que seu rosto denunciasse seus sentimentos.

— Boa noite.

DEZ

EMM ENCONTROU AREN ESPERANDO no corredor na manhã seguinte, e fez um gesto para ele segui-la até a sala de estar. O rapaz espiou ao redor como se esperasse que mais alguém estivesse ali. Quando ele viu que estava vazio, entrou.

— Tudo... bem? — perguntou lentamente.

— Tudo bem. Como vai você?

Ele ergueu um ombro em resposta.

— Ontem à noite perguntei a Cas sobre Olivia. Ele não sabe onde ela está, mas acho que o convenci a conversar com o pai sobre o assunto.

— Ele não ficou desconfiado?

— Não pareceu.

Ouviu-se uma batida na porta, e Emm abriu e viu Íria. A guerreira estava toda vestida de preto, os cabelos cacheados soltos sobre os ombros.

— Aren — falou Íria e acenou para ele ao entrar. — Que bom vê-lo novamente.

Emm fechou a porta.

— Vamos ser rápidos. Não temos muito tempo antes do encontro com o rei.

Íria enfiou a mão no bolso e retirou um envelope amassado, que estendeu para Emm.

— É para você.

A parte de fora do envelope estava em branco, mas Damian não era tolo o suficiente para escrever o nome dela numa carta e mandar para o castelo. O envelope fora selado apressadamente com um respingo de cola, e ela o rasgou e se afastou de Aren e Íria. Também não se via o nome dela na parte de dentro.

Voltei em segurança — os passageiros se foram. Todos aqui estão empolgados com o próximo passo, e eu queria poder contar onde você está e o que está fazendo. Mas compreendo a necessidade do segredo. Obrigado por confiar em mim. Sei que provavelmente não foi fácil, depois de tudo.

Estou me preparando para viajar. Alguns já foram embora em segurança.

Penso em você todos os dias. Espero que todos estejam te tratando bem.

Sei que você pode fazer isso. Nunca duvidei, nem por um segundo.

Ela piscou e afastou as lágrimas antes de se virar para Íria e Aren.

— Ele se livrou dos corpos. Falou que vários habitantes de Ruína já cruzaram a fronteira para Olso em segurança.

Íria se inclinou nas costas de uma cadeira, apoiando as mãos nela.

— É verdade. Mandamos um bom número de guerreiros para a fronteira para ajudá-los a atravessar para Olso, como prometemos. Tem muitos caçadores no lado de Ruína, mas com sorte eles não serão um problema. Avisarei assim que tiver um relatório.

— E então eles verão o seu rei? — Emm interrompeu.

— Por quê? — perguntou Aren, franzindo as sobrancelhas.

Íria ergueu as mãos.

— Vocês dois, sério. Tão desconfiados o tempo todo. Ele apenas quer conhecer todos pessoalmente. Ver o que podem fazer. Nós estamos levando os habitantes de Ruína para se juntarem ao nosso exército em Olso. Precisamos saber o que teremos à nossa disposição.

— À sua *disposição* — Aren repetiu, revirando os olhos.

— Ruína nunca colaborou com ninguém antes! Precisamos descobrir como integrar vocês no nosso plano de batalha — explicou Íria. — Posso lembrá-los de que somos nós que estamos ajudando vocês?

— Sim, por favor, me lembre disso. — A voz de Aren se tornou fria. — Me lembre de como vocês todos relaxaram enquanto eles nos cercavam e matavam. E me lembre de como eu deveria ser grato agora que vocês decidiram se envolver sem pedir desculpas, sem explicar, sem *compreender* por qual motivo Emm e eu desconfiamos um bocado das pessoas. Me lembre de como eu devia simplesmente esquecer tudo isso e seguir em frente porque vocês decidiram que nós somos úteis.

As duas bochechas de Íria ficaram rosadas. Emm deu um meio sorriso de solidariedade para Aren, e ele ergueu um ombro como se pedisse *desculpas*. Ela deu de ombros, um movimento que queria dizer *não precisa se desculpar comigo*. Eles não precisavam de palavras para se comunicar sobre isso, não precisavam pedir desculpas por perder o controle da raiva por um momento. Eram amigos antes, mas agora estavam unidos por um sentimento que nem Damian podia compreender. Ele tinha reagido com tristeza; Emm e Aren tinham aberto seu caminho pela ira com as unhas e saíram do outro lado juntos.

— O que acontece depois de verem o rei? — perguntou Emm, resistindo à vontade de deixar Íria sofrer por mais alguns segundos.

Ela limpou a garganta, obviamente ainda pouco à vontade.

— Eles serão embarcados num navio. Temos alguns que serão enviados como preparação para o ataque. — Ela se virou para Emm. — Vamos precisar que você descubra onde estão as defesas deles na costa perto do castelo. Eles têm gente vigiando, e se você conseguir nos dizer onde, queremos botar um habitante de Ruína em cima de cada pessoa. Obscurecer as mentes deles para que nem sequer vejam os navios chegando até ser tarde demais.

— Gosto desse plano — falou Emm. — Vou ver isso.

— E se vamos colaborar, precisamos saber quais são as fraquezas dos habitantes de Ruína. Ouvimos falar sobre uma flor chamada Fraqueira? Aparentemente alguns caçadores a levam consigo, não?

Emm e Aren trocaram olhares. A Fraqueira, que tinha esse nome por conseguir enfraquecer um habitante de Ruína (ou matá-lo, se exposto por tempo suficiente), fora um segredo bem guardado por gerações. A flor azul crescia em Ruína, e a mãe de Emm a levava junto com Olivia a um pequeno canteiro dela uma vez. Ela ainda se lembrava da decepção nos olhos da mãe quando enfiou o nariz entre as pétalas, respirou fundo e nada aconteceu. A mãe falou que a imunidade de Emm era uma força, mas foi da boca pra fora. Sua imunidade significava que ela estava condenada a ser inútil para sempre.

A mãe passara um bocado de tempo queimando cada um dos campos no qual a flor crescia, como todo rei ou rainha antes dela. A flor sempre voltava a crescer; uma praga constante que nunca poderia ser totalmente apagada.

— Os caçadores dizem que um habitante de Ruína não pode usar a magia em você se tiver a flor junto ao corpo — emendou Íria. — Isso é verdade?

Aren esfregou a parte de trás do pescoço.

— Um pouco. Depende do poder da pessoa. E a flor pode não proteger o corpo inteiro de alguém como eu. Se você a tiver no peito, ainda sou capaz de controlar suas pernas.

— Interessante — murmurou Íria. — E isso faz mal a vocês?

— Fecha a garganta e não podemos respirar. E se entra em contato com a nossa pele, pode fazê-la rachar nas marcas de Ruína. — Aren olhou para os próprios braços, buscando suas marcas. Ele já teve muitas, evidência do poder impressionante que corria em suas veias.

Somente a carne queimada retribuiu seu olhar, e ele franziu o rosto com uma expressão vazia.

— Ela ainda teria esse efeito em você? — perguntou Íria em voz baixa.

— As marcas ainda estão aí, você simplesmente não pode mais vê-las. E uma hora mais delas aparecerão. Com sorte, em breve. — Seu olhar ficou mais sério. — Mas sei que os caçadores andaram testando Fraqueira em alguns dos habitantes de Ruína, então imagino que você já sabia o que ela faz.

— Nós apenas queremos saber para proteger vocês — falou Íria.

Ela estava certa, claro. O povo de Ruína fora tão dizimado que uma colaboração com os guerreiros era a única opção. Os habitantes de Ruína precisavam de sua ajuda e sua proteção.

— Tanto faz — Íria limpou a garganta. — Descubra para qual lugar a família real vai em caso de emergência. Se algum deles escapar, nós queremos saber onde se escondem.

— Eles já me disseram isso. — Emm cruzou o cômodo e abriu a gaveta da penteadeira. Ela afastou uma adaga e retirou um mapa, que estendeu para Íria. — Um dia depois do ataque a Cas, Jovita me deu isso. Ela falou que é uma pequena fortaleza nas montanhas de Vallos, que eles

chamam de Montanhas do Sul aqui, e, em caso de emergência, sempre posso correr para lá. Se chama Forte Victorra.

— Conheço o lugar — murmurou Íria, enrolando um cacho do cabelo ao redor do dedo enquanto examinava o mapa.

— Eu não acho que o local seja um segredo, mas você não deveria ser encontrada com esse mapa. — Emm estendeu a mão para pegá-lo, e Íria deu uma última olhada antes de devolver. A garota guardou-o novamente na gaveta e pôs a faca de novo em seu lugar.

— Meus pais defenderam uma ação imediata. Eles queriam ajudar assim que ouvimos a notícia de que o rei havia matado Wenda e pegado Olivia. — Íria baixou a voz. — Se é que adianta de alguma coisa.

— Não adianta muita coisa agora, já que eles nada fizeram e a maioria dos habitantes de Ruína está morta — falou Aren, indo na direção da porta. — Tenho que voltar ao treinamento. Tenha cuidado com aquele guarda, o Galo. Ele é amigo do príncipe e o boato é de que conta tudo para Cas.

— É o capitão da guarda do príncipe?

— Não. Esse é Julio. Mas Galo é o que sabe tudo.

— Bom saber — falou Emm.

— Vou arrumar os horários da guarda e as trocas em breve. Ainda estou resolvendo isso.

— Obrigada — falou Íria. Aren saiu pela porta, fechando-a atrás dele. Íria olhou para o local onde ele estivera.

— Ele não é a mesma pessoa que era — falou Emm.

— Eu o conheci muito pouco antes. Ele apenas falava comigo pra me provocar quando visitei o castelo.

Aren provavelmente havia flertado com ela — ele era terrível nisso quando era mais novo —, mas Emm decidiu não comentar.

Ela fez um gesto para que Íria a seguisse enquanto caminhava até a porta e seguia pelo corredor.

— Vou mantê-la informada — falou ela baixinho.

Íria assentiu para alguma coisa atrás de Emm.

— Sua Alteza.

Emm se virou e viu Cas cruzando o corredor. Ele vestia uma calça escura e uma camisa cinza que tinha vários botões abertos, e tirou uma mecha de cabelo dos olhos quando se aproximou.

Ela realmente queria que ele não fizesse aquela coisa com o cabelo.

— Olá, Íria — falou.

— Vou deixar vocês dois a sós — emendou a guerreira. — Tenho que encontrar Koldo e Benito antes da reunião.

Cas observou Íria se afastar, então se virou para Emm.

— Bom dia.

Ele estava sorrindo. Sem dúvida, ele devia parar de sorrir.

— Bom dia.

— Acho que podíamos ir ao encontro juntos. Meu pai sempre se atrasa, então a gente pode entreter os guerreiros até ele chegar. — Cas ofereceu o braço e ela aceitou.

— A roupa está adequada? — perguntou, fazendo um gesto para o vestido preto soltinho. Era uma peça casual, de manga curta, com uma saia comprida simples que se movia ao redor das pernas quando ela andava. — Eu não sabia se havia um tipo certo de vestido para os encontros. Sua mãe não me deu nenhuma instrução.

— Não tem. Os encontros são casuais. — Ele fez uma pausa e, em seguida, pigarreou. — Você está muito bonita.

— Obrigada.

Emm deu uma olhada rápida nele. Ela não tinha certeza de como encarar a noite anterior. Ele nem sequer tinha ficado zangado por ela não querer consumir o casamento. Talvez também não quisesse fazer sexo com ela.

Esse pensamento deveria ter sido mais tranquilizador do que foi.

Eles caminharam até o Salão do Mar e quando Cas abriu a porta, ela compreendeu por que o rei fazia as reuniões ali. O espaço era imenso, facilmente maior do que todos os aposentos dela combinados. As janelas que iam do chão ao teto na parede leste exibiam uma vista impressionante do mar ao longe, e todas as cortinas azul-escuras estavam abertas.

Algumas cadeiras e sofás circundavam a lareira, e o tapete branco que se estendia pelo cômodo era imaculado. Uma comprida mesa de madeira com cadeiras em ambos os lados estava no meio do salão, e via-se uma quantidade generosa de frutas e bolos em seu centro.

Além dos dois criados, eles eram os primeiros ali, e Emm sentou-se ao lado de Cas. Os criados serviram chá e empilharam a comida em seus pratos. Emm pegou um bolo coberto de açúcar e notou que não havia facas na mesa. Mas a cadeira era feita de madeira e poderia facilmente ser quebrada. O rei provavelmente se sentaria na extremidade, e ela poderia quebrar a cadeira na cabeça de um de seus conselheiros, depois usar uma beirada afiada para cortar a garganta do rei ou talvez enfiá-la em seu peito.

— Fique à vontade para falar na reunião, se quiser — falou Cas. — Eu não fiz perguntas nem falei o suficiente quando participei pela primeira vez e todos entenderam que eu estava entediado e não me interessava.

Ela passou um guardanapo sobre a boca.

— Você estava?

— Não. Apenas pensei que era melhor ouvir primeiro. Obter todas as informações antes de

formar uma opinião. — Ele deu risada. — Meu pai é mais o tipo que forma uma opinião e então ignora os fatos depois. Acho que por isso não entendeu direito.

Ela mal disfarçou a vontade de revirar os olhos ao ouvir a menção ao pai dele. Em vez disso, enfiou o restante do bolo na boca.

Os guerreiros entraram e se sentaram diante de Cas e Emm. Os criados serviram a comida e o chá também, mas todos eles simplesmente ficaram sentados ali, fitando o alimento com desconfiança.

As bochechas cheias e vermelhas de Koldo o faziam parecer mais novo do que os outros dois, e ele olhou para Íria e Benito como se pedisse permissão para comer. O outro rapaz franziu as sobrancelhas para ele.

— Não estão envenenados — falou Cas, dando uma risada e tomando um gole de chá. — Se nós fôssemos matar vocês, usaríamos algo muito melhor que veneno.

Os guerreiros deram uma risada.

— Talvez a gente simplesmente não goste da comida daqui, Alteza — retrucou Íria.

— Claro que não gostam — falou Cas com um sorriso. Ele deu uma grande mordida na torta de carne em seu prato. Sem discussão, Lera tinha transformado comida gostosa numa ciência.

— Em Olso, não costumamos comer nas reuniões — explicou Benito, mas apanhou o chá e sua mão imensa engoliu a xícara. Os olhos de Koldo brilharam e ele pegou um bolo.

Jovita e a rainha entraram no salão, seguidas por quatro dos conselheiros do rei. Todos se sentaram, e a garota deslizou para a cadeira ao lado de Íria. Os conselheiros se sentaram ao lado de Emm e de frente para os guerreiros.

— Jovita costuma participar dessas reuniões? — murmurou Emm, se inclinando para perto de Cas.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Ela está sendo preparada para assumir o posto de conselheira da falecida mãe. Começou a participar no ano passado, mais ou menos.

O rei entrou no cômodo, o tradicional sorriso congelado no rosto. Os guerreiros de Olso ficaram de pé e Emm relutantemente se levantou com Cas.

— Bom dia — falou ele enquanto puxava a cadeira e se sentava. As cadeiras arranharam o assoalho quando todos os outros se sentaram. — Como foi a primeira noite no castelo?

— Muito boa, Majestade — falou Benito.

— Vocês deveriam visitar a praia enquanto estão aqui — falou o rei, abrindo o braço na direção da janela, caso eles não tivessem notado a vista. — É lindo, sabe.

Os guerreiros assentiram sem responder. Emm suspeitava de que eles preferiam furar os próprios olhos a saltitar pelas praias de Lera. Ela não podia culpá-los.

— Vamos começar imediatamente — falou o rei. — Vocês estão aqui porque seus acordos de

comércio com Vallos não são mais válidos, pois nós controlamos o reino agora. Então, me digam o que querem.

Íria deslizou um pedaço de papel pela mesa.

— Esses são os nossos termos com Vallos. Pediríamos o mesmo de vocês.

O rei franziu a sobrancelha ao olhar para o papel por um momento; em seguida, o pôs de lado. Cas o puxou para mais perto e Emm notou que ele dava uma olhadela furtiva. Era muito provável que as condições fossem propositadamente horríveis, pois os guerreiros não tinham intenção de assinar novos acordos de comércio. Era meramente uma distração para que pudessem permanecer em Lera e planejar o ataque.

— Não — falou o rei.

— O senhor tem condições de sua preferência? — indagou Koldo.

— Não. Isso é trabalho de vocês. Inventem alguma coisa melhor.

— Vamos enviar uma mensagem ao nosso rei e preparar as novas condições — falou Íria. — Que tal continuarmos? Gostaríamos de conversar sobre o porto de Olso.

O rei juntou as mãos e as apoiou na barriga ao se reclinar na cadeira.

— Sim?

— A cláusula no tratado de paz que lhes deu o porto expirou há cinco anos — continuou Íria. — Mesmo assim, os navios de Lera ainda estão lá.

— A cláusula expiraria somente se Lera achasse que Olso não representava uma ameaça a quaisquer de seus reinos — falou o rei.

— Nós não representamos — retrucou Koldo.

— Não? — perguntou o rei. — Acabamos de receber um aviso de meus caçadores que habitantes de Ruína foram vistos tentando entrar em Olso.

A respiração de Emm ficou presa na garganta e ela olhou para Íria, tentando manter uma expressão neutra. O rosto da guerreira mostrava surpresa genuína. Koldo e Benito assumiram a mesma expressão.

— Quando o senhor ouviu isso, Majestade? — quis saber Íria.

— Ontem.

— Não sei nada sobre isso, mas não podemos controlar o que o povo de Ruína tenta fazer, Majestade — falou ela.

— Eu tenho outros relatórios que dizem que os guerreiros também foram vistos em Vallos. O que os guerreiros estariam fazendo em Vallos?

— Desfrutando da vida no interior? — sugeriu Íria e enrolou um cacho de seu cabelo ao redor do dedo. Emm apertou os lábios para não rir.

O rei estreitou os olhos.

— Muitos habitantes de Ruína atualmente estão em Vallos.

— Assim como toda a população de Vallos. Nós podemos visitar o reino, Majestade — falou Íria. — A legislação para entrada é bem mais flexível que a de vocês.

— Isso vai mudar.

— Tenho certeza de que vai — retrucou Íria.

— Colaborar com os habitantes de Ruína é um ato de guerra — falou o rei.

— Compreendo. Mas, como falei, não sei nada sobre isso. E, de qualquer forma, essa cláusula expirou há cinco anos. Temos sido pacientes e pedimos que o senhor honre seus acordos.

— Isso não vai acontecer.

— Por que não? — perguntou Cas.

Todas as cabeças giraram para ele, e surgiram expressões semelhantes de surpresa no rosto de cada conselheiro. Os olhos da rainha se arregalaram e ela pôs uma das mãos no braço de Jovita, como se temesse que a garota se intrometesse com as próprias perguntas. Jovita apenas ergueu uma das sobrancelhas.

— Casimir! — exclamou o pai.

— Eu não estava concordando com eles, estava fazendo uma pergunta — falou o rapaz. — Por que nós ainda controlamos aquele porto?

— Por causa da cláusula no tratado — respondeu o rei.

— É verdade que o tratado afirmava que nós devolveríamos o porto para eles há cinco anos se eles não fossem violentos contra outros reinos?

O rei parou por um instante.

— Eu precisaria ver uma cópia para ter certeza.

Emm mal conteve o escárnio. Era muito inteligente da parte dele discordar disso, mesmo que fosse verdade.

— Eu gostaria de pensar que nós honramos a nossa palavra — falou Cas.

No mesmo instante, o rei ficou de pé e lançou ao filho um olhar tão cheio de veneno que até Emm ficou tentada a rastejar para debaixo da mesa. Em defesa de Cas, ele simplesmente retribuiu o olhar de seu pai.

— Continuaremos esta conversa outra hora — falou o rei. E olhou com expressão séria para os guerreiros. — Eu ordenei que qualquer habitante de Ruína que tentasse entrar escondido em Olso fosse capturado e trazido a mim para interrogatório. Se vocês estiverem mentindo sobre ajudá-los, *vou* descobrir.

Emm apertou tanto as mãos que quase doeu. Era uma surpresa que os caçadores tivessem notado habitantes de Ruína se deslocando para Olso. Ela tinha esperança de que eles tivessem mais tempo antes do rei começar a suspeitar, mas isso era tudo que ele tinha, pelo menos. Suspeitas.

O rei saiu do recinto e os conselheiros o seguiram. A rainha e Jovita pararam atrás da cadeira de Cas até ele finalmente perceber e também se levantar.

A rainha se inclinou e falou alguma coisa para o filho enquanto Emm os seguia para fora do cômodo. Ele deu de ombros, o que aparentemente não era a resposta que sua mãe queria. Ela marchou, se afastando dele, e suas saias farfalharam ao redor dos pés.

Jovita ficou parada ali, e Cas fez um gesto para Emm segui-los. Ela obedientemente percorreu o corredor e entrou na biblioteca. Jovita fechou a porta atrás deles.

— O que você está fazendo? — Jovita tinha um modo de falar que era, ao mesmo tempo, furioso, tranquilo e calmo.

— O que quer dizer? — perguntou Cas, desabando numa cadeira e esticando as pernas compridas na frente dele.

Jovita olhou para onde Emm estava de pé, perto da porta, como se acabasse de notar que ela ainda estava com eles. A garota hesitou, mas Cas olhou para ela com expectativa.

— É inadequado desafiar seu pai na frente dos guerreiros. E também não ajuda.

— Eu não o desafiei. Eu fiz uma pergunta.

— Uma pergunta inadequada — emendou Jovita, botando as mãos nos quadris. Emm passou por ela e se sentou numa cadeira na frente de Cas.

— Não foi — retrucou Cas. — Qual o sentido de se fazer tratados se você não vai honrá-los?

Jovita suspirou como se Cas fosse um idiota.

— Você não entende, Cas.

Cas imitou o suspiro.

— Nem você, Jovita.

Emm engoliu uma risada, roçando os dedos sobre a boca. Cas flagrou o sorriso dela e seus lábios também se curvaram para cima.

Jovita revirou os olhos.

— Nojento. Não preciso ver seu começo de namoro neste momento.

— Jovita — falou Cas em tom de advertência.

— Seu pai vai expulsar você das reuniões se continuar discordando dele.

— Eu participava das reuniões muito antes de você. Posso começar a fazer perguntas.

Jovita foi até a porta.

— Você pode participar há mais tempo, mas pelo menos eu sei quando manter minha boca fechada e obedecer.

Cas estalou os dedos, se virando e se afastando de Jovita. Ela saiu do cômodo e deixou a porta se fechar atrás dela.

Um longo silêncio caiu depois que Jovita se foi, e Emm observou Cas olhar para o chão.

— Foi uma pergunta justa — falou ela, afinal.

— Você não tem que concordar comigo apenas por estarmos casados — disse ele, com uma pontada de diversão.

— Confie em mim, não tem chances disso acontecer.

Ele inclinou a cabeça, avaliando-a por um momento.

— O que você acha de uma pequena aventura?

— Estou dentro.

— É meio perigoso. E meus pais vão ficar furiosos se descobrirem.

— Estou definitivamente dentro.

Ele deu um pulo.

— Bom. Vista uma calça. Uma roupa discreta.

ONZE

EMM ESPEROU POR CAS do lado de fora da porta que dava para a cozinha dos criados, como ele a havia instruído. Ela tinha mudado de roupa e vestido uma calça preta e uma camiseta verde larga. Enquanto esperava, enrolou as mangas.

Cas dobrou a esquina com um guarda, o jovem de cabelo escuro que sempre estava ao lado dele. O rapaz sorriu para Emm e deixou ver um minúsculo espaço entre os dois dentes da frente. O queixo quadrado, o nariz largo e os olhos verdes colaboravam para criar um rosto inesperadamente bonito.

— Mary, você já foi oficialmente apresentada ao Galo? — perguntou Cas.

— Acho que não. Prazer em conhecê-lo, Galo.

Ele inclinou a cabeça para a frente.

— Prazer em conhecê-la também, Alteza.

Cas abriu a porta atrás de Emm; ela o seguiu para dentro da cozinha, e Galo a acompanhou. O primeiro cômodo era onde a criadagem comia, com uma porta lateral que conduzia a uma área agitada, onde era preparada a comida. Umas poucas mesas estavam espalhadas ao redor do recinto e um garoto sentado perto de uma delas polia uma pilha de garfos.

O garoto tinha uma pequena cicatriz acima da sobrancelha esquerda e não devia ter mais do que 13 ou 14 anos, embora já fosse muito alto e forte. A mãe de Emm não permitira crianças abaixo de 16 anos trabalhando nas cozinhas ou em qualquer lugar remotamente perigoso no castelo.

Cas levou-os até o lado de fora, sob a luz do sol. Eles cruzaram os jardins, e o príncipe olhou uma vez para o castelo, como se quisesse ter certeza de que não estavam sendo seguidos. Emm ficou com a impressão de que estavam saindo furtivamente, e ela estava ansiosa para ver como Cas faria isso. Se houvesse um meio de sair sem ser notado, haveria um meio de entrar.

Eles foram até a muralha na parte de trás, e Cas caminhou até uma árvore que Emm já tinha marcado como uma boa rota de fuga. Ele segurou um galho baixo e grosso e se ergueu, subindo até poder pisar no muro.

— Quando você for rei, talvez possa usar o muro, o que acha? — Galo gritou para ele. O guarda ainda estava no chão com Emm.

— Não se minha mãe ainda estiver viva — falou Cas, baixando o olhar para ela. — Você vem?

— Ficarei feliz em ajudar — falou Galo.

Ela estalou a língua.

— Obrigada, mas estou bem.

Ela agarrou o galho e subiu, erguendo-se facilmente por cima do muro. Cas observava alguma

coisa, e ela seguiu seu olhar até o outro lado. Um guarda ergueu a mão.

— Olá, Roberto — falou Cas.

O bigode do guarda se moveu para cima.

— Olá, Alteza. — Ele alcançou a corda perto de seus pés e jogou-a para Cas.

Cas passou a corda para Galo, que havia acabado de subir na árvore. O guarda a amarrou no tronco e acenou, indicando que estava pronto. Cas segurou a corda com ambas as mãos.

Ele apoiou os pés na muralha enquanto descia. Emm percebeu que ele se encolhia ao descer, favorecendo o lado direito. O ombro esquerdo ainda estava doendo por causa do ataque. Ela guardou isso no fundo de sua mente, caso precisasse usar contra ele mais tarde.

Emm segurou a corda quando ele estava no chão e começou a própria descida. Galo a seguiu, e suas botas atingiram o chão com uma pancada. Ele se endireitou e sorriu para o guarda mais velho de pé junto ao muro.

— O aviso de sempre — Roberto ladrou para Galo.

— Sim, eu sei — retrucou o outro guarda. — Vergonha infinita e uma vida de miséria se alguma coisa acontecer ao príncipe Casimir. — Ele deu uma olhada rápida para Emm. — Ou à princesa Mary.

— Também vou lembrá-lo que há pouco houve um atentado contra a vida do príncipe Casimir — falou Roberto.

— Eu vou ficar bem — retrucou Cas, e fez um gesto para Emm. — Eu a trouxe comigo.

Emm mal conseguiu engolir a risada. Era isso que ela era. Protetora do príncipe de Lera.

Roberto apontou para a cidade.

— Vão em frente, então. Se não voltarem até o pôr do sol, vou alertar o rei que vocês saíram.

Quando Cas se virou, Roberto segurou Galo pelo braço e falou alguma coisa que Emm não conseguiu ouvir. Galo fez que sim com a cabeça, com expressão mais séria quando o guarda o soltou.

Emm desceu a colina com Cas. Estava claro e ensolarado, a brisa do mar roçava as folhas das árvores. A grama verde era salpicada com umas poucas árvores espalhadas diante deles, e Cas seguiu até uma estrada estreita de terra.

— Você viu a Cidade Real quando veio? — perguntou, diminuindo o passo para caminhar ao lado dela. Galo caminhava do outro lado, examinando a área em torno deles. Ela nunca tinha visto aquele guarda em ação, mas gostou do fato de ele não manter a mão pousada sobre a espada. Ela poderia facilmente tirá-la dele, se o pegasse de surpresa.

— Não — falou. — A escolta real nos levou por fora da cidade.

A estrada de terra fazia uma curva, e os sons de pessoas conversando e de cascos batendo encheram o ar. Subitamente eles estavam no centro da Cidade Real, e pessoas entravam e saíam de lojas, abrindo caminho pelas ruas.

Emm observou pai e filha atravessando a rua com sacos cheios de comida em seus braços. Ela podia ver um mercado, uma loja de roupas e uma loja de ração próximo ao local em que estava. Carrinhos ladeavam a rua e homens e mulheres vendiam joias, quinquilharias e um pão com cheiro adocicado.

Não havia um lugar assim em Ruína. Mesmo antes do rei Salomir destruir as cidades, elas não eram assim. Uma cidade talvez tivesse três lojas, e não era raro descobrir que todas as coisas tinham acabado no mercado, menos os feijões secos. Ela nunca sequer havia considerado sair escondida para visitar as cidades de Ruína sozinha.

Cas moveu a cabeça, indicando que ela deveria segui-lo. As mãos dele estavam nos bolsos, a camisa branca e fina abanava com o vento contra o peito. Ele não se parecia muito com um príncipe para o público insuspeito, mas os habitantes da Cidade Real deveriam conhecê-lo.

— Alguém já reconheceu você? — perguntou ela, olhando as pessoas que passavam ao redor deles.

— Não. Às vezes recebo alguns olhares, mas ninguém espera que eu esteja simplesmente vagando pela cidade sozinho, então não dão atenção. — Ele parou num carrinho com um guarda-chuva em cima. — Três, por favor.

O homem remexeu no carrinho com uma pinça e retirou três pãezinhos quentes. Colocou cada um num saco de papel separado e esticou a mão aberta para Cas sem lhe dar mais que uma olhada. O príncipe deixou cair algumas moedas na mão dele e pegou os sacos.

— Pão de queijo. — falou ele, estendendo um saco para ela e outro para Galo. — Sempre que você vier à cidade, compre um. É uma regra.

Ela abriu o saco e espiou seu interior; o cheiro de pão fresco subiu pelo ar. Pegou o pãozinho e deu uma pequena mordida. Era macio e fácil de mastigar, com uma pitada de sabor de queijo, e ela deu uma segunda mordida, maior.

— É delicioso — falou ela.

— Fico contente que tenha gostado. Se você não gostasse, o casamento poderia não dar certo. — Os cantos da boca de Cas se torceram.

— Que tragédia. A união entre Lera e Vallos, destruída por causa de um pão de queijo.

Cas deu uma risada e revelou a covinha na bochecha esquerda. Seus olhos brilhavam sob o sol, e foi fácil para Emm esquecer por um momento que ele era príncipe de Lera. Ele estava mais relaxado do que ela já o vira, como se o castelo drenasse metade de sua energia.

— Cas leva a comida muito a sério — falou Galo. O príncipe não piscou ao ser chamado de “Cas” por um guarda.

— Eu não o culpo — falou ela e deu outra mordida em seu pãozinho.

Eles terminaram de comer e Cas os levou pela rua. Emm percebeu que eles nem estavam na parte mais agitada da cidade, pois as multidões e lojas aumentavam conforme eles se

aproximavam da praia. Alguma coisa deve ter deixado Galo nervoso, pois ele murmurou algo para Cas e os três cruzaram para uma parte mais vazia da rua, ladeada com pequenas casas e edifícios.

O mar entrou no campo de visão dos três, e Cas olhou nas duas direções antes de atravessar a ampla rua que separava a cidade da praia. Emm o acompanhou, pisando na areia com uma das botas e, depois, com a outra.

As praias de Vallos e Ruína eram rochosas e frequentemente geladas. Ela nunca tinha visto uma com areia branca, que se estendia até onde ela conseguia enxergar em ambas as direções, e o mar reluzindo sob o sol. Alguns navios estavam parados no porto ao longe, e suas velas balançavam ao vento.

Grupos de pessoas salpicavam a areia, muitos vestidos com roupas estranhas. Os homens trajavam calças curtas e frouxas e camisas sem manga. As mulheres vestiam alguma coisa parecida com vestidos muito pequenos. As bainhas mal alcançavam o meio das coxas e seus braços estavam totalmente nus. A mãe de Emm gostava da moda de expor a pele — a garota se lembrou do vestido com um decote que ia até o umbigo —, mas isso teria erguido a sobrancelha até mesmo de Wenda Flores. E logo depois ela teria encomendado um daqueles para ela.

Cas tirou os sapatos e as meias e os deixou na areia como se não se importasse se alguém se aproximasse e pegasse, e Emm fez a mesma coisa. Galo continuou calçado e ficou para trás enquanto eles se aproximavam do mar. Caminharam até a água fria cobrir seus pés, e Emm encolheu os dedos sobre a areia.

— Posso perguntar uma coisa? — pediu Cas.

— Claro.

— Por que você não trouxe ninguém? Amigos, criadas ou guardas? Se eu estivesse saindo de casa, ia querer trazer quantas pessoas fosse possível.

— Não sobraram muitas pessoas — falou ela, forçando os olhos na direção do mar. — Meus pais morreram. Um monte de gente que conheci foi morta depois que os ataques a Ruína começaram.

— E seus pais nunca tiveram filhos além de você, correto?

— Não. — Ela mentiu e sentiu uma pontada aguda atravessar o peito ao pensar em Olivia. — Minha mãe queria ter mais, mas não conseguiu. Se dependesse dela, eu teria dez irmãos e irmãs.

— Era solitário? — perguntou ele.

— Algumas vezes. Foi difícil não ter ninguém que realmente entendesse como era a minha vida por perto. Entende? — Ela olhou para ele em busca de confirmação, e Cas fez que sim com a cabeça. — Mas minha mãe trazia outras crianças da noss... da minha idade para o castelo, então sempre tinha alguém com quem brincar. Dois garotos se tornaram meus melhores amigos. Aren é um deles, na verdade.

— Apenas amigos?

Ela o encarou. Sua voz parecia intencionalmente irreverente, e ela se perguntou pela primeira vez se ele tinha ciúmes de Aren.

— Sim, apenas amigos — falou ela com sinceridade. — Ele é como um irmão.

— Ah.

— Você não achou que eu traria um garoto por quem estou apaixonada para me ver casar com outra pessoa, achou? — perguntou ela, dando risada.

Ele deu de ombros, e sua expressão era um pouco encabulada por ter sido pego.

— Acho que não.

— Uma vez a gente tentou se beijar. Tínhamos treze anos. Nenhum de nós conseguiu parar de rir por tempo suficiente para realmente continuar.

— Você deixou alguém para trás? — perguntou Cas. — Alguém que amava, quero dizer.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Você quer mesmo saber isso?

— Claro. Você pode me dizer a verdade.

— Não tem ninguém. — O rosto de Damian passou diante dos olhos dela. — Eu tive um amigo que queria ser algo mais, mas nunca se transformou em nada. Minha mãe ficou muito desapontada comigo, acho.

— Por quê? Ela gostava dele?

— Todos gostavam. Ele era de uma família poderosa, mas ainda era o melhor amigo de todo mundo. O tipo de cara que nunca esquecia um nome. Sempre fazia todo mundo se sentir especial. Teria sido um bom casamento, mas a minha mãe não me obrigou.

Ela não sabia por que tinha contado aquela história sobre Damian, mas a expressão de Cas se iluminou quando ela falou. Talvez Emm ficasse tentada a lhe contar todas as histórias, se ele olhasse para ela desse jeito.

Ela deu um passo bem pequeno para se afastar dele. Era mais fácil pensar quando ele não estava perto o suficiente para tocar, e ela precisava usar esta oportunidade para obter informações sobre as defesas de Lera.

A garota apontou para uma torre redonda e alta ao longe, na beira da praia.

— Aquela é sua defesa costeira?

Cas assentiu.

— Aquelas torres estão espalhadas pela costa, embora tenham três apenas nesta área.

— Vocês tiveram alguma ameaça desde a última guerra com Olso? — perguntou ela.

— Não. Um navio de Olso foi visto alguns anos atrás, mas quando falaram com a tripulação, eles disseram que estavam fora do curso. Deram meia-volta quando o guarda na torre disparou um aviso. Assim que o aviso é disparado, as tropas imediatamente saem do castelo e dos

arredores. Quando o navio aporta, há um exército pronto para eles.

Ela apontou para os navios no porto.

— De onde eles vêm?

— Vallos e Ruína.

— Vocês têm muitos navios chegando de Ruína? — perguntou.

— Temos pessoas lá, trabalhando nas minas de carvão. Os criminosos que não servem para serem caçadores são enviados para lá.

— Os caçadores são criminosos? — Ela quis saber.

— Sim. Não tínhamos voluntários suficientes, então meu pai mandou a maior parte da população da prisão.

— Eles tiveram escolha?

— Não. E meu pai usou a população inteira da prisão, mesmo os trombadinhas e pessoas que estavam ali há poucos meses. Ele promete perdão a todos, mas sem data final para o serviço. Simplesmente oferece dinheiro a eles para cada habitante de Ruína morto e os manda para lá.

Ela não tinha espaço dentro de si para sentir compaixão pelos caçadores, mas talvez os compreendesse pela primeira vez. Talvez eles estivessem tão presos nas circunstâncias quanto ela estava.

— Não admira que queiram matar você. — Ela olhou por cima do ombro. Eles estavam a sós, a não ser por Galo a alguns passos de distância. — Pensando bem, eu deveria ter trazido minha espada. Devem ter algumas pessoas por aí realmente querendo isso.

— Ah, algumas? — Ele parecia estar tentando não sorrir.

— Tenho certeza. Poderiam tentar me matar por simplesmente estar perto de você. Talvez você devesse manter uma distância maior entre nós? — Ela deu um salto para longe dele e um sorriso tomou conta de seu rosto quase contra sua vontade.

Ele deu risada.

— Acho que prefiro ter você por perto.

Cas ofereceu a mão para ela, e a respiração de Emm ficou presa na garganta quando a garota percebeu que queria pegá-la.

— Quer caminhar? — perguntou o príncipe.

Emm deslizou a mão para a dele e, quando ele entrelaçou os dedos dos dois, o corpo traidor dela corou por inteiro. Emm abaixou a cabeça, fingindo não notar as ondas de felicidade que explodiam em seu peito.

DOZE

CAS ACORDOU E SENTIU que alguém empurrava seu ombro; ele rolou para o lado e apertou os olhos com força por causa da luz súbita. Seu pai estava ao lado da cama e segurava uma lanterna no quarto escuro como breu.

— Levante-se — falou o rei. — Quero que você veja isso. — A luz bruxuleou para longe de seu rosto, e o príncipe pôde ver a boca de seu pai apertada em uma linha fina e sombria.

Cas se apressou em sair da cama e não fez perguntas.

Ele vestiu a calça e a bota, e seguiu o rei para fora do quarto. O castelo estava silencioso enquanto eles caminhavam rapidamente pelo corredor até a escada.

Alguns guardas esperavam na porta principal, incluindo Galo. Eles formaram um círculo ao redor do rei e do príncipe enquanto passavam pela porta e iam para o ar frio da noite.

Cas olhou para o rosto tenso do pai. Eles não se falavam desde a reunião com os guerreiros, na semana anterior, mas ele tinha a sensação de que a expressão séria do rei não tinha muito a ver com isso.

Eles andavam tão rápido que estavam praticamente correndo. Passaram pelo portão principal, onde os cavalos esperavam, e Cas montou em um deles para acompanhar o pai na direção leste, longe da Cidade Real. Os cavalos trotavam.

Eles cavalgaram por uns poucos minutos antes que o brilho de algumas tochas iluminasse o céu noturno. O rei diminuiu a velocidade, então parou e desmontou do cavalo. Cas e os guardas fizeram o mesmo.

Seu pai fez um gesto para que ele se aproximasse, e o príncipe mudou de direção para acompanhá-lo enquanto seguiam até as tochas. Um grupo maior de guardas cercava alguma coisa que Cas ainda não conseguia ver. Quatro homens de uniforme preto e cinza dos caçadores estavam com os guardas.

— Pegamos um deles — falou o rei. — Um dos habitantes de Ruína tentando entrar em Olso.

Cas respirou fundo e voltou sua atenção para o círculo de guardas, na esperança de ver um lampejo. Ele nunca tinha visto um habitante de Ruína antes.

— Vamos levá-lo para ser interrogado no castelo, mas não enquanto ele estiver com força total. Não é seguro. Quero que você veja do que são capazes.

— Como vocês vão enfraquecê-lo? — perguntou Cas.

— Um habitante de Ruína pode usar apenas uma quantidade limitada de poder antes que ele comece a enfraquecer. Quanto mais poder você extrai, mais fraco ele fica.

No mesmo instante Cas desejou ter levado a espada. Foi idiotice sair correndo do quarto sem pegar primeiro a arma. Seu pai tinha uma no quadril.

O círculo de guardas se abriu quando eles se aproximaram e revelou um jovem no meio. Ele estava sentado no chão, com as mãos amarradas atrás das costas. Estava todo vestido de preto, com manchas de poeira na calça e na camisa. Ele tinha um pequeno corte sob um dos olhos, mas fora isso não estava machucado. Seus braços eram cobertos de marcas intrincadas, e Cas forçou a vista para ver melhor. Ele sempre tinha imaginado que as marcas de Ruína eram feias. Mas as marcas do rapaz tinham uma cor um pouco mais clara que sua pele bronzeada; uma série de linhas finas que envolviam sua pele como um conjunto de vinhas complicadas. Eram mais artísticas do que feias.

— Ele ainda não falou, Majestade — observou um dos guardas para o rei.

O rapaz se empertigou e olhou do rei para o príncipe. Ele se concentrou em Cas e franziu as sobrancelhas.

Ele olhava para Cas como se estivesse considerando a melhor maneira de matá-lo. O príncipe realmente desejou ter uma espada.

— Ele vai falar — retrucou o rei. — Mas não é com isso que me preocupo no momento. — Ele franziu a testa para o filho. — Apoie os pés e olhe para as árvores.

Expectativa e medo se agitaram no peito de Cas. Ele acenou solenemente com a cabeça. O rapaz ainda o encarava, e ele fingia não notar. Galo parou ao lado dele, com a espada desembainhada.

— De pé — falou um guarda para o rapaz, chutando-o na lateral do corpo. O desconhecido o fitou com expressão séria e ficou de pé lentamente. Ele era jovem, talvez tivesse a mesma idade de Cas.

O guarda deu um soco no estômago do rapaz e o barulho que fez ao puxar o ar ecoou através das árvores. O vento soprou o cabelo de Cas nos olhos e ele o afastou enquanto o guarda dava um soco no rosto do garoto.

— O que ele está fazendo? — Cas perguntou em voz baixa para o pai.

— Está deixando o rapaz zangado.

O jovem de Ruína cambaleou para trás e caiu no chão com uma pancada. Outro guarda o ergueu para que ele ficasse novamente de pé, arrastando-o de volta ao centro do círculo.

Outro sopro de vento cruzou o rosto de Cas, desta vez com mais força do que o último. Um caçador deu um passo à frente e retirou uma adaga do cinto. Ele ergueu a mão para o guarda, indicando que devia parar.

— Tem que ser mais duro com este aqui. Ele tem um bom controle. — O caçador pegou o rapaz pelo braço e cortou as cordas que o amarravam com um movimento rápido da faca. Então puxou uma das mãos do garoto.

E cortou um dos dedos do rapaz.

Um grito rasgou a noite, e o corpo inteiro de Cas ficou frio. O sangue pingava da mão do

rapaz, e seu rosto estava contorcido por causa da dor.

O chão começou a tremer.

Cas cambaleou, estendendo os braços para se equilibrar. Uma comprida rachadura abriu a terra bem no meio de suas pernas e ele rapidamente pulou para o lado. Um dos guardas segurou seu braço e o manteve equilibrado enquanto o chão se movia.

— Olhem para cima! — gritou alguém, e Cas girou para ver a árvore bem ao lado do rapaz se inclinar perigosamente para a esquerda. Alguns poucos caçadores saíram com dificuldade do caminho enquanto as raízes eram arrancadas da terra. O tronco bateu no chão e por pouco não acertou um dos homens. Outras duas árvores rapidamente a seguiram.

O rapaz tentou correr, mas um dos guardas o agarrou pelas costas. Outro lhe deu um soco no rosto. A terra se erguia do chão como se uma mão invisível a pegasse. O habitante de Ruína olhou com expressão séria enquanto jogava a terra no rosto de alguns guardas.

Cas girou, sacudindo o braço para se livrar do guarda que ainda o segurava. O rei estava parado diante dele. Atrás, Cas ouviu uma pancada alta, seguida de um gemido do rapaz. O chão se remexeu novamente, embora não com tanta força quanto da primeira vez.

— Imagine se você estivesse sozinho com ele — falou o rei, apontando para a árvore caída. — Veja do que ele é capaz.

Veja o que ele fez porque você o torturou. O pensamento o atingiu com tanta força que ele ficou enjoado.

— Quem é esse garoto? — perguntou Cas baixinho. Ele queria que o pai lhe dissesse que era um dos piores homens de Ruína. Que explicasse que ele havia matado pessoas inocentes. Talvez ele estivesse no grupo que matou os pais de Mary.

— Você ouviu — falou o rei e fez um gesto para os guardas. — Ele não disse nada. Mas em breve vamos descobrir quem ele é e por que estava cruzando para Olso.

O temor encheu o peito de Cas e ele desviou os olhos do pai.

Era isso que os caçadores faziam em Ruína e Vallos? Eles perseguiram e torturavam os habitantes de Ruína? E os matavam?

Claro que faziam. Cas sabia disso. Ele soubera desde que seu pai deu a ordem. Mas vê-los em ação era diferente.

Seu pai deu um passo para mais perto dele.

— Se Olso se aliasse ao povo de Ruína, seria terrível para nós. Você entende isso, Casimir? A combinação das capacidades militares de Olso com os poderes dos habitantes de Ruína poderia nos destruir.

— Eles disseram que não sabiam que as pessoas de Ruína estavam indo para Olso — retrucou Cas. — O senhor acha que estavam mentindo?

— Sim. — O rei passou uma das mãos pela barba. — Sempre suponha que todos estão mentindo. Não confie em ninguém, a não ser nos que estão mais próximos. Você tem uma tendência a ver o bem nas pessoas, e eu admiro essa sua atitude, mas isso vai destruir você. Juro que vai.

A cabeça de Cas estava começando a latejar e os gritos do rapaz não ajudavam. Os sopros de vento em seu rosto ficaram mais suaves conforme drenavam o poder dele.

— O que o senhor vai fazer se ele admitir que colaborou com os guerreiros? — perguntou Cas.

— Planejaremos um ataque. Nós já derrotamos Olso, e faremos isso de novo. Não podemos simplesmente nos permitir sermos pegos desprevenidos.

Cas olhou por cima do ombro para o rapaz. Ele estava no chão, a mão machucada aninhada no peito. Seus olhos se agitavam e um gemido escapou de seus lábios.

— Entendi. Mas este é o melhor meio? — Ele baixou a voz, incapaz de ignorar as perguntas que sempre quis fazer no último ano. — Matar os habitantes de Ruína é o único meio?

— Quando você tiver um plano melhor, por favor, compartilhe. Estarei ansioso para ouvir. — O rei caminhou de volta a seu cavalo e fez um gesto para uns poucos guardas o acompanharem.

Cas ouviu uma risada atrás de si e, ao se virar, flagrou um caçador com a adaga parada sobre a outra mão do rapaz de Ruína. O garoto tinha fechado os olhos com força enquanto esperava perder outro dedo.

— Pare! — gritou Cas. O caçador se afastou com um sobressalto e quase soltou a arma. — Ele já teve o suficiente.

Todos os guardas se concentraram em alguma coisa atrás dele, e Cas olhou por cima do ombro e viu seu pai, montado no cavalo, observando.

— Você o quer vivo, correto? — perguntou Cas. Seu pai lhe deu uma olhada que não era exatamente de desaprovação, mas também talvez não fosse de apoio. Ele virou o cavalo na direção do castelo e três guardas o seguiram.

— Como vocês o transportaram até Lera? — Cas perguntou ao caçador mais próximo.

— Na carroça — respondeu o homem, apontando para a escuridão. — Não está tão longe, naquela direção.

— Ponha o rapaz nela e traga-o para o castelo. Suponho que vão levá-lo para as celas na alameda sul? — Ele duvidava de que seu pai deixasse um habitante de Ruína dar um passo dentro do castelo.

O guarda assentiu.

— Essas são as ordens.

— Encontrarei vocês lá. — Cas montou no cavalo, e Galo e outros guardas o acompanharam de volta ao castelo.

Ele deixou o animal no portão e caminhou no escuro até a alameda sul. Os eventos esportivos

e ao ar livre aconteciam ali, mas havia uma pequena prisão subterrânea na outra extremidade da propriedade, que era usada para abrigar os prisioneiros mais perigosos, aqueles que não iriam querer que dormissem embaixo do castelo.

Os caçadores levaram a carroça direto para a alameda sul, e um deles praticamente teve que carregar o habitante de Ruína quando o tiraram do veículo.

Galo segurou a maçaneta da porta no chão e abriu. Ele foi o primeiro a pular, e Cas o acompanhou escada abaixo até as celas subterrâneas. Estava um breu, mas o espaço estreito se encheu de luz quando Galo acendeu a primeira lanterna.

Eram cinco celas enfileiradas do lado esquerdo de Cas, todas vazias. Havia um corredor entre as celas e o muro, e duas cadeiras em cada extremidade do cômodo, para os guardas.

Alguns guardas desceram a escada, e Cas foi até a extremidade oposta quando os caçadores arrastaram o habitante de Ruína pelos degraus. Eles o jogaram na primeira cela, sem a menor delicadeza. O rapaz bateu no chão com as mãos e os joelhos, e Cas observou a mão esquerda suja e o dedo mindinho que faltava.

— Alguém pode trazer alguma coisa para limpar o ferimento dele? — perguntou Cas. — E ataduras?

Um dos caçadores lhe lançou um olhar confuso.

— Não sei por quanto tempo meu pai quer ele vivo — explicou Cas. — Você quer que ele morra de infecção?

— Sim, Alteza — falou o guarda, que deu meia-volta para sair.

— Vocês podem ir. — Cas dispensou os quatro caçadores que se amontoavam em volta da cela. — Obrigado.

Eles desapareceram escada acima, deixando apenas Galo e três outros guardas. Cas foi até a porta aberta da cela e se recostou nela.

— Talvez devêssemos fechar a porta, Alteza — falou um dos guardas.

— Depois que eu limpar o ferimento dele. — Ele esticou a mão. — Mas posso ficar com uma espada?

Um guarda retirou a arma de seu cinto e a entregou a Cas, que a pegou e se virou para o rapaz de Ruína. Ele se empertigou, apressando-se para se recostar contra a extremidade da pequena cama no canto. Um dos olhos estava começando a fechar por causa do inchaço e ele ergueu a cabeça para encontrar o olhar de Cas.

— Qual é o seu nome? — perguntou o príncipe.

O rapaz não respondeu.

— Eu sou Casimir, príncipe de Lera. — Ele esperou que o outro dissesse o próprio nome, mas ele continuou em silêncio. — Quantos anos você tem?

— Cento e dois. — O rapaz deu um sorriso torto. — Eu aprendi a viver eternamente e manter

a boa aparência.

— Sério? — perguntou Cas, fingindo surpresa. — Meu pai ia adorar conversar com você sobre isso.

Um dos guardas bufou atrás de Cas, e o rapaz de Ruína olhou para o príncipe como se não soubesse bem se era uma piada.

— Um nome? — insistiu Cas. — Apenas o primeiro nome, para eu saber como chamar você.

— Pode me chamar de rapaz de Ruína — falou ele, encostando a cabeça na cama. — Não tenho vergonha disso.

Passos soaram na escada, e o guarda que havia saído reapareceu com um balde de água, uma toalha limpa, ataduras e uma pequena lata prateada. O guarda hesitou, pois não queria entrar na cela, e Galo estendeu as mãos para pegar os itens.

— Deixa que eu faço isso. — Ele pegou todas as coisas do guarda e entrou na cela, passando por Cas e colocando o balde e a lata no chão. Mergulhou a toalha na água. — Estenda a sua mão.

O rapaz hesitou, dando uma olhada nos dedos ensanguentados.

— Vai doer, mas não vou fazer nada para piorar de propósito — falou Galo.

O outro rapaz lentamente esticou a mão e se encolheu quando Galo começou a limpar.

— Isto é raiz de berol — explicou Galo enquanto pegava um pouco de pomada preta da lata com a toalha. — Vai ajudar a fechar o ferimento sem infecção. — Ele delicadamente aplicou a pomada sobre o toco onde antes ficava o dedo mindinho do rapaz.

— Não íamos querer que infeccionasse antes de você me matar — falou o garoto de Ruína por trás dos dentes semicerrados.

— Se você disser ao meu pai o que ele precisa saber, talvez a gente possa encontrar um meio de poupar a sua vida — falou Cas.

O outro deu uma gargalhada oca.

— Como me manter prisioneiro para o resto da vida? Não, obrigado.

Ele não estava errado, por isso Cas ficou quieto. Seu pai nunca ia simplesmente soltar um dos habitantes de Ruína, mesmo que ele não tivesse feito nada de errado.

Cas esfregou a mão na testa, assimilando o peso daquelas palavras. *Mesmo que ele não tivesse feito nada de errado.*

Galo enrolou a mão do rapaz nas ataduras e se levantou, recolhendo os suprimentos restantes. Cas deu um passo para trás e um dos guardas fechou a porta da cela.

— Dois guardas devem ficar aqui com ele — ordenou Cas. — Ele deve ter água e três refeições por dia.

— Sim, Alteza — murmuraram os guardas.

Cas olhou para o rapaz e o viu observando, as sobrancelhas franzidas.

— Vou descer frequentemente para dar uma olhada em você — falou. — Não tratamos mal nossos prisioneiros em Lera, sejam ou não de Ruína. — Ele olhou por cima do ombro para os guardas. — Por favor, lembrem aos outros guardas disso.

— Mal posso esperar para ser tratado bem até a hora de você cortar a minha cabeça, Casimir — falou o rapaz, puxando os joelhos para mais perto do peito e passando o braço bom por cima deles.

Cas queria perguntar como era a vida em Ruína. Quem ele havia matado. Se ele mataria todos no recinto, caso tivesse a chance. Se ele odiava todos que não eram de Ruína, e se ele sempre havia se sentido assim ou se o pai de Cas causara isso.

Mas o que quer que ele dissesse para o rapaz seria provavelmente repetido no castelo inteiro pelos guardas.

— As pessoas me chamam de Cas — falou ele. — E eu preferia não chamá-lo de rapaz de Ruína. Preferia usar o seu nome.

Os olhos do outro brilharam com raiva e uma minúscula sugestão de interesse. Ele sustentou o olhar de Cas até quase o ponto do desconforto, como se estivesse testando o príncipe para ver o quanto ele realmente queria saber.

— Damian — falou afinal. — Meu nome é Damian.

TREZE

EMM SAIU CORRENDO DO quarto e a porta bateu atrás dela. Uma criada observou do corredor, assustada, enquanto a garota passava por ela e seguia para as escadas.

Eles haviam capturado uma pessoa de Ruína. As notícias correram por todo o castelo pela manhã, de acordo com Davina. Ele era mantido numa cela na alameda sul e fora o único capturado vivo por tempo suficiente para passar informações ao rei.

Seu coração batia forte quando ela chegou ao primeiro degrau. Era muito provável que conhecesse o homem capturado, pois não sobraram muitos. Será que ele revelaria o segredo sobre o pacto com Olso? E, se não falasse, será que ela teria que acompanhá-lo e observá-lo morrer ou arriscar a revelação de seu disfarce?

O castelo estava começando a se animar para a manhã e ela se esgueirava pelos cantos para evitar a rainha e algumas damas que cruzavam o átrio. Emm se dirigiu para os fundos do castelo e abriu uma porta que dava para a ala oeste. Os aposentos dos guardas ficavam nesta ala, e dois ou três deles se empertigaram quando ela passou pela porta.

— Vocês viram Aren? — perguntou.

— Vou chamá-lo para a senhora, Alteza — falou um dos guardas, trotando pelo corredor. Ele bateu numa porta, e Aren enfiou a cabeça para fora instantes depois. Ele saiu do quarto, abotoando a camisa azul enquanto caminhava. Ela pôde perceber pela expressão dele que já tinha ouvido as notícias.

Emm moveu a cabeça, indicando que ele deveria acompanhá-la. Aren seguiu atrás dela através do castelo até os jardins. Eles caminharam entre as flores no centro das sebes altas, para longe de ouvidos curiosos.

Ela deu uma olhadela rápida ao redor, antes de encarar Aren e baixar a voz de tal modo que mal se ouvia um murmúrio.

— Você ouviu algum nome? — perguntou. — Eles falaram?

— Os guardas para os quais perguntei não sabiam. E eles não querem guardas descendo até lá a menos que seja o turno deles. Posso me apresentar para um turno, mas achei melhor esperar o momento certo.

Ela engoliu a onda de pânico.

— Se ele contar que os habitantes de Ruína estão colaborando com os guerreiros...

— Ele não vai — interrompeu Aren.

— Nós nem sabemos quem foi que pegaram.

— Isso não significa que a pessoa nos trairia. Não tem nada que o rei possa dizer ou fazer que o faria querer falar. Você falaria se fosse capturada?

Ela passou as mãos pelo cabelo com um suspiro.

— Claro que não. Eles me matariam assim que tivessem as informações.

— Exatamente. Não importa quem seja, também sabe disso. Mas, por precaução, não desça até lá. Não queremos que ele a reconheça e use isso para chantagear você.

— Quais são as nossas chances de resgatá-lo?

— Não são boas — falou Aren, esfregando a parte de trás do pescoço. — Mas talvez você possa convencê-los a não executá-lo por enquanto. Se conseguir ganhar tempo, talvez ele tenha uma chance.

— Posso tentar.

— Estão dizendo que Cas estava lá na noite passada.

— Bom. Vou atrás dele. Avisarei se descobrir quem é.

— Tome cuidado — advertiu Aren. — Não estrague seu disfarce por causa disso. Se a gente tiver que deixar um dos habitantes de Ruína morrer... — Ele ergueu os ombros. — Então temos que deixar que morra. É uma infelicidade, mas tem coisas mais importantes em jogo aqui.

Ele olhou alguma coisa atrás dela. Quando Emm virou, notou Íria, que cruzava os jardins com uma expressão sombria no rosto.

— Vocês deveriam protegê-los! — Emm sibilou assim que Íria se aproximou. — Por que tem uma pessoa de Ruína naquela cela?

Íria puxou uma mecha de cabelo e enrolou no dedo.

— É Damian.

O coração de Emm parou de bater. Todos os sons do jardim desapareceram e foram substituídos por um zumbido alto nos ouvidos, como se um milhão de insetos tivesse descido ao redor da cabeça dela de uma vez.

Damian nunca falaria. Mesmo sabendo o maior segredo, o segredo de Emm, ele nunca daria ao rei informação alguma.

Mas ele ia morrer.

— Como sabe disso? — perguntou Aren.

— Cas foi até lá. E ouviu o nome de sua boca. Koldo ouviu de um dos guardas.

— O quê? — Emm praticamente gritou.

A habitual expressão presunçosa de Íria deu lugar a uma máscara de irritação.

— Você poderia manter a sua voz baixa? Quer que eles joguem você naquela cela com ele?

Sim. Ela queria. O lugar dela era ali e não casada com o príncipe que tinha posto Damian naquela cela.

— Como foi que Cas tirou isso dele? — Emm perguntou, baixando a voz. — Eles o torturaram?

— Sim. O rei e Cas o torturaram na noite passada para enfraquecê-lo, pelo que entendi.

A raiva ferveu em suas veias. No fim das contas, Cas era exatamente igual ao pai. Ela sabia disso, mas, ainda assim, sentiu uma pontada bem pequena de decepção.

— Estamos protegendo os habitantes de Ruína, mas... — começou Íria.

— Então por que Damian está prestes a ser executado? — interrompeu Aren.

— Nós estamos ajudando centenas de habitantes de Ruína em Olso. O fato de que somente um tenha sido capturado, na verdade, é um bocado impressionante.

Emm fechou os dedos num punho, pensando seriamente em dar um soco no rosto de Íria.

— Sinto muito que tenha sido seu amigo — emendou a outra garota, erguendo as mãos como se soubesse o que Emm estava pensando. — Mas você precisa se acalmar. Você parece arrasada. Mary não ficaria arrasada com a captura de um habitante de Ruína.

— Ele não é apenas nosso amigo, ele é o atual líder do nosso povo — explicou Aren. — O que os habitantes de Ruína vão fazer sem ele?

— Vão continuar cruzando para Olso, como foi ordenado — falou Íria. — Apenas porque ele não está lá não quer dizer que tudo vai ruir. Eles sabem o que fazer. Neste momento, é mais importante vocês ficarem calmos e não se entregarem.

Aren olhou para Emm com uma expressão de dor, como se doesse fisicamente concordar com Íria. Ela tinha razão, claro. Mary não ia se importar nem um pouco com um habitante de Ruína capturado. Na verdade, provavelmente ela desceria até lá e o mataria.

— Os habitantes de Ruína mataram os pais de Mary. Ela ficaria ao menos um pouco incomodada por ter um no castelo — falou Emm. — Talvez eu possa usar isso como desculpa para conversar com Damian. Dizer que quero descobrir se ele foi um dos que matou os pais de Mary?

— Ou eu posso tentar ir até lá. — Aren franziu a testa, refletindo sobre a questão. — Talvez eu consiga descobrir um meio de tirá-lo dali.

— Talvez — falou Íria. — Mas eu não faria isso se prejudicasse o nosso plano.

É uma infelicidade, mas tem coisas maiores em jogo aqui. As palavras que Aren havia dito alguns minutos atrás passaram pela mente de Emm e dava para ver que o garoto também estava pensando nelas. Era diferente quando eles não sabiam quem era. Quando não era o melhor amigo deles.

— Vamos pensar em alguma coisa — falou ela com firmeza. — Não vamos deixar Damian morrer.

Cas não foi encontrado em parte alguma naquela manhã, nem durante a tarde. Ninguém tinha visto o príncipe, e parecia que Galo também havia desaparecido. Eles deviam ter saído às escondidas de novo.

Ela passou a tarde dando voltas pelo castelo, na esperança de esbarrar em Jovita ou no rei e na

rainha, mas eles ficaram atrás de portas fechadas durante o dia todo. De qualquer forma, ela não tinha certeza se queria pedir a eles permissão para ver Damian. Ela tinha mais chance com Cas.

A criada a fez esperar no gabinete do príncipe depois que a encontraram caminhando em frente à porta dele pela quinta vez. Ela se sentou numa cadeira de canto e ficou olhando as fileiras de livros.

Quando o sol estava se pondo na janela atrás de Emm, Cas finalmente passou pela porta. Estava descalço e trazia um livro. Quando a viu, uma expressão de surpresa cruzou o rosto do rapaz.

Ela ficou de pé com um sobressalto, baixando os olhos para os nós dos dedos dele. Claro que não estavam machucados. Não importa o que tivessem feito a Damian, eles tinham guardas para fazer por eles.

Ela mal evitou uma careta, indignada.

— Espero que você não se importe por eu ter esperado — falou ela.

— Nem um pouco. Eu estava lendo no andar de cima. Precisava de algum tempo para pensar.

— Ele pousou o livro na mesa, enfiando as mãos nos bolsos.

— Ah. Eu procurei você por toda parte.

— É uma sala oculta lá em cima. Vou te mostrar qualquer hora. — Ele sorriu. — Você precisava de alguma coisa?

— Ouvi falar sobre o rapaz de Ruína que vocês capturaram. Você o viu?

Lentamente, ele fez que sim com a cabeça, e uma emoção que ela não conseguiu identificar passou por seu rosto.

— O qu... o que aconteceu? Por que ele está aqui?

— Meu pai quer informações.

Ela entrelaçou os dedos; seu estômago estava se revirando. Que tipo de tortura eles tinham infligido em Damian?

— Não se preocupe, você está segura — falou Cas. — Estamos drenando o poder dele.

— Você vai vê-lo? — perguntou ela. Talvez ela pudesse casualmente acompanhá-lo.

— Não. Temos aquele jantar hoje à noite.

— Jantar?

— Meu pai quer fazer uma comemoração para os caçadores antes de mandá-los de volta. — Ele fez um gesto para o próprio ombro, onde Emm mal conseguia distinguir uma atadura por baixo da camisa branca. — Está tentando acalmá-los para que não tentem me matar.

Ela tinha esquecido completamente sobre o estúpido jantar e soltou um longo suspiro.

— Acho que eu deveria me vestir.

— Encontro você do lado de fora do seu quarto em meia hora, pode ser? — Os lábios de Cas se curvaram para cima. Rapidamente ela deu meia-volta, se perguntando se seria capaz de evitar

olhar para ele pelo restante do tempo no castelo. Não era justo que uma pessoa tão terrível tivesse aquele sorriso.

— Meia hora — falou ela ao sair apressada do cômodo.

Davina a ajudou a pôr um vestido vermelho com uma fenda em uma das pernas que quase chegava ao quadril, então puxou algumas mechas do cabelo da garota para trás em tranças finas. O restante do cabelo estava solto. A criada passou pó em suas bochechas e esfregou um creme de cor vermelha forte em seus lábios.

— Isso — falou ela, dando uns passos para trás para admirar seu trabalho. — Você está adorável. A rainha ficará muito feliz.

Emm suspirou. Ela *estava* adorável, mas sentia vontade de esfregar um pouco de sujeira no rosto simplesmente para provocar a rainha.

Cas apareceu na porta dela bem na hora, e seus olhos a fitaram de cima a baixo enquanto ela saía de seus aposentos. Os dedos dele roçaram em seu punho, fazendo faíscas subirem pelo braço de Emm, e ela quase se afastou com um movimento brusco.

— Você está linda. — Parecia que ele queria pegar a mão dela, então ela rapidamente cruzou os braços à frente do peito e começou a andar pelo corredor.

Eles chegaram no salão de baile, e o jantar já estava muito animado. Os caçadores estavam sentados com o rei, a rainha e Jovita na mesa comprida à frente, e a pista de dança estava cheia de risos e energia conforme as pessoas giravam e se balançavam.

Emm observou os caçadores com cuidado ao caminhar ao lado de Cas até a mesa. Ela quase nunca se deparou com um caçador que não viu a ponta de sua espada, mas alguns escaparam. Não reconheceu nenhum deles, e era improvável que eles a tivessem reconhecido também. Não com aquele vestido, aquele batom e um príncipe de braços dados.

Jovita apresentou os quatro homens quando Emm se sentou, Cas de um lado da princesa e um jovem caçador, chamado Roland, de outro. Roland tinha apenas dois alfinetes no casaco e, por sorte, parecia mais interessado em esvaziar seu copo de vinho o mais rápido possível do que em conversar com ela.

Ela deu uns goles no próprio vinho, deixando o líquido aquecer suas veias e acender um fogo em seu estômago. Aren estava de pé, no canto oposto do cômodo, vestido com seu uniforme da guarda de Lera. Sua expressão era vazia, mas ela sabia que era apenas porque ele lutava para manter as emoções sob controle. Ele podia torcer os pescoços da maior parte da família real simplesmente olhando para elas. Emm estava tentada a dizer a ele para fazer isso.

— Anime-se, Roland! — Um dos caçadores, Emm achava que era Willem, falou e deu um tapinha nas costas do jovem caçador.

Roland tomou mais um gole do vinho e passou a mão na boca.

— Estou animado por dentro.

Emm engoliu em seco seu desprezo por todos eles e congelou um sorriso em seu rosto.

— Como estão as coisas lá fora? O rei falou que os habitantes de Ruína estão tentando cruzar para Olso, não é? — Essa era a última coisa sobre a qual ela queria conversar, mas seria útil ouvir a perspectiva dos caçadores. Descobrir o tamanho do problema no qual o povo dela se meteu.

— Nós continuamos a vê-los perto da fronteira — falou Willem. — Matamos alguns antes de sabermos que o rei queria interrogar um deles.

— A maioria está fugindo de nós — resmungou Roland.

Willem lhe lançou um olhar severo.

— Uma hora vamos rastreá-los, Alteza.

— Vocês vão voltar lá em breve? — perguntou ela, torcendo para que a resposta fosse sim.

— Vamos embora amanhã cedinho — falou Willem. Ele pegou uma coxa de galinha quando o criado pôs uma bandeja diante dele. — Alguns dos guardas vão ter que assumir o interrogatório do rapaz que nós capturamos.

— Melhor eles que nós — resmungou Roland.

— Você vai se acostumar com isso. — Willem deu uma risadinha, e Emm baixou os olhos para as fileiras de alfinetes dele. Onze... não, doze. — Eu dei aos guardas algumas dicas. Disse para cortarem a mão inteira da próxima vez, e não apenas um dedo. Eles descubrem de quantos dedos precisam, cortar alguns não tem tanto efeito. Mas tirar a mão toda... — Ele ergueu o punho e o abaixou rapidamente, como se cortasse uma das mãos — ... os pega de surpresa. Cria pânico real, e então ele vai começar a falar.

O cômodo começou a girar, e ela sabia que estava prestes a perder o controle.

Não. Não prestes a perder. Ele já se fora.

— Que bom que você consegue falar de modo tão casual sobre torturar outro homem — interrompeu ela. — Você deve ter muito orgulho do rastro de corpos que deixou para trás.

Pelo canto do olho, ela viu a cabeça de Cas se movendo rapidamente na direção dela. O sorriso de Willem desapareceu, e Roland resmungou alguma coisa que ela não conseguiu entender e ergueu o copo diante dele.

Rapidamente ela se pôs de pé, com a bile subindo à garganta. Saiu correndo da mesa tão rápido que quase tropeçou no vestido. Ela teve que tirar o tecido dos pés enquanto empurrava as portas do salão de baile.

— Mary! — chamou Cas atrás dela. Passos soaram contra o chão e logo ele estava ao lado dela, os dedos envolvendo seu braço levemente. — Espere, por favor.

Os olhos dela tinham ficado cheios de lágrimas, mas, de qualquer forma, ela parou e se virou para ele. A expressão de Cas suavizou.

— Você está bem? O que lhe disseram?

Ela balançou a cabeça e piscou para afastar as lágrimas enquanto retirava o braço da mão dele. Os dedos do príncipe deixaram uma trilha quente em sua pele, e a raiva ferveu, gritando para ser liberada.

— Vocês falam da morte como se fosse uma realização — cuspiu ela. — Como se fosse algo a ser *celebrado*.

— Como é? — As sobancelhas de Cas se franziram.

— Foi seu pai quem começou tudo isso — falou ela; as palavras saíam confusas de sua boca, quase contra sua vontade. — Ele marchou até Ruína e assassinou a rainha e todos que estavam no caminho. Pediu ajuda ao rei e à rainha de Vallos e então não enviou os soldados de Lera para protegê-los da inevitável retaliação. Você age como se as coisas fossem muito bonitas, pacíficas e maravilhosas aqui com seu pão de queijo, suas roupas e praias bonitas, mas tudo isso foi construído nas costas das pessoas que você assassinou.

Ela respirou lentamente, tremendo. Queria pegar as palavras e empurrá-las para dentro de novo.

— Meio hipócrita, não? — perguntou ele, com expressão séria.

— Hipócrita como?

— Você matou o rei de Ruína para se casar comigo. Isso não faz de você igual ao meu pai?

Ela quase gritou que não tinha matado ninguém para se casar com ele, mesmo que fosse mentira. Ela tinha matado Mary.

— Isso é diferente — falou ela, e ele deu uma risada debochada. — É! Os habitantes de Ruína estavam invadindo Vallos, e seu pai falou que vocês somente ajudariam se eu os ajudasse. Eu fiz o que tive que fazer para sobreviver.

— Talvez meu pai também tenha feito o que ele pensou que tivesse que fazer — observou Cas, erguendo a voz. — Por que é diferente para você?

— Porque é! — falou ela, jogando as mãos para o alto, exasperada.

— Me perdoe se não fiquei convencido pelo seu argumento. — Ele revirou os olhos.

— Você está mesmo comparando seu pai, que assassinou milhares de pessoas, comigo...

— Por que você está criando regras para o que é justificável e o que...

— Eu não estou criando as regras! — gritou ela. — Estou dizendo que...

— Que o que você fez é aceitável — interrompeu ele. — Mas quando se trata do meu pai, ele é um assassino, digno de desprezo.

— Ótimo! — Ela abriu os braços. — Eu sou um monstro. É isso que você quer ouvir? Eu matei pessoas e, se você quer saber a verdade, não sinto nem um pouco. Elas mereceram.

Cas abriu a boca como se fosse gritar novamente, mas fechou, hesitando por um momento.

— Eu não disse que você é um monstro — falou ele, com a voz mais calma.

Ela passou as mãos pelos cabelos e uma sensação de enjoo surgiu em seu estômago. Talvez fosse mentira que ela não sentia muito. Algumas vezes, ela pensava em Mary. Pensava naquela mecha de cabelo se arrastando pela terra enquanto o cadáver desaparecia noite adentro. Ela não sentia por Mary estar morta, mas não estava totalmente à vontade com o fato de ter sido quem a matou.

A porta abriu e o rei passou por ela, olhando com expressão severa de Cas para Emm.

— Sobre o que vocês dois estão gritando aqui? Um dos criados me disse que vocês estavam gritando.

— Está tudo bem — falou Cas rapidamente.

— Espero que você esteja educando sua esposa sobre como nós tratamos nossos convidados em Lera. — Ele apontou um dedo para ela. — Espero que, no mínimo, você seja *simpática*.

— Simpática? — zombou ela. — Você me mandou matar alguém em troca de me casar com seu filho, me fez lutar assim que cheguei e me colocou entre caçadores assassinos e guerreiros de Olso que *talvez* estejam planejando algo; eu raramente me senti segura desde que botei os pés neste castelo. Ser *simpática* não está na minha lista de prioridades.

O rei ficou tão vermelho que quase se tornou roxo, mas parecia incapaz de fazer as palavras saírem. Ele balbuciou, apontou um dedo para Cas sem razão aparente e saiu de novo para o salão de baile batendo os pés.

Um som de gargalhada veio de Cas.

— Eu não acho que já tenha visto meu pai perder a fala antes.

— Então eu deveria gritar com ele mais vezes — resmungou ela. — Ele poderia ficar quieto de vez em quando.

Cas riu e limpou a garganta como se tentasse disfarçar. Ele tinha uma expressão mais séria no rosto.

— Eu lamento que meu pai tenha pedido para você matar o rei de Ruína para se casar comigo. Eu fui contra, se isso faz alguma diferença para você.

— Faz. Mas não concordo com o que seu pai fez em Ruína. Você nunca vai me convencer de que ele estava certo sobre isso.

— Eu não discordo — falou ele, assustando Emm. E fitou o chão, esfregando alguma coisa com a ponta do sapato. — Ele me fez sair da cama ontem à noite para ver o rapaz de Ruína quando o trouxeram para cá. Eu nunca tinha visto um habitante de Ruína antes.

— E? — incentivou ela, esperando uma nova onda de raiva. Mas o modo como seus ombros se curvaram para dentro e seu rosto se contraiu a fizeram hesitar e querer ouvir o que ele tinha a dizer.

— E... foi impressionante. E assustador. — Ele a encarou. — Quando você matou um deles,

você os provocou para usarem primeiro seu poder? Para enfraquecê-los? Foi assim que você matou o rei de Ruína? Qual era o poder dele?

— Ele destruía a alma. Podia fazer você ter visões e acreditar em coisas que não eram verdadeiras. — Ela engoliu em seco, pois a imagem do pai morto lampejou em sua visão. — E não. Não provoquei. Apenas me esgueirei para cima dele. Eu o ataquei antes que ele pudesse reagir.

— Você viu a outra filha dele? Emmelina? Ela ainda está viva?

— Não vi Emmelina. — Seu próprio nome soava estranho, dito em voz alta para Cas.

— Meu pai também queria ela morta. — Cas engoliu em seco. — Mas ela desapareceu depois que a família morreu. E por que se importar com uma garota inútil? Se ela não tem poderes, não é perigosa. — Ele parecia estar falando mais para si mesmo do que para Emm.

— Verdade — falou ela, com uma pontinha de amargura.

— Sempre achei meio severo chamá-la de “inútil”.

— É a descrição mais apropriada — falou ela.

— Eles podem resistir ao poder de um habitante de Ruína se quiserem, certo? Isso parece útil. Eu não me importaria de ter essa habilidade.

— Os habitantes de Ruína não atacam uns aos outros — falou ela. — Então essa habilidade é simplesmente como eles a descrevem: inútil.

Ele olhou novamente para o chão, com o rosto abatido. Era como se Cas não se incomodasse com longos silêncios nem notasse que eles estavam acontecendo. Ela esperou alguns instantes até que ele voltasse a falar.

— Ele não é muito mais velho do que eu — falou baixinho. — Andei pensando sobre como eu me sentiria se fosse o inverso. Se eu fosse o capturado, esperando para morrer. Acho que ficaria apavorado. E muito zangado.

— Zangado — repetiu ela.

— Porque o que foi que ele fez? — A voz de Cas era quase um sussurro. — Para ser sincero, foi por isso que fiquei irritado com você quando falou aquilo sobre o meu pai. Acho que você tem razão. Estamos executando todas essas pessoas por um crime que achamos que *talvez* elas tenham cometido. Achamos que *talvez* sejam maus. Eles trouxeram Damian porque ele estava tentando cruzar para Olso, o que tecnicamente não tem nada a ver conosco. O que mais ele fez? Por que merece o que fizeram com ele na noite passada? — Ele fez um gesto para ela. — Se ele foi um dos que matou seus pais, não deveria ser você a decidir como ele vai ser punido?

— Sim. — A maior parte da raiva tinha evaporado, deixando uma sensação pesada em seu peito e um súbito desejo de passar os braços em volta de Cas. — E se dependesse de mim, eu não faria nada parecido com o que seu pai faz.

Ele fez que sim com a cabeça, uma expressão triste no rosto. Deve ter sido doloroso perceber que o pai era um monstro.

Ela limpou a garganta.

— Você vai contar ao seu pai o que contou a mim ou sou a única que tem coragem suficiente para falar o que pensa ele?

Cas inclinou a cabeça para o lado enquanto a examinava. Andou rápido até parar bem em frente a ela e pôs as duas mãos em suas bochechas. O corpo inteiro de Emm amoleceu quando ele a tocou, e ela não conseguiu evitar de passar os dedos ao redor de um dos braços dele. A pele de Cas soltava faíscas e chiava debaixo de seus dedos. Ele era fogo que ela podia tocar. Emm apertou mais ainda.

— Meu pai está errado. — Os olhos dele ardiam dentro dos dela. — Você nunca deveria ser simpática.

O olhar de Cas baixou para a boca dela, e por um momento Emm pensou que talvez ele a beijasse. Mas ele notou alguma coisa atrás deles e se afastou quando um criado passou.

Ela roçou os dedos delicadamente na bochecha, ainda queimando por causa do toque de Cas.

— Vou fazer questão de não ser simpática com você a partir de agora.

Os lábios dele se contorceram.

— Ótimo. — Ele estendeu a mão e ela lentamente deslizou os dedos entre os dele. — Você já está pronta para voltar? A gente pode não ser simpático longe daqueles caçadores.

Ela moveu o polegar contra a mão dele e retribuiu o sorriso.

— Vamos fazer isso.

Emm passou a noite evitando os caçadores, grudada ao lado de Cas enquanto eles se moviam pelo salão para cumprimentar governadores, amigos e conselheiros do rei. Cas segurou a mão dela a maior parte da noite, fazendo com que Emm esquecesse o nome de todos assim que o diziam. Ela tinha apenas uma vaga lembrança da noite, a não ser quando a pele de Cas encostava na dela. Ela se lembrava de cada detalhe disso.

— Preciso conversar com Jovita — falou Cas quando o jantar começou a se acalmar. — Ela está me encarando há uma hora.

Jovita movimentava a cabeça, franzindo a testa e indicando que queria conversar com o primo.

— Provavelmente ela quer reclamar de mim — falou Emm quando Cas tirou a mão da dela.

— Dizer para você me colocar na linha.

— Você vai me deixar colocar você na linha? — perguntou Cas com uma gargalhada.

— Ah, com certeza, não.

— Foi o que eu pensei. — Ele sorriu para ela por cima do ombro enquanto se afastava, e ela

não conseguiu afastar os olhos dele até Cas estar na metade do salão. Um pedaço das costas da camisa do príncipe tinha saído da calça, e ela queria agarrá-lo e puxá-lo de volta para ela.

Emm limpou a garganta e afastou o pensamento. Ela estava sendo ridícula. Tinha coisas maiores com as quais se preocupar, além de Cas e de suas roupas adoravelmente enrugadas.

Ela olhou para a mesa dos caçadores. Roland já tinha ido embora, mas Willem ainda estava ali, com as bochechas vermelhas por causa do vinho. As sobrancelhas se franziram quando ele fitou alguma coisa do outro lado do recinto.

Ele estava olhando para Aren.

Uma mão gélida agarrou o coração de Emm. Ele estava olhando para Aren como se o reconhecesse.

Aren notou o olhar, mas era óbvio que tentava fingir que não tinha notado. Ele se virou para a direita, falou alguma coisa para o guarda ao lado dele e captou o olhar de Emm por meio segundo. Ela pôde ver o medo em sua expressão; ele também reconheceu Willem.

Aren deixou a fila de guardas, coçando a lateral do rosto enquanto saía do cômodo. Era evidente que ele estava tentando ser casual, mas Emm reconheceu a linha rígida de seus ombros.

Willem se levantou e o seguiu.

Instintivamente, Emm esticou a mão para pegar a espada, mas nada encontrou além do vestido no quadril. No mesmo instante, ela odiou o traje estúpido.

Cas ainda estava conversando com Jovita, e o rei tinha cruzado o cômodo para flertar com uma mulher bonita. Emm observou o caçador abrir as portas e desaparecer através delas.

Ela caminhou o mais rápido que se atreveu, alcançando as portas alguns segundos depois de Willem se esgueirar por elas. Emm empurrou-as lentamente, espiando. O caçador dobrava a esquina à direita, indo na direção dos fundos do castelo.

Ela deu um passo para a frente e seus sapatos bateram contra a pedra.

— Em... Mary. — A voz baixa de Aren saiu de trás dela, e Emm deu meia-volta. Ele apareceu em um canto.

Ela foi até ele no corredor escuro. Os sons do jantar diminuíram. As cortinas cobriam as janelas, e o lampião na parede oposta não estava aceso. Se ela conhecia Aren, ele mesmo tinha apagado.

— Você conhece aquele caçador? — murmurou ela.

— Nós nos esbarramos alguns meses atrás. Eu matei seus dois amigos e ele fugiu.

— Ele andou bebendo e não parecia ter certeza. Talvez desista quando não conseguir achar você.

— Ou ele vai contar para alguém suas desconfianças.

Passos ressoaram no assoalho, e um vulto escuro apareceu subitamente na esquina. E seguiu na direção de Emm e Aren até que ela pudesse ver com clareza o rosto furioso de Willem.

— Eu conheço você. — Ele procurou a adaga no cinto. Eu *conheço*...

Emm agarrou os braços dele, torcendo-os atrás das costas antes que ele pudesse pegar a arma. Aren agarrou a adaga e encostou-a no pescoço de Willem.

— Tem que parecer um acidente — falou Emm rapidamente. — Um assassinato vai deixar o castelo inteiro desconfiado.

Willem balbuciou enquanto lutava contra o aperto de Aren em seu pescoço.

— Sai daqui — falou Aren, com um gesto de cabeça para Emm. — Eles não podem encontrar você com a gente.

Emm abriu a boca para protestar, embora soubesse que ele tinha razão.

— Eu tenho mais uma ronda antes de poder... — Uma gargalhada ecoou através do corredor, e Aren e Emm ergueram a cabeça para encontrar a fonte da voz masculina.

Willem abriu a boca e um grasnido escapou. Emm botou a mão sobre ela. Aren apertou as mãos contra o peito de Willem, empurrando-o contra a parede com a adaga enfiada em seu pescoço. Willem chutou a perna, movendo o corpo com fúria. Aren estreitou os olhos ao fitar as pernas do homem, usando a magia de Ruína para que amolecessem.

Willem tentou gritar, mas o som foi abafado com a mão de Emm. Ela pressionou com mais força ainda.

— Emm, sai daqui — murmurou Aren.

— Pare. Estarei aí em alguns minutos — falou uma voz masculina, mais próxima desta vez.

Dois guardas apareceram no final do corredor. Emm ficou imóvel, sem nem se atrever a respirar. Ela reconheceu um deles.

Galo era quem tinha acabado de falar, e ele sorriu para o guarda à sua frente, sem tomar consciência das três pessoas a apenas alguns passos à direita.

O outro guarda sorriu, inclinando-se para beijar os lábios de Galo. Ele falou alguma coisa que Emm não conseguiu ouvir e se afastou, dando um sorriso para Galo por cima do ombro.

Galo riu, baixando a cabeça enquanto enfiava as mãos nos bolsos. Ele começou a se virar para a direita, na direção do corredor escuro. Emm prendeu o ar.

— Estamos parados ou estamos fazendo rondas? — falou uma voz mal-humorada.

O olhar de Galo se virou para a frente.

— Desculpe, Julio. — Ele seguiu adiante e saiu da vista.

As pernas de Emm quase desabaram com o alívio.

— Uma ronda significa que ele está dando a volta no castelo — murmurou Aren. — E vai voltar em alguns minutos.

— Feche a traqueia dele — falou Emm, usando a outra mão para cobrir o nariz de Willem.

— Você deveria ir embora...

— Se você soltá-lo depois que eu sair, vai ser pior ainda. Faça isso.

Aren fixou o olhar na garganta de Willem. As pernas do caçador começaram a se mover. Fechar a traqueia exigia um foco intenso, e Aren não conseguia controlar as pernas ao mesmo tempo. Emm empurrou o corpo contra o de Willem em uma tentativa de mantê-lo parado.

— Já era para isso ter acabado — falou Aren através dos dentes cerrados. — Eu não deveria mais ter que matar os caçadores antes que eles me matem.

— Eu sei — falou ela em voz baixa. O corpo de Willem amoleceu e a cabeça pendeu para o lado.

— Damian deveria liderar os habitantes de Ruína em Olso e não apodrecer numa prisão de Lera enquanto eu fico de guarda das pessoas que o torturam. — Sua voz soou sufocada e muito alta.

Emm olhou por cima do ombro, com o coração batendo na garganta. Eles ainda estavam sozinhos.

— Ainda não posso soltar — falou Aren em voz mais baixa. — Ele não está morto.

Emm fez que sim com a cabeça e deixou as mãos sobre a boca e o nariz de Willem por quase um minuto inteiro. Quando Aren finalmente deu um passo para trás, os olhos do caçador estavam abertos e fitavam sem expressão alguma coisa além deles.

Emm apoiou as mãos contra os ombros de Willem, mantendo-o ereto.

— Me ajude a levá-lo até aquela mesa. Vamos bater a cabeça dele no canto. Ele está fedendo a álcool, não vai ser difícil acreditar que caiu.

Aren agarrou o lado esquerdo do corpo do homem, resmungando debaixo do peso.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Tudo bem. — Mas as pernas do rapaz tremiam e gotas de suor apareceram acima da sobrancelha dele. Usar magia o havia enfraquecido. — Você ainda conta? Eu costumava contar quantos matei — falou Aren quando eles pararam perto da mesa.

— Não. Parei há alguns meses. Vire ele um pouquinho. — Ela resmungou por causa do esforço de aguentar o peso de Willem.

— Bem ali? — perguntou Aren e apontou para a beirada da mesa.

— Isso. O lado mais perto de mim. É para jogar ele com força contra a mesa e deixar uma marca. Pronto?

Eles empurraram Willem para baixo e o lado direito do crânio rachou contra a madeira. Emm se encolheu ao ouvir o barulho e virou para ver se alguém tinha ouvido. Nada.

Willem tombou para o chão, o sangue escorreu da cabeça e formou uma poça no chão de pedra.

— Bem, deixou uma marca. — Aren baixou os olhos para o caçador. Ele apontou para os broches no peito do homem. — Mas eu matei menos caçadores do que ele matou habitantes de

Ruína. — Ele murmurou a última frase quase para si mesmo.

— Ponha a adaga de volta no cinto dele — falou Emm baixinho.

Aren fez o que ela lhe ordenara, então parou imóvel e fitou o caçador morto.

— Eu tenho que... — começou Emm.

— Não, eu primeiro — interrompeu Aren. — Ninguém pode ver você neste lugar. — Ele foi até a extremidade do corredor, e a lanterna iluminou seu rosto. Com um movimento de cabeça, ele falou: — Está limpo.

Ela saiu em disparada pelo corredor e começou a correr, passando por ele, em direção aos risos e ao barulho de copos tilintando. Subitamente ela se virou, pegou o braço de Aren e apertou levemente.

— Obrigada, Aren. Sei que não é fácil para você ficar aqui, e significa muito que tenha decidido vir.

Ele deu de ombros e esfregou uma das mãos na nuca.

— Claro que vim. Nunca pensei numa alternativa.

Ele não tinha pensado. Na noite em que Emm propôs a ideia, ele se ofereceu na mesma hora para vir com ela, e então usou uma pedra quente para queimar a única marca de Ruína que sobrara. Ele nunca hesitara.

— Vai — falou ele.

Ela queria ficar com Aren, se sentar ao lado dele, diante da fogueira que costumavam acender depois de matar caçadores. Aren sempre ficava introspectivo depois que tinha que matar. Mas nunca pareceu se importar quando ela se sentava, em silêncio, ao lado dele.

— Fique seguro — falou ela, soltando o braço do rapaz. — Me avise se alguém desconfiar.

Aren fez um gesto com a mão para Emm ir, sem olhar nos olhos dela. A garota olhou mais uma vez para ele, por cima do ombro, depois empurrou a porta e desapareceu na multidão.

CATORZE

CAS OBSERVOU A CARROÇA girar pela estrada do sul. Os guardas e o rei ficaram um longo tempo com Damian. O sol tinha baixado no céu e lançava um brilho amarelo e alaranjado na relva.

Seu pai pulou do cavalo e cruzou a estrada até o príncipe. Tinha sido um dia difícil desde que Mary brigara com ele. O rei examinou o local e pareceu satisfeito ao descobrir que Cas estava sozinho.

— O senhor conseguiu alguma informação de Damian? — perguntou Cas.

O rei balançou a cabeça.

— Não. Acho que é altamente improvável que ele fale. Ele não responde bem à tortura.

Será que havia alguém que respondia *bem* à tortura?, Cas abriu a boca para perguntar, mas foi distraído pelos guardas que arrastaram um Damian enfraquecido para fora da carroça.

— Ele não está morto, está? — perguntou, olhando fixamente para o pai.

— Ainda não.

O príncipe estava decidido a ficar calmo. Sua voz não ia tremer.

— Vou descer para conversar com Damian — falou ele.

— Se você quiser — retrucou o rei e deu de ombros.

— Eu gostaria de oferecer deixá-lo viver, se ele nos der informações.

— Você pode oferecer isso, mas estaria mentindo.

— Por quê? O senhor deixou habitantes de Ruína viverem antes. Olivia Flores ainda está viva.

— Olivia Flores é útil e ainda é jovem o suficiente para ser controlada.

Controlada não soava como o que seu pai dissera antes sobre a situação de Olivia. Mary provavelmente estava certa em dizer que a garota era uma prisioneira e não uma convidada.

— Onde está Olivia? — perguntou ele.

— Forte Victorra. Guarde isso com você. Não são muitas as pessoas que sabem onde ela está.

A fortaleza nas Montanhas do Sul era o local de encontro emergencial, caso o castelo fosse tomado, e tinha uma boa quantidade de celas em suas masmorras. Não eram boas celas, pelo que Cas podia se lembrar.

— Ela está numa das celas de lá? — perguntou ele.

— Claro que está. Ela não pode ficar simplesmente zanzando livremente por ali.

Cas piscou para afastar a imagem de uma garota com correntes naquelas celas deprimentes. Ele precisava se concentrar no problema diante dele.

O príncipe apontou para onde Damian estava sendo arrastado escada abaixo.

— Quais são os crimes dele?

O rei franziu a testa, confuso.

— Do que você está falando?

— A lei de Lera determina que todos os acusados sejam informados de seus crimes e que possam ter um julgamento diante do juiz de sua província. Quais são os crimes dele?

— Ele é de Ruína. O crime é esse.

— Ser de Ruína é um estado de ser, não um crime.

As sobranceiras de seu pai baixaram e ele cruzou os braços diante do peito amplo.

— Como é?

— Na verdade, ele não cometeu crime algum. Quem pode afirmar que um dia ele teria usado seus poderes contra alguém, caso nós o deixássemos em paz? Caso nós deixássemos todos eles em paz?

— Sim, tenho certeza de que todas as pessoas que Wenda Flores torturou se sentiram do mesmo jeito — retrucou o pai, desafiadoramente. — As pessoas que ela capturou para deixar os habitantes de Ruína praticarem? Os habitantes de Vallos que ela massacrou quando tentou invadir o reino?

— Damian não é Wenda Flores. Wenda Flores foi uma pessoa e ela não existe mais. Nós estamos punindo todo o povo de Ruína pelos crimes de uns poucos.

— Os habitantes de Ruína não são indivíduos. Eles sempre agem como uma unidade. — Ele apontou para onde Damian tinha desaparecido no chão. — Este foi o único que você encontrou. Você não compreende.

— Só porque discordo de você não quer dizer que eu não compreenda.

O queixo do rei se contraiu.

— O que é isso? É isso que Mary pensa?

— É isso que eu penso.

— Que coincidência que só venha à tona algumas semanas depois de você se casar com essa garota. — Ele falou *essa garota* como se fosse um palavrão.

— A garota que o senhor mandou casar comigo. — Cas recordou.

O rei resmungou.

— Nada como os pais dela. Talvez ela tenha se esquecido de tudo sobre eles depois que morreram, porque os dois detestavam os habitantes de Ruína. — Ele soltou um suspiro pesado.

— Eu errei em fazer você se casar com ela antes de conhecê-la. Se eu soubesse...

— O quê? — A raiva ardeu no peito de Cas. — Que ela sabia pensar por si mesma? Que iria nos desafiar, em vez de concordar com tudo que dissemos?

O rei franziu a testa, pensando, e passou uma das mãos pela barba.

— Talvez tenha um meio de tirar você disso.

Cas deu um passo para trás; as palavras eram como um tapa na cara. O pânico inesperado

tomou conta dele ao pensar em perder Mary.

— O senhor não tem o direito de ter uma opinião sobre o meu casamento — retrucou ele, a voz era como gelo. — Agora esse contrato é entre Mary e eu. Entendeu?

O rei estava tão espantado que não parecia ter palavras para responder àquilo.

— Vou descer e conversar com Damian — falou Cas. — Talvez ele me diga se realmente cometeu um crime. Nesse caso, podemos conversar sobre a punição adequada. Mas se ele não cometeu crime algum, estamos prendendo e torturando um homem que nada fez de errado. Não sei o que é mais horrível: nossas ações ou o fato de que o senhor não parece nem um pouco incomodado com elas.

Ele se virou para não ver a expressão assustada do pai e desceu os degraus até a masmorra. Exalou lentamente, desejando que o coração parasse de bater num ritmo tão frenético em seu peito. Cas tremia, mas se sentia mais leve, e o peso das palavras que cresciam há tanto tempo dentro dele finalmente se foi.

— Eu... eu não posso fazer isso de novo. Eu... eu não... — A voz masculina subia do andar de baixo. Cas desceu mais devagar para prestar atenção.

— Nós vamos fazer a troca dos guardas — falou Galo. — Ninguém vai ter que fazer isso mais de uma vez. — Ele fez uma pausa. — Ric, não ouse vomitar aqui.

Cas foi para o último degrau. Dois guardas estavam parados na parede oposta, e o príncipe imediatamente soube quem era Ric. Era jovem e pálido, e suas mãos tremiam. O guarda rapidamente botou os braços para trás ao ver o príncipe.

— Não tem necessidade de vocês dois aqui embaixo — falou Cas. — Podem esperar lá em cima, por favor? — Os guardas fizeram que sim com a cabeça e passaram por ele.

Galo estava de pé na frente da cela de Damian, e Cas parou ao lado dele. Damian estava encolhido no chão, com o rosto ensanguentado e inchado. Sangue fresco manchava sua camisa.

— Os caçadores foram embora, não foram? — perguntou Cas em voz baixa.

— Sim. Hoje de manhã. Menos aquele que quebrou a cabeça.

— Eles não o reviveram?

— Não. Ele já estava morto quando o encontrei.

— Então meu pai fez os guardas assumirem a frente na tortura de Damian.

— Sim.

Cas passou os dedos pelos cabelos.

— Tortura não está exatamente na descrição do trabalho.

— Não, não está. Eles pediram voluntários, mas...

— Ninguém se ofereceu. — No mesmo instante, Cas sentiu uma onda de orgulho pelos guardas. — Bom para eles.

A cabeça de Damian se moveu e um dos olhos abriu. O outro estava fechado por causa do

inchaço. Ele rolou para o lado e pareceu precisar de um minuto para focar bem o suficiente para reconhecer Cas de pé na porta da cela.

O rapaz deu uma risada, um som triste e oco que ressoou pela masmorra. Ele rolou e ficou de costas, se encolhendo quando botou a mão sobre a barriga.

— Eu morri, não foi? — falou ele, com um traço de diversão na voz. — Eu sempre imaginei que havia um castigo me esperando após a morte. O castigo é a sua cara, não é?

— Você não morreu — falou Cas.

— Que pena. — Damian mexeu o queixo, como se checasse para ver se ainda funcionava.

— Quantos anos você tem? — perguntou Cas.

A testa de Damian se enrugou quando ele franziu a sobrancelha. Demorou alguns instantes para o garoto responder.

— Dezesete. Ou dezoito. Perdi as contas.

— Você tem família?

— Sim. Embora todos os meus parentes de sangue tenham sido assassinados. — Ele baixou a voz. — Mas sim, eu tenho família.

— É por isso que você estava indo para Olso? Eles estão lá?

Ele riu, uma risada genuína que balançou seu peito.

— Não.

Cas fez uma pausa e olhou para Galo. O guarda estava parado a alguns passos, com as sobrancelhas franzidas, observando os dois rapazes. Ele se questionava se deveria pedir que Galo saísse, mas talvez precisasse dele ouvindo essa conversa com Damian. Precisava saber se o guarda se sentia da mesma maneira que ele ou se pensava como o rei.

— Os caçadores mataram a sua família — falou Cas. Não era uma pergunta.

O queixo de Damian se retesou.

— *Seus* caçadores mataram a minha família, sim.

— Nossos caçadores mataram a sua família — repetiu Cas, pois era verdade. — O que você fazia antes da invasão de Lera?

— Como assim o que eu fazia?

— Você tinha uns dezesseis anos quando invadimos, correto? Você estava estudando? Tem escolas em Ruína?

— Não. Os pais educam os filhos em casa. — Ele hesitou. — Mas eu fui educado no castelo com Emm e Olivia.

— Emm é Emmelina? — perguntou Cas.

— Sim.

— Você era amigo das irmãs Flores? Ou parente delas?

— Amigo.

— Seus pais devem ter conhecido Wenda Flores, então.

— Todo mundo conhecia Wenda — falou Damian, jogando um braço sobre a testa. — Não é como aqui, onde vocês se isolam das pessoas como se tivessem medo delas.

— Você recebeu treinamento? — perguntou Cas. — Treinamento de batalha?

Damian fez um pequeno movimento dando de ombros. Ele não respondeu à pergunta.

— Você estava envolvido na invasão ao castelo de Vallos? — perguntou Cas, pensando na expressão confusa de Mary no dia anterior, quando ela perguntou sobre Damian.

Mais uma vez, Damian apenas deu de ombros.

— Você foi criado para odiar todos que não eram habitantes de Ruína?

Damian tirou o braço da testa, virando a cabeça para olhar Cas.

— Não.

Cas olhou para Galo. O guarda tinha cruzado os braços diante do peito, com uma expressão séria no rosto. Ele acenou levemente, como se dissesse para continuar.

— Você matou alguém antes de Lera invadir?

— Os habitantes de Ruína não matam uns aos outros. Eu não tive contato com mais ninguém.

— Ele bufou. — Não posso dizer que vocês me deram uma impressão muito boa.

— Não, acho que não — falou Cas baixinho.

Um vinco apareceu entre as sobrancelhas de Damian enquanto ele analisava Cas. Ele abriu a boca como se fosse dizer algo; em seguida, fechou e franziu mais ainda a testa. Cas deu um passo para trás e se juntou a Galo, encostado na parede. Ele abaixou a cabeça, e suas palavras foram apenas para o guarda.

— Você já se perguntou — falou ele, olhando para o chão — se talvez nós é que sejamos os perigosos, e não os habitantes de Ruína?

Galo fez uma pausa antes de responder:

— O tempo todo.

QUINZE

— PLANO NÚMERO UM. — Emm ergueu um dedo no ar enquanto andava pelo quarto. — Nós simplesmente tentamos mantê-lo vivo até estarmos prontos para atacar. Então, de qualquer forma, o castelo será nosso e Damian vai ficar livre.

Encostado na parede, Aren acenou com a cabeça e olhou para fora da janela. A luz do sol descia sobre seu rosto e a camisa azul da guarda.

— Ele vai ter que sobreviver à tortura por algum tempo — falou ele em voz baixa.

— Eu sei. — Emm engoliu em seco. — Plano número dois. Você se oferece para um turno lá embaixo, mata o outro guarda, e sai correndo com Damian.

— Se ele estiver em condição de caminhar. Sem falar que se eu libertar Damian e desaparecer, isso vai lançar suspeita sobre você.

Ela resmungou e passou as mãos pelo cabelo.

— Esqueça o plano número dois. Ou revise. Faça parecer que Damian matou o outro guarda, e usou a magia de Ruína para sair da cela e escapar sozinho.

— Ele ainda teria que fazer um esforço imenso para ultrapassar o muro do castelo. E fugir dos guardas assim que estiver livre.

— Você tem uma ideia melhor? — perguntou ela, exasperada.

— Não. Tem um plano número três?

— Descubro onde Olivia está o mais rápido possível e todos nós corremos daqui.

— Esse é o pior de todos. Destruir o seu disfarce antes de estarmos prontos para atacar torna tudo isso aqui inútil. Eles vão aumentar as defesas.

— Eu nunca disse que eram bons planos. E não ouvi você dar nenhuma ideia.

Ele se virou de modo que as costas ficaram contra a parede, e ergueu a cabeça para o teto.

— Plano número quatro. Deixar Damian morrer.

Emm segurou uma das colunas da cama e apertou a ponto de quase rachar.

— Não olhe para mim desse jeito — falou Aren. Ele piscou algumas vezes, mas não antes de ela ver lágrimas em seus olhos. — Não poder descer correndo e matar todo mundo, mesmo quem está mais ou menos perto da cela, está exigindo toda a minha força de vontade. Mas tudo isso é maior do que ele. Você sabe disso.

Ela soltou os dedos da coluna da cama.

— Eu sei.

— Plano número um. É a única opção. Faça com que eles adiem o máximo que você conseguir.

— Talvez Damian possa lhes dar alguma informação, fingindo ser útil, para que se sintam

menos inclinados a matá-lo — falou ela. — Eu quero falar com ele. Você pode se oferecer para um turno na masmorra?

— Claro. Os guardas ainda não foram designados para o turno da noite.

— Tem mais de um lá embaixo durante a noite?

— Dois. Mas posso usar minha magia para dar um nó em seu estômago. Ele vai estar doente demais para ficar.

— Ótimo. Me diga quando eu puder ir.

Emm cruzou a estrada para o sul naquela noite, olhando por cima do ombro pela quarta vez. Ela não tinha contado a Cas que ia visitar Damian e não queria que ele a visse e acompanhasse. Cas e os pais descobririam que ela o havia visitado, mas era melhor explicar mais tarde do que pedir permissão agora.

Ela desceu os degraus até a masmorra, puxando a bainha do vestido lilás. O mundo ficou mais escuro conforme ela descia. A única luz vinha das lanternas nas paredes a poucos passos uma da outra. As paredes não tinham decoração e eram cinzentas, em nada parecidas com as cores fortes do castelo. Era frio e silencioso, e Emm subitamente se lembrou de casa. A masmorra de Lera se parecia mais com Ruína do que qualquer outro lugar que ela já havia visitado.

A garota viu Aren primeiro, reclinado contra a parede e observando os degraus. Outro guarda estava a poucos passos dele e se endireitou ao avistar Emm, a surpresa colorindo seu rosto.

Ela deu o último passo, respirando fundo e forçando cada músculo em seu corpo a relaxar. E contorceu o rosto numa expressão calma.

Damian estava deitado no chão, e sua cabeça se virou na direção dela. A terra cobria seus braços e pescoço; o rosto estava terrivelmente inchado e a mão tinha sido enfaixada. Eles cuidaram do ferimento depois de cortar o dedo?

— Posso ajudar a senhora com alguma coisa, Alteza? — perguntou Aren. Mas sua atenção estava voltada para o outro guarda. O homem franziu a testa e botou a mão na barriga.

— Eu gostaria de falar com o prisioneiro — falou ela. — É seguro?

— É seguro, Alteza, mas... — O guarda fez som de quem ia vomitar e cobriu a boca com a mão.

— Vá — falou Emm, afastando-se dos degraus. — Vá tomar um pouco de ar fresco.

O guarda acenou com a cabeça, passando por ela, e subiu correndo a escada. A risada de Damian ecoou pela masmorra.

— Aren. — Damian balançou a cabeça. — Você fez um pouco mais do que o necessário aqui.

— Se eu não posso usar meu punho para socar o estômago dele, posso muito bem usar a minha magia. — Aren seguiu na direção da escada, inclinando-se para ficar de vigia.

Emm correu, segurando as barras da cela de Damian. Ele se sentou lentamente, se

encolhendo. Estava mais relaxado do que ela esperava, soprando o cabelo escuro dos olhos e dando o seu sorriso torto.

— Belo vestido.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Sério. Não vejo você de vestido há mais de um ano. Você fica bem com ele.

— Damian, pare. O que aconteceu?

O sorriso desapareceu e ele passou a mão pelo rosto.

— Os caçadores sabem que estamos cruzando para Olso. Eles estão por toda a fronteira. Ainda estávamos conseguindo atravessar, mas eles pegaram alguns de nós. Eles me capturaram e eu tive o privilégio especial de ser torturado antes de morrer.

— Pense em informações que você possa dar a eles — falou Emm. — Alguma coisa pequena. Se a gente puder manter você vivo por tempo suficiente, conseguiremos soltar você depois que os guerreiros tomarem o castelo.

Ele se esforçou para levantar do chão e ficou de pé com um gemido.

— Duvido que eu dure tanto assim.

— Por isso você tem que dar algumas coisas a eles. Mesmo que sejam mentiras, vai levar tempo para confirmarem. Coopere com eles.

— Cooperar com eles. — Ele deu uma risada e se encolheu ao botar a mão na barriga. — Ai.

Emm engoliu em seco, examinando as roupas sujas do rapaz.

— Você está bem?

— Nunca estive melhor. — Ele encostou a testa nas barras. — O príncipe Casimir está sendo gentil com você?

— Sim.

Ele ergueu a mão enfaixada.

— Cas vem aqui e finge ser gentil depois que o pai me tortura. Eles devem imaginar que uma das estratégias vai funcionar.

Emm apertou o colar, as palavras na ponta da língua. *Ele não está fingindo.* Damian ergueu as sobrancelhas, a dúvida estampada por todo o rosto.

— Cas não tem estômago para torturar e matar como o pai — falou Aren por fim, já que Emm nada disse. — Ele vai melhorar.

Ou não, já que vai estar morto em poucas semanas. Emm também não conseguiu dizer essas palavras. Elas ficaram presas na boca do estômago. A expressão surpresa de Damian também não a ajudou a se sentir melhor.

— Fico contente que ele esteja sendo gentil com você, pelo menos — falou Damian baixinho, apenas para ela ouvir.

— Dê as informações a Cas e não ao pai dele — falou Emm. — Mostre que você reage melhor à razão do que à tortura.

— Eles ainda vão me matar, Emm. O rei não vai manter alguém de Ruína preso por mais do que uns poucos dias.

— Eu vou tirar você daqui — falou ela decididamente. — Não vou deixar que matem você.

Ele balançou a cabeça, e sua expressão ficou séria.

— Você não pode impedir sem deixá-los desconfiados.

— O povo de Ruína não pode perder outro líder. Eles precisam de você...

— Eles também precisam de você, simplesmente não sabem disso ainda. Quando descobrirem o que você fez para salvar Olivia, eles vão idolatrá-la tanto quanto a ela. — Ele ergueu a cabeça das barras. — Você descobriu onde ela está?

— Ainda não. Mas ganhei a confiança de Cas e...

— Acho que você ganhou mais do que a confiança dele. — Os lábios de Damian se curvaram para cima. — Mas não estou surpreso, para ser sincero.

As bochechas de Emm esquentaram, e ela olhou para Aren por cima do ombro. Ele tinha desaparecido na escada, dando aos dois um pouco de privacidade.

— Você está aqui para salvar milhares, não para me tirar de uma masmorra em Lera — falou Damian.

Ela fitou os próprios pés, acenando com a cabeça enquanto piscava e limpava as lágrimas.

— Se eu conseguir pensar em alguma coisa para dizer a Cas, eu vou. Talvez a antiga localização de um acampamento. Mas eles ainda vão me matar, Emm. — Ele passou os dedos ao redor dos dela através das barras. — A gente sabia que estava arriscando a vida com este plano. Sinceramente, eu não esperava sair vivo desta guerra.

— *Eu* esperava que você saísse vivo. — Ela respirou com dificuldade. — Eu achei que você estaria lá quando a gente voltasse para Ruína. Eu pensei que você e eu... — Ela pensou que tinha mais tempo para descobrir o que havia entre eles. Ela *precisava* de mais tempo. Ela precisava do amigo ao lado dela.

— Eu aprecio o otimismo. — Os dedos de Damian apertaram os dela. Ele moveu a cabeça. — Agora vá. Não quero que o guarda diga ao rei que você ficou aqui por uma eternidade.

Ela limpou uma lágrima da bochecha e se esforçou para sorrir antes de ir até a escada. Aren foi para a cela, inclinando a cabeça para falar com Damian.

Ela não se importava com os riscos. Fosse como fosse, encontraria um meio de salvá-lo.

DEZESSEIS

CAS ERGUEU UMA DAS mãos para bater à porta de Mary, com o estômago se revirando. Enquanto esperava que ela abrisse, estalou um dedo.

Ninguém abriu a porta e ele deu um passo para trás. Uma criada carregando a roupa de cama se aproximou, vindo da outra extremidade do corredor, e parou ao avistá-lo.

— Você viu Mary? — perguntou ele.

— Acho que ela está na sala de treinamento, Alteza.

Ele murmurou um agradecimento e seguiu para a escada nos fundos do castelo. Uma gargalhada tomou conta do corredor.

Ele parou na porta aberta da sala de treinamento e viu Íria com uma espada sem ponta na mão e Mary de frente para ela.

A princesa tinha uma expressão determinada ao dar um passo para o lado, com a espada estendida à sua frente. O treinador, Rulo, observava as duas no canto do cômodo.

Íria atacou primeiro, e Mary ergueu a espada para impedir o ataque. Cas encostou no batente da porta enquanto observava as duas circulando a sala; as espadas batiam uma contra a outra, fazendo barulho. Um guerreiro de Olso não era um adversário fácil, mas as habilidades de Mary com a espada eram quase únicas.

— Ouvi dizer que ela visitou Damian na noite passada.

Cas tomou um susto ao ouvir a voz e perceber que a rainha estava encostada na parede do outro lado da porta. Ela estava fora da vista das duas mulheres na sala, o que não era uma coincidência.

— Mary? — perguntou ele.

— Sim. Ela lhe perguntou se podia fazer isso?

— Eu... — Ele observou Mary derrubar a lâmina de Íria. — Ela não tem que pedir a minha permissão para fazer as coisas.

— Ela deveria.

Ele bufou.

— Sério. Você pede permissão regularmente ao meu pai?

Os lábios da rainha se contorceram.

— Entendo seu ponto de vista. — Ela espiou a entrada. — Ela é muito boa. Estranho para uma garota de Vallos.

— Talento, suponho.

— Isso não é talento. É trabalho duro e treinamento. O tipo de treinamento que não costumam ter em Vallos.

— Por que você está soando desconfiada?

— Não estou desconfiada. Apenas impressionada. Ela já falou sobre o treinamento?

— Não. Mas nunca perguntei.

— Você sabe o que acho triste? — perguntou a rainha. Ela falava lentamente, do modo que fazia quando dizia uma coisa, mas queria dizer outra. — Ela não trouxe nenhum retrato da família com ela.

— Acho que todos eles foram queimados quando os habitantes de Ruína atacaram.

— Eu imaginei. Mas pensei que poderia tentar encontrar um, para fazer surpresa. Mandei uma pessoa resolver isso. — Ela sorriu para o filho. — Mas não conte para ela. Não quero que se encha de esperança se eu não puder encontrar.

— É muito gentil da sua parte.

— Não pareça tão surpreso, Cas. — Ela apertou o braço do filho ao passar por ele. — Falta pouco para ela derrotar aquela guerreira. E desconfio que o rei Lucio mandou a melhor.

Cas se virou para olhar. Mary se desviou do ataque de Íria, acertando o braço dela enquanto batia a extremidade sem ponta no peito da guerreira.

— Ganhei — falou Mary sem fôlego.

Cas voltou a olhar para a mãe e descobriu que nada havia além de um corredor vazio. Ele entreviu um pedaço de suas saias enquanto elas desapareciam na esquina.

Íria riu e chamou a atenção de Cas de volta para elas.

— Da próxima vez, eu pego você.

— Ou poderia fazer isso neste instante mesmo, se quisesse lutar de novo. — Mary abriu bem os braços como um convite.

— Eu gostaria de lutar — falou Cas, saindo da entrada da porta. As duas garotas se viraram, e o sorriso de Mary desapareceu quando seus olhos se encontraram.

— Alteza, eu não o vi aí — falou o treinador, empertigando-se e ajeitando a gola. — O senhor gostaria que eu pegasse o seu uniforme de treinamento?

— Não, obrigado — falou Cas, entrando na sala. O olhar de Mary o acompanhou quando ele se aproximou.

— Os criados do castelo me disseram que você não permite que assistam aos seus treinamentos — falou Íria, com as mãos nos quadris e a espada balançando entre dois dedos. — Disseram que ninguém sabe seus segredos e truques. — Ela arqueou uma sobrancelha. — Eu disse que provavelmente é porque você é horrível e não quer que ninguém saiba.

Cas riu e estendeu a mão para pegar a espada dela.

— Então vamos ver, não é? — Ele olhou para Mary enquanto Íria entregava a lâmina sem ponta na mão dele. — Se você quiser.

— Se você prometer que não vai me deixar ganhar.

— Por que eu deixaria você ganhar?

A sombra de um sorriso reapareceu no rosto dela, e ele decidiu que nunca a deixaria ganhar em nada, nunca, se ela olhasse para ele daquele jeito.

— E não vamos contar ao meu pai que deixei você ficar enquanto fazíamos isso — disse ele para Íria enquanto enrolava as mangas.

— Seu pai não quer que as pessoas observem você? — perguntou Mary.

— Ele acha que é melhor manter em segredo as habilidades de um membro da família real no combate.

— Ele pode ter razão quanto a isso.

Cas cruzou o piso e parou na frente de Mary.

— Eu nunca pensei que fosse ouvir você dizer que meu pai tem razão sobre alguma coisa.

— Não diga a ele que falei isso.

— Nunca.

Ela começou a erguer a espada, depois parou e inclinou a cabeça.

— Para qual combate ele está preparando você? Você não precisa de uma espada para lutar contra os habitantes de Ruína.

— Ele usou uma contra Wenda Flores.

— Imagino que sim. — Ela arqueou uma sobrancelha. — Você já tinha encontrado alguém de Ruína antes de Damian ser capturado?

— Não.

— Nem mesmo Olivia Flores?

— Não. Nem mesmo Olivia. — Ele olhou para Íria, pouco à vontade por ter essa conversa na frente de uma guerreira. E segurou a espada à sua frente. — Estamos treinando ou conversando?

Mary ergueu a lâmina e estreitou os olhos.

Íria contou e ela fez o primeiro movimento, que Cas bloqueou com facilidade.

Inicialmente, ela estava sendo lenta e cautelosa de propósito, para avaliar como Cas se portava. Ele podia ver isso no modo como ela o observava. Era interessante, levando em consideração que seu temperamento parecia tomar conta dela em outras situações.

Ele partiu para o ataque e ela recuou, e o metal de suas espadas ressoou nas paredes quando elas se encontraram. Cas tentou empurrá-la para um canto, mas ela subitamente se abaixou e se lançou para o outro lado.

Os olhos dela se enfiaram com algo que ele não entendia muito bem quando suas espadas voltaram a se encontrar. Era mais do que raiva, e ele não sabia dizer se era dirigida a ele. Ele esperava que não, pois se fosse uma espada de verdade na mão dela, ela poderia tê-lo matado.

Cas avançou, obviamente mais rápido do que Mary estava esperando, porque ela tropeçou e ele atingiu de leve o seu braço esquerdo.

— Um — falou Íria.

Mary deu um passo para trás, com a respiração pesada. Eles traçaram círculos e Cas esperou que ela atacasse primeiro mais uma vez. Quando ela foi para cima dele, ele se defendeu do golpe, movendo-se para a frente e para trás enquanto ela atacava.

Cas só tinha lutado com seus treinadores e com Galo, e era diferente com Mary. Ele se distraiu com o jeito que uma mecha de cabelo tinha escapado do coque e pendia sobre a bochecha. Com o rosa das maçãs do rosto. Com o som da respiração dela.

Mary girou quando ele quase tocou a espada em seu peito, e ele ergueu as sobrancelhas, impressionado. Ela sorriu.

O príncipe se abaixou quando ela avançou novamente, e a lâmina errou por pouco a cabeça. Ele deu a volta e pegou a mão dela, puxando-a para seu peito. E segurou o braço dela enquanto erguia a lâmina até o pescoço. Ela arfou, movendo a cabeça para a direita. Ele podia sentir o ar entrando e saindo dos pulmões da garota contra seu corpo, e o braço dela era quente e macio sob seus dedos. Os olhos escuros ardiam para ele, brilhando como se estivessem em chamas. Ele se flagrou encarando os lábios dela, desejando saber como eles eram sobre os dele.

— É melhor a gente sair?

A voz de Íria tirou-o do transe abruptamente e ele rapidamente soltou Mary. Ela olhava para baixo e esfregava o local onde ele havia tocado o braço dela.

— Me desculpe, Alteza — falou Íria. Por alguma razão, ela sempre conseguia fazer com que o “Alteza” soasse como um insulto. — Evidentemente você não tem do que se envergonhar. No que se refere à esgrima, claro.

Ele lançou um olhar divertido para ela.

— Obrigado, acho.

— Acho que gostaria de treinar com você mais vezes — falou Mary. — Você é melhor do que Íria.

— Eu estou bem aqui — reclamou a guerreira.

— Você sabe que ele é melhor do que você — falou Mary e deu uma risada. Ela se concentrou novamente nele, e havia um vestígio de desafio em sua expressão. — Acho que ele está acostumado a ser melhor do que todo mundo.

— Galo costuma se esforçar bastante para isso — falou ele, incapaz de disfarçar o sorriso em seu rosto. — Você gostaria de lutar de novo?

— Com certeza.

DEZESSETE

EMM FECHOU A PORTA ao sair de seus aposentos e o som ecoou pelo corredor. O vestido prendeu em seu salto, e ela o puxou com um pouco mais de força que o necessário..

Íria apareceu no canto e seu olhar foi direto para o rasgo que Emm acabara de fazer na bainha do vestido.

— O que esse vestido fez para você? — perguntou ela, em tom de gracejo.

Emm não estava com disposição para rir. Passaram-se alguns dias desde a visita a Damian, e ela não fora capaz de falar com o rei uma única vez. Ele simplesmente a dispensara todas as vezes em que ela havia tentado se aproximar dele.

— A maior parte dos navios já partiu de Olso — falou Íria baixinho enquanto seguiam pelo corredor. — Os habitantes de Ruína estão a bordo.

O coração de Emm foi parar na garganta.

— Quanto tempo eu tenho? — Ela não tinha descoberto onde Olivia estava. Era um equilíbrio delicado, encontrar um meio de mencionar Olivia sem lançar suspeita sobre si mesma.

— Eles estão praticamente aqui. Mas você ainda tem alguns dias, pelo menos. Uma semana, talvez.

Mesmo que ela não pudesse encontrar um meio de conseguir a informação de forma discreta, talvez pudesse simplesmente torturar o rei e a rainha durante o ataque para obtê-la. Seria bem-feito para eles, depois do que fizeram a Damian.

Elas dobraram o corredor. Koldo e Benito estavam parados do lado de fora do Salão do Mar. Koldo falava animadamente e sorria para Benito como se o outro guerreiro devesse ficar impressionado com a história. Benito conseguiu erguer uma sobrancelha.

Emm parou perto deles, inclinando-se para espiar pela porta aberta. Ninguém tinha chegado à reunião ainda.

Cas fez a curva, e Emm rapidamente entrou na sala de reuniões para que ele não a visse perto dos guerreiros.

Ela escolheu o assento e olhou por cima do ombro quando o príncipe entrou no salão. Os lábios dele se curvaram para cima quando seus olhos se encontraram.

Ele gosta de você, disse Íria uns dias atrás. Mais do que gostar. Ele olha para você como se estivesse se apaixonando.

Emm engoliu em seco uma onda de culpa. Cas provavelmente não a amava. Ele gostava dela, talvez, mas amar? Não. Certamente não.

A culpa abriu caminho com suas garras pelo peito até a garganta e ficou difícil respirar. Ela não sabia o que era pior: ele gostar dela ou ela ter certeza de que se sentia da mesma forma.

Os guerreiros entraram no cômodo, seguidos de perto pela rainha e Jovita. O rei veio poucos minutos depois e pegou o acordo comercial sem dizer sequer um “bom-dia”.

— Vou discutir isso posteriormente com meus conselheiros — falou após um instante.

— Eles não vêm hoje de manhã? — perguntou Íria.

— Não. — Ele não ofereceu outras explicações. — Vocês podem ir. É tudo por hoje.

Os guerreiros não conseguiam esconder a surpresa, mas todos se levantaram sem dizer uma palavra. Íria olhou para Emm ao sair, com uma pitada de preocupação em seus olhos.

O rei olhou fixamente para Emm e ela fingiu não notar. Se eles tivessem descoberto alguma coisa, eles a teriam capturado imediatamente e não a deixariam ir até uma reunião com a família real. Certo?

— Eu soube que você visitou o prisioneiro de Ruína — falou o rei.

Ela tentou engolir em seco sem parecer nervosa.

— Sim.

— Por quê?

— Eu queria saber se ele participou do ataque que matou meus pais.

Jovita e a rainha trocaram olhares. A rainha se inclinou para a frente, apoiando os braços na mesa.

— O que foi que ele falou?

— Nada.

— Isso foi praticamente o que nós obtivemos dele — retrucou o rei. — Nada. Hora de desistir, acho.

Emm apertou a beirada da cadeira e o coração foi parar em seus pés.

— Mas ele me disse a localização de um acampamento de Ruína há alguns dias — falou Cas antes que ela pudesse dizer alguma coisa.

— E eu repassei isso aos soldados, mas os acampamentos de Ruína mudam de lugar o tempo todo. Ele sabia que não estava nos dando algo importante. — O rei se pôs de pé e pegou o tratado da mesa. — Estou perdendo a paciência. Normalmente não mantenho prisioneiros de Ruína.

— Não, normalmente o senhor os mata imediatamente.

As palavras de Cas pairaram no ar como se ele tivesse gritado e não falado calmamente.

— Você gostaria de dizer alguma coisa, Casimir? — O rei esticou os ombros, baixando o olhar para o filho.

Emm pôs a mão delicadamente na cintura, onde escondera uma adaga dentro do vestido. A bainha de couro estava quente contra seu lado esquerdo. Ela poderia pegar a arma em mais ou menos três segundos, arremessá-la no peito do rei, pegar a mão de Cas e correr como...

Ela afastou o pensamento, fechando as mãos num punho e tentando fingir que não estava imaginando a mão de Cas na dela enquanto eles fugiam correndo do castelo.

— Acho que nós deveríamos reavaliar nossa política sobre os habitantes de Ruína — falou o príncipe. — Não posso mais apoiar quem matem pessoas que não cometeram crime algum.

A barba do rei estremeceu, como se ele tivesse dificuldade em se controlar.

— Felizmente, eu não preciso do seu apoio. E ninguém com juízo discorda da política de Lera em relação aos habitantes de Ruína.

— Eu discordo — falou Emm.

O rei sequer olhou para ela, como se não contasse. E se afastou da mesa, batendo os pés.

— Tenho coisas mais importantes para fazer.

— Damian fala comigo — insistiu Cas, olhando por cima do ombro para o pai. — O senhor não deveria executá-lo enquanto ele ainda conversa comigo.

O rosto do rei se contorceu, como se ele odiasse admitir que Cas tinha razão.

— E o senhor mantém outra habitante de Ruína presa — falou Emm, sem perder tempo. — Se mantém Olivia presa, por que não manter Damian?

— É diferente — falou a rainha e fungou.

— Como assim? Ela está em algum lugar muito bem guardada? — Ela tentou fazer a pergunta de um modo casual, mas seu peito se apertou com a expectativa.

— Não é da sua conta. — O rei voltou sua atenção para a sobrinha. — Jovita, você vem comigo?

Os olhos de Jovita se iluminaram, e ela se apressou atrás do tio.

— Pelo menos parem de torturar Damian! — pediu Cas quando eles se dirigiam para a porta. — Ele nunca falou nada durante a tortura.

— Muito bem. — O rei abriu a porta com força, e ele e Jovita desapareceram através dela. A rainha os acompanhou, mostrando a testa profundamente vincada para o filho ao passar. Emm soltou um suspiro.

— Saiu como o esperado — falou Cas com uma risada nervosa.

— Isso foi corajoso — falou ela, e cada palavra era sincera.

— Obrigado.

Ela queria agradecer por ele impedir a tortura de Damian, mas ela não conseguia pensar em um meio de fazer isso sem lançar suspeita sobre si mesma. Além disso, não podia perder a chance de perguntar sobre Olivia.

— É um segredo? — perguntou ela cuidadosamente. — O lugar onde Olivia está?

— Mais ou menos. A família sabe. Alguns dos conselheiros sabem. Meu pai só está sendo desagradável. Ela está no Forte Victorra, nas Montanhas do Sul. Onde nos encontramos em caso de emergência, lembra?

Todo o corpo de Emm ficou dormente, mas ela conseguiu acenar com a cabeça. *Olivia.*

Victorra. Montanhas do Sul. Um ano em desespero, se perguntando onde a irmã estava, e Cas tinha respondido tudo com uma única pergunta. Ela queria passar os braços ao redor de seu pescoço e abraçá-lo.

A culpa superou a felicidade quase que no mesmo instante. A expressão dele era tão aberta e sincera que ela sentiu vontade de gritar a verdade para ele e pedir perdão. E se perguntou o que aconteceria se ela fosse franca e simplesmente pedisse que ele libertasse Olivia.

Na verdade, ela podia imaginar o que aconteceria: o mesmo cenário que tinha se desenrolado diante dela há instantes. Cas seria razoável e seu pai discordaria e faria o que bem entendesse.

Ou Cas explodiria, pegaria uma espada e a traspassaria no coração dela. Se Íria tinha razão e ele realmente gostava dela, isso apenas ia piorar a sua raiva. Ele poderia perder completamente a razão.

A verdade não era uma opção. Ela tinha que se ater ao plano, não importava o modo como ele a encarava.

DEZOITO

EMM ACORDOU COM O som da porta rangendo.

Seus olhos se abriram rapidamente, e ela rolou para se livrar dos lençóis e se levantar. Emm ficou de pé com um pulo e correu para a penteadeira onde estava a sua faca.

— Sou eu. — Ela ouviu a voz de Íria baixinho.

Emm forçou os olhos na escuridão na direção de Íria, que estava perto da porta.

— O que você está fazendo? Que horas são? — O medo atingiu seu peito enquanto ela segurava o puxador da gaveta da penteadeira, pronta para pegar a faca. — Qual é o problema?

— Estão executando Damian.

— Agora? — Ela queria gritar, mas a palavra saiu estrangulada.

— O rei acabou de acordar alguns guardas. Aren já está lá fora.

Ela correu pelo quarto e enfiou os pés em suas botas. Esbarrou no ombro de Íria enquanto forçava a porta para abrir.

— Não! — Íria sibilou atrás dela. — Se virem você...

Emm não ouviu a última palavra da guerreira ao correr para fora de seus aposentos e sair no corredor. Estava escuro e silencioso; as cortinas ainda estavam fechadas sobre as janelas. A maioria dos lâmpões que ladeavam o corredor estava apagada.

Ela disparou para a escada principal, mas uma vozinha no fundo de sua mente lhe dizia para não correr para a entrada do castelo, sob a vista dos guardas. Emm girou e correu pelo corredor, pegando a escada dos fundos até a cozinha.

Os passos de Íria soavam atrás enquanto ela corria através da sala de jantar da criadagem. Vestia apenas uma camisola branca, e o ar da manhã era frio contra seus braços e pernas nus. O céu estava azul-escuro com um minúsculo vestígio de laranja começando a aparecer no horizonte.

Os jardins estavam vazios, e Emm olhou por cima do ombro para Íria.

— Alameda sul? — Ela não recebeu resposta, a não ser por Íria tentando puxar seu braço. Emm dispensou a guerreira e correu para a lateral do castelo, com os passos da outra garota acompanhando.

Aren apareceu assim que ela dobrou a esquina. Ele estava encostado na parede, suas mãos apoiadas nos joelhos, seus lábios se movendo numa oração silenciosa. Ela já tinha visto Aren rezar muitas vezes, embora não após o incêndio do castelo, com seus pais dentro dele.

Emm respirou com dificuldade e a cabeça dele se ergueu, os olhos úmidos e arregalados.

— Você não pode ficar aqui.

— Ele está morto? — murmurou ela.

Aren pôs ambas as mãos atrás do pescoço e abaixou a cabeça na direção do peito.

— Eu não sei. Eu não consigo olhar.

Ela deu uns passos para a frente. Não queria ver, mas seus pés continuavam se movendo, de qualquer forma. Estavam lentos e pesados com a sensação angustiante de que não havia nada que ela pudesse fazer por Damian naquele momento.

Ela dobrou os dedos em volta de uma parede do castelo, espiando a alameda sul.

Damian estava ajoelhado perto da escada que dava para a masmorra. Os tornozelos estavam amarrados juntos e os punhos atados diante de si. Um guarda estava parado atrás dele com uma espada. O rei e a rainha não estavam muito distantes, acompanhados de Jovita e mais alguns guardas. Cas não estava lá.

Não parecia que o rei e a rainha, que estavam de costas para ela, tivessem notado sua presença, mas Damian a encarou. Ele estava sujo e ensanguentado, com um olho parcialmente fechado por causa do inchaço.

Ela não conseguia se mover. Lágrimas inundaram seus olhos, mas os dele estavam limpos; sua expressão era soturna, mas firme. Seus lábios se contorceram no sorriso mais triste que ela já vira.

— Emm, eles podem ver você. — Íria puxou o braço da garota. Emm deu um puxão para se soltar, mas Íria a segurou de novo. — Se eles a virem...

— Solte-a. — A voz de Aren era um rosnado, e o corpo de Íria foi lançado com força para trás, como se subitamente fosse atirado para a relva por uma força invisível. Aren arfou quando ela bateu no chão.

O rapaz correu pela grama até ela.

— Eu sinto muito. Eu não quis...

— Estou bem. — Íria afastou a mão dele com um tapa.

Emm se virou para a relva. O rei fez um gesto para que os guardas seguissem adiante.

— Aren. — Sua voz saiu como um murmúrio estrangulado. — Eu não posso deixar que ele morra.

No mesmo instante, Aren estava atrás dela, e sua mão procurava pela de Emm.

— Você não vai morrer junto com ele. — A voz dele vacilou.

Damian ainda estava olhando na direção dela, e ela observou quando ele levou as mãos amarradas ao coração. Ele bateu os punhos no peito duas vezes na saudação oficial de Ruína à sua rainha.

O guarda ergueu a espada.

Aren baixou a testa sobre o ombro dela, murmurando:

— Eu não posso olhar.

Ela mal podia ouvi-lo através do sangue correndo em seus ouvidos.

— Pelo crime de assassinato e traição, o reino de Lera condena você à morte. — Emm ouviu o

rei dizer. — Que os ancestrais vejam em você alguma coisa que nós não vimos.

O rei acenou com a cabeça para o guarda que segurava a espada. Ele a ergueu no ar e hesitou por um momento enquanto encontrava sua marca.

A lâmina desceu com força.

DEZENOVE

— ELE DARIA UM excelente líder, Emmelina.

Emm ergueu o olhar para a mãe, depois encarou a janela aberta para onde Damian estava de pé, no lado de fora. Ele se abaixou de repente, e a bola que Olivia jogou perigosamente perto de sua cabeça errou por pouco.

— Oops — falou Olivia, com uma risadinha. Seus cabelos escuros e compridos estavam puxados num rabo de cavalo, que balançava de um lado para outro enquanto ela saltitava e esticava a mão, esperando o retorno da bola.

— Acho que sim — falou Emm para a mãe, voltando sua atenção para o livro. — Se Olivia gosta dele.

— Eu me referia a você.

Emm ergueu o olhar, surpresa. Wenda Flores estava de pé, com as costas viradas para a estante, na qual lombadas vermelhas, verdes e pretas se estendiam muito acima de sua cabeça, quase até o teto.

Ela levantou uma das sobrancelhas finas para a filha.

— Ele gosta de você. Tenho certeza de que você já percebeu.

— Ele é poderoso demais para se casar com alguém inútil — falou Emm, com uma pitada de amargura.

— Só porque o seu poder de Ruína nunca se manifestou não quer dizer que você não vai transmitir isso a seus filhos. Você ainda é da família real, vai liderar o povo de Ruína, e ele pertence a essa posição com você.

— Olivia vai liderar, não eu.

— Você será a mais importante conselheira da sua irmã. Terá quase tanta influência sobre Ruína quanto ela.

Emm deu de ombros, olhando para Damian mais uma vez. Ele percebeu o olhar dela e sorriu. Não era a pior opção. Mas ela também não olhava para ele do jeito que sua mãe olhava para o seu pai. Como se o mundo fosse arder em chamas se alguma coisa acontecesse a ele.

— Emm! — Olivia correu até a janela, apoiando as mãos no parapeito. Seus olhos estavam arregalados por causa da agitação. — Eles pegaram outro espião de Lera. E agora estão trazendo para cá! — Ela apontou para além de Damian, onde uma carroça e cavalos seguiam na direção do castelo.

— Isso foi rápido — falou Wenda, e as saias do vestido vermelho balançaram pelo assoalho conforme ela se dirigia à porta. — Você andou praticando, Olivia?

— Todos os dias — falou a menina com expressão séria.

— *Muito bem.* — Wenda sorriu para Emm. — *Sua irmã vai arrancar a cabeça daquele homem do restante do corpo. Você vai querer ver?*

A lembrança atingiu a mente de Emm pouco antes de ela despertar. A náusea revirou seu estômago e ela saiu correndo da cama, arfando por ar.

Ela tinha se esquecido daquele dia. Fora pouco antes do ataque de Lera, e a lembrança havia desaparecido por causa dos eventos maiores e mais horríveis que se seguiram.

Emm tinha ido. Olivia não conseguira fazer aquilo (embora ela tenha rompido a pele em torno do pescoço do homem), então um guarda finalmente se ofereceu com uma espada. Emm desviara o olhar quando aconteceu.

Mas ela não se perguntara quem era. Ela sequer conseguia lembrar do rosto do homem. Se era jovem, magro ou se tinha barba. Ela se lembrava do sangue pingando e escorrendo pelo pescoço. E se lembrava do grito.

Na época não lhe ocorrera que ele poderia ser o Damian de alguém. O amigo, marido ou pai de alguém.

Ela passou as mãos pelo cabelo e as lágrimas inundaram seus olhos. Seu quarto estava muito escuro — a única luz que vinha era o brilho da lua através da janela —, e o breu trouxe imagens que não queria ver. Damian de joelhos. O sorriso de sua mãe.

Rapidamente ela vestiu uma calça e uma camisa branca e larga. Cruzou o quarto e foi para o corredor, evitando o olhar curioso de uma criada quando passou. Ela não tinha certeza de que horas eram, mas o castelo ainda murmurava com seus ruídos.

Seus pés a levaram para os aposentos de Cas. Ela pensou em ir atrás de Aren, mas alguma coisa naquilo não parecia certa. Aren não compreenderia esta dor em seu peito.

Cas abriu a porta uns minutos depois de ela bater. A camisa estava amassada e abotoada pela metade, embora não parecesse que ele tivesse dormido. Ele jogou o livro no sofá quando abriu mais a porta.

— Entre. Você está melhor? Passei nos seus aposentos mais cedo, mas a criada falou que você não estava se sentindo bem.

— Estou bem — falou ela ao entrar na biblioteca escura. A luz vinha do quarto, e Cas a levou naquela direção.

— Você ouviu que executaram Damian de manhã? — perguntou ele quando passaram pela porta. Duas velas perto da cama estavam acesas e iluminavam a cama desfeita.

— Sim. — Ela parou no meio do cômodo e cruzou os braços à frente do peito.

— Meu pai fez de propósito, para mostrar que não tinha que dar atenção à gente. — Cas virou o rosto para ela. — Se dependesse de mim, eu não teria lidado com tudo isso da mesma maneira. Se meu pai não conseguir matar todo o povo de Ruína, você e eu teremos que encontrar um meio

de fazer paz com eles um dia.

— Paz — repetiu ela, e a palavra queimou em sua garganta. Ela nunca pensara em paz, nem por um momento.

— Isso parece bobagem? — No mesmo instante, Cas ficou inseguro.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Não é bobagem. Seu pai e Jovita tratam você como se as suas ideias fossem bobagem porque não gostam do modo como suas perguntas fazem com que eles se sintam. Lembre-se disso, está bem? Você não é burro, você não é ingênuo, você não é nada dessas coisas que eles tentam fazer você parecer.

Um sorriso lento se abriu no rosto do príncipe.

— Obrigado, Mary.

Ela engoliu em seco ao ouvir o nome da garota que tinha matado e baixou o olhar para o chão. Cas esticou o braço para pegar a mão dela e seu tom de voz se acalmou.

— Você está bem?

— Tudo bem. — Ela mentiu. — Apenas... solitária, acho. — A confissão foi constrangedora assim que saiu de sua boca, mas Cas apertou sua mão com força.

— Estou feliz por você ter vindo — falou em voz baixa.

Ela esfregou o polegar em seu colar. A culpa constante em seu peito tinha começado a dar lugar a uma dor abrasadora. Era fisicamente doloroso imaginar o quanto ele a odiaria depois de saber a verdade.

Cas diminuiu a distância entre eles com um pequeno passo. Estava perto demais — ou não estava perto o suficiente — e ela pôs uma das mãos em seu peito.

O cômodo estava tão quieto que ela podia ouvir Cas respirar fundo e observar o ar encher seu peito. Os dedos dele roçaram seu pescoço, e Emm sabia que se erguesse o olhar, ele a beijaria. Ela ia deixar. Ia fazer mais do que *deixar*, na verdade, ia puxá-lo para si e sentir cada centímetro do corpo dele contra o dela.

Os olhos de Cas encontraram os dela, e o polegar dele delicadamente ergueu seu queixo.

Ela começou a chorar.

A surpresa tomou o rosto do príncipe enquanto ele a puxava nos braços. Ela fechou os dedos em torno da camisa dele. Sentia que, se não o segurasse, talvez ele começasse a se afastar dela.

— Me diga o que está errado — falou ele baixinho, com os braços apertados ao redor de sua cintura.

— A morte de Damian me fez pensar... — Ela respirou fundo, com dificuldade, e deixou palavras sinceras jorrarem. — Eu vi tantas pessoas mortas e nunca me importei. Eu matei. Eu planejei matar mais.

Ela não tinha simplesmente planejado matar Cas. Ela se imaginara sorrindo enquanto afundava uma espada no peito dele.

— Não acho que essa seja quem eu quero ser — falou ela, com voz trêmula.

— Você fez o que tinha que fazer — falou o príncipe.

— Eu fiz o que eu escolhi fazer. — Lágrimas desceram por suas bochechas e mancharam a camisa.

— Então escolha melhor da próxima vez.

Era uma observação tão simples que ela quase falou para ele que era tarde demais. Mas quando ergueu a cabeça e olhou nos olhos dele, ele a encarou com tal sinceridade que era impossível discordar.

— Você não é quem eu pensei que fosse, Cas.

— Não?

— Você é muito melhor.

Ele sorriu e seu polegar esfregou uma lágrima da bochecha dela.

— Fica comigo hoje à noite?

Emm fez que sim com a cabeça sem hesitar. O príncipe segurou sua mão e a conduziu até a cama. Ela deitou nos lençóis macios. Cas deslizou para o lado dela e puxou as cobertas, embora ambos estivessem totalmente vestidos. Ele a abraçou mais uma vez, entrelaçando seus dedos nos cabelos de Emm, e os lábios dele roçaram sua testa.

— Posso contar um segredo? — perguntou ele, e sua respiração fez cócegas na testa da garota. Ela assentiu. — Eu não queria me casar. Estava com raiva porque não pude escolher. Mas... prometa que não vai contar isso aos meus pais. — Sua voz tinha um traço de humor. — Eu não teria escolhido ninguém melhor do que você.

Ele colocou uma mecha do cabelo dela para trás da orelha, e Emm esticou o braço e entrelaçou os dedos nos dele. Então puxou as mãos para perto do peito dela, dando um beijo de leve nos nós dos dedos de Cas.

— Você é muito melhor do que eu imaginava também — murmurou ele, e seus lábios roçaram o ouvido dela quando ele falou.

As pernas dos dois estavam entrelaçadas, e ela sabia que de manhã se arrependeria de deixar que ele a abraçasse assim. Emm pensaria na sensação dos contornos do corpo dele contra o dela, em como ela podia senti-lo sorrindo quando ele beijava sua testa. Ela se lembraria daquilo no dia seguinte, um dia depois e no outro também, e já podia sentir a dor que acompanharia o pensamento. A lembrança de como era quando ele se importava com ela ia ser a coisa mais dolorosa depois que ele comesse a odiá-la.

VINTE

— ESTOU INDO EMBORA hoje à noite.

A cabeça de Íria se ergueu rapidamente ao ouvir as palavras de Emm, e seu rosto se enrugou em sinal de confusão.

— O quê?

Emm se virou para Aren, empoleirado na beirada de uma cadeira. Eles estavam na biblioteca, no canto mais afastado da entrada do cômodo, caso alguém sentisse vontade de ouvir atrás da porta. Era óbvio que ele estava surpreso, mas talvez aliviado também.

— Tenho tudo de que preciso — falou ela. — Está na hora de pegar Olivia.

— Você não tem tudo de que *nós* precisamos — falou Íria. — Nós precisamos que você fique para não levantar suspeita.

Íria tinha razão quanto a isso. Sem dúvida, haveria perguntas se ela subitamente desaparecesse.

Mas Emm não podia continuar mentindo para Cas. Ela dissera que voltaria ao quarto dele naquela noite e queria desesperadamente fazer isso, seu peito doía.

Mas ela não podia olhar nos olhos dele e mentir. Nem sequer mais uma vez.

— Estávamos planejando atacar em uma semana; provavelmente menos — falou Íria. — Você pode esperar mais alguns dias.

— Preciso de tempo para chegar até Olivia — falou Emm. — E se eles a mudarem de lugar depois do ataque?

Íria puxou uma mecha de cabelo da trança e enrolou no dedo.

— Vamos fazer assim: vou dar dois dias para você sair na frente. Vou confirmar a data do ataque, e você pode ir embora dois dias antes. A essa altura será tarde demais para eles lançarem qualquer tipo de defesa eficaz, mesmo se o seu desaparecimento levantar suspeitas. Eles ainda estarão tentando descobrir para onde e por que você foi.

Emm hesitou. Isso significava mais dois ou três dias no castelo.

Mais dois ou três dias com Cas.

E se ela usasse esses dias para avisá-lo? Ela não podia simplesmente deixá-lo morrer quando Olso atacasse. Seria tolice pensar que ela poderia fazê-lo entender?

— Muito bem — falou ela em voz baixa.

— Ótimo — retrucou Íria. — Vou avisar a alguns guerreiros para se dirigirem às Montanhas de Vallos e ajudarem você.

— E mais uma coisa — falou Emm, esfregando o polegar em seu colar. — Eu gostaria que você poupasse Cas no ataque.

As palavras foram recebidas com silêncio; o único ruído era o tique-taque do relógio do outro lado do cômodo. A sobrançelha de Aren estava tão franzida que ela pensou que devia ter doído mantê-la daquele jeito.

— Como é? — Íria finalmente falou.

— Emm... — A voz de Aren falhou e ele balançou a cabeça, como se tentasse encontrar as palavras. — Por quê?

— Cas não é como o pai dele. Ele não devia...

— Você deve estar brincando — falou Aren. — Emm, por favor, diga que você não está apaixonada por ele.

Íria bufou.

— Você foi o único que não percebeu, Aren.

— Eu não estou apaixonada por ele...

— Claro que não está — retrucou Íria.

— Eu *conheço* ele — argumentou Emm. — Ele não concorda com a política do pai e vai mudar as coisas. Se vocês lhe derem uma...

— Eu não posso... — Aren deu uma gargalhada que soava quase descontrolada. — Eu não... — Ele balançou as mãos, exasperado. — Eu nem tenho palavras.

Emm apertou os lábios, lutando contra a repentina vontade de chorar. Aren a observava como se ela o tivesse decepcionado pela primeira vez.

— Nossas ordens são matar toda a família real — falou Íria.

— Não Cas — respondeu Emm baixinho. Aren afundou mais ainda em sua cadeira, gemendo enquanto levava as mãos ao rosto.

— Cas, sim. — falou Íria. — E o rei, a rainha e Jovita. Toda a linhagem real precisa ser eliminada, e eu gostaria de lembrar que, desde o início, esse foi o plano.

— Eu sei que foi, mas se você deixar Cas conversar com o seu rei...

— Garanto que o rei Lucio não tem o menor interesse em conversar com Cas.

— Ao menos lhe dê a opção de entregar voluntariamente seu reino!

— Você acredita mesmo que ele vai aceitar essa opção?

Emm pressionou uma das mãos contra a testa. Não. Ela não conseguia ver Cas se curvando diante do rei de Olso nem entregando voluntariamente o reino que ele amava. Nem para salvar a própria vida.

— Preste atenção — falou Íria num tom de voz mais baixo. — Eu não vou fazer isso pessoalmente. Se dependesse de mim, eu não o mataria. Mas não depende. Haverá um monte de guerreiros por aqui, como você pediu, devo acrescentar, e eles têm ordens.

— Ótimo.

— Ótimo? O que isso significa?

Ela se levantou e foi até a porta.

— Significa ótimo. — Emm empurrou a porta para sair.

Ela tinha que avisar a Cas de qualquer jeito.

Cas dobrou a esquina, sorrindo para um dos criados que passava apressado. Ele se sentia leve desde que acordara com Mary a seu lado. Não tinha pensado em outra coisa a não ser a expressão no rosto dela quando concordou em voltar ao seu quarto à noite. E, com sorte, em todas as noites depois daquela.

Ele se virou para a porta aberta do estúdio da mãe e encontrou os pais à sua espera. A rainha estava de pé junto à mesa, tamborilando os dedos contra ela com tanto vigor que corria o risco de amassá-la. O pai caminhava pelo cômodo.

Havia um imenso retrato no canto. Um homem, uma mulher e uma jovem. Cas não reconheceu nenhum deles.

— Feche a porta — falou a mãe.

Ele a fechou, e o som ecoou por todo o recinto.

— Está tudo bem?

— O quadro chegou. — A boca de sua mãe era uma linha rígida e ela tinha uma expressão no rosto que ele nunca vira antes. Se ela tivesse uma espada, talvez ele desse um passo para trás.

— Aquele de Mary com os pais? — Ele forçou a vista para olhar o quadro. Cas nunca se encontrara com o rei e a rainha de Vallos, mas não achava que a garota de cabelos escuros fosse Mary. Seu rosto era mais pálido, os olhos mais claros, e ela tinha traços pequenos e graciosos, como se pudesse quebrar se a empurrassem com força. O homem e a mulher estavam de pé atrás dela, com as mãos em cada um dos ombros. O homem tinha sobrancelhas impressionantemente peludas e o cabelo castanho-claro estava puxado para a nuca. A mulher era pálida e magra como a filha.

— Acho que mentiram para vocês — falou ele —, mas foi uma boa ideia.

O peito da mãe de Cas começou a subir, como se ela tivesse acabado de correr.

— Eles não mandaram o quadro errado. Esses são o rei e a rainha de Vallos.

— Então quem é ela? — perguntou Cas, apontando para a garota na pintura.

— Ora, acorde, Casimir — interveio o pai.

— Essa é Mary — falou a mãe com voz trêmula. Ela cerrou os dedos em punhos ao lado do corpo. — A pergunta é: quem é a mulher com quem você se casou?

O mundo girou e Cas segurou a beirada da cadeira enquanto se abaixava até sentar. Aquilo era ridículo. Quem tomaria o lugar dela? Por quê? Onde estava a verdadeira Mary?

E, mais importante, com quem ele tinha dormido em sua cama na noite passada?

— Por quê? — Ele conseguiu balbuciar; sua boca não conseguia formar nenhuma outra palavra.

O pai começou a andar de um lado a outro numa velocidade que deixou Cas tonto.

— Você precisa se acalmar.

— Eu estou calmo. — Ele estava confuso demais para sentir outra coisa.

— Não. Nós temos uma ideia de quem ela é e precisamos que você fique calmo quando nós contarmos — falou sua mãe.

— Ela ficou preocupada com aquele prisioneiro de Ruína — falou o rei, andando mais rápido.

— Não faria sentido ela ficar tão perturbada com a morte dele.

— Ela achou que a punição era...

— Quietos — interrompeu a mãe.

— Ela manuseia uma espada melhor do que qualquer um. — Seu pai soltou uma gargalhada oca. — E todos nós sabemos que os soldados de Vallos não são bem treinados. Nem um integrante da família real é bom assim.

Cas fitou o pai com expressão indiferente. Não importava aonde o rei queria chegar, Cas não havia entendido ainda.

— E então ela perguntou onde Olivia estava. Não perguntou?

— Sim. — O estômago de Cas se revirou. — Ela perguntou de novo no outro dia.

— O que você respondeu? — Uma mecha de cabelo tinha escapado do coque de sua mãe, como se nem o cabelo dela pudesse lidar com aquela situação.

— Eu... eu falei a verdade.

Os pais arfaram em uníssono.

O nevoeiro na mente de Cas de repente se desfez.

— Vocês acham que ela é de Ruína.

O pai passou uma das mãos pela barba.

— E não é qualquer uma, porque ela não tem marcas. Ela tem a idade certa, o cabelo... e os olhos...

— O que tem os olhos? — De repente, era como se Cas estivesse se afogando, incapaz de respirar, pensar ou se mover.

— Eu acho que aquela garota é Emmelina Flores.

VINTE E UM

EMM ERGUEU A MÃO para bater à porta de Cas. Ela podia fazer isso. Talvez. Provavelmente.

Baixou o punho trêmulo e respirou fundo. Ela tinha que avisá-lo, mesmo que isso significasse aborrecer os guerreiros. Ela não podia deixá-lo morrer.

— Ele não está aí, Alteza.

Emm se virou e viu Davina de pé a alguns passos, com uma bandeja de café da manhã comida pela metade.

— Ele saiu para ver o seu quadro — falou Davina.

— Meu quadro?

— Eu... eu achei que a senhora sabia. — A cor desapareceu do rosto da criada. — É um quadro da senhora e dos seus pais, afinal. Eu pensei que...

A garganta de Emm se fechou. Um quadro de Mary e dos pais. Eles sabiam.

Ela olhou ao redor atrás de armas. Nada.

— Por favor, não diga à rainha que eu lhe contei — implorou Davina. — Talvez fosse uma surpresa e se ela souber que eu...

— Seu segredo está a salvo comigo. — Emm girou nos calcanhares, resistindo à vontade de começar a correr. Ela não queria alarmar a criada.

Dobrou uma esquina e quase esbarrou em Íria. O pânico estava gravado no rosto da guerreira.

— A rainha tem...

— Um retrato de Mary, eu sei — interrompeu Emm.

— Vamos embora. Agora.

— Eu não tenho arma nem...

— Eu tenho uma. — Íria retirou a espada do cinto. — Fique atrás de mim.

Emm olhou para ela, surpresa.

— Você vem comigo?

— Você realmente acha que o rei vai acreditar que nós não sabíamos de nada? Chegamos logo depois de você. — Íria se inclinou no canto. Ela fez um gesto com a cabeça, indicando que podiam seguir.

— Eu tenho que avisar Aren — falou Emm.

— Koldo está indo atrás dele. Vamos nos encontrar longe do castelo. — Elas chegaram ao topo da escada e Íria olhou para baixo, para a criadagem que se movia pelo castelo. — Acho que correr é melhor.

— Vai chamar muita atenção. Você sabe se todos eles já viram o quadro?

— Não tem como saber.

— O QUÊ? — O grito de Cas ecoou pelo castelo, rouco e furioso. O peito de Emm ficou apertado, seu coração pulou para a garganta. Ela não poderia pensar nele agora.

— Correr é melhor — falou, pegando o braço de Íria. — Mas não aqui. Na escada dos fundos. As duas correram até a escada, e os sapatos faziam barulho nos degraus conforme avançavam. Emm diminuiu a velocidade até seus pés ficarem quase silenciosos. Íria a acompanhou, checando os arredores ao chegarem no primeiro andar.

Emm correu em silêncio até a esquina e empurrou com força a porta da cozinha. Estava vazia, e ela e Íria correram pelo cômodo. A princesa enfiou a cabeça para fora, apertando os olhos quando a luz do fim da tarde atingiu seu rosto.

— Para onde? — perguntou Íria. — O portão principal vai ser difícil.

— Impossível. Tem guardas demais. — Ela apontou para a árvore na qual Cas costumava subir. — Ali. Se conseguirmos pular o muro, vamos ter que lidar só com um ou dois guardas.

— Onde ela está? — A voz estridente da rainha foi ouvida do lado de fora de uma janela. — Guardas, vão! Parem ela!

Íria correu e Emm a acompanhou de perto, pulando por cima de um banco enquanto avançava para o muro. A árvore se agigantava diante dela, e Emm pegou um galho e alçou o corpo até o topo do muro. Eles tinham usado uma corda para descer da última vez, e ela engoliu em seco conforme avaliava a distância.

Íria subiu no muro ao lado dela, e Emm pulou antes que pudesse mudar de ideia. Ela aterrissou com força nos dois pés e cambaleou enquanto a dor subia pelas pernas. Ela as balançou, e ficou aliviada ao perceber que não havia quebrado nada.

Um guarda correu até as duas, e Íria caiu com impacto ao lado dela, com a espada já desembainhada. Emm se moveu para ajudá-la, mas um segundo corpo caiu sobre o dela e jogou ambos no chão.

Alguém passou os braços em volta dela, e o aperto cortou o ar em seu peito. Ela estava de barriga para baixo e sua bochecha encostava no chão.

— Quem é você? — rosnou o homem.

Ela se contorceu contra ele, chutando terra. Um dos cotovelos atingiu o rosto do guarda e ela conseguiu se soltar.

A garota fez um esforço para ficar de pé. Galo estava diante dela e seus olhos brilhavam de raiva. Ele usava as roupas de treino, e suas mãos não traziam armas.

Emm ergueu o punho e socou a bochecha do rapaz quando ele se aproximou. Galo cambaleou para trás, piscando, e ela aproveitou o momento livre para dar uma olhada em Íria. Ela ainda estava envolvida em uma luta acalorada com o outro guarda.

Pelo canto do olho, ela viu Galo se mexer, e se virou a tempo de levar uma cotovelada no estômago enquanto ele puxava as pernas dela, desequilibrando-a. Ela arfou quando caiu no chão.

O guarda esticou o braço para Emm, que rapidamente rolou para longe. Ela ficou de pé com um pulo e deu dois socos, um atrás do outro. Ele devolveu um golpe que acertou sua bochecha, mas evidentemente não estava acostumado a lutar sem uma espada.

Ela ergueu um dos joelhos e o golpeou na barriga. Galo ofegou, caindo de joelhos.

Uma espada apareceu perto do pescoço do homem. A cabeça de Emm se ergueu bruscamente e viu Íria de pé acima dele, com uma espada em cada mão. O outro guarda estava morto no chão atrás dela.

Emm balançou a cabeça e estendeu a mão para a espada que mirava Galo. A outra garota lançou um olhar curioso em sua direção, mas entregou a arma.

Um rosto apareceu no topo do muro, e Íria agarrou o braço de Emm, tentando puxá-la para longe dali.

Era Cas. Ele deu um passo em cima do muro, e qualquer esperança de que o príncipe a entendesse desapareceu quando ela viu seu rosto furioso.

Eu sinto muito. As palavras ecoaram no mesmo instante em sua mente.

— Vamos embora! — gritou Íria, puxando-a com força. Emm se virou e começou a se afastar; o som de botas atingindo o chão ecoava atrás dela.

— Ei! — O grito de Cas a acompanhou, e ela o ignorou da primeira vez. — Ei!

Ela olhou por cima do ombro e viu o príncipe de pé ao lado de Galo, que ainda estava encolhido no chão, com a mão apertada contra a barriga.

— Me diga o seu nome, pelo menos! — Cas abriu os braços, e sua expressão era uma mistura louca de raiva e incredulidade.

Ela se virou, correndo de costas enquanto gritava com voz alta e clara:

— Emmelina Flores!

VINTE E DOIS

Emmelina Flores.

O nome afastou todos os outros pensamentos e se fixou em sua mente como uma ferida aberta.

Emmelina Flores. Ele ouviu o nome com a voz da garota. E viu o modo como ela ergueu o queixo quando disse, como se sentisse orgulho do nome e do modo como o enganara.

A raiva ardeu dentro de si tão intensamente que ele mal pôde sentir a pontada do remédio quando o médico tratou do corte acima de sua sobrancelha.

— Eu falei para você ficar calmo! — gritou a mãe. — Não para ir atrás dela! — A rainha estava de pé ao lado do quadro da Mary real, com o rosto vermelho-vivo de raiva. O pai estava sentado numa cadeira ao lado de Cas, uma expressão vazia no rosto. Ele segurava os braços do móvel quase a cada minuto como se sua raiva estivesse prestes a explodir.

— Ela estava escapando — falou ele entre os dentes. E tinha fugido. Ele teria corrido atrás delas, mas estava sem sua espada, e Íria e Emmelina tinham uma, cada.

De qualquer forma, foi essa desculpa que Cas contou para todos. A verdade era que ele tinha ficado preso no chão assim que Emm o encarou com aqueles olhos grandes e tristes.

Por que ela parecera tão triste?

O médico terminou de cuidar da ferida e rapidamente saiu do cômodo, fechando a porta atrás de si.

Cas se inclinou para a frente, apoiando a cabeça em suas mãos. Ele era um idiota por não pegar a espada antes de ir atrás dela. Embora não tivesse pensado que precisaria de uma espada para caçar a esposa enquanto ela tentava escapar.

Ele soltou uma gargalhada quase histérica, e seus pais o observaram como se ele tivesse perdido a razão. Talvez tivesse mesmo.

Uma batida à porta, e um dos guardas do rei a abriu.

— Os outros dois guerreiros de Olso se foram, junto com Aren.

O rei dispensou o guarda, e a porta bateu enquanto a mãe puxava o próprio cabelo.

— Nós sabemos aonde eles estão indo — falou o rei com uma voz estranhamente calma.

— Até Olivia? — deduziu Cas.

— Sim. Vou mandar soldados naquela direção. Acrescentar segurança extra ao edifício. Vamos pegá-los antes que cheguem perto dela.

— Apenas mate Olivia. — A rainha cuspiu as palavras. — Mande uma ordem para que a executem imediatamente.

Alguma coisa se retorceu dentro de Cas quando ele observou o rosto da mãe se desfigurar com

a raiva.

— Ela não fez nada — falou ele.

— Acho que você perdeu o direito de ter uma opinião sobre o povo de Ruína quando contou a Emmelina Flores onde a irmã dela estava — falou o rei.

Cas pulou e ficou de pé.

— Quem foi que me ordenou a casar com ela? — O grito ecoou pelo cômodo e fez sua mãe se assustar.

A boca de seu pai se contorceu, mas ele nada disse.

— Cas — falou a mãe, em voz baixa. Ela pôs uma mão em seu braço, mas ele a afastou.

— Se tem alguém culpado nesta situação, é você — gritou Cas, com os olhos fixos no pai. — Você ordenou o assassinato de milhares de pessoas inocentes, e agora fica surpreso quando um deles...

— Inocentes? — O pai rugiu e praticamente pulou da cadeira. — O povo de Ruína não é *inocente*!

— Qual crime Damian cometeu? O que foi que o restante deles fez?

— Ela entrou na sua mente — falou o pai, indignado. — Você deixou Emmelina colocar essas ideias...

— Não sou idiota. — Cas o interrompeu rispidamente. — Ela não precisava me dar ideia nenhuma.

— E você me culpa. É minha culpa Emmelina Flores fingir ser sua esposa.

Cas abriu bem os braços.

— Eu não vejo mais ninguém para culpar. Nada disso teria acontecido se você não tivesse começado uma guerra com Ruína. Agora eu estou *casado* com uma deles. — Seu estômago se apertou ao ouvir as palavras, e ele se virou, temendo que seu rosto pudesse revelar emoções demais.

— Você não está mais casado com ela — falou a mãe, como se isso resolvesse tudo. — Não há mais ligação.

Ele revirou os olhos enquanto voltava a encará-los.

— Sério? Porque a senhora falou?

— Sim! — interveio o pai. — Ela mentiu sobre a identidade! Nós vamos declará-lo ilegal.

— Nossas almas estão ligadas até a morte. — Ele repetiu as palavras que o sacerdote havia dito, apenas para irritar o pai.

Funcionou. O rei bateu a mão contra a pintura, fazendo-a cair para a frente.

— Então eu a matarei pessoalmente!

O primeiro instinto de Cas foi gritar *Não*! Em vez disso ele nada dissera.

— Seu pai tem razão — falou a rainha, com a voz muito mais calma que a do marido. — Este casamento não é legítimo. Vamos cuidar disso.

Cas deu de ombros. Estar casado com Emmelina importava menos do que o que ele havia compartilhado com ela, como ele se sentia em relação a ela e o quanto ele queria fazê-la infeliz com as próprias mãos naquele momento.

Por que ela parecia tão triste?

— Talvez nós possamos arranjar outra coisa para você — emendou o pai num tom subitamente otimista. — O governador da província do sul tem uma filha; ela era a segunda opção, depois de Mary.

— O senhor deve estar brincando — Cas falou sem rodeios.

— Ela é adorável. Muito mais bonita do que Emmelina.

— Você. Deve. Estar. Brincando — repetiu ele, mais lentamente. Seus pais estavam loucos se achavam que ele os deixaria escolher a esposa novamente.

— Não é a hora — falou a rainha, balançando a cabeça para o marido. Ele ergueu as mãos, desistindo. Ela se concentrou novamente em Cas. — Nesse momento precisamos avaliar melhor o dano feito. O que ela sabe? O que ela estava fazendo enquanto esteve aqui?

— Ela ficou com Íria o tempo todo — falou Cas. — As duas se tornaram amigas.

— Ou já eram amigas antes de ela vir para cá — falou a rainha. — Dado que os guerreiros desapareceram misteriosamente com ela, creio que podemos supor que eles sabiam exatamente quem Mary era.

Cas estalou todos os nós dos dedos da mão esquerda, um por um.

— Nós fomos até a praia. Ela estava interessada nas torres e em como nós protegemos nossas fronteiras.

— E você mostrou tudo isso a ela?! — O rei exclamou.

— Agora não tem importância — falou a rainha antes que Cas pudesse responder. — Temos que nos preparar para a possibilidade de um ataque. Vamos chamar os caçadores de Vallos e Ruína.

— Vai levar semanas até eles voltarem.

— Pegaremos Emmelina de surpresa — explicou a mãe. — Com sorte, teremos algum tempo. Mas vamos botar guardas nas torres em alerta máximo.

O pai franziu a testa para Cas.

— Não acredito que você deu essas informações a ela.

— Ela era minha esposa! Eu confiava nela! — As últimas palavras tinham um gosto amargo quando ele as pronunciou.

Cas tinha pensado que ela se importava com ele e estava empolgada com a perspectiva de governar o reino com ele um dia. Ele tinha pensado que ela era forte e valente, e que seria a

melhor rainha que Lera já vira.

Ele tinha pensado que ela estava apaixonada por ele.

Talvez Emm tivesse se apaixonado por ele. O rosto manchado pelas lágrimas encheu a sua visão. *Não acho que essa seja quem eu quero ser*, ela dissera. A mente de Cas gritava que a garota era uma mentirosa em quem não se podia confiar, mas não conseguia deixar de pensar que a última noite tinha sido real.

A ideia tomou conta de seu corpo com uma onda repentina de raiva. Se tinha sido real, por que ela não lhe contara a verdade? Ele tinha dito *Escolha melhor da próxima vez*. Ela poderia ter lhe contado tudo. Poderia ter confiado nele para ouvir, estar disposto a negociar sobre Olivia. Ela tinha preferido a violência e a mentira, assim como sua mãe.

Escolha errada.

VINTE E TRÊS

EMM E ÍRIA PASSARAM um período deprimente escondidas no estábulo dos cavalos, não muito longe do castelo. No momento em que conseguiram sair, as duas fediam e estavam rígidas de ficar agachadas.

A bainha do vestido azul-claro de Emm estava coberta de lama, e ela queria ter tido tempo de vestir uma calça antes de fugir. A garota não tinha onde guardar a espada que havia roubado e agora que o sol tinha se posto, havia uma friagem no ar.

— Me dê a espada — falou Íria, estendendo a mão. — Tenho onde guardar no outro lado do meu cinto.

Emm hesitou. Ela não queria ficar sem arma enquanto Íria tinha duas. Se tivesse sido inteligente, teria arrumado uma bolsa para levar consigo quando saísse do castelo. Agora ela estava presa ali sem ter onde guardar a arma, sem água e sem comida.

— Você prefere carregá-la? — perguntou Íria, levantando uma das sobrancelhas. — Só vai chamar a atenção.

Emm entregou a espada, e Íria a enfiou no couro do lado direito de seu cinto.

— Temos que encontrar Koldo, Benito e Aren não muito longe daqui — falou a garota, dando uma olhada ao redor. A estrada principal que conduzia ao centro da Cidade Real se estendia para o leste.

Atrás delas, as rodas de uma carroça rangiam enquanto um homem a guiava na direção do centro da cidade. Elas estavam tão perto que Emm podia ouvir a risada vindo das construções aglomeradas. Mais alguns passos e talvez ela conseguisse sentir o cheiro de pão de queijo.

O homem olhou por cima do ombro ao dobrar uma esquina com a carroça.

— Vamos sair daqui — falou Emm.

— Vem comigo. — Íria correu e Emm se apressou atrás dela. Elas cruzaram a estrada e a grama alta até as pernas e os pulmões de Emm queimarem. Ela tinha perdido um pouco de sua resistência enquanto estava no castelo.

As duas garotas se afastavam do centro de Lera. Viajavam para o oeste, na direção da floresta. Emm havia pegado as estradas principais e contornado a beirada da mata no trajeto até a Cidade Real algumas semanas atrás, mas já tinha considerado aquela a melhor maneira de ir para o sul.

O coração da floresta ainda ficava a um dia e meio de caminhada, mas Íria as levou para a parte densa da mata nos arredores da Cidade Real. A guerreira diminuiu a velocidade para uma caminhada e Emm tossiu enquanto tentava recuperar o fôlego.

— Você devia ter corrido comigo todo dia de manhã. — Íria era irritantemente metida.

— Eu... vou ficar bem daqui a alguns dias — falou Emm, inspirando goles de ar. — Eu sempre me adapto rápido.

Íria deu um sorriso afetado.

— Assim espero. Eles mal começaram a mandar os guardas atrás de nós. — Ela começou a andar rápido, e Emm fez um esforço para manter o ritmo.

Elas avistaram dois vultos, e Emm examinou freneticamente a área em torno delas.

— Onde está Aren? — perguntou e passou correndo por Íria.

Os olhos de Koldo estavam arregalados de remorso.

— Eu sinto muito. Nós nos separamos de Aren pouco depois de deixarmos o castelo. Havia guardas por toda parte e a gente estava tentando sair.

O coração de Emm ficou dolorosamente apertado no peito.

— Eles não o pegaram, pegaram?

— Acho que não. Mas não tive a chance de dizer onde iríamos nos encontrar.

Ela deu um suspiro de alívio. Era improvável que alguém conseguisse capturar Aren, sobretudo agora que ele estava livre para usar seus poderes. Ele ficaria melhor do que qualquer um deles.

— Ele vai direto para Forte Victorra — falou ela. — Nós podemos encontrá-lo por lá.

— Tem certeza de que quer ir? — perguntou Íria. — O rei deve imaginar que está indo para lá e vai mandar um exército para pegar você.

— Qual é a opção?

— Você pode se juntar a Benito nos nossos navios. Koldo e eu faremos tudo para que os guerreiros na fortaleza resgatem Olivia.

— Não. Eu vou.

— Imaginei que sim — falou Íria. — Koldo e eu vamos com você. Instruímos alguns guerreiros a nos encontrarem com mantimentos e cavalos na floresta.

— Obrigada. — Emm desconfiava dos guerreiros. Resgatar Olivia nunca tinha sido parte do acordo deles. Ela tinha a impressão de que a tarefa ficaria totalmente a seu cargo. — E depois que nós resgataremos Olivia? — perguntou ela.

— O rei quer encontrar vocês duas, claro — falou Íria. — Vocês podem nos acompanhar de

volta a Olso.

Era isso. Os guerreiros não estavam ajudando, mas sim vigiando ela e Olivia.

— Benito, você vai informar aos navios que estamos antecipando o ataque — falou Íria.

— Para quando? — perguntou Emm.

— Para amanhã à noite — respondeu a guerreira.

Benito assentiu.

O estômago de Emm se revirou. O medo por Cas era mais urgente e mais forte do que ela gostaria.

Íria fez um gesto para Benito, que tirou a bolsa das costas e entregou para ela. Ele jogou seu casaco para a princesa. Íria remexeu no interior da bolsa e tirou um cantil, que estendeu a Emm.

— É seu. De nada.

— Obrigada — falou ela com sinceridade. Emm ficaria muito melhor com dois guerreiros do que ficaria por conta própria.

E se Íria tentasse forçá-la a ir para Olso depois de resgatar Olivia, ela lidaria com isso quando chegasse a hora.

VINTE E QUATRO

CAS SE ESTICOU NO sofá da biblioteca e dobrou os braços sob a nuca. Ele tinha feito trocarem toda a roupa de cama por lençóis novos, mas a cama ainda o lembrava dela. Mary tinha deixado sua presença em todos os cantos de sua vida, mas a mais marcante havia sido em sua cama, mesmo depois de apenas uma noite.

Emmelina, ele se corrigiu, tentando ignorar a imagem dela em sua mente. Cas prometeu que não pensaria nela, mas a garota aparecia nos pensamentos dele a todo momento. Não conseguia pensar em mais nada.

Seus pais tinham interrompido todas as atividades de verão do castelo, que agora ficava em silêncio o dia todo. Os criados o evitavam como se tivessem medo de que ele fosse explodir a qualquer momento. Ele estava acostumado a deixar as pessoas pouco à vontade, mas isso era algo novo e pior. As pessoas tinham *pena* dele.

Ele a odiava. Tinha esperança de que ela tropeçasse em um de seus estúpidos vestidos e quebrasse alguma coisa, andando por aí com uma dor terrível.

Uma onda de culpa acompanhou o pensamento. Ele se xingou por isso.

Eu não acho que isso seja quem eu quero ser.

As palavras tinham sido tão sinceras, e eram tudo em que ele podia pensar. Cas tinha passado a maior parte do dia tentando entender o que fora real. Tinha conhecido um pouco da verdadeira Emmelina, Cas tinha certeza disso.

A noite de núpcias tinha sido real. Quando ela descreveu a mãe como poderosa e zangada, e o pai como seu público silencioso, aquela era a Emmelina real. Correspondia ao que Cas sabia sobre Wenda Flores e seu marido.

Tudo o que ela tinha dito sobre o povo de Ruína tinha sido real. Ela sequer tentou disfarçar a simpatia por eles.

Mas ela tinha dito que era filha única. Falou que era solitário, mas, na verdade, ela tinha Olivia.

Ou tivera, antes do pai de Cas capturar a garota e trancá-la longe.

Ele resmungou quando outra onda de dor tomou conta dele. Como ela tinha conseguido sequer olhá-lo nos olhos? Ele sabia que Olivia estava trancada, mas nunca tinha lhe ocorrido perguntar por ela antes de Emmelina mencionar o assunto. Não admira que ela parecesse tão infeliz no dia do casamento.

Mas...

Você não é burro, você não é ingênuo, você não é nada dessas coisas que eles tentam fazer você parecer. Ela não tinha que dizer aquilo para ele. Ela não tinha que ir até o quarto dele e

dormir em sua cama. Cas lhe dera bastante espaço, e ela tinha vindo a ele repetidas vezes.

Será que ele era um idiota por pensar que ela passara a gostar cada vez mais dele? Será que era excesso de otimismo?

Uma batida à porta, e a cabeça de Galo apareceu um momento depois.

— Posso entrar?

Cas se sentou, e o guarda relaxou no sofá ao lado dele.

— Você está bêbado? — perguntou Galo.

— Eu pareço bêbado?

— Não. Mas sua mãe falou que era provável que estivesse.

— É minha mãe quem lida com a tristeza ficando bêbada.

Embora não fosse má ideia. Talvez ele fizesse isso mais tarde.

— Eu sinto muito — falou Galo.

— Está tudo bem.

— Não, não está.

Ele tinha dito *está tudo bem* para o pai à tarde. O rei simplesmente dera tapinha nas costas de Cas e lhe lançara um olhar de aprovação.

— Não, não está — repetiu Cas.

— Acho que ela realmente se importava com você — falou Galo.

— Você está tentando fazer eu me sentir melhor?

— Não! Realmente acho que ela se importava. — Ele esfregou o hematoma azul no queixo. Fora Emmelina quem o dera. — Ela não me matou. Pegou a espada de Íria e não deixou que fizesse isso.

— Elas precisavam fugir — falou Cas.

— Havia tempo suficiente para me matarem e terem certeza de que eu não ia correr atrás delas. — Um dos lados da boca de Cas se ergueu. — E por mais que eu gostasse de pensar que foi por minha personalidade brilhante, suspeito que ela tenha me poupado porque sou seu amigo.

— Elas podiam ter me matado também, acho. — Cas esfregou uma das mãos no rosto. — Corri atrás delas sem uma espada, feito um idiota.

Se Emmelina realmente quisesse matá-lo, ela teve um monte de oportunidades. Poderia ter feito isso na cama dele, enquanto Cas dormia.

Isso tinha que significar alguma coisa, certo?

Cas riu alto do ridículo de tudo aquilo. Será que ele era realmente grato à esposa por não tê-lo matado?

Minha esposa não me sufocou com um travesseiro! Deve ser amor!

Ele fechou os olhos por um momento.

— Eles vão mandar você para o sul? Meu pai comentou que ordenou que uns poucos integrantes da minha guarda se juntassem à busca por ela.

— Não. Eu vou ficar aqui. Eles me pediram para ser capitão da sua guarda. Temporariamente.

— Pediram?

— Sim. Se estiver tudo bem para você.

— Claro que está. Você sabe que um dia será capitão da minha guarda permanentemente.

Um esboço de sorriso passou pelo rosto de Galo.

— Obrigado. — Ele fez uma pausa, e sua expressão ficou mais séria. — Posso lhe fazer um pedido, como seu capitão temporário?

— Claro.

— Não corra atrás de Emmelina novamente, está bem?

— Você também correu atrás dela.

— Cas — falou Galo, com uma ponta de irritação.

— Você pode fazer o pedido, mas não prometo nada. — Lentamente ele se pôs de pé. De repente, o cômodo pareceu pequeno demais, como se bastasse falar sobre Emmelina para preencher todo o espaço ao redor dele. — Vou pegar um pouco de ar fresco.

— Você sabe que agora não é hora de deixar os muros do castelo, não é?

— Claro. Ficarei nos jardins.

Galo captou a deixa de que Cas queria ficar sozinho e não o seguiu para fora de seus aposentos. Os corredores e a cozinha estavam desertos, e o príncipe abriu a porta que dava para os jardins na parte de trás do castelo.

O ar frio da noite soprou em seu rosto, e ele respirou fundo enquanto caminhava pela relva. Cas se sentou na base de uma árvore e esticou as pernas à sua frente. Será que as pessoas iam achar estranho se ele dormisse sob as estrelas?

Ele inclinou a cabeça para trás, contra a árvore, ouvindo o zumbido dos grilos barulhentos e o som da brisa empurrando as folhas ao redor. Ele não se importava se as pessoas achavam estranho. Pelo menos lá fora tinha bastante ar. Nem Emmelina poderia preencher aquele espaço.

Um *bum* acordou Cas de seu sono. Seus olhos se abriram de imediato.

Um segundo *bum* soou ao longe.

Os gritos começaram tão repentinamente que seu corpo fez um movimento súbito, e seus pés escorregaram na grama enquanto ele fazia esforço para se levantar.

O sino começou a soar.

Alguém estava tocando o alarme para avisar sobre um ataque.

Cas correu para a porta nos fundos do castelo, abrindo-a com força e entrando rápido na cozinha e no saguão.

— *Cas? Cas!* — A voz de Galo vinha do andar de cima e ecoava através do castelo enquanto Cas corria pelo saguão. No mesmo instante, os corredores foram inundados pela luz enquanto a criada se apressava para acender os lampiões.

— Aqui! — gritou Cas.

Os passos de Galo fizeram barulho acima dele, e o guarda apareceu no topo da escada com o rosto sombrio. Ele desceu correndo.

— Olso está atacando a praia. Temos que tirar você daqui neste minuto.

O pânico tomou conta de Cas quando guardas e criados começaram a passar correndo por ele. Eles não estavam preparados para lutar. Emmelina tinha ido embora há apenas dois dias e eles ainda não tinham chamado todos os caçadores de volta de Vallos e Ruína. Muitos dos guardas foram enviados para o sul, atrás dela.

— Vamos sair pelas passagens na parte de trás — falou Galo, puxando seu braço.

Gritos cortaram o ar, e Cas girou e viu a mãe correndo pelo saguão com um guarda próximo a ela. A rainha vestia um robe roxo que estava praticamente desamarrado e deixava aparecer a camisola branca enquanto corria.

— Eu não vou sem Cas! — gritou ela.

— Estou bem aqui — falou o príncipe, e ela correu na direção do filho, a trança voando atrás de si.

— Para as passagens agora — ordenou Galo, dando um empurrão nos dois.

A rainha pegou a mão de Cas, que olhou por cima do ombro enquanto ela o puxava.

— Onde está meu pai?

— Os guardas vão cuidar dele — falou Galo com firmeza.

O som de vidro quebrando interrompeu o silêncio momentâneo, e Cas se encolheu e abaixou a cabeça quando alguma coisa foi arremessada pela janela da frente.

Chamas irromperam do objeto e os guardas se amontoaram ao redor do fogo para pisoteá-lo.

— Cas! — gritou a mãe. De repente, ele notou que a mão dela o soltara e se virou para vê-la sendo empurrada na direção da cozinha.

— Pode ir! — gritou ele. — Estou bem atrás da senhora!

Espadas colidiram em algum lugar do lado de fora do castelo, e Cas deixou que Galo também o empurrasse para a cozinha. Ele viu a cabeça de sua mãe desaparecer ao dobrar a esquina e, somente um minuto depois, um enxame de pessoas em vermelho e branco passou correndo pelas portas.

Guerreiros de Olso.

Cas cambaleou para trás, dando meia-volta e disparando a correr com Galo a seu lado. Outra bola em chamas foi lançada pela janela, e Cas se jogou no chão, cobrindo a cabeça com as mãos.

Galo estava ajoelhado ao lado dele, fazendo de seu corpo escudo de Cas.

O príncipe sentiu o calor do fogo quando a bola caiu muito perto deles. Cas se abaixou, esticando-se para encontrar Galo com o braço esquerdo em chamas.

O guarda tirou o casaco e o pisoteou.

Cas sentiu a mão de alguém em seu braço, virou-se e viu o pai a seu lado. Ele teve que controlar a vontade de passar os braços ao redor do pescoço do pai como se tivesse cinco anos de novo.

O rei lhe entregou uma espada. Era mais pesada do que a que ele estava acostumado, e a faixa vermelha em torno do punho a identificava como sendo de um guerreiro. A lâmina de seu pai tinha sangue.

Cas seguiu atrás do rei, olhando por cima do ombro e vendo os guerreiros de Olso irrompendo da cozinha. Gritos ecoaram pelos corredores e ele só podia rezar para que sua mãe tivesse conseguido sair e os guerreiros não tivessem notado a passagem.

Galo ergueu a espada quando dois guerreiros partiram para cima dele.

— Vão! — gritou por cima do ombro.

Cas correu atrás do pai e os dois quase colidiram quando o rei parou repentinamente ao dobrar uma esquina. Três guerreiros estavam parados diante deles. A luz tremeluziu em seus rostos, e Cas se assustou ao reconhecer um deles. Benito. As sobancelhas do guerreiro estavam franzidas, e ele deu um muxoxo ao atacar.

— Aqui! — outro guerreiro gritou corredor abaixo quando atacou o rei. — Estou com o rei e o príncipe!

Cas ergueu a espada e pulou para trás quando Benito avançou para cima dele. A lâmina errou por pouco seu pescoço, e ele percebeu, num momento de horror, que os guerreiros tinham ordem de matá-los. Eles não seriam capturados nem levados a parte alguma para negociações.

O pânico vibrou através de cada membro, e ele girou a espada; um resmungo abafado acompanhou o esforço. A espada de Benito se encontrou com a dele.

Pelo canto do olho, Cas viu um dos guerreiros cair, e seu pai lutava contra o outro. Quando Benito o atacou, Cas deu um passo para o lado. O guerreiro perdeu o equilíbrio e cambaleou para a frente. Rapidamente, Cas deu meia-volta e chutou a parte de trás das pernas de Benito. O guerreiro caiu no chão de joelhos e se remexeu contra a pedra. Cas enfiou a lâmina no peito do rapaz.

O guerreiro fez um som horrível de gorgolejo e a espada deslizou para fora de sua barriga quando ele caiu no chão. O sangue pingou do metal e Cas tentou balançar a espada para limpá-la, com ânsia de vômito em sua garganta. Ele só conseguiu borrifar sangue na parede azul.

Uma mão agarrou seu braço e ele deu um pulo, quase atingindo o rei com a espada enquanto girava. Os dois outros guerreiros estavam mortos, no chão, e seu pai lhe lançou um olhar de

aprovação ao ver Benito.

Perto deles, alguém começou a gritar, e o rei puxou Cas pelo braço. O príncipe teve que pular por cima de um cadáver enquanto corriam pelo castelo. Sua respiração começou a sair em baforadas de pânico, e ele transferiu a espada para a mão esquerda, limpando as palmas suadas na calça.

Chamas lambiam as paredes na outra extremidade do corredor, e o rei se virou e empurrou a porta para uma sala de estar.

— A janela — falou, fazendo um gesto para que Cas fosse na frente dele.

Cas correu para o cômodo escuro até a grande janela e abriu a tranca, empurrando-a para fora. Uma lufada de ar enfumaçado soprou no rosto do rapaz.

— Aonde eles foram? — gritou uma voz.

Ele deu meia-volta bem a tempo de ver um dos guerreiros correndo para dentro do cômodo, atacando enlouquecidamente o rei. Seu pai estava em posição, a espada erguida.

— Vai! — gritou ele.

Cas ignorou o pai e, em vez de ir, correu na direção do guerreiro. A faca na mão do homem reluziu diante de seus olhos e ele abriu a boca para gritar e avisar ao rei.

O guerreiro enfiou a faca no peito de seu pai.

Ele arfou ao mesmo tempo em que a espada retinia no chão. O guerreiro puxou a faca. O rei se inclinou para trás e atingiu o chão com uma pancada.

Cas ficou imóvel. A camisa de seu pai ficou manchada de vermelho, mas o rapaz estava certo de que ele não ia morrer. De que não podia morrer.

O guerreiro avançou para Cas e o cérebro do príncipe voltou a prestar atenção. Ele partiu para cima do outro, surpreendendo-o, e sua lâmina no mesmo instante cortou o braço do guerreiro. O homem desviou com um pulo e então partiu para cima de Cas.

O príncipe bloqueou o ataque, dando dois passos para trás e correndo ao redor do guerreiro. Ele enfiou a espada na lateral do corpo do homem. O guerreiro arfou enquanto Cas puxava a arma de seu corpo.

E então ele atravessou o pescoço do guerreiro com a lâmina.

Cas deu meia-volta e se afastou enquanto o homem caía. O rei estava estendido de costas no chão, com a camisa uma vez branca inteiramente vermelha.

Cas caiu de joelhos; seu corpo sentia frio e tremia. Será que ele conseguiria empurrar o pai pela janela? Talvez pudesse colocá-lo em suas costas.

Os olhos do rei fechavam e abriam, e a cabeça pendia para o lado. Seus lábios estavam abertos, mas somente um grunhido estranho saía deles. O peito tinha parado de se mover.

As mãos de Cas, apoiadas no peito do pai, estavam vermelhas com sangue, mas ele tinha perdido a sensação nelas. O corpo inteiro de Cas parecia dormente, na verdade.

De repente, ele percebeu que murmurava o nome do pai sem parar, mas não parecia estar fazendo nada para acordá-lo.

Ele não estava acordando.

O rei estava morto.

— Ponham a criadagem na carroça! — O grito veio de trás e fez Cas pular. Ele rapidamente retirou as mãos do peito do pai, conforme a sensação voltava a elas.

— Encontrem o príncipe! — gritou a voz. — Matem-no assim que o virem.

Cas ficou de pé com dificuldade. O barulho das pancadas das botas e de gritos ecoou pelo castelo. Ele estava cercado.

O príncipe limpou as mãos ensanguentadas na calça preta e correu para a janela, lançando um olhar ao cadáver do guerreiro no chão. Ele teve que resistir à vontade de enfiar a espada no peito do homem morto. O sangue que escorria de seu pescoço e se acumulava no chão não parecia punição suficiente.

Ele espiou o peitoril. Fumaça se enroscava e subia no céu noturno ao longe, perto do centro da cidade, e seu coração foi parar na garganta. Será que estavam matando pessoas inocentes? Será que iam incendiar toda a cidade?

Será que ele é quem ia ter que decidir como retaliar, agora que seu pai estava morto?

Cas afastou esses pensamentos. Não era hora de entrar em pânico em relação ao fato de que ele tinha acabado de se tornar rei. Se o capturassem, ele não ia governar nada.

Ele olhou para a esquerda, a frente do castelo, e viu dois guerreiros de pé na esquina, de costas para ele. Forçou a vista para enxergar o que havia do lado direito, no muro escuro que conduzia aos jardins. Ele não conseguia ver ninguém naquela direção, mas havia muito barulho ao redor. A luz inundava a relva, e Cas suspeitou de que havia muitos guerreiros nos jardins.

Ele botou o pé para fora da janela, e ainda apertava a espada em uma das mãos. Cas não se virou novamente para o pai. Por alguma razão, sabia que se virasse agora, aquela seria a imagem que ficaria em sua mente para sempre.

O pé dele atingiu o solo com uma pancada baixa, e ele se agachou bem perto do muro, ficando imóvel por um instante enquanto verificava se alguém tinha captado seu movimento.

Ele tinha três opções: correr, o que provavelmente chamaria a atenção; tentar se esgueirar pelo portão da frente, o que era praticamente impossível; ou tentar passar pelos jardins até a árvore na parte de trás e pular o muro. Era provável que esta fosse a melhor opção. Ele suspeitava que outros guerreiros estivessem ali, mas isso poderia funcionar a seu favor. No meio do caos, seria mais difícil avistá-lo.

Ele se manteve abaixado perto do solo enquanto corria para o muro do castelo.

Matem-no assim que o virem. As palavras passaram mais uma vez por sua mente, e ele baixou

o olhar para as próprias roupas. A camisa era cinza, sem as insígnias reais. Muitos dos guerreiros de Olso nunca o tinham visto, mas deviam ter visto retratos dele.

Ele se abaixou, pegou um pouco de terra e esfregou nas bochechas. Também bagunçou o cabelo e puxou algumas mechas sobre os olhos. Não era o melhor disfarce, mas talvez eles não o reconhecessem de imediato.

Cas continuou perto do muro até chegar aos fundos do castelo. Espiou pelo canto.

Cavalos conduziam uma carroça até os jardins. Era uma caixa de madeira totalmente fechada sobre rodas, normalmente usada para transportar prisioneiros. Os guerreiros deviam tê-la roubado.

Alguns dos criados do castelo formavam uma fila para entrar na carroça. Aonde os guerreiros os estavam levando? Ele espiou os jardins. Uns cinquenta guerreiros de Olso, no mínimo, perambulavam por ali. Alguns corriam para a frente e para trás, sem dúvida procurando alguma coisa.

— O rei está morto! — Alguém gritou da porta na parte de trás do castelo. — Nenhum sinal do príncipe.

De repente, uma mão cobriu sua boca, e o corpo de Cas foi puxado para trás. Ele começou a se contorcer por causa do aperto forte que lhe deram.

— Alteza — murmurou a voz —, não entre em pânico.

A mão desapareceu de sua boca, e Cas se virou. Um garoto alguns anos mais novo do que Cas estava de pé à sua frente. Ele tinha uma cicatriz sobre uma das sobrancelhas e parecia vagamente familiar. Talvez trabalhasse na cozinha.

— Eu sinto muito por ter feito isso — falou o garoto, com olhos redondos de medo. — Não queria que o senhor fizesse barulho e...

Cas fez um gesto com a mão para ele ficar quieto.

— Está tudo bem.

O garoto começou a desabotoar a camisa azul.

— Tire sua camisa e entregue ela para mim, Alteza. Se nós trocarmos de roupa e o senhor for pego, vão pensar que é um criado. Estão botando todos os criados naquela carroça.

— Ah. — Cas piscou para ele antes de desabotoar a camisa. — Obrigado, muita esperteza sua. — As mãos dele ficaram paradas enquanto uma ideia lhe ocorria. — Será que vão pensar que você sou eu, se você usar a minha camisa? Alguns guerreiros me viram lá dentro.

O garoto começou a rir, e em seguida abafou o som.

— Não, Alteza, não creio que haja algum perigo de me confundirem com o senhor.

O rapaz era alto e largo, os cabelos louros roçavam a gola da camisa. Ele tinha um nariz comprido e um queixo pontudo, e Cas percebeu que ele tinha razão. Os guerreiros deviam ter uma ideia vaga da aparência de Cas, e esse rapaz não se parecia em nada com ele.

Ele vestiu a camisa. As mangas eram um pouco curtas e a peça de roupa, um pouco apertada, mas funcionaria.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele.

— Felipe.

— Obrigado, Felipe. — Um clarão vermelho captou seu olho. Atrás do garoto, um guerreiro de Olso vinha dobrando o canto do castelo, com a cabeça virada para dizer alguma coisa por cima do ombro.

Cas segurou o braço de Felipe e correu para a esquerda, o olhar fixo nos arbustos a apenas alguns passos dos dois. Ele mergulhou atrás do primeiro, se agachando ao lado de Felipe. Outros três se juntaram ao guerreiro de Olso, e Cas prendeu a respiração enquanto suas botas esmagavam a grama.

Ele segurou a espada com dois dedos, ficou de quatro e engatinhou nos jardins. Felipe o acompanhou. Uma fileira de arbustos se estendia um pouco mais além dele e depois havia um espaço aberto até que ele alcançasse as sebes. Ele teria dificuldade de chegar lá sem que alguém o visse.

— Vou criar uma distração, assim será mais fácil para o senhor — murmurou Felipe atrás dele.

Cas queria argumentar, mas o rapaz tinha uma expressão determinada no rosto, como se já tivesse decidido. Ele concordou com a cabeça.

Felipe ficou de pé e correu na direção oposta.

— Lá! — gritou uma mulher. — Tem alguém correndo atrás daquele arbusto!

Cas esperou até que o garoto estivesse na metade do caminho, à frente do castelo, antes de partir. Todos os guerreiros estavam ocupados correndo atrás dele; se ele conseguisse apenas dar mais alguns passos...

De repente, alguém o puxou para trás pela camisa e a gola repuxou com tanta força no pescoço que ele engasgou. Seus pés saíram do chão. Uma bota chutou a parte de trás de suas pernas, e ele soltou a espada, que caiu fora de seu alcance.

Ele bateu na grama com força, arfando sem ar e engolindo um pouco de terra também.

— De pé — cuspiu uma voz masculina.

Lentamente Cas ficou de joelhos e depois de pé. Seu coração batia forte no peito, e ele prestava muita atenção na espada que o guerreiro tinha em sua mão. Ele a erguera pela metade, como um aviso.

O homem lhe deu outro empurrão com a bota e quase derrubou Cas novamente.

— Na carroça, junto com o resto.

Cas fez como ordenado, e o guerreiro o acompanhou de perto.

— Mais dois criados — falou. Pelo canto do olho, Cas viu Felipe ser arrastado pela grama por

um guerreiro.

Uma das guerreiras estava de pé nos fundos da carroça e fez um gesto com o polegar para que os dois entrassem.

— Algum sinal do príncipe? — perguntou ao outro guerreiro. Cas abaixou o queixo no peito.

— Não.

— Comece a espalhar a notícia para os moradores da região de que tem uma grande recompensa para quem encontrá-lo. Morto ou vivo — falou a mulher. — De preferência, morto.

Cas arriscou uma olhada no interior da carroça e viu cerca de trinta criados amontoados. Eram uma mistura de pessoas jovens e idosas, cozinheiras e criadas que ele vira apenas de passagem. Ele até reconheceu dois guardas. Alguns olhos se arregalaram quando o reconheceram.

Ele deu um passo para dentro, engolindo em seco ao perceber que qualquer um deles poderia denunciá-lo, se quisesse.

Mas todos ficaram em silêncio enquanto o príncipe entrava na carroça. Felipe o acompanhou. Cas sentiu leves cutucadas no braço esquerdo e, quando se virou, os criados tinham aberto espaço nos fundos para que ele sentasse. Ele desabou, puxou os joelhos para o peito, e os criados ocuparam o espaço ao redor dele, escondendo-o.

— O senhor está machucado? — murmurou uma mulher idosa que ele vagamente reconheceu. Daniela. Ela trabalhava nos jardins do castelo desde que ele se lembrava. Ela segurou as mãos ensanguentadas dele.

Cas balançou a cabeça.

— Não. Não é... não é meu. — Ele tentou novamente limpar as mãos na calça, mas o sangue tinha começado a secar e não saiu. Cas percebeu que estava tremendo, assim como a maior parte das pessoas sentadas ao redor dele. Eles o encaravam com expressões tensas e apavoradas, e rapidamente ele enfiou as mãos atrás de si.

— Vai ficar tudo bem — falou ele baixinho. Sua voz estava trêmula e traía o fato de que ele sabia que era uma mentira ultrajante. — Eles tomaram o castelo, mas não tomaram Lera. — Isso não era mentira; era mais uma declaração esperançosa, pois ele não tinha meio de saber.

E se Olso já estivesse nas Montanhas do Sul? E se eles derrotassem todas as tropas que se dirigissem para lá? A rainha e Jovita iriam direto para as montanhas assim que escapassem.

Se escapassem.

VINTE E CINCO

À NOITE, EMM PENSOU em Cas.

E também nas manhãs, nas tardes, no crepúsculo. Mas especialmente no fim da noite.

Dois dias haviam se passado desde que eles fugiram. Emm observou o sol desaparecer completamente atrás das árvores e o mundo recair na escuridão. Eles estavam andando desde cedo naquela manhã, e seus pés doeram quando ela deslizou por um tronco de árvore.

A floresta ao redor dela era barulhenta, embora todos no grupo estivessem em silêncio e em alerta constante. A mata era um presente: movimentada e cheia, com insetos chiando e aves grasnando e competindo por espaço com trepadeiras, árvores e folhas maiores do que seu rosto. As florestas de Vallos e de Ruína eram diferentes. Silenciosas, esparsas, ruins para se esconder.

Íria lhe dera um pequeno pedaço de carne seca, que ela aceitou com um “obrigada” baixinho.

Partiu o pedaço de carne com os dentes, baixando o olhar para a confusão que um dia fora seu vestido. Agora o tecido azul estava com a bainha totalmente marrom e manchas de terra salpicavam a saia. Havia até mesmo uma mancha de sangue, de quando ela tinha arranhado o braço com a ponta afiada de um galho de árvore e limpado no vestido.

Ela fez um cinto com um pedaço de trepadeira e enfiou a espada nele, e se flagrou sempre observando os movimentos dos guerreiros, esperando para ver se eles ainda eram amigos agora que estavam em segurança, longe do castelo de Lera. Dois guerreiros contra uma princesa de Ruína, inútil e cansada. Não tinha muitas chances.

— Quem vai ficar com a primeira sentinela? — perguntou Koldo, apoiando as mãos no quadril enquanto examinava a floresta.

— Eu vou — falou Emm, embora estivesse exausta. Ela não queria dormir. Sempre que fechava os olhos via o rosto de Cas. Quando cochilava por alguns minutos apenas, a dor da culpa em seu peito a fazia acordar, e tudo que ela havia feito voltava contra ela.

— Você mal dormiu noite passada — falou Íria.

Emm deu de ombros e baixou o olhar para o chão.

— Koldo, você quer encher os cantis? — perguntou Íria.

— Claro — respondeu o guerreiro, entendendo a deixa e desaparecendo na direção de um riacho próximo.

Íria observou-o se afastar, o som dos passos sumindo ao longe.

— Eu sei que começou a gostar de Cas e o fato de que ele vai morrer está corroendo você. Mas não perca de vista o motivo pelo qual fez isso — falou ela em voz baixa. — Seu povo está perto da extinção, e você é a única que se ofereceu para fazer alguma coisa. Você fez o que tinha que fazer.

— Eu fiz o que escolhi fazer.

— Você escolheu certo.

— Sim, você escolheu certo — falou uma voz.

Íria ficou de pé com dificuldade e pegou a espada. Aren saiu detrás de uma árvore, com as mãos erguidas como se estivesse se rendendo. Emm deu um pulo e passou os braços em volta dele.

Íria deu um suspiro de alívio.

— Eu não ouvi você se aproximando.

Emm segurou os dois braços do rapaz.

— Você está machucado? Os soldados de Lera vieram atrás de você?

Ele deu um sorrisinho.

— Eles tentaram. — Ele olhou ao redor. — Não tem cavalos? Vamos cruzar todo o caminho até Vallos a pé?

— Os guerreiros vão nos encontrar com cavalos depois de amanhã — falou Íria. — Se tudo estiver bem, eles devem estar começando o ataque bem agora. — Ela ergueu o olhar para o céu. — Infelizmente, nós estamos longe demais para ouvir.

O estômago de Emm foi parar nos pés. Será que Cas já estava morto? Será que ele ia conseguir fugir?

Ela passou os dedos pela testa; a culpa ardia tão intensamente em seu peito que ela ficou sem fôlego. Esse sempre foi o plano. Se os guerreiros não atacassem, então ela não teria esperança de resgatar Olivia. Eles seriam dominados quando chegassem nas Montanhas do Sul. Ela sabia que era assim que sua estadia no castelo terminaria.

Contudo, ela sentia vontade de se aninhar e gritar.

Aren cutucou o braço dela.

— Íria tem razão sobre o sono, Emm. Eu poderia dormir um pouco também. Cobri os rastros da melhor forma que pude enquanto seguia vocês, mas tenho certeza de que ainda vamos encontrar alguns soldados de Lera em breve. Precisamos estar preparados.

— Eu vou ficar de sentinela — falou a guerreira.

Os ombros de Emm se curvaram em sinal de derrota enquanto ela deixava que Aren a puxasse para o chão. Ele passou um braço em volta dela e se reclinou contra uma árvore.

— Obrigada por me encontrar — falou ela, apoiando a cabeça em seu ombro.

— Obrigado por não se deixar morrer — murmurou ele e apertou o braço dela. — Isso ia estragar o meu dia.

Os lábios dela se contorceram para cima enquanto os olhos fechavam.

VINTE E SEIS

CAS FOI PARA A frente quando a carroça parou. Algumas pessoas a seu redor se agitaram, acordando. Daniela arqueou as costas e franziu o cenho ao esfregar uma mão enrugada nos olhos. Eles passaram toda a noite amontoados na caçamba de madeira fechada, e era incrível que alguns deles conseguissem dormir. Ele não tinha certeza se um dia voltaria a dormir.

Estava escuro na caçamba, apenas raios de sol entravam pelas frestas da madeira. Estava quase insuportavelmente quente em seu interior, e as roupas de Cas grudavam no corpo.

A porta na parte de trás se abriu e Cas apertou os olhos com a luz brilhante.

— Primeiro, os homens — latiu o guerreiro. Ele fez um gesto com o polegar, indicando que deveriam sair.

Por um instante, Cas entrou em pânico, pensando que os guerreiros queriam uma fila para a execução.

— Por ali, nos arbustos — falou alguém quando os homens começaram a sair do veículo. Cas suspirou ao perceber que os guerreiros estavam apenas deixando os prisioneiros se aliviarem.

Ele saiu do balcão, encostando a cabeça no peito. Havia seis guerreiros ao redor da carroça, e Cas notou que muitas das selas tinham as cores de Lera quando eles desmontavam de seus cavalos. Devem ter tirado do castelo ou dos moradores.

Os guerreiros fizeram com que marchassem em fila reta até os arbustos, com as espadas apontadas para suas costas. Ninguém pareceu pensar em correr, pois isso parecia inútil. Alguns guerreiros tinham se espalhado num círculo, cobrindo cada canto.

— Rápido. — Um guerreiro latiu quando se aproximaram de um trecho denso de arbustos.

Ao voltarem, Cas arriscou uma olhadela em torno. Eles deviam estar viajando para o sul porque o ar era mais denso perto da floresta. Será que se dirigiam às Montanhas do Sul?

Será que Emmelina estaria lá?

A raiva borbulhou em seu peito com tanta força que quase o derrubou. Ela deve ter sabido que os guerreiros planejavam atacar. Provavelmente o plano tinha o dedo dela.

Ela sabia que eles viriam para matá-lo e a sua família, e ela deixara acontecer. Se ela o havia mandado tão facilmente para a morte, como seus verdadeiros sentimentos por ele poderiam ser fortes? Seu pai foi morto por causa dela. Galo também, provavelmente.

A garganta dele se fechou, e ele se obrigou a tirar a imagem do pai morto da mente.

As mulheres saíram da caçamba enquanto os homens se aproximavam, e Cas aproveitou um momento para apreciar o ar fresco a seu redor. Quantos dias ele ficaria naquela caixa?

E, pior, onde ele estaria quando finalmente os soltassem?

O homem na frente dele subiu na caçamba, e Cas ergueu um dos pés, tirando o cabelo de seus

olhos.

— Espere — falou um guerreiro.

Cas congelou quando a mão se fechou sobre o seu braço.

— Olhe para mim.

O coração de Cas parou.

O guerreiro arfou quando seus olhares se encontraram. Sua mão encontrou a espada.

— Você é...

Felipe correu na frente de Cas com tanta rapidez que não era mais do que um borrão. O rapaz chutou a mão do guerreiro e fez a espada voar. Então remexeu na terra para pegá-la, e Cas abriu a boca para gritar que ele parasse.

Felipe pegou a espada e afundou a lâmina no peito do guerreiro.

Os olhos de Cas se arregalaram quando o guerreiro caiu no chão, com a boca formando palavras silenciosas.

Uma das guerreiras partiu para cima deles e facilmente bloqueou o ataque de Felipe. Ela passou a espada no pescoço dele.

Cas gritou. Um soluço ficou preso em sua garganta quando ele caiu no chão. O sangue de Felipe se acumulou debaixo de seus joelhos

Alguém o agarrou, passando os braços por debaixo dos dele, e ele lutou, chutando e tentando voltar até o garoto.

— Meta ele aí dentro ou vou cortar a garganta dele também! — gritou a guerreira.

Lágrimas desceram pelo rosto de Cas enquanto um criado o empurrava para dentro da caçamba. Ele passou uma das mãos no rosto enquanto ficava de joelhos, mas uma nova onda de choro veio.

As pessoas se aproximaram do príncipe, formando um círculo. Mais uma vez, Daniela se sentou ao lado dele. Pôs uma das mãos em seu braço e ele teve que controlar outra onda de lágrimas.

Sua respiração era trêmula e ele fitou todos ao redor.

— Ninguém mais faça isso — murmurou ele.

Daniela afagou o braço do príncipe.

— Eu sinto muito, Alteza, mas acho que todos nós vamos ignorar essa ordem.

Suas bochechas arderam quando ele limpou as lágrimas. Seu povo provavelmente estava olhando para ele em busca de liderança e força, e ele chorava como uma criança.

Ele limpou a garganta e fitou os próprios pés. Eles voltaram a se mover, e Cas passou a maior parte da manhã e da tarde fazendo um esforço para ouvir as conversas do lado de fora. Ele precisava de um plano, e uma ideia do local onde estavam, mas os guerreiros não davam indicação de aonde iam. A única pista que ele tinha era que eles estavam “grudados na estrada e

longe do rio”, que para ele significava que eles evitavam viajar pelo centro da floresta. De qualquer forma, seria difícil com uma carroça.

Cas inclinou a cabeça para trás, contra a madeira, notando de repente que todas as cabeças na caçamba estavam viradas em sua direção. Ele se retesou e lançou um olhar curioso.

Daniela apontou para alguma coisa na frente dele, e Cas se inclinou para que pudesse ver o que ela estava tentando mostrar.

Uma jovem no canto esquerdo apoiava a mão contra a lateral da caçamba. Ela se virou e um grande painel moveu-se junto com ela. A garota tinha conseguido soltar um pedaço de madeira da carroça e só o mantinha no lugar com a mão. Era grande o suficiente para alguém se espremer e passar por ele.

— Nós estamos cercados — falou Cas baixinho.

— Quando pararmos — murmurou a garota, e os cabelos escuros e emaranhados caíam em seu rosto. — Eles estão falando em parar em breve. Venha para este lado e vamos criar uma distração.

Cas hesitou. Se fosse pego, eles o matariam, não importava quem fosse. Mas se ficasse, outra pessoa certamente o reconheceria. Se não na estrada, quando eles chegassem.

Os criados começaram a fazer uma trilha pela qual ele deveria rastejar.

— Eu não posso deixar vocês — falou Cas. — Não sei aonde vão levá-los.

Daniela balançou a cabeça.

— O senhor não pode ficar. O rei está morto. Se eles o matarem também, o que acontecerá a Lera? Eles terão vencido.

Cas engoliu em seco. Ele sabia que ela tinha razão, embora a culpa ainda o incomodasse.

— Somente se parecer seguro — falou ele, saltando para a frente. — Se eu for pego, eles vão saber que vocês os distraíram para que eu pudesse escapar. — Cas não ia deixar mais ninguém morrer por ele.

— Acho que o senhor pode ficar com umas farpas em lugares esquisitos — falou a garota quando se apertou ao lado dele. Ela forçou a vista para a pequena área através da qual ele teria que se espremer, e voltou o olhar para ele. No mesmo instante, pareceu se lembrar com quem estava falando e seu rosto todo corou.

Ele riu baixo. Ela sorriu em meio ao constrangimento e abaixou a cabeça.

— Qual é o seu nome? — perguntou Cas em voz baixa.

— Violet — falou ela.

— Obrigado, Violet.

Eles rodaram até parar alguns minutos depois, e uma rajada de ar fresco soprou através da caçamba quando um guerreiro abriu a porta.

Daniela balançou para a frente, caindo sobre umas poucas pessoas no processo.

— Senhor? — grasnou ela, esticando a mão para o guerreiro na porta. — Eu vou vomitar.

O guerreiro pulou para trás quando ela caiu para fora da caçamba. O barulho de alguém vomitando encheu o ar quando ela atingiu o chão. Outra garota aterrissou no chão e fez a mesma coisa.

Cas se inclinou para a frente, observando através de uma fissura na madeira quando os dois guerreiros desmontaram dos cavalos e caminharam até os fundos da caçamba para ver o que estava acontecendo. O lado esquerdo da caçamba estava vazio, pelo que ele podia ver.

— Eles precisam de água — falou um dos guerreiros. Cas olhou por cima do ombro e viu um grande grupo de pé na porta da caçamba. Os criados diante dele se sentaram e se esticaram o máximo que podiam para escondê-lo da vista dos guerreiros.

Ele acenou para Violet, que lentamente moveu a mão e deixou a madeira cair. Delicadamente ela a baixou até o chão da caçamba.

A abertura mal tinha tamanho suficiente. Primeiro, ele passou a perna. Parecia melhor do que ficar com a cabeça presa. Ele deslizou o outro pé.

Seus pés tocaram o chão e ele deu uma rápida olhada para trás e viu os criados divididos entre o observarem e manterem um olho nos guerreiros na porta da caçamba. A atenção dos raptos estava toda nas mulheres, mas eles começavam a virar as costas para a caçamba.

— Vamos, vamos — falou um dos guerreiros, acenando impacientemente com a mão.

Um criado que estava mais na frente fez um som alto semelhante a um choro, fazendo com que todas as cabeças se virassem em sua direção.

Última chance. Cas apoiou as mãos na madeira, arqueando as costas enquanto passava o tronco pelo buraco. Seus pés escorregaram, a madeira arranhou sua barriga quando ele começou a cair. Sem dúvida, algumas farpas em lugares esquisitos.

Ele atingiu o chão sentado, com uma pancada macia.

Tinha saído.

— Vamos, todos para fora! — um guerreiro chamou, impaciente.

Cas se agachou cautelosamente, pulando atrás da roda da frente da caçamba. Um guerreiro a cavalo estava apenas alguns passos adiante, mas ele estava olhando para a frente, longe de Cas.

— O que está acontecendo aí atrás? — gritou uma voz à frente. O guerreiro perto de Cas começou a se virar.

O príncipe cambaleou debaixo da caçamba, rolando para longe das rodas. Ele esticou os braços contra o peito e se forçou a não respirar.

— Estão passando mal por causa do calor — retrucou um guerreiro.

Botas atingiram o solo e lançaram terra no braço direito de Cas.

— Pegue um pouco de água para eles — falou uma voz de mulher.

As botas desapareceram, e Cas ergueu a cabeça e viu os guerreiros se dirigindo à parte de trás

da caçamba. O lado esquerdo parecia limpo, embora fosse difícil de dizer de onde ele estava. Ele teria que arriscar, porque tinha que sair dali antes que os guerreiros voltassem a se mover.

Cas se arrastou para a esquerda e lentamente virou de barriga para baixo. Ele avançou, mal arriscando olhar para trás.

O cavalo na frente da fila estava sozinho.

Ele olhou para os fundos da caçamba. Podia ver a lateral de um guerreiro e as costas de outro. Se eles se virassem de repente, ele estaria acabado. Cas abaixou a cabeça, espiando o outro lado da caçamba. Uma fileira de sapatos se afastava dele. Os criados estavam virados para o outro lado, então, com sorte, os guerreiros estariam lá com eles.

Cas moveu os braços contra o solo, rastejando de barriga para baixo até seu corpo estar metade para fora do vagão. Ele não ousava ficar de pé, pois um dos guerreiros poderia captar o movimento pelo canto do olho.

— Os homens comigo! — gritou um guerreiro.

O príncipe arriscou ir um pouco mais rápido. Ele havia saído totalmente de debaixo do vagão e estava deitado de barriga para baixo no meio da estrada. A grama alta diante dele não seria suficiente para escondê-lo caso alguém olhasse com atenção, mas talvez se ele ficasse parado... Muito parado...

Um grunhido o fez olhar por cima do ombro, e ele viu os dois guerreiros mais próximos de frente um para o outro, conversando.

Cas rastejou rápido na grama até seus pés ficarem fora da estrada, e então foi um pouco além. Ele colocou as palmas das mãos, bem esticadas, na terra e apoiou o rosto sobre elas. Sua respiração era pesada, mas ele tentou ficar imóvel.

— Voltem para dentro! — gritou outro guerreiro.

Os cascos dos cavalos batiam contra o solo, e ele sabia que todos tinham voltado a seus postos. Tudo que eles tinham que fazer era olhar o calombo na grama e ele estaria morto.

Cas prendeu a respiração quando a caçamba estalou e os cavalos começaram a se mover.

— O que foi isso? — gritou uma voz.

Cas dobrou os dedos dos pés dentro das botas, se preparando para correr. Talvez, se ele fosse rápido o suficiente, eles não o pegassem. Talvez ele conseguisse encontrar um esconderijo bom.

— Essa é a minha faca? — A voz achava graça e outra pessoa deu risada. — Pegue a sua própria faca.

Cas agradeceu em silêncio quando os sons ficaram mais distantes. Ele permaneceu imóvel por um longo tempo, provavelmente muito mais do que o necessário.

Finalmente ele ergueu a cabeça, devagar, e piscou por causa da luz do sol. Todos tinham ido embora. Uma brisa quente soprava através da grama, que fazia cócegas em seu rosto. Ele quase quis sorrir por um momento, mas a vontade de rir desapareceu tão rápido quanto chegou.

Ele ficou de quatro e, depois, de pé. Se os guerreiros iam ficar longe do rio, então era exatamente onde ele tinha que ficar. Ele poderia seguir quase todo o caminho até Forte Victorra.

Cas tirou o cabelo do rosto e correu através da grama, procurando a proteção das árvores.

VINTE E SETE

EMM CAMINHAVA ATRÁS DE Koldo e Íria enquanto eles seguiam através da floresta. Aren os encontrara havia dois dias, e ela se sentia melhor com o amigo a seu lado. No dia anterior, ele tinha comentado sobre a perna esquerda de Koldo, que mancava e estava ensanguentada e, desde então, ela o estivera observando e tentando entender como ele se moveria, caso ela precisasse se defender.

Todos eles permaneciam em silêncio conforme a manhã se esticava para a tarde, e Emm não conseguia deixar de pensar em Damian. Era ele quem falava mais, a quem Aren e Emm tinham que pedir silêncio e lembrar que estavam tentando ficar quietos para evitar os caçadores. O peso de sua ausência se misturava com o temor por Cas, e todos os passos que ela dava pareciam pesados.

— Será que eu tenho que carregar você? — perguntou Aren, arqueando uma sobrancelha quando ela voltou a ficar para trás.

— Me desculpe. — Ela deu alguns passos rápidos para alcançá-lo. — Sinto falta de Damian — falou, deixando de fora o segundo motivo de sua tristeza.

Aren chutou um seixo para longe.

— Eu também.

— Às vezes me pergunto o que teria acontecido se a gente tivesse se escondido em vez de fazer tudo isso — falou ela, deixando-se imaginar tudo por um momento. — Se a gente tivesse encontrado um lugar seguro e levado algumas pessoas junto. Se eu tivesse me casado com Damian e tentado esquecer o que tinha acontecido.

Aren riu, e ela se virou para ele, surpresa. O garoto revirou os olhos.

— Você nunca teria se casado com Damian, Emm.

— Eu... eu não sei. Talvez pudesse ter acontecido, se tudo se acalmasse.

Aren balançou a cabeça.

— Se você se sentisse desse jeito sobre ele, a loucura das nossas vidas não teria importância. Você conseguiu ter uns sentimentos bem fortes em relação a Cas, apesar das circunstâncias terríveis. — Ele ergueu uma sobrancelha, e ela desviou o olhar. Aren tinha razão.

— Ele não estava chateado com isso — emendou Aren. — Sem dúvida, decepcionado. Mas ele não esperava nada, nem torcia por nada ou coisa assim.

Ela engoliu em seco e cruzou os braços sobre o peito.

— E você nunca vai ser o tipo que se esconde — falou Aren. — Todos os outros queriam se esconder, e você insistiu em lutar. Eu admiro você por isso.

— Não me admire. — Ela tinha assumido a tática do rei. Enquanto tentava derrotá-lo, ela

havia se transformado nele, e isso parecia muito pior do que qualquer outra coisa que ela já imaginara.

Aren bateu o ombro no dela.

— Tarde demais.

O estômago de Cas roncou por comida, e sua boca estava tão seca que ele não conseguia pensar em mais nada. O calor no interior era quase insuportável, e ele se perguntava por que as pessoas viviam na floresta se podiam desfrutar da brisa do oceano perto da praia.

Ele estava sozinho agora e já estivera por um dia inteiro, mas os sons da floresta pareciam altos demais. Ele nunca se dera conta do quanto estava acostumado aos sons do castelo — ao zumbido dos criados se movimentando, às vozes baixas que ecoavam através dos corredores, ao modo como o vento balançava delicadamente as janelas. Mesmo na caçamba ele tinha se sentido mais confortável, cercado por vozes que havia conhecido a vida inteira.

Mas lá fora, sem outra alma por perto, os sons eram ensurdecedores. Os grilos cantavam uma cadência constante, frenética, e um sapo coaxava de vez em quando, como se tentasse acompanhá-los. O barulho incessante apenas aumentava seu pânico de estar só.

Cas esfregou o braço na testa e bateu numa folha verde gigante para afastá-la do rosto. A essa altura, ele tinha que estar perto do rio. Ainda não conseguia ouvir a correnteza, mas, depois de deixar a caçamba, se dirigira para o oeste. Se não tivesse saído do curso, estaria lá a qualquer momento.

O príncipe avançou penosamente. Seus pés tinham começado a doer, mas isso não era nada em comparação com a sede, e ele forçou as pernas a se moverem mais depressa até finalmente ouvir os sons da água agitando-se contra a margem.

Casas apareceram assim que ele conseguiu enxergar o rio, e Cas parou, temendo que alguém morasse na região. Ele sabia que muitos habitantes de Lera viviam na floresta, mas nunca os vira.

As casas sobre o rio eram construídas em balsas que flutuavam na margem. As mais distantes da praia eram construídas longe do solo, e pedaços de madeira mais altos do que Cas as mantinham elevadas, para que ficassem a salvo das enchentes. Os telhados eram feitos de palmeiras tecidas, e algumas das casas não tinham paredes. Eles não precisavam delas, pois nunca fazia frio no interior e eles provavelmente agradeciam as chuvas frequentes.

Cas olhou da água em movimento para as casas, relutante em deixar a segurança das árvores. Uma mulher emergiu de uma balsa, vestindo roupas que deviam ter sido trazidas de Lera. A saia ficava na altura dos joelhos e tinha uma cor vermelha forte, e ela usava camisa branca sem manga. As roupas eram velhas e bem puídas, e ela devia tê-las há muito tempo.

Outra mulher a seguiu, vestindo uma saia feita de grama seca, com apenas um pedaço de tecido para cobrir seu peito. As duas foram para longe de Cas.

Uma voz murmurada soou atrás dele. O corpo de Cas ficou gelado. Lentamente, olhou por cima do ombro.

Uma lança estava apontada bem no meio de seus olhos.

Ele se virou e ergueu as mãos para se render. Dois homens estavam de pé, diante dele. Um deles tinha mais ou menos a idade de Cas, o outro era muito mais velho. Uma espada pendia da mão do jovem, que deixou o homem idoso manejar a lança que estava apontada para Cas.

— Eu só ia até o rio — falou Cas. — Pegar água.

O rapaz se aproximou dele, movendo-se tão silenciosamente que ficou óbvio como aqueles dois tinham conseguido se esgueirar atrás dele com tanta facilidade. Ele vestia uma calça que terminava acima dos joelhos e uma camisa cinza machada. O idoso vestia o mesmo tipo de calça, mas estava sem camisa.

O velho cutucou Cas no peito com a lança, e o príncipe engasgou e cambaleou para trás. Ele o tinha acertado com força suficiente para rasgar a pele, e um pingo de cor vermelha começou a aparecer acima da insígnia do castelo.

— Você vem do castelo — falou o homem em tom de acusação. Cas se lembrou dos guerreiros dizendo que iam avisar aos moradores da região que havia um preço pela cabeça do príncipe.

— Eu... eu roubei. — A mentira saiu hesitante. — A pessoa que vestia estava morta, então eu peguei. Os guerreiros de Olso atacaram o castelo.

— Os guerreiros mataram as pessoas no castelo? — O homem idoso pareceu tão esperançoso que, de repente, Cas teve que controlar uma onda de raiva. A imagem da camisa branca de seu pai ficando vermelha lampejou em sua memória.

— Algumas delas — falou ele em voz baixa.

— Bom. — O homem assentiu, como se isso o satisfizesse.

— Você pode tomar um pouco de água — falou o rapaz e embainhou a espada. — Depois, vai embora.

Cas tentou parecer agradecido. O homem idoso correu à frente dele, pulando por cima das pedras até alcançar a praia. O outro homem caminhou atrás de Cas, um pouco perto demais para que ele ficasse à vontade.

O idoso foi até um balde grande e pegou uma caneca que pendia da lateral. Ele a encheu, mergulhando no balde, depois estendeu a Cas.

— Está limpa.

Cas disfarçou uma fungada rápida na água antes de virar a caneca na boca. Estava limpa, embora tivesse um pouco de gosto de terra e de peixe. De qualquer forma, ele engoliu tudo e, quando acabou, esfregou uma das mãos na boca. O homem encheu outra caneca para ele, fitando Cas como se fosse um idiota enquanto esvaziava o recipiente novamente.

— Você devia ter ficado na cidade — falou o homem.

— Olso tomou a cidade. — Cas devolveu-lhe a caneca. — Eles podem vir para cá. Vocês deviam tomar cuidado.

O homem riu.

— Eles não têm problema conosco.

Cas apenas deu de ombros.

— Muito obrigado pela água.

O homem apontou na direção da qual Cas tinha vindo.

— A Cidade Real fica para lá.

Cas não falou que não iria para a Cidade Real. Era melhor deixar que pensassem que sim.

— Aqueles outros não estão vindo para cá, estão? — perguntou o jovem.

— Que outros? — Cas quis saber.

O rapaz apontou para a floresta, mas Cas nada viu.

— Eu avistei outros. Todos estão indo para o sul.

Talvez ele tivesse visto as tropas de Lera que se dirigiam para as Montanhas do Sul. Cas sentiu uma explosão de esperança. Se ele fosse capaz de encontrá-los, estaria novamente a salvo. Ele teria um cavalo, uma espada e um exército para retomar o castelo.

— Tenho certeza de que eles não vão incomodar — falou, embora não fizesse ideia. Ele agradeceu mais uma vez aos dois homens e se virou, afastando-se. Uma criança ficou de pé bem na frente dele, e ele parou no mesmo instante, esboçando um sorriso para ela. A garotinha enfiou os dois polegares nos ouvidos, botou a língua para fora e fez uma careta para ele. Ao sair correndo, ela deu um gritinho de alegria, como se tivesse esperado a vida toda para fazer aquilo.

Ao começar a andar novamente, Cas lançou um olhar por cima do ombro. Os homens o acompanharam com os olhos, e suas bocas eram linhas duras. Ele acelerou o passo e disse a si mesmo que era porque tinha esperança de encontrar os soldados de Lera, não porque temesse os dois homens desconhecidos.

Ele começou a procurar sinais de cavalos ou de qualquer coisa que indicasse que alguém estava indo por aquele caminho. Avistou uma pegada aqui e ali, embora pudesse ser das pessoas que ele tinha acabado de encontrar. Mas as pegadas pareciam se dirigir para o sul, então ele as seguiu.

Um murmurinho atrás dele quase o fez virar, mas ele se controlou bem a tempo. Deu um passo cuidadoso para a frente e tentou não deixar os ombros tensos. Se alguém o estivesse seguindo, ele não queria que soubessem que tinha percebido sua presença.

Ele retirou um galho do rosto, usando a oportunidade para examinar atrás do ombro.

Alguma coisa acertou Cas em cheio. Ele caiu no chão.

A parte de trás da camisa do príncipe foi agarrada, e ele ficou de pé com um puxão.

O homem idoso estava diante dele e apontava a lança diretamente para o pescoço de Cas. Ele

afastou a arma, preparando-se para mergulhá-la bem na carne do príncipe.

Cas apertou o braço que o segurava, usando a escora para erguer suas pernas do chão. Ele jogou os pés no peito do velho, que cambaleou para trás, caindo sobre uma trepadeira e acertando o chão.

Enquanto ficava de pé novamente, o braço ao redor dele afrouxou. Cas ergueu o cotovelo e bateu na lateral do corpo do homem mais jovem. Ele resmungou, e Cas se livrou dele.

O velho o atacou com a lança e Cas mergulhou, saindo da frente. O homem girou a arma, enlouquecido, e Cas se abaixou rapidamente. Ele se ergueu mais uma vez e segurou o cabo de madeira da lança quando ela se aproximou de sua cabeça, puxando a arma das mãos do homem.

Cas deu um passo para trás, para longe do alcance do velho. Ele usou ambas as mãos para afundar a ponta da lança no pescoço do homem.

Ao cair, o velho fez um som estranho, como se arfasse, e o sangue escorreu do peito nu.

O jovem tinha desaparecido, e o príncipe girou em volta, examinando freneticamente o local. O homem estava de pé numa árvore caída bem atrás de Cas, com a espada em punho. Ele pulou antes que o príncipe pudesse reagir.

Cas disparou e saiu do caminho, mas não antes da lâmina cortar o ombro machucado. Ele cambaleou quando sentiu o sangue começando a gotejar pelo braço.

O jovem o segurou pelos cabelos, e Cas tentou se afastar, gritando quando a dor chegou ao escalpo. Ele caiu de joelhos. O rapaz ficou de pé na frente dele. Cas sentiu o metal de uma lâmina contra sua pele e fechou os olhos com força.

VINTE E OITO

DOIS GUERREIROS E QUATRO cavalos esperavam próximos à margem. Íria e Koldo cumprimentaram os dois homens, mas Emm ficou para trás com Aren, examinando suas armas e suprimentos. Os dois novos guerreiros estavam bem-dispostos e limpos ao lado dos quatro viajantes — os casacos em vermelho e branco estavam alinhados e seus rostos não estavam emaciados nem exaustos. Ambos tinham espadas e provavelmente uma faca ou duas escondidas em alguma parte.

— Esta deve ser a famosa Emmelina Flores — falou um guerreiro com bigode, se aproximando dela. — Eu sou Miguel.

— Emm. — Ela virou a cabeça para o amigo. — Aren.

— Prazer em conhecê-los. — Ele fez um gesto para o colega guerreiro. — Este é Francisco. Fico contente por ter encontrado vocês. Estávamos começando a achar que não viriam.

— Tivemos que vir a pé — falou Íria.

— Vocês vieram do castelo? — Emm perguntou apressadamente. — O que aconteceu?

O mesmo sorriso se abriu nos rostos de Miguel e Francisco.

— O castelo é nosso. O rei está morto.

Alívio e medo a atingiram ao mesmo tempo.

— O restante da família real está desaparecido — emendou Miguel, e ela quase desabou com o alívio. — Imaginamos que eles estejam indo para Forte Victorra, então vamos cuidar disso quando chegarmos lá. Informamos a alguns moradores da região que há uma bela recompensa para quem matar um membro da família real.

Íria olhou rapidamente para Emm antes de sorrir para os guerreiros.

— Excelente. Melhor irmos, hein? Aren e Emm, vocês vão ter que dividir um cavalo.

Os grunhidos de um homem ecoaram entre as árvores. Emm girou, buscando a fonte do barulho.

Ela podia ouvir o farfalhar e a respiração pesada, seguidos de um grito. Uma luta, talvez. Todos permaneceram imóveis, e Emm envolveu a espada com os dedos.

Um clarão azul cortou sua visão e desapareceu diante de seus olhos. Ela deu um passo para o lado e esticou o pescoço para enxergar ao redor das árvores.

O coração de Emm parou.

Era Cas, de joelhos, com uma lâmina no pescoço. A boca do homem com a arma se transformou numa linha de determinação, e ele se preparou para cortar o pescoço do príncipe.

Ela se moveu antes de se dar conta de que corria até ele, ignorando os gritos atrás dela.

De repente, Cas ficou fora de visão e por um terrível momento ela pensou que o homem tivesse conseguido matá-lo. Mas ele rolou para longe da espada, pulou e ficou de pé, movendo-se

mais rápido do que ela já o vira fazer. E Emm achara que o príncipe dera tudo de si durante o treino.

Emm pulou sobre uma trepadeira, os dedos suados ao redor do cabo da espada. Cas bateu com o corpo no homem, derrubando ambos no chão.

Ele cambaleou e ficou de pé. Segurava a espada. Ela escorregou até parar a alguns passos dele, bem a tempo de vê-lo enfiar a espada no peito do homem.

Cas deu meia-volta, a espada ensanguentada ainda pairando à frente dele. Seus olhos se encontraram.

Ele estava sujo e a calça estava manchada com alguma coisa escura... provavelmente sangue. O príncipe vestia uma camisa azul da criadagem que estava abotoada apenas pela metade e coberta de sujeira. Círculos profundos e escuros desfiguravam a pele debaixo de seus olhos. Ele tinha envelhecido três anos em três dias.

Seu rosto se contorceu, e ela teve um vislumbre do quanto ele a odiava. Ele a odiava com tudo que tinha, ele a odiava com mais intensidade do que jamais sentira qualquer coisa.

Cas avançou para ela, e Emm mal ergueu a espada a tempo de bloquear o ataque. O som de suas lâminas colidindo ecoou através da floresta e o coração dela bateu tão rápido que a garota se sentiu enjoada.

— Cas... — Ela engoliu as palavras de volta enquanto ele se abaixava novamente para ela. O príncipe arranhou o pescoço dela com a lâmina, e Emm saiu correndo para longe dele.

Ele a seguiu, empurrando a espada perigosamente perto do peito de Emm. A garota bloqueou e ergueu a própria espada contra o ataque seguinte.

Cas bateu no joelho dela com o pé. As pernas de Emm se dobraram e ela caiu no chão, mantendo a espada firme em sua mão. Ela se esforçou para ficar de pé.

Cas apontava a espada para o pescoço dela.

Emm puxou o ar. Cas estava ofegante, e sua expressão, contorcida e furiosa. Ele não estava apenas zangado; estava prestes a matá-la.

Ela pensou em dizer que sentia muito, mas não sabia bem se queria que essas fossem suas últimas palavras.

A lâmina diante do rosto dela balançou um pouco, e ela olhou da arma para Cas. Ele apertava os lábios, com a expressão de derrota mais triste cruzando seu rosto.

Ele começou a baixar a lâmina.

Cada parte do corpo dela se encolheu com alívio. Ela abriu a boca, tentando desesperadamente pensar no que dizer, algo que não o fizesse mudar de ideia e matá-la no mesmo instante.

— Eu...

As palavras terminaram com ela ofegando quando uma flecha passou zumbindo por seu

rosto. Cas cambaleou para trás quando ela afundou em sua carne.

VINTE E NOVE

CAS CAIU NO CHÃO, a flecha projetando-se para fora do corpo. Emm correu na areia até ele.

— Você errou — falou Íria atrás dela.

— Diga a ela que saia do caminho e farei questão de acertar a próxima no coração dele — falou Miguel.

Emm puxou a flecha antes que Cas pudesse protestar. Ele apertou os lábios com força para abafar o grito. Parecia que queria tê-la matado.

— Saia, Emmelina — falou Miguel.

Os olhos dela encontraram os de Cas. O pai dele mereceu morrer. Lera mereceu ser destruída por um incêndio. Mas Cas não merecia nada daquilo.

— Não — falou, e sua voz soou mais forte do que ela se sentia. Botas pararam ao lado dela, e Aren franziu as sobrancelhas.

— Se você vai matá-lo, pode fazer isso rápido? — perguntou Miguel. — Eu sei que sua mãe gostava de esticar a tortura, mas a gente não tem mesmo esse tempo...

— Ninguém vai matá-lo — falou ela. Um pouco da raiva de Cas se transformou em perplexidade.

— Emm... — A voz de Íria sumiu e ela olhou para Miguel.

— Nós temos que fazer isso — retrucou o guerreiro. — O rei Lucio ordenou que a família real fosse morta.

— Eu não recebo ordens do rei Lucio e estou dizendo que ele vai viver. — Emm olhou para Aren. — Você vai me ajudar a levá-lo para o rio? Essa flecha devia estar imunda. A gente tem que ferver um pouco de água e limpar a ferida.

— A gente tem que *o quê*? — Miguel soltou uma risada incrédula.

— Ninguém precisa me ajudar. — Cas cuspiu e se sentou com a mão apoiada no ombro ensanguentado. — Eu consigo andar.

— Ah, bom — falou Miguel. — Ele consegue andar. Vamos pegar um peixe para ele e preparar uma refeição gostosa nesse meio-tempo. Por que não fazemos isso?

Cas fitou a espada, um pouco além do seu alcance, e Aren rapidamente a pegou do chão. Ele se ajoelhou perto de Emm, baixando a voz para que o príncipe não os ouvisse.

— Ele tentou matar você, Emm.

— Ele não ia fazer isso. Estava baixando a espada.

— De onde eu estava, parecia que ele ia matar você.

Ela olhou por cima do ombro e viu os quatro guerreiros agrupados, conversando entre si. Miguel continuava mexendo os braços como se estivesse irritado.

— Vem — falou Emm. Ela ficou em pé com um pulo e estendeu a mão para Cas. O príncipe a fitou com expressão severa. — Você tem que limpar esse ferimento.

Ele fez um esforço para ficar de pé por conta própria e quase caiu. Piscou, tonto por causa da hemorragia.

— Por quê? Só me mate e acabe logo com tudo isso. — Ele soltou uma risada abafada.

— Ninguém vai matar você. — Ela fez um gesto para que ele caminhasse à frente dela, porque desconfiava que ele pudesse sair correndo. Cas não teria chance na floresta com aquele ferimento e sem espada.

O príncipe passou por ela na direção do rio, olhando rapidamente para os guerreiros. Todos eles o seguiram com os olhos, e Emm manteve vigilância cuidadosa sobre o arco e as flechas de Miguel. Eram quatro guerreiros, contra apenas ela e Aren. Emm não achava que pudesse contar com Cas em seu time, mesmo que ele não estivesse machucado. Pelo menos, ela tinha Aren. Ele melhorava as chances dos três.

— Diga a eles que você quer trocá-lo — murmurou Aren.

Emm o encarou rapidamente.

— Como é?

— Diga a eles que você o quer vivo para trocar por Olivia. O Forte Victorra vai estar bem protegido pelos soldados de Lera quando chegarmos lá; diga que você duvida que os guerreiros vão conseguir tomar o local. Que ele é o seu plano B.

— Essa é uma boa ideia. Na verdade, eles bem podem acreditar nisso.

— Mas que fique registrado que eu acho que você devia matá-lo. Mas se não consegue, eu confio na sua decisão — falou Aren.

— Obrigada.

Eles se aproximaram do rio. Cas ficou de pé próximo à água, e um músculo em sua mandíbula se contraía. Ele os fitou com desconfiança, obviamente se perguntando sobre o que cochichavam.

— Como você imagina que vai ferver a água aqui? — perguntou ele.

Aren bufou.

— Que triste. O príncipe Casimir não sabe fazer uma fogueira. A vida é dura sem as criadas da mamãe e do papai, não é?

Cas ficou vermelho, seus olhos soltavam faíscas de raiva, e Emm pigarreou.

— Aren, você se importa de catar uns galhos e gravetos? — pediu ela. E, apontando para Cas: — Você. Senta aí.

Ele ficou parado por alguns segundos, sem saber ao certo se queria obedecer. Mas então desabou no chão e soprou uma mecha de cabelo de seu rosto. Os guerreiros não se moveram; suas cabeças ainda estavam abaixadas e unidas enquanto conversavam. Ela se ajoelhou na frente de Cas, tomando cuidado para manter os guerreiros em seu campo de visão.

— O. Quê. Você. Está. Fazendo? — Ele cuspiu cada palavra, como se doesse falar com ela. — Por que está me ajudando?

— Parece que você precisava disso. — Ela sabia o que ele queria dizer, mas não achava que tinha palavras para explicar por que o estava ajudando. *Porque eu sinto alguma coisa por você* era muito ridículo agora, considerando a raiva extrema em seu rosto. — Onde estão os guardas? — perguntou ela. — Por que você está sozinho?

— Imagino que a maioria dos guardas morreu, graças a você.

— E quase todo mundo com quem eu já me importei morreu, graças a você — falou Aren enquanto baixava os galhos que trouxe nos braços.

— Aren — falou ela baixinho, em tom de advertência. O rapaz se afastou, batendo os pés. Ela passou o cantil para Cas. — Você deveria tomar um pouco de água.

Ele pegou o cantil da mão dela e tomou uns goles.

Miguel se afastou do grupo dos guerreiros e apoiou as mãos nos quadris.

— Por que você está lhe dando água? O que espera fazer com ele?

— Ele vai com a gente — retrucou Emm. — Como nosso prisioneiro. Quando chegarmos às Montanhas do Sul, vou trocá-lo por Olivia.

Cas deu uma risada; era um som oco, quase maníaco.

— Seu prisioneiro. Maravilha. É ótimo conhecer seu verdadeiro eu, Emmelina. Você é exatamente como meu pai descreveu.

Emm se esforçou para manter uma expressão neutra ao ignorá-lo.

— Se você trocá-lo, Lera vai ter o rei de volta — falou Miguel.

— Não. Eles terão um novo rei. Um rei sem poder, já que Olso vai ter controle total do reino até lá, correto?

Miguel simplesmente franziu a testa.

— Eu não vou deixar você matar a minha moeda de troca. Eu deixei claro quando entrei neste acordo que meu objetivo mais importante era pegar Olivia. Assim que eu a tiver, vocês podem voltar a caçar a família real, se é assim que vocês querem passar o tempo. — *Depois que Cas tiver tido tempo de ficar bem longe de vocês*, emendou ela em silêncio.

— E se ele tentar matar você novamente? — perguntou Miguel.

— Então acho que estarei morta.

Miguel pegou o arco e uma flecha das costas. E apontou a flecha direto para Emm.

— Chega disso. Koldo, Íria, peguem-na antes que o outro volte. Tirem-na do caminho.

Koldo foi até Emm e ela se pôs de pé, alcançando a espada.

Íria pulou para a frente e segurou o guerreiro pelo casaco.

— Espera aí, Koldo. — E ficou entre Emm e Miguel, esticando os braços nas duas direções. —

Vamos nos acalmar.

Koldo parou no mesmo instante e olhou com preocupação de Miguel para Íria. Miguel não abaixou a flecha.

— Ela não é nossa prisioneira — falou Íria. — Nós só temos o controle da capital de Lera por causa dela. Tudo isso é só por causa dela.

— Sem brincadeira — resmungou Cas.

Íria o ignorou.

— Se Emm quiser levar Casimir como prisioneiro, essa é a escolha dela. Ela tem ao menos esse direito.

— Eu não recebo ordens de um habitante de Ruína — retrucou Miguel entre os dentes.

— E eles não recebem ordens de você — falou Íria.

— Eu certamente não recebo. — Aren emergiu da floresta, derrubando mais galhos para a fogueira. Miguel girou para encará-lo, com a flecha pronta para ser disparada.

De repente, as pernas do guerreiro se ergueram e a flecha foi disparada para o céu enquanto sua bunda batia no chão. Aren deu um passo para a frente e chutou o arco para longe de Miguel. Ele agarrou a gola do guerreiro, inclinando-se para que seu rosto e o de Miguel ficassem na mesma altura.

— Aponte aquela coisa de novo para mim e eu vou quebrar cada uma das suas costelas ao meio e arrancá-las através do seu umbigo.

Miguel engoliu em seco. Aren empurrou-o para longe e se endireitou. Ele pegou o arco e o estendeu para Íria, e um pouco da raiva deixou seu rosto quando ele olhou para ela.

— Talvez você devesse segurar isso.

Ela pegou com um aceno de cabeça. Aren girou nos calcanhares, passando por Miguel e pegando os gravetos para começar a arrumá-los para a fogueira.

— Obrigada — falou Emm baixinho para Íria.

Um lado da boca da guerreira subiu.

— Claro. — Ela voltou a olhar para Cas. — É sua escolha. Mas se ele matar você, eu vou ouvir um bocado dos rapazes.

— Eu vou tentar evitar isso.

— Bom. — Ela se afastou e se virou para encarar Emm com um sorriso. — Eu ficaria um pouco triste, se você morresse.

— Só um pouco, hein?

Íria ergueu o polegar e o indicador e deixou um pequeno espaço entre eles.

— Um pouquinho.

Emm riu e se virou novamente para Cas. O som morreu em sua garganta assim que ela olhou para o rosto aborrecido.

— Obrigada por não me matar antes. — Ela manteve a voz baixa, apenas para ele ouvir. — E, por favor, entenda que se eu morrer ninguém aqui vai hesitar em matá-lo. Estou do seu lado.

Ele deu um muxoxo e se inclinou para perto dela.

— Você nunca esteve do meu lado. É uma mentirosa e uma assassina. Talvez meu pai tivesse razão em exterminar até o último de vocês.

Ela ficou de pé com as mãos nas costas para esconder o fato de que estava tremendo.

— Ele tinha razão em matar a minha mãe e assassinar cada morador do castelo? Até os criados? As crianças? — Ela inclinou a cabeça. — Ele ficaria orgulhoso em ver que você se transformou no mesmo que ele, pelo menos.

Emm marchou e se afastou de Cas enquanto piscava para secar as lágrimas.

TRINTA

CAS ANDOU COM DIFICULDADE atrás dos cavalos, com as mãos amarradas à frente do corpo. Seu ombro doía e ardia, mas ele mantinha a expressão neutra e caminhava em silêncio.

Emmelina estava ao lado dele. Aren e os três guerreiros montavam os cavalos; Íria seguia ao lado deles e ficava olhando para Cas e Emm.

Ele lançou um olhar furtivo à garota. Ela vestia a mesma roupa que usava da última vez que ele a vira, mas agora estava manchada de terra e sujeira e rasgada em algumas partes. O cabelo escuro estava puxado para trás, e sua expressão era sombria. Ela tinha limpado a ferida dele e espalhado um pouco de raiz de berol nela sem dizer uma palavra, e mal notara sua presença desde que eles começaram a caminhar.

A culpa rasgava seu peito, e ele a odiava ainda mais por fazê-lo se sentir assim. As palavras tinham saído de sua boca sem que ele parasse para pensar nelas — *talvez meu pai tivesse razão em exterminar até o último de vocês* —, e Cas não conseguia parar de repeti-las em sua mente.

Ele não tinha falado sério. Sabia, sem dúvida alguma, que seu pai estivera errado ao matar o povo de Ruína sem motivo. Ele tinha matado as pessoas por medo e morrera por causa disso. Mesmo se Cas odiasse Emmelina com cada fibra de seu ser, ele não culpava o povo inteiro de Ruína pelas ações dela.

— O que aconteceu com a verdadeira Mary, Emmelina? — perguntou, rompendo o silêncio.

— Eu a matei. Quando ela ia para Lera.

— Você simplesmente a matou. Sem provocação.

— Ela matou meu pai e deixou a cabeça dele numa estaca para que eu a encontrasse. Eu não diria que não fui provocada.

Cas engoliu em seco, determinado a não sentir pena dela. Mas ele também não se lamentava, em particular, de nunca ter tido a chance de conhecer a verdadeira Mary.

— E é Emm — falou ela, em voz mais baixa. — Quase todo mundo me chama de Emm.

Um lampejo de memória — *eu fui educado no castelo com Emm e Olivia* —, e Cas respirou fundo.

— Você conhecia Damian.

— Sim. Era meu amigo.

— E eu deixei você me convencer a libertá-lo. Sou um idiota.

— Você não é um idiota. Foi bom com ele. Você não sabe o que isso significou para mim.

Ele não sabia como responder. Poderia ter dito que faria de novo porque os habitantes de Ruína não mereciam morrer simplesmente por serem mágicos, mas ele não estava com vontade de ser bonzinho com ela. Ficou de boca fechada.

— Você tem que andar assim tão perto dele? — gritou Íria por cima do ombro. — Eu fico nervosa.

— Ele não vai me machucar, Íria — falou Emm, e Cas sentiu uma onda de raiva por ela não parecer acreditar que ele realmente era uma ameaça.

Talvez porque tivesse perdido a oportunidade de matá-la. Ele ainda podia ver o rosto dela quando apontou a espada para a cabeça de Emm. A lâmina ficara presa no lugar, o terror de realmente ter que ir até o fim com o assassinato dela fazia seu estômago parar na garganta. Mesmo agora, ao olhar o arranhão no pescoço da garota onde ele tinha cortado, se sentia um pouco enjoado.

Ele deveria ter conseguido matá-la. Deveria gostar daquilo. Ela não apenas o traíra, mas tinha feito com que ele se importasse com ela tão completamente que Cas sequer podia odiá-la direito. E agora ele era um refém, ferido e ainda à mercê dela.

— Cas, eu quero pedir desculpas por... — começou a garota.

— Não me peça desculpas — cuspiu ele. — Você não está arrependida. Você manipula as pessoas. Diz e faz o que acha que elas querem e então dá meia-volta e usa isso contra elas. Seu pedido de desculpas não significa nada para mim.

— Bem, eu estou pedindo desculpas de qualquer forma! — gritou ela, fazendo com que todos se virassem e observassem os dois.

Ele revirou os olhos.

— Lamento duvidar da sinceridade de um pedido de desculpas que *gritam* para mim.

— Eu tentei ser gentil. Isso só pareceu deixar você mais zangado.

— Quando você foi gentil? Em alguma parte entre me fazer de refém e gritar comigo?

— Eu salvei sua vida.

Ele bufou.

— Seus critérios de *gentil* são estranhamente amplos.

— Eu não...

— Vocês dois podem ficar quietos? — Íria interrompeu. — A floresta inteira consegue ouvir vocês.

Emm calou a boca, lançando um olhar irritado na direção de Cas.

— Eu não aceito seu pedido de desculpas — murmurou ele.

Ela respirou fundo, como se estivesse se preparando para realmente responder à altura. Então seu corpo murchou, e os últimos vestígios de raiva abandonaram seu rosto quando ela deu de ombros.

— Eu compreendo. Mas sinto muito, Cas.

Ele não queria que ela compreendesse. Ele não queria que ela agisse toda quieta e arrependida.

Ele queria vê-la sendo arrogante e descarada. Queria que ela risse na cara dele e lhe dissesse que era estúpido. Queria gritar com ela, sacudi-la e dizer que nunca a perdoaria. Mas os vestígios das últimas palavras — *sinto muito, Cas* — pairavam no ar, e ele não conseguia dizer absolutamente nada.

— Será que devemos amarrar as pernas dele?

Emm olhou na direção da voz de Íria e balançou a cabeça.

— Não, acho que ele está bem.

Cas olhou para Íria. Eles tinham parado não muito depois do pôr do sol, e ele desabara contra uma árvore sem dizer uma única palavra. Emm suspeitava que estava cansado demais para correr.

Ela se sentou no chão perto dele, observando quando Miguel se inclinou e murmurou alguma coisa para Francisco. Estava escuro, mas a luz da lua lançava um brilho sobre os rostos deles, e ambos pareciam estar decididos a evitá-la.

Koldo parou diante dela e ofereceu um pouco de carne seca. Emm pegou dois pedaços e passou um para Cas.

— Obrigada, Koldo — falou, sorrindo para ele.

— De nada — murmurou o rapaz sem olhar nos olhos dela. E manchas cor-de-rosa apareceram em suas bochechas.

Ela partiu um naco de carne com os dentes e observou Koldo entregar um pedaço a Íria. Nenhum dos homens havia falado muito com a guerreira desde que ela defendera Emm, mas Koldo parecia visivelmente pouco à vontade só de estar perto dela. Íria esticou as pernas, aparentemente distraída.

— Vou ver se consigo achar umas bananas — falou Aren.

— Não. — Emm falou rapidamente e ficou de pé com um pulo. — Eu vou. Você fica aqui e presta atenção nele, está bem? — Ela fez um gesto para Cas.

A cabeça de Aren se inclinou, como se ele soubesse que havia algo errado. Ao passar, Emm tocou seu braço.

— Eles estão planejando alguma coisa — murmurou ela. — Vou ficar por perto. Deixe que pensem que deixei você e Cas sozinhos.

Ele mal assentiu, e ela deixou a mão cair do braço dele enquanto se afastava. Emm caminhou até as árvores grossas, dando passos ruidosos enquanto trotava na escuridão. Em seguida, parou e se curvou em silêncio.

Ela se abaixou sob uma trepadeira e se agachou atrás de um arbusto. Francisco, Koldo e Íria estavam exatamente onde ela os deixara. Miguel sumira.

Lentamente, Emm sacou a espada do cinto, dando uma olhada rápida ao redor.

Um grilo pulou no chão à sua frente, e ela o observou desaparecer na escuridão. Pios e farfalhos ecoavam da floresta, tornando difícil ouvir se alguém se aproximava.

Ela esperou alguns minutos e mal respirou. Finalmente, Miguel emergiu das árvores atrás de Aren e se aproximou lenta e silenciosamente. Emm viu um pedaço de pano em suas mãos. Provavelmente para os olhos de Aren. Se o vendassem, ele não conseguiria usar a magia de Ruína, e ela e Cas estariam ferrados.

Francisco tinha se movido para a frente de Íria e, de pé, bloqueava a visão da guerreira de Aren. Emm observou Miguel dar outro passo na direção do garoto.

— Aren, atrás de você! — gritou ela.

Aren ficou de pé com um pulo e girou. O braço de Miguel girou para cima, bem esticado, e a venda flutuou até o chão. O braço se torceu para trás com um som horroroso de algo esmagando.

O grito de Miguel ecoou entre as árvores enquanto Emm corria para longe dos arbustos. Cas cambaleou para ficar de pé, tropeçando, pois os pulsos amarrados lhe tiravam o equilíbrio. Francisco correu para ele, com a espada desembainhada. Cas mal pulou para a outra direção a tempo.

Francisco ergueu novamente a espada, e Emm se abaixou, colocando-se entre ele e o príncipe. A lâmina do guerreiro colidiu com a dela, e a garota rapidamente bloqueou o ataque seguinte.

Os gritos de Miguel fizeram Francisco desviar o olhar por meio segundo, e Emm atacou. Ela mirou a espada na lateral do corpo do rival; ela queria ferir, não matar. Se um dia fizesse as pazes com os guerreiros, era melhor não matá-los.

Ela pegou Cas pelas cordas em seus pulsos e passou a lâmina entre elas.

— Aren! Espada! — gritou ela, esticando a mão.

Ele se afastou de Miguel e jogou para ela a espada roubada de Cas. Emm a pegou e botou nas mãos do príncipe.

— Os cavalos — falou ela, movendo a cabeça na direção dos animais.

Os olhos de Cas se arregalaram para alguma coisa atrás dela. Ele empurrou os ombros dela com tanta força que Emm desabou no chão. Ele se reclinou quando a lâmina de Koldo voou sobre a cabeça da garota.

Emm chutou o joelho do homem, e Koldo caiu com um uivo.

— Vai! — gritou para Cas.

Ele passou por Íria, que estava de pé a alguns passos, com a boca aberta enquanto observava a cena.

Koldo rastejou pela terra e segurou o tornozelo de Emm. De repente, seu pulso estalou e a parte de trás de sua mão encostou no braço. Ele uivou e aninhou a mão contra a barriga. Aren caiu contra uma árvore, o peito subindo e descendo com força.

Emm correu atrás de Cas. Um corpo colidiu contra o dela, e ela atingiu a terra com força.

Duas mãos a prenderam no chão.

— Me dê um soco — falou Íria em seu ouvido. — Faça parecer bom.

Íria parou de apertar e Emm se libertou, ficando de pé com um salto. Ela girou e balançou o punho, atingindo o queixo de Íria. A guerreira caiu no chão com um grunhido.

Emm piscou e olhou para ela como se pedisse desculpas antes de se virar para ir atrás de Cas. Ele tinha soltado o segundo cavalo. Koldo correu na direção deles, e ela disparou, segurando os arreios do animal. Cas foi até o terceiro cavalo, mas ela balançou a cabeça.

— Deixe-o aí! — gritou.

Ele pulou no cavalo. Emm montou no outro animal, mirando a bota direto no rosto de Koldo quanto ele tentou puxá-la. O guerreiro cambaleou para trás e caiu de bunda enquanto ela passava a cavalo.

Aren ainda estava de pé junto à árvore e esticou a mão quando o cavalo de Emm se aproximou dele. Ela pegou seu braço e o puxou. O corpo dele estava molenga por causa do esgotamento depois de usar magia, e ele desabou contra as costas dela assim que sentou no cavalo. Ela chutou a lateral do animal, e eles partiram num galope, deixando os guerreiros na poeira.

TRINTA E UM

CAS PODERIA TER FACILMENTE deixado Emm e Aren para trás quando se afastavam dos guerreiros, e ele considerou essa opção ao olhar para a floresta escura. O cavalo de Emm levava duas pessoas, e conseqüentemente era muito mais lento que o dele.

Emm desceu do cavalo, deixando Aren sozinho, dobrado sobre a cela. Parecia adormecido. Ela foi até Cas e estendeu o cantil. O príncipe tomou um pequeno gole e o devolveu.

Ele não tinha cantil nem ideia de aonde estava indo no escuro. Assim que o sol nascesse, poderia descobrir para que lado era o sul, mas tinha perdido noção de sua posição depois de ser capturado. Pelo menos agora ele tinha uma espada, mas que chance realmente teria sozinho? Se cruzasse com Íria e os outros guerreiros, estaria morto.

Ele forçou a vista na direção de Emm enquanto ela tampava o cantil. Será que tudo aquilo era parte do plano? Será que ela estava fingindo salvá-lo para usá-lo depois? Será que ela realmente queria levá-lo como prisioneiro e trocá-lo por Olivia?

De repente, a floresta escura pareceu uma ideia melhor do que ficar com ela. Ele devia estar na metade do caminho para as Montanhas do Sul, pelo menos. Poderia fazer o restante da viagem sozinho.

— Não vou culpá-lo se você partir. — Ela girou e voltou para o seu cavalo. — Devemos chegar na Cidade de Gallego de manhã. Se você quiser ir com a gente até lá, prometo que ficará seguro.

A Cidade de Gallego significava soldados de Lera. Significava descobrir se sua mãe e Jovita estavam vivas, e ter guardas para protegê-lo. Ele sequer tinha percebido que estavam perto.

— Eu vou com vocês — falou ele, quase acrescentando as palavras “muito obrigado”, mas elas morreram em seus lábios.

Emm assentiu, e foi a última vez que ela olhou para ele naquela noite. Eles cavalgaram em silêncio, ela e Aren na frente, e ele se flagrou imerso nos sons frenéticos da floresta, desejando que um deles falasse. Agora que estava temporariamente fora de perigo, o peso dos últimos dias parecia esmagá-lo. Repassava em sua mente as imagens de seus últimos momentos no castelo, até seu peito ficar tão apertado que ele pensou que talvez nunca mais fosse respirar com facilidade.

Quando o sol finalmente começou a nascer, ele quase gritou de felicidade. Seu corpo estava rígido e dolorido por causa da noite montado no cavalo, mas ele se endireitou, observando as folhas de um verde vibrante ao redor dele, o pássaro colorido empoleirado numa árvore não muito longe dali.

Aparentemente Aren recuperara suas forças, pois ele desceu do cavalo e caminhou ao lado de Emm. Ela olhou por cima do ombro para Cas.

— Estamos perto — falou.

Cas esticou o pescoço.

— Como você sabe? — perguntou, e a curiosidade levou a melhor sobre o desejo de não parecer um idiota.

— A região é bem movimentada.

Ele olhou ao redor, perplexo. Era exatamente a mesma floresta na qual ele estivera nos últimos três dias.

— O que faz você pensar isso?

— Pegadas, galhos quebrados, folhas esmagadas, lixo. Quando você é caçado todos os dias da sua vida, aprende a procurar os sinais de outras pessoas.

Ele a encarou e se recusou a dar algum sinal de solidariedade. Por causa dela, agora ele é que era caçado. Emm não merecia solidariedade.

Ela se virou, e Cas ignorou o olhar mordaz de Aren. Depois de ver o que podia fazer na noite passada, Cas pensou que era melhor deixar o garoto em paz.

Eles cavalgaram mais uns minutos até Emm parar e descer do cavalo. Cas fez a mesma coisa, balançando as pernas doloridas assim que seus pés tocaram o chão.

— Há possibilidade de os guerreiros terem tomado a cidade — falou ela. — Melhor irmos a pé, para ter certeza. Não queremos ser avistados.

— Nós?! — exclamou Aren. — Não. Ele pode ir sozinho.

— Eu gostaria de saber se a cidade ainda está sob controle de Lera — retrucou ela. — Você vai ficar aqui com os cavalos?

Aren olhou de Cas para Emm e de volta para o príncipe. E apontou um dedo para o rosto de Cas.

— Se você machucá-la, vou quebrar cada um dos ossos do seu corpo.

Os dedos de Cas coçaram querendo a espada, embora ele soubesse que seria inútil contra alguém tão poderoso quanto Aren. Em vez disso, cruzou os braços na frente do peito.

— Ela vai ficar bem — falou ele com os dentes cerrados.

— Vem — chamou Emm, fazendo um movimento com a cabeça para que Cas a seguisse.

Eles caminharam até os sinais da presença de pessoas se tornarem tão óbvios que até Cas podia avistá-los. As árvores eram mais estreitas, e uma óbvia trilha de terra, livre de folhas e detritos, serpenteava para fora da floresta. Ele estivera na cidade que recebera o nome de seus antecessores somente uma vez, alguns anos atrás, e se constrangia por ter que admitir que não lembrava qual caminho ele e os pais tomaram para chegar lá. Tinham ido de carruagem, em vez de pegar um barco na praia, mas ele não havia prestado atenção na trilha que os guardas abriam para a família real.

A mão de Emm pairava sobre a espada, embora ela não parecesse se dar conta. Ficou ali enquanto eles caminhavam, preparada para pegar a lâmina ao menor ruído. Cas tentou fazer a

mesma coisa, mas descobriu que sua mente divagava e ele passava a mão pelo cabelo ou cruzava os braços sobre o peito. Se alguém se esgueirasse por trás deles, Emm pegaria a espada imediatamente e ele ficaria parado procurando a própria arma.

Ela se movia suavemente através da floresta, mesmo com um vestido. Suas botas praticamente não faziam barulho contra o solo, e ele percebeu que ela desviava de galhos e folhas em que ele não teria pensado duas vezes em pisar. Ele seguia o exemplo e colocava as botas em suas pequenas pegadas.

— Isso tudo foi por causa de Olivia? — perguntou ele subitamente. As palavras saíram com velocidade de sua boca, como se elas se recusassem a ficar guardadas por mais um minuto.

— Sim — respondeu ela, sem se virar. — E um pouco por vingança, para ser sincera.

— E se você morresse no castelo? — perguntou ele. — E se não tivesse escapado a tempo? Você devia saber que havia essa possibilidade.

As sobrancelhas dela se juntaram quando ela voltou a olhar para Cas.

— Era mais do que uma possibilidade. Por isso Aren estava lá. Tínhamos esperança de que um de nós conseguisse. Como a magia de Ruína de Aren é muito forte, apostava que seria ele. — Ela deu de ombros. — E se falhássemos, eu tinha os guerreiros e a promessa do rei de Olso de que ele faria o que pudesse para impedir que Lera executasse todos os habitantes de Ruína.

A palavra *executasse* vibrou pelo corpo de Cas, cutucando emoções que ele não queria sentir. Se seu pai estivesse ali, diria que as ações de Emm só reforçavam seu ponto — que o povo de Ruína merecia morrer. Eles eram perigosos demais para viver.

E Cas teria dito que Emm era só uma pessoa, como a mãe dela era só uma pessoa. Ele não conhecera Olivia, mas talvez a família inteira fosse uma mancha negra sobre o povo de Ruína.

Ou talvez nós é que fizemos isso a eles. Ele estourou as palavras assim que elas subiram feito bolhas, mas o gosto ruim que trouxeram permaneceu. Que tipo de vida Emm viveu para estar perfeitamente disposta a se meter num perigo daqueles? A se casar com ele, sabendo muito bem que isso poderia levar à sua morte?

De repente, ele se perguntou como Emm tinha sido antes — quando ainda tinha os pais e a irmã e antes de saber como caminhar sem fazer barulho. Será que ela sentia raiva e amargura por não ter o poder do povo de Ruína? Ou será que se dedicava a outras coisas, como aprender a manusear uma espada? Seu talento com a lâmina certamente não tinha se desenvolvido no último ano. Ela havia passado uma vida aperfeiçoando aquela habilidade.

Ele voltou seu olhar para Emm e percebeu que ela o encarava novamente. Alguma coisa no rosto da garota estava diferente desde que ele descobrira quem ela era. Não era só por saber que ela era Emmelina Flores; era como se alguma coisa tivesse mudado dentro dela. Cas não tinha se dado conta de que ela ficava tensa perto dele, mas reconheceu a ausência daquela sensação

naquele momento.

Cas rapidamente desviou o olhar. Queria poder desligar o cérebro e parar de pensar nela. Devia ter sido mais fácil para seu pai ter certeza de seu ódio aos habitantes de Ruína, ser incapaz de enxergar as pessoas não tão ruins de lá.

Ela parou e estendeu a mão para trás para indicar que ele também devia parar. Os dedos dela se dobraram no cabo da espada, mas ela não a desembainhou, e o príncipe obedeceu o comando.

Dois vultos passaram entre as árvores. Cas e Emm tocaram o chão ao mesmo tempo, se agachando na terra. As vozes dos homens eram baixas, abafadas, mas os casacos em vermelho e branco eram nitidamente visíveis ao longe. Guerreiros.

Uma pequena carroça aberta passou com dois soldados de Lera amarrados na parte de trás. Cas engoliu em seco e se perguntou quantos soldados tinham sido capturados no caminho para as Montanhas do Sul. Será que sua mãe e Jovita ao menos conseguiriam chegar? O que encontrariam lá?

Ele ficou de pé quando os guerreiros se dirigiram para a cidade. Deu uns passos para a frente até poder ver um pequeno grupo de construções de madeira. Havia uma quantidade imensa de guerreiros por toda a área. Eles tinham tomado a cidade.

— Eu sinto muito — falou Emm baixinho.

A raiva que Cas sentia dela se acendeu sem aviso, e ele mal se controlou para não gritar *E de quem é a culpa?* para ela. Mas a última coisa de que ele precisava era atrair a atenção daqueles guerreiros ou de quaisquer outros na área. O queixo do rapaz se retesou, e Emm baixou os olhos, como se soubesse o que ele estava pensando.

Eles deram meia-volta e foram para o abrigo da floresta. Seus ombros murcharam enquanto andavam, e Emm continuava olhando para ele como se quisesse dizer alguma coisa. Aparentemente não havia nada a dizer, pois ela ficou em silêncio no caminho de volta.

A voz de Aren soou de repente, alta e clara.

— Eu falei que ela não está aqui.

Emm parou.

— Mantenham ele quieto — sibilou outra voz que mal se podia ouvir.

Cas rastejou para a frente com Emm até que pudessem ver o dono da voz. Íria, Koldo e Miguel estavam de pé a alguns passos; Miguel com o braço numa tipoia improvisada e uma expressão azeda no rosto. Havia outros três, e Francisco estava no chão com um pescoço horivelmente torcido. Os outros formavam um círculo ao redor de Aren, que estava com as mãos amarradas e tinha uma faixa de pano branco amarrada ao redor da cabeça como uma venda.

— Ela foi embora. Nós tivemos que nos separar — falou o rapaz, muito mais alto do que o necessário. Ele estava tentando avisar Emm.

Cas olhou por cima do ombro e viu uma expressão de dor no rosto da garota enquanto ela observava. Emm pegara a espada e começava a desembainhá-la, como se fosse atacar.

Ele agarrou a mão dela, para impedi-la. Emm engoliu em seco, lançando outro olhar desesperado a Aren.

— Espalhem-se — falou Miguel. — Ela não pode ter ido muito longe, se ele está aqui. — E cutucou Íria com o dedo. — Você fica.

Ela cruzou os braços na frente do peito, dando um passo para mais perto de Aren.

— Eu preferia mesmo ficar com ele.

— Koldo, vigie ela. — Miguel cuspiu. — Caso contrário, o garoto de Ruína pode ter ido embora quando voltarmos.

Emm passou os dedos em volta do braço de Cas, puxando-o de leve. O arrependimento estava gravado em seus traços enquanto ela olhava novamente para Aren. Ela ia abandoná-lo.

Eles se afastaram dos guerreiros cautelosa e silenciosamente, e logo começaram a correr. Cas pulou sobre as trepadeiras e desviou de buracos na terra acompanhando Emm. Suas pernas eram mais compridas que as dela, e ele poderia ter ido mais rápido. Poderia ter passado por ela correndo e tomado uma direção própria, deixando-a para trás. Mas não fez isso. Ficou atrás de Emm sem outro motivo além de parecer a coisa certa a fazer.

Quando diminuíram a velocidade até parar, os dois respiravam com dificuldade, e Cas botou as mãos nos quadris enquanto examinava a área. Um farfalho veio de algum lugar à esquerda e ele girou, buscando a fonte. Nada.

Emm correu para trás de uma árvore, apoiando as costas no tronco, e Cas fez a mesma coisa do outro lado. Cuidadosamente, ela desembainhou a espada. Passos ecoaram através da floresta.

Os passos ficaram mais lentos e, em seguida, pararam.

Uma gota de suor escorria pela testa de Cas, mas ele não ousou se mover para limpar. Ele ainda respirava com dificuldade e fazia esforço para ficar em silêncio.

Os passos se aproximaram até que a ponta de um casaco branco apareceu na visão periférica de Cas. Miguel.

Ele se virou. Seus olhos encontraram os do príncipe.

Cas girou, se afastando do guerreiro, antes de sequer tentar atacar. Miguel avançou para cima dele. Cas ergueu a espada e a enfiou direto na barriga do adversário. Miguel abriu a boca para gritar, e a espada girou em seu pulso aleatoriamente.

A espada de Emm cortou o pescoço do guerreiro. A cabeça tombou para o solo.

O corpo desabou na terra, e Cas percebeu que Emm teve que desviar o olhar; o rosto dela se enrugou com nojo.

— Pegue a espada dele — falou ela. — É melhor do que a que você tem.

Cas largou a espada enferrujada e pegou a do guerreiro.

— Vamos — falou Emm e correu.

Quando pararam mais uma vez, Cas apontou na direção do rio.

— Seria mais fácil com um barco.

Ela tomou um gole de água e entregou o cantil ao rapaz, passando uma das mãos para limpar a boca.

— Claro que seria, mas não temos um.

— Um monte de gente que mora por aqui tem barcos a remo — falou ele. — Eu me lembro disso da minha última visita à Cidade de Gallego. Nós podíamos pegar um.

— Claro, podemos tentar.

— Quero esclarecer uma coisa — falou ele lentamente. — Mandamos os soldados de Lera caçarem e trazerem você para ser executada em Lera.

— Eu imaginei.

— Você devia ser julgada pelo que fez.

— E seu pai devia ser julgado pelo que ele fez. — Ela o encarou.

— Isso não é desculpa.

— Não estou dizendo que é. Estou apenas citando os fatos.

Uma centena de emoções invadiu o peito de Cas ao mesmo tempo: raiva, culpa, tristeza, impotência... e ele tentou encontrar uma na qual se agarrar. A raiva era a mais fácil e poderia encobrir as outras emoções, engolir todas e deixá-lo apenas com um fogo ardente no estômago.

Mas um rei tinha que ser calmo. Racional. Ele precisava agir do modo como um rei agiria.

— Vamos para o mesmo lugar — falou ele, tentando manter a voz firme. — Seria mais fácil se fôssemos juntos. Mas assim que chegarmos lá, não terei problema algum em mandar a guarda de Lera prender você.

— Então eu deveria abandonar você assim que nos aproximarmos, é o que está dizendo.

— Estou dizendo que não sou seu amigo. Mas que preciso da sua ajuda, e você precisa da minha, e posso deixar minha raiva de lado por alguns dias se você puder também.

Ela apertou os lábios, e a tristeza estampou seus traços tão subitamente que Cas desejou retirar as últimas palavras e enfiá-las de volta na boca.

— Concordo. — Ela limpou a garganta. — Mas posso explicar uma coisa?

Ele quase deu de ombros, sem vontade de dar permissão, mas curioso demais para impedi-la.

— Nada disso tinha a ver com você — falou ela baixinho. — Eu sinto muito se usei você. Eu...

— Você tinha que se casar comigo, mas não era sobre mim? — interrompeu ele.

— Você sabe o que quero dizer. Eu sinto muito se tive que magoar você para...

— Você não me magoou — interrompeu ele. — Você magoou meu reino.

Emm esfregou um dedo em seu colar, os olhos no chão.

Ele queria perguntar por que ela não o avisara sobre o ataque. Queria perguntar se era um

completo idiota por achar que ela sentia alguma coisa por ele, apesar de tudo. Queria saber como ela podia deixá-lo morrer se, na verdade, se importava com ele.

Cas não conseguia encontrar as palavras para fazer as perguntas. Talvez não quisesse saber as respostas.

— Eu estava tentando ir embora o quanto antes — falou ela e sua voz vacilou um pouquinho.

— Eu teria ido embora em uma questão de dias se não fosse pelo quadro.

Ele lançou um olhar furioso a Emm.

— É pra fazer eu me sentir melhor o fato de que você estava infeliz e tentando escapar?

— Não foi o que quis dizer.

— Eu sei o que você quis dizer.

— Não, não sabe! — A voz de Emm se elevou. — Eu pensava que você era igual ao seu pai. Não imaginava que você seria... seria...

Ela torceu as mãos e franziu a sobrancelha. A respiração de Cas estava presa em seu peito. Cada parte dele estava à espera, torcia e rezava para que ela estivesse prestes a dizer que tinha se apaixonado por ele. A confessar que o que ela sentia tinha sido real e que não estava simplesmente fingindo para obter informações dele.

Ele quase riu alto de seu estado ridículo. Será que ele realmente tinha esperança de que uma garota que havia conspirado para destruir seu reino estivesse, na verdade, apaixonada por ele?

— E? — perguntou Cas, quando o silêncio continuou. — Você não esperava que eu fosse o quê? Ingênuo? Estúpido?

— Gentil! — Ela praticamente gritou. — Sensato! Consciente! — Ela atirou as palavras para ele como se fossem insultos, e ele não tinha certeza de como reagir.

Emm girou e voltou a caminhar sem esperar uma resposta. Cas hesitou por um momento, assimilando as palavras.

Gentil, sensato, consciente. Não era *amor*, nem uma confissão de sentimentos apaixonados e selvagens, mas ele notou que gostava mais daquelas três palavras. *Amor* teria sido banal, outra mentira fácil em uma longa fila de mentiras. *Amor* seria simples de descartar.

Mas *gentil, sensato e consciente* não poderiam ser desmentidas. Elas serpentearam para dentro dele, ficaram à vontade e respiraram o ar que havia em meio à dor em seu peito.

TRINTA E DOIS

CAS NÃO TINHA DITO nada desde que ela fora tola e dissera que ele era gentil. E *consciente*. Será que alguém gostava de ser chamado de *consciente*? Ela não poderia culpá-lo se ele a odiasse ainda mais agora.

Emm tinha notado que ele havia aprendido a caminhar cautelosamente e a encobrir seus rastros sem que ela tivesse que explicar. Talvez ele a estivesse ignorando, mas era evidente que fazia anotações mentais de tudo que a garota fazia.

Eles ainda estavam bem perto da Cidade de Gallego e as pequenas casas de madeira salpicavam o rio. Não parecia que os guerreiros haviam ultrapassado os limites da cidade, mas os dois caminhavam com cautela, e as mãos de Emm e Cas constantemente pairavam acima de suas espadas.

— Ali. — Cas apontou para uma casa próxima, com uma doca que se estendia para dentro do rio. Um pequeno barco a remo estava amarrado a um poste por ali.

Emm olhou para o sol, que desaparecera quase completamente. Ela tinha desconfiado do barco que o príncipe havia mencionado, porque eles seriam facilmente avistados no rio durante o dia. Mas era menos provável que os guerreiros os vissem à noite. E eles não teriam que se preocupar com os rastros.

Cas foi até o rio e ela o seguiu, lançando um olhar por cima do ombro quando alcançaram a doca.

Ele se agachou perto do gancho de metal no qual o barco estava amarrado e puxou.

— Entre — falou para ela enquanto desamarrava a corda.

Com cuidado, Emm entrou, mantendo uma das mãos na doca quando o barco embaixo dela se inclinou.

— Agora é uma hora ruim para dizer que nunca remei um barco?

Cas sorriu e ergueu uma sobrancelha.

— Sério?

O sorriso a deixou ainda mais desequilibrada, e ela precisou de um minuto para firmar os pés na embarcação.

— Não tem muitos rios em Ruína. E nós viajamos a pé em Vallos porque os caçadores sempre se reúnem nos rios.

— Você está vendo aqueles ganchos ali? — perguntou ele, apontando. Emm assentiu. — Passe os remos por dentro deles.

Ela pegou os remos e se sentou.

— E sem dúvida você está virada para o lado errado. — Um dos cantos da boca de Emm se

ergueu quando ela sentiu as bochechas ficarem vermelhas. Não tinha certeza se estava corando por causa da adorável expressão divertida dele ou porque estava constrangida de não saber o que estava fazendo.

— Ei! — O grito fez ambos darem meia-volta, e Emm viu um rapaz de pé na porta da casa.

O dono do barco começou a andar na direção dos dois.

Emm se virou e enfiou os remos nos ganchos, segurando com força. Cas soltou a corda e jogou-a para longe.

O homem correu pela grama, com o rosto furioso.

— Mexa-se — falou Cas quando pulou dentro do barco. Ela fez como ele dissera e lhe entregou os remos. Cas se reclinou, movendo-os sobre a água e afastando-os da margem.

O homem alcançou a doca e pareceu pensar seriamente em pular. Mas Cas remou com velocidade e tranquilidade, e pôs uma boa distância entre eles e o homem em questão de segundos.

— Eu sinto muito! — Cas gritou, e Emm apertou os lábios para não rir. Ele flagrou a expressão da garota e deu uma gargalhada. — O que foi? Eu senti mesmo.

— É a primeira vez que você rouba alguma coisa? — perguntou ela.

Ele inclinou a cabeça.

— Sim. A menos que você conte todas as tortas de figo que roubei da cozinha.

— Essas tortas de figo tecnicamente pertenciam a você, então não, não conto.

O sorriso de Cas começou a ficar ainda maior, mas desapareceu abruptamente. O familiar bolo voltou para a garganta de Emm. Um minuto do antigo Cas era ainda mais doloroso agora que sabia que ele nunca sorriria para ela como costumava.

— Qual foi a primeira coisa que você roubou? — perguntou ele.

O sorriso desaparecera, mas ele não tinha dito as palavras como se fosse iniciar uma briga. Ele forçou a vista na direção da água, indo para frente e para trás conforme movia os remos.

— Comida — falou ela depois de refletir por um momento. — Umas semanas depois do meu pai morrer. Eu, Damian e Aren fugimos para Vallos e nenhum de nós era um caçador experiente. Eu estava morrendo de fome, e uma mulher tinha feijões secos saindo de sua bolsa. Eu peguei todos eles e nós comemos por alguns dias.

— Você se sentiu culpada?

— Na época, não. Para falar a verdade, na época eu só sentia raiva. Mas agora fico pensando se ela também não pretendia comer os feijões durante alguns dias.

Ele assentiu e ainda fitava a água. Ela não sabia o que aquele aceno significava, e ele não respondeu. Ela ficou de boca fechada.

— E você realmente não tem nenhum poder? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Sua mãe queria que você herdasse o trono? — perguntou ele.

— Não. Olivia era a próxima na linha de sucessão. Eu deveria ser a conselheira mais próxima.

— Ela passou as pontas dos dedos sobre a água. — Por mim, estava tudo certo.

— Mesmo? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Sim. Ela era mais poderosa do que a minha mãe fora. Nosso povo não deveria ter me negado o trono depois que Olivia foi levada, mas eu nunca questioneei que era ela quem deveria governar, caso estivesse lá.

— O poder de Ruína é a única coisa que importa na hora de escolher o herdeiro do trono? — perguntou ele, desconfiado.

Ela deu de ombros.

— Não é mais arbitrário do que o primogênito herdá-lo.

— Acho que sim. — Ele a encarou pela primeira vez desde que começaram a conversar. — Sua mãe ficou decepcionada?

Emm balançou a cabeça.

— Não. Ela achava que eu tinha outros poderes. Poderes sem magia, quero dizer.

— Quais?

— Ela dizia que meus pontos fortes eram ser racional e calma. A capacidade de fazer as pessoas terem medo de mim. Ela disse que eu tinha herdado isso dela. Aparentemente, ela tinha grandes planos para mim. Liderar exércitos e trabalhar como especialista em extração.

— Especialista em extração — repetiu Cas.

— Extração de informações das pessoas — explicou ela. Seu estômago revirou e ela teve que desviar o olhar de Cas. Será que sua mãe teria lhe dado uma escolha? Ou teria sido o trabalho dela, quer ela gostasse ou não?

— Meu pai sempre falou que *extração* era a especialidade de Wenda — falou Cas, e seu tom revelava um traço de amargura.

Emm fitou a água, desejando que ele não tivesse perguntado sobre sua mãe.

— Ele falou que os métodos de tortura dela eram diferentes de todos os que ele já vira. Era uma das razões para a invasão.

— E foi por isso que ele levou Olivia? — interrompeu ela.

— Talvez ele tivesse medo de que as filhas fossem exatamente como ela, considerando que ela já estava preparando uma das garotas para a carreira de torturadora. — A voz dele se elevou e os remos se moveram mais rápido.

— Posso pensar em coisas piores do que ser igual à minha mãe! — Assim que o grito saiu de sua boca, Emm se arrependeu, mas a raiva se agitou dentro dela com violência demais para voltar

atrás.

— Eu não consigo pensar em *nada* pior, na verdade — cuspiu ele. — Ela torturava as pessoas por diversão...

— Seu pai simplesmente torturou um dos meus melhores amigos! — interrompeu ela.

— E sua mãe teria torturado cada habitante de Lera se tivesse a chance!

— Bem, ela não teve chance, teve? — gritou Emm.

— E talvez isso não tenha sido uma coisa ruim — Cas falou, tenso.

— Que lindo. Por favor, continue falando sobre como você acha ótimo a minha mãe ter morrido.

— Sério? Você está me dizendo que não está comemorando a morte do meu pai?

Ela apertou os lábios. Cas a pegou com aquele argumento. Lera — e os outros reinos — estavam muito melhor sem ele.

E talvez ela pudesse entender por qual motivo Cas se sentia daquele jeito em relação à sua mãe.

— Talvez a gente devesse simplesmente concordar que nossos pais eram pessoas horríveis — falou o príncipe secamente.

Emm soltou uma gargalhada, surpresa. Cas ergueu uma sobrancelha diante daquela reação, e ela sentiu uma nova onda de risada quase histérica borbulhar até a superfície. Ficou de joelhos, as risadas ecoavam pelo rio, e ela botou uma das mãos sobre a boca para abafá-las.

Ela viu um lampejo do rosto petrificado de Cas e soube que a risada ia se dissolver em lágrimas. A dor de manter o choro para si incomodava sua garganta e as tentativas da garota de obrigá-lo a ir embora fracassaram totalmente. As lágrimas desceram por suas bochechas. Emm encostou a testa nos joelhos.

— Você está *chorando*? — perguntou Cas, como se fosse a primeira vez que ele via alguém fazer aquilo.

Ela não queria admitir em voz alta, por isso ficou em silêncio e tentou não deixar os ombros sacudirem.

— Você mentiu para mim, tentou destruir o meu reino, praticamente matou meu pai e agora está *chorando*?

Ela fungou. O barco virou ligeiramente, e ela ergueu o olhar para vê-lo examinar a região, segurando os remos fora da água.

— Eu... eu nem posso ir a lugar nenhum — falou ele. — Estou preso aqui neste barco, vendo você chorar.

Ela passou os braços pelas pernas enquanto tentava se controlar.

— Os últimos dias têm sido difíceis — murmurou ela.

Ele ficou quieto por alguns segundos. Quando finalmente falou, sua voz era mais suave e calma.

— Têm sido, sim.

Emm acordou com Cas gritando o nome dela.

Ela se sacudiu para despertar, a mente confusa e o corpo rígido. Ela tinha adormecido profundamente e precisou de alguns segundos pra sair da sonolência.

Quando o nevoeiro clareou, ela percebeu que o barco ia muito, muito rápido.

E o barulho... o que era aquilo?

Emm girou a cabeça, forçando a vista sob a pouca luz do início da manhã. Uma cachoeira. Ainda estava escuro demais para ver, mas pela velocidade em que iam, rapidamente chegariam nela.

Cas segurou a mão de Emm, e o barco balançou perigosamente para a direita.

— Saia! — gritou ele. — Nós vamos...

A frase foi interrompida quando o barco virou.

Ela soltou a mão de Cas quando a água engoliu os dois.

TRINTA E TRÊS

CAS PUXOU O AR ao chegar à superfície da água. Seu corpo inteiro doía por causa do impacto, mas ele não havia atingido nada sólido.

No entanto, não podia dizer o mesmo do barco. Pedacos de madeira subiam e desciam no rio escuro.

Ele não via Emm em lugar nenhum.

— Emm? — Cas se moveu na água em círculo, desesperadamente forçando a vista no escuro.
— Emm!

Ele não a viu. Seu peito começou a ficar apertado, e o pânico o invadiu. E se ele a perdesse assim? E se, depois de tudo, ele a perdesse passando sobre uma cachoeira estúpida?

— *Cas!* — O grito veio de suas costas, e o príncipe deu meia-volta e nadou até Emm o mais rápido que pôde.

Ele ouviu a respiração da garota antes de vê-la. A cabeça de Emm subia e descia na superfície, e ela inspirou com força antes de desaparecer debaixo d'água. Ela voltou à superfície um segundo depois.

Cas esticou a mão e seus dedos a encontraram sob a superfície. Cas tentou puxá-la, mas o corpo dela resistiu.

— Está... preso. — Ela arfou, com os braços abanando. — Meu pé está preso.

— Qual deles?

— O esquerdo. — Seu rosto desapareceu por um momento e ela cuspiu água quando subiu de novo.

Cas respirou fundo e mergulhou. Estava escuro demais para ver qualquer coisa, então o príncipe teve que tatear até alcançar a perna de Emm. Perto do pé da garota, sentiu uma coisa pegajosa e comprida. Cas puxou, mas a coisa não se moveu.

Os pulmões dele ardiam e ele moveu as pernas para chegar a superfície, inspirando com força.

— Eu quase peguei — falou ele. — Tente ficar parada.

Ela acenou com a cabeça e Cas mergulhou e agarrou a perna dela. Puxou a trepadeira com toda a força que conseguia reunir e finalmente soltou Emm.

Ele nadou para cima novamente, e suas mãos encontraram a cintura dela. Emm tremia e no mesmo instante se agarrou a ele, passando os braços em volta do pescoço do rapaz.

Ele passou um dos braços pela cintura de Emm, usando o outro para flutuar com ela.

— Está tudo bem — falou ele baixinho.

— Obrigada. — Ela agradeceu e encostou o rosto no ombro dele.

— Não tem de quê.

Por um momento, o único barulho que se ouviu foi a água afluindo e a respiração de Emm contra ele, e Cas se deu conta de que não era sua obrigação salvá-la. Se ele tivesse pensado com clareza, talvez tivesse se lembrado de que ele a odiava. Ele deveria ter pedido sua execução, não salvado a vida dela.

Esse último pensamento o atingiu como um soco na cabeça, e seu estômago se revirou. Será que ele ia realmente ordenar sua execução? Ficar e observar um soldado lhe cortar a cabeça do modo como o pai tinha feito com Damian?

Não. A resposta veio sem perda de tempo. Ele pigarreou e tentou pensar de modo mais sensato. Se ela estivesse diante dele, sendo julgada pela lei de Lera, claro que seria executada. Não havia outra opção.

Ainda assim, ele não conseguia se imaginar dando aquela ordem.

Cas a segurou bem apertado. Ele teria salvado a garota de novo e de novo, por mais que tivesse raiva dela.

— Você sabe nadar? — perguntou em voz baixa.

Ela fez que sim com a cabeça, e os dedos de Cas roçaram o braço dela debaixo d'água quando ela se soltava dele. Emm nadou lentamente, e Cas ficou ao seu lado até alcançarem a margem. Ele segurou a espada ao atingir o chão e sentiu alívio por não ter perdido a arma.

O vestido de Emm grudou em cada curva de seu corpo quando ela caminhou para fora da água, e ele tentou desviar o olhar, mas descobriu que era difícil se concentrar em outra coisa além dela. Ela se virou e o encarou. Alguma coisa na expressão do príncipe o denunciou, pois as bochechas de Emm ficaram vermelhas.

Ela não o olharia daquela forma se não sentisse alguma coisa por ele. Cas tinha quase certeza daquilo, mas o minúsculo estilhaço de dúvida fazia com que ele quisesse gritar.

— Acho que preciso de um instante para descansar. — Desajeitadamente, ela se estatelou no chão.

A raiva desapareceu do mesmo jeito que começou, e não deixou nada além de uma dor no peito. Ele queria erguê-la em seus braços e perguntar se estava tudo bem.

— Vou ver se tem alguma fruta por perto — falou Cas, girando nos calcanhares para não ter que continuar olhando para ela. Será que ele era tão ridículo assim? Será que ainda tinha sentimentos por ela, depois de tudo o que fizera?

Sim. Com certeza, ele tinha.

Cas voltou da floresta com alguns frutos redondos e amarelos. Suas bochechas e a ponte do nariz estavam rosadas por causa do sol e aquilo o deixava ainda mais bonitinho, se é que era possível. E ele havia tirado a camisa, pendurando-a sobre o ombro. Emm se flagrou olhando para uma gota de água em particular, em seu trajeto da base do pescoço até o centro do peito do rapaz. Ela a observou rolar, deslizando pela pele e desaparecendo nos sulcos de seu abdome. Ela nunca quis tanto ser uma gota de água.

Cas abriu o fruto com a espada e o entregou a ela. Eles retiraram a polpa com os dedos e comeram em silêncio.

Ele a flagrou encarando e Emm rapidamente desviou o olhar. Ele tinha parado de agir como se a odiasse, e aquilo era quase pior. Era mais fácil não olhar para ele, não sonhar com seus braços ao redor dela, quando Cas a observava como se ela fosse o pior inimigo.

— Você está pronto para ir? — perguntou a garota, ficando de pé. O vestido ainda estava molhado, mas ele a mantinha fresca na floresta quente, e Emm não achava que ia se importar com isso, já que o sol continuava a nascer. Cas voltou a vestir a camisa, embora ela tivesse ficado transparente por estar molhada e não escondesse muita coisa.

Eles caminharam com dificuldade entre as árvores. O corpo de Emm estava pesado por causa da fome e da exaustão, e seu ritmo era muito mais lento do que fora na véspera. Cas não parecia querer andar mais rápido. Ele ficou ao lado dela, com os olhos no chão.

O sol se ergueu bem alto no céu e Emm o flagrou várias vezes olhando para ela. A garota reconhecia que Cas estava se esforçando para fazer alguma coisa, tentando encontrar as palavras, e ela esperou pacientemente.

Finalmente, ele abriu a boca e fez uma pergunta em voz baixa:

— Por que você parecia tão apavorada no dia do nosso casamento?

Ela não conseguiu disfarçar a surpresa em sua voz.

— O quê?

— No dia do nosso casamento. Você estava apavorada. Eu achei que era porque Mary não me conhecia, porque estava nervosa por se casar com um estranho. Mas você tinha tudo planejado. Por que ficou nervosa?

Ela apertou com força o colar.

— Eu ainda estava me casando com um estranho, mesmo que eu tivesse orquestrado tudo. Não sabia como agir nem o que dizer. Eu estava apavorada sobre aquela noite porque eu nunca...

— Ah.

— Obrigada, por sinal. Foi muito gentil da sua parte não supor que eu estava pronta para dormir com você naquele momento.

— Você também era uma estranha e eu não estava particularmente ansioso para minha primeira vez acontecer porque meus pais tinham dito para acontecer.

Os lábios de Emm se abriram num sorriso.

— Bem observado.

— Você alguma vez pensou em me contar quem você era realmente? — perguntou ele. — Nós conversamos muitas vezes sobre o povo de Ruína. Você sabia que eu tinha opiniões diferentes das do meu pai. Alguma vez pensou no que eu faria, se você tivesse me contado?

— Todos os dias — respondeu ela em voz baixa no mesmo instante. — Principalmente depois de você tentar salvar Damian. Fiquei pensando qual seria a sua reação.

— Mas você não contou.

— Não. — Ela fez uma pausa. — O que você teria feito?

Ele puxou os dedos, estalando os nós.

— Não sei. Talvez eu conseguisse escutar você. — Ele balançou a cabeça. — Talvez não. Fiquei muito zangado quando minha mãe me mostrou aquela pintura. Mas poderia ter sido diferente, vindo de você.

— Eu sinto muito, Cas. — A voz de Emm estava trêmula e Cas não conseguiu deixar de acreditar que ela falava aquelas palavras com sinceridade. — Vou me arrepender pelo resto da vida do que fiz a você.

— E quando eu... — Ele se interrompeu antes de terminar a pergunta.

— E quando você o quê?

Ele limpou a garganta.

— Nada não.

— Você pode me perguntar qualquer coisa, Cas. Vou responder com sinceridade.

Ele deu uma risada e chutou uma pedra.

— Com sinceridade, hein?

Ela engoliu em seco enquanto observava a pedra rolar pela terra. Ela merecia aquilo, mas ainda queria gritar com ele que tinha sido sincera em relação a um monte de coisas.

Cas enfiou as mãos nos bolsos, as sobrancelhas estavam franzidas. Ele pegou o braço dela e fez com que os dois parassem.

— Você se importa comigo? Porque agiu como se você se importasse e depois me deixou lá para morrer. — A voz dele ficou trêmula. — Nem sequer tentou me avisar.

Ela abriu a boca, mas só emitiu um som estranho. Ele tinha razão, claro.

— Ou sou um idiota por achar que você sente alguma coisa por mim? — Cas perguntou antes

que ela pudesse dizer alguma coisa.

— Você...

— Você só estava fingindo gostar de mim, porque é isso...

— Claro que eu não estava fingindo! — As palavras explodiram antes que ela pudesse impedir.

O calor cruzou suas bochechas.

A boca de Cas se abriu, pronta para dar uma resposta, e ele a fechou no mesmo instante.

Ela pigarreou. Já tinha ficado horivelmente constrangida e era melhor resolver logo aquilo.

— Eu pretendia ignorar você completamente, mas, no fim das contas, é difícil fazer isso. Nunca fingi sentir algo por você. Foi tudo real e, sem dúvida, nunca foi parte do plano. E eu devia ter... — Um bolo se formou em sua garganta e ela engoliu, com a voz tremendo. — Eu devia ter avisado sobre o ataque. E devia ter confiado em você. Me desculpe.

Ele ficou imóvel e a encarou. Emm não conseguia decidir se estava aliviada por tirar aquilo do peito ou torcendo para o chão se abrir e a engolir. A última opção parecia bem promissora naquele momento.

Então o braço de Cas se esticou na direção dela. Ele a segurou pela cintura, puxando-a com força para perto. O peito de Emm bateu no dele, e seus olhos arderam com fogo enquanto ele baixava a boca na direção dela. Emm passou os dedos pela camisa dele e ficou na ponta dos pés.

Cas a beijou como se ela corresse o risco de escorregar de seus braços. Os lábios dele eram quentes e insistentes contra os dela, e suas mãos pressionavam as costas dela e a empurravam contra ele. Emm entrelaçou os dedos no cabelo dele e cada pedacinho de seu corpo se derreteu sem esperança de retorno. Mesmo depois de Cas se afastar, haveria partes dela no corpo dele inteiro, e nenhuma daquelas partes jamais voltaria.

Emm baixou a mão para a cintura dele, puxou a camisa e percorreu com os dedos a pele quente. Cas inspirou com força e seu peito se esfregou no dela. Emm passou o polegar na coluna do rapaz, esperando sentir aquela reação mais cem vezes. Ela queria sentir o corpo dele reagindo ao toque dela todos os dias, pelo resto de sua vida.

Ela se perdera no beijo por tanto tempo que se sentiu um pouco tonta quando ele finalmente se afastou.

— Eu não sei se devia ter feito isso — começou ele.

Ela não queria ouvir o fim da frase e o interrompeu com outro beijo, botando as mãos sobre o rosto de Cas. Seus dedos roçaram a barba por fazer no queixo e percorreram o pescoço e o peito do príncipe. Queria memorizar a sensação do corpo dele contra ela.

Cas passou os braços tão apertados ao redor dela que os pés da garota quase saíram do chão. Os lábios dele se soltaram dos dela, mas ele não se afastou. Suas testas se tocavam quando ele falou baixinho:

— Jure que isso não foi parte do plano.

— Eu juro — murmurou ela. — Eu me esforcei muito para não me apaixonar por você, mas falhei terrivelmente.

Ele ergueu um dos lados da boca e tirou o cabelo dela do rosto ao se inclinar e beijá-la novamente. Foi bem devagar desta vez, deixando os lábios pairarem e sua respiração roçar a boca de Emm. Ela se deixou amolecer nos braços dele e se esqueceu de onde estava e do que tinha que fazer.

Quando finalmente se separaram, o cabelo dele estava despenteado por causa dos dedos dela, e a boca, vermelha. Emm imaginou que estava assim também.

— Eu devia estar muito zangado por você conspirar com Olso para começar uma guerra — falou ele, ofegante. — Ou sobre o fato de que meu pai morreu por causa dos eventos que você iniciou. Mas eu estava mais zangado por você fingir que sentia alguma coisa por mim. — Ele balançou a cabeça, uma risada breve escapou de sua boca. — Isso é uma estupidez, não é?

Ela sorriu e mordeu o lábio inferior tentando evitar que o sorriso se alargasse demais.

— Você se subestima se acha que uma mulher teria que fingir sentir alguma coisa por você.

Ele sorriu e suas bochechas ficaram cor-de-rosa. A expressão sumiu de seu rosto quase tão rápido quanto veio, e ela sabia o que ele estava pensando. Não importava como se sentiam em relação ao outro. Não havia mundo onde o rei de Lera poderia estar com uma Flores, mesmo que ela não tivesse destruído seu reino.

— Eu tinha medo de dizer a verdade — falou ela. — Sei que isso não é desculpa, mas uma minúscula parte de mim tinha medo de que você mandasse alguém mudar Olivia de lugar ou matá-la se eu lhe contasse sobre o ataque. Pedi que eles poupassem você. Mas você viu os guerreiros. Eles não estão exatamente aceitando minhas ordens.

Cas assentiu lentamente.

— Você pode ficar com a sua irmã quando nós chegarmos nas Montanhas do Sul. Vou soltá-la. E quero que você corra o mais rápido que puder.

A gratidão tomou conta de Emm, e ela teve que engolir as lágrimas.

— Obrigada, Cas.

— Você provavelmente vai ter que se esconder quando a gente chegar. Se minha mãe ou Jovita virem você, não acho que possa lhes dar uma razão para livrá-la do julgamento. — Ele fez uma careta, como se sentisse uma dor repentina. — Não posso ordenar a sua execução. Não acho que seja o que você merece, e eu nunca me recuperaria disso.

— Obrigada — murmurou ela novamente.

— Supondo que os guerreiros de Olso não me matem, vou convencer meus conselheiros de que é melhor concentrar-se neles e não em você. Acho que teremos as mãos ocupadas por um bom tempo. — Sua expressão ficou séria. — Se prometer não atacar Lera novamente.

— Se você prometer não executar o povo de Ruína apenas por usarem magia.

— Fechado.

— Fechado. — Ela começou a abrir um sorriso, mas o alívio do acordo foi rapidamente superado pelo fato de que isso significava que eles talvez nunca mais se vissem. Cas assumiu uma expressão semelhante, e ela estendeu a mão e pegou a dele.

Quando a floresta mergulhou na escuridão aquela noite, as pálpebras de Emm ficaram pesadas e seus pés e pernas doíam. Ela sugeriu que descansassem à noite, e Cas concordou. Ele a puxou para perto de si assim que se sentaram na areia, encostados num grande tronco de árvore. Seu corpo pareceu soltar fagulhas no mesmo instante e o cansaço que ela havia sentido alguns segundos atrás desapareceu.

— Não deixe que tirem sua posição legítima como rainha — falou Cas, em voz baixa, apoiando o queixo no topo da cabeça de Emm.

— O quê? — Ela pôs uma das mãos no peito dele.

— Você deveria ser a rainha do seu povo, não importa se você tem ou não a magia de Ruína. Talvez principalmente porque você não tem. O ponto fraco de sua mãe foi a dependência excessiva da magia. Você provou que não precisa dela para derrotar seus inimigos. Eles deviam estar homenageando você e não dizendo que é inútil.

— Um elogio e tanto, vindo de um dos meus “inimigos”.

— Você pode dizer a eles que eu falei isso. Ou talvez não, se acha que isso vai prejudicar a causa. — Ela sorriu, e ele pôs uma das mãos em seu pescoço, abaixando a cabeça para beijá-la. O corpo de Emm respondeu imediatamente, e, de repente, ela se virou, deslizando para o colo dele com um joelho de cada lado.

Os dedos de Cas ardiam no pescoço dela. Seus lábios se juntaram a eles, e Emm teve que segurar o ombro do príncipe com uma das mãos para se firmar. Mas era uma atitude inútil, porque ela estava tudo, menos firme.

Ele murmurou o nome dela enquanto as bocas se encontravam mais uma vez, e ela sentiu uma onda de alívio pelo fato de nunca terem realmente se beijado antes. Ouvir o nome de Mary quando ele a beijassem e se perguntar se ele ainda queria beijá-la se soubesse quem era realmente a teriam destruído.

Ela passou os dedos entre os cabelos dele e foi recompensada com um gemido de aprovação. Cas se sentou mais esticado, com uma das mãos na cintura da garota para mantê-la em seu colo. Ela pensou que não conseguia se aproximar mais, mas ele a puxou até sentir o coração dela batendo perto do seu. Se ele a pedisse para pegar sua mão e se esconder de todo mundo naquele momento, ela quase certamente diria que sim.

Um leve toque em seu joelho a fez segurar o cabelo dele com força. Ele empurrou o vestido dela até a coxa, e seus dedos fizeram uma trilha de faíscas em sua pele. As centelhas iam queimar

e ela seria consumida pelas chamas a qualquer momento. Emm tinha certeza disso. Mas não havia nada que a impedisse de beijá-lo.

A mão de Cas desapareceu da coxa de Emm e foi parar em suas costas, procurando os botões de seu vestido. Havia bem menos do que da última vez que ele a desabotoou. Rapidamente ele abriu três e o vestido desceu pelos braços dela.

As mãos pressionaram a pele nua das costas, seus dedos se dobraram como se ele estivesse prestes a perder totalmente o controle. Ela estava bem ali com ele.

De repente, as mãos de Cas ficaram imóveis, e ela ouviu o barulho meio segundo depois. Cavalos.

Emm se afastou dele, e as mãos de Cas desapareceram de suas costas. O corpo dela ainda zumbia por causa do toque, e ela precisou de um instante para que os olhos voltassem a focar.

Um grupo de guerreiros cercava uma carroça ao longe. Eles não estavam examinando a área, mas parecia que protegiam com muitos guardas o que quer que estivesse na carroça.

— É uma carroça — falou Emm baixinho. — Será que é aquela em que você estava?

Ele se moveu embaixo dela, e a garota deslizou para que ele pudesse ver. Cas apertou os olhos no escuro, e então se reclinou contra a árvore.

— Essa mesma.

Ela ergueu os ombros e esticou o vestido enquanto Cas fazia um gesto para que ela girasse, com um sorriso no rosto. Ele abotoou novamente a roupa de Emm e deu um beijo em seu ombro quando acabou.

— Poderia ter sido pior, se eles estivessem mais próximos — falou ela, com uma pontada de diversão na voz. Ela se virou, ajeitando-se perto dele. — Nunca ouviríamos eles se aproximando.

— Cinco ou seis guerreiros armados contra ela e Cas? Eles teriam morrido, com certeza.

— Eu poderia pensar em formas piores de morrer. — Cas olhou de volta para a estrada. — Gostaria de poder ajudá-los.

— Eles são muitos. Talvez se estivéssemos com Aren, mas sem ele...

— Eu sei — retrucou o príncipe, baixinho. — Só me sinto impotente. Agora eu devia ser o rei, mas nunca me senti menos no controle.

Ela entrelaçou as mãos nas dele, levando-as aos lábios.

— Você vai voltar ao controle. Se tiver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, estou à disposição.

Ele soltou a mão dela e a puxou para mais perto dele, dando-lhe um beijo no topo da cabeça.

— Eu sei, Emm.

TRINTA E QUATRO

TRÊS PASSOS SEPARAVAM CAS e Emm. Se três passos eram muita coisa, o que ele faria quando fossem milhares?

Ele acabou com a distância e roçou a mão na dela. Ela sorriu quando pisou num montinho de folhas e deixou os dedos se dobrarem ao redor dos dele por um momento.

Os dois sabiam que, a cada minuto, se aproximavam mais das Montanhas do Sul, e Cas sentiu seu coração afundar um pouco mais a cada passo. Assim que chegassem, ele saberia com certeza o que acontecera com Jovita e a mãe, e provavelmente com Galo também. E ele perderia Emm.

Sua mente continuava tentando inventar um cenário no qual ela pudesse ficar com ele, no qual ele conseguisse convencer a mãe, os conselheiros e todo mundo no reino de que Emm não era o inimigo.

Eu sei que ela enganou todo mundo e, em parte, é responsável pelo ataque de Olso ao castelo, mas eu juro que ela não é tão ruim quanto a senhora pensa, mãe! Ele já podia ver o rosto de sua mãe. Provavelmente, ela lhe daria um tapa na cara.

Ele não podia culpá-la. Cas sabia que tinha perdido o juízo, que seus sentimentos por Emm tinham obscurecido o fiapo de bom senso que tinha.

Mas ao mesmo tempo... ela também tinha excelentes argumentos. As decisões que o pai e seus conselheiros tomaram não eram perfeitas. Eram horríveis, em alguns casos. Seu pai sempre parecia convencido de que suas ações eram a melhor coisa para Lera, e Cas desejava ter questionado mais. Queria ter tido conversas mais sinceras com o pai, como teve com Emm na véspera.

Ele a encarou novamente. Seu corpo sempre tentava se inclinar para ela, ficar mais perto, tocá-la.

— Acho que é melhor não contar para eles que viajamos juntos — falou Emm.

— Você tem razão — concordou ele baixinho. — Vou dizer que fiz a viagem sozinho.

— Todos vão ficar muito impressionados. Talvez comecem a dizer que você é bonito e corajoso.

— É o que espero.

O sorriso dela sumiu e ela baixou o olhar, caminhando bem devagar.

— Vou sentir sua falta, Cas.

Dois passos agora. Ele pulou a distância e a puxou para si. Emm sempre inspirava quando ele passava os braços em volta dela, e assim era impossível não beijá-la. Ele abaixou a cabeça e encostou os lábios nos dela. Deslizou as mãos por suas costas, sentindo suas curvas e se convencendo por um momento de que nunca a deixaria partir.

Ele queria ter beijado Emm antes, quando estavam dormindo na cama dele. Ele teria passado a noite toda beijando a garota, deslizando os dedos pelos ombros dela, memorizando o formato de sua boca. Ele pensava que tinham todo o tempo do mundo então, e agora olhava para trás com exasperação por causa de todos os momentos com ela que desperdiçara.

— Também vou sentir sua falta — falou quando se afastaram. — Mais do que você pode saber.

Ela balançou a cabeça, roçando o lábio novamente contra o dele.

— Eu sei.

Quando Emm olhava para ele como fazia naquele momento, era impossível pensar que os sentimentos dela eram fingidos ou que eram parte do plano. Ela o olhava como se nunca quisesse que Cas a deixasse, mas também como se estivesse prestes a chorar. Como se estivesse desesperada e irreversivelmente triste. Ele reconheceu a culpa, e seu pior lado estava contente por ela sentir aquilo. Ele não a perdoara totalmente, e ela não pedira que ele o fizesse. Emm devia saber que era um pedido impossível. Ele queria perdoá-la, e a seu pai — e a si mesmo, para falar a verdade —, mas o fardo pesado da decepção teimava em grudar em seu peito. Resolver tudo de uma vez não parecia ser uma opção. Deixar o ressentimento sair aos poucos até a dor se tornar suportável era o cenário mais provável. Sempre que ela olhava para ele, Cas sentia um pedacinho do sentimento o deixar.

Relutante, ele a soltou. Cas queria, de modo egoísta, pedir para ela ir mais devagar, para passar mais uma noite com ele sob as estrelas. Mas nenhum deles poderia suportar o atraso, por isso ele engoliu as palavras.

Eles caminharam em silêncio, ocasionalmente entrelaçando as mãos e segurando-se um ao outro.

Vozes flutuaram acima das árvores, e os dois pararam no mesmo instante, ficando imóveis. Cas não conseguia distinguir o que estavam dizendo, pois falavam em voz baixa, mas não estavam muito longe dali.

Emm se esgueirou e ele a seguiu, com uma das mãos apoiadas nas costas dela.

Um borrão azul e cinzento brilhou entre as árvores. O coração de Cas deu um pulo e, no mesmo instante, afundou.

Eram soldados de Lera.

— É melhor você ir.

Ele engoliu o nó na garganta. Emm passou os dedos entre os dele.

— Você vai ser o melhor rei que Lera já teve — falou, piscando para limpar as lágrimas.

Ele puxou a mão de Emm até o corpo dela encostar no dele, e o rosto dela, em seu pescoço.

— Não tenho muita certeza disso.

— Eu tenho.

Ele a abraçou o mais apertado que podia e beijou sua testa.

— Quando eu encontrar a sua irmã, vou me certificar de que ela seja libertada. Fique atenta ao abrigo quando você chegar lá. Vou mandá-la seguir direto e em linha reta na direção das árvores. Vocês podem se encontrar lá.

— Obrigada. — Ela deu um sorriso trêmulo quando o príncipe se afastou.

Cas encostou os lábios nos dela apenas por uns instantes, porque temia pegar a mão dela e fugir se ficasse mais tempo.

Ele olhou por cima do ombro para Emm mais uma vez, mas foi tudo que conseguiu fazer. Não sabia se ela ia ficar e observar sua partida ou se o deixaria depois daquela primeira olhada.

Cas se abaixou sob uma trepadeira, e as vozes abruptamente pararam enquanto seus passos ecoavam através da floresta. Um homem com o casaco azul e cinza amarrado na cintura subitamente apareceu detrás de uma árvore, com a espada em uma das mãos e a adaga na outra.

Galo. Cas teve que piscar para limpar as lágrimas ao ver o amigo com quem mais se preocupava.

Os olhos do guarda se arregalaram com o choque.

— Cas? — falou ele muito baixinho, ainda atento às coisas à sua volta.

Os outros guardas pularam de seus esconderijos sem perder tempo, e em seus rostos estava gravada a desconfiança.

Cas ergueu as mãos já que um dos guardas ainda mirava a flecha para ele. O rapaz rapidamente baixou ambos, a expressão constrangida no rosto.

— O que você... como você... — Galo se aproximou correndo. Parecia que ia dar um abraço, mas então pensou duas vezes. — Você está bem, Majestade?

Cas deu um passo à frente e abraçou o rapaz.

— Pensei que você estivesse morto.

Ao soltá-lo, parecia que o guarda ia chorar.

— Nós tememos o mesmo, Majestade.

— Por favor, pare de me chamar assim.

— Desculpe. — Galo o examinou. — Você está ferido?

— Meu ombro foi ferido, mas estou bem. Minha mãe está viva?

Galo fez um gesto atrás de si. Cas acompanhou seu olhar e viu dois guardas a cavalo com o chapéu puxado bem baixo na testa.

Um dos guardas ergueu os olhos, e o coração de Cas foi parar na garganta. Era sua mãe.

Ela desceu do cavalo e correu para ele, quase derrubando-o quando passou os braços em volta do rapaz.

— Sabia que você não estava morto — falou, com a voz embargada por causa das lágrimas. — Eu disse a eles que você tinha encontrado um jeito de escapar. — Ela o soltou e segurou os braços do garoto enquanto examinava suas roupas. — Por que você está usando a camisa da criada?

— Alguns dos criados me ajudaram a fugir.

Jovita, que estava no outro cavalo, pulou e rapidamente abraçou Cas.

— Fico contente que você esteja bem — falou ela.

— Fica contente, sei — falou Cas com uma risada. Ela esboçou um meio sorriso sem querer olhar em seus olhos. Talvez a prima não estivesse tão triste assim com seu desaparecimento e o súbito caminho livre até o trono.

— Venha — falou a rainha. — Nós deveríamos continuar andando. No caminho, você nos conta sua história.

— O Forte Victorra ainda está sob nosso controle? — perguntou Cas.

— Sim — respondeu a mãe. — Nós mandamos um dos guardas à frente para checar, e ele falou que ainda está seguro e que estão preparando um ataque. Nós mandamos soldados protegerem a fronteira de Vallos também. Queremos manter os guerreiros no norte agora.

— E Olivia? — perguntou ele.

— Vamos nos livrar dela quando chegarmos — explicou a rainha. — Não dei a ordem para matá-la, pois imaginei que havia coisas mais importantes com as quais nos importar.

Ele se encolheu ao ouvir o jeito casual com que a mãe falava sobre matar a irmã de Emm. Sem dúvida, eles precisavam chegar às Montanhas do Sul em segurança e se preparar para um ataque. Sua mãe e Jovita tinham razão quanto a isso.

— Você viu os guerreiros passando com uma carroça? — perguntou o guarda. — Eu os vi ontem à noite.

— Um dos nossos guardas viu uma carroça — disse Galo. — Estão à nossa frente.

— Eles têm um bocado de criados naquela carroça e alguns guardas — falou Cas. — Eu fiquei com eles por algum tempo. Na noite passada eram apenas cinco guardas com a carroça.

— Seis, foi a última notícia que tivemos — corrigiu Galo.

Cas examinou o grupo, contando. Oito guardas, que ele conseguia ver, mais sua mãe e Jovita.

— Foi tudo que restou?

— Não, tem quatro guardas examinando as áreas próximas — retrucou Galo. — Dois na frente e dois atrás.

— Isso é bastante coisa. Vocês acham que conseguimos alcançar a carroça?

— Não — falou Jovita rispidamente. — Não temos tempo.

— De qualquer forma, vamos naquela direção — falou Cas. — E da maneira que fomos tratados na carroça, não consigo imaginar que os guerreiros tenham algo de bom planejado para eles. — Ele se virou para Galo. — Quão à frente e atrás estão os batedores?

— Não muito longe. Um dos dois sempre volta com informações.

— Bom. Da próxima vez que voltarem, ficarão conosco. Pelo menos quatro guardas vão com minha mãe e Jovita, e podem continuar na direção das montanhas. Os outros vêm comigo e

tomaremos aquela carroça.

— Não, você não vai — falou a rainha. — Não há ninguém útil naquela carroça, e nós não vamos arriscar as nossas vidas para salvá-los. Todos de volta aos cavalos. Joseph, Cas vai montar no seu.

Os guardas olharam da rainha para Cas, evidentemente sem saber o que fazer. Sua mãe pôs uma das mãos no braço do rapaz.

— Cas, sua segurança é mais...

— Não foi uma sugestão — falou ele, elevando a voz. A rainha piscou e tirou a mão de seu braço. — Tem trinta pessoas naquela carroça e todas me ajudaram a fugir. Trinta pessoas que vamos levar conosco para as Montanhas do Sul, para nos ajudar a defender nosso controle em Vallos.

Jovita pôs as mãos nos quadris. E olhou para Cas como se ele fosse um completo idiota.

— Escolha quatro guardas para acompanharem vocês — emendou ele.

Joseph deu um passo à frente no mesmo instante, e a rainha gesticulou para alguns outros.

— Deixe Olivia em paz por enquanto — falou Cas, tentando manter a voz casual. — A última coisa de que precisamos é ela causando algum problema. Concentrem-se em proteger a construção. Cuidaremos dela mais tarde.

Todos os guardas assentiram, mas sua mãe o examinou com um vestígio de suspeita nos olhos.

Ele se virou e se afastou rapidamente.

— Vamos embora.

O grupo levou menos de uma hora para alcançar a carroça, e um guarda que ia à frente informou a Cas que os guerreiros estavam descansando e que soltaram os prisioneiros para que fossem ao banheiro.

Somente dois guardas de Lera tinham arcos e flechas, e todos os oito guardas se encontravam em um círculo em volta de Cas. Havia cinco homens e três mulheres, e ele não conhecia nenhum particularmente bem, a não ser Galo. Mas todos ouviram atentamente o plano que delineou, assentindo conforme recebiam as ordens.

— A minha missão vai ser abrir aquela carroça — falou em voz baixa, pois eles não estavam longe dos guerreiros. — Os homens ou as mulheres ainda estarão lá dentro porque normalmente só deixam um grupo sair por vez. Ninguém na carroça está armado, mas uns corpos extras podem ser úteis.

— Você tem certeza de que não vai esperar aqui? — perguntou Galo, e Cas balançou a cabeça sem perda de tempo. — Ou simplesmente nos deixar ir à frente e você entrar depois que tivermos matado alguns guerreiros?

— Não. Sou bom com a espada; vocês precisam da minha ajuda.

— Vou ficar perto de você, então — falou Galo. — Se morrer, teremos que receber ordens de Jovita.

A observação provocou algumas risadas nos guardas tensos, e Cas sorriu.

— Bem observado. — Ele olhou para cada um dos homens. — Obrigado por isso. Sei que nossa prioridade é chegar às montanhas e defender o restante de Lera e Vallos, mas não posso simplesmente deixar os guerreiros levarem a criadagem do castelo. Muito menos depois de eles me ajudarem a escapar.

Um jovem de cachos escuros, um dos guardas com arco e flecha, deu uma olhada no círculo.

— Acho que falo por todos nós quando digo que é uma honra estar com quem quer salvar os criados, e não deixá-los morrer.

Os guardas assentiram, e Cas fitou todos com gratidão.

— Obrigado. — Ele apontou para o norte. — Vamos. Fiquem em posição.

Os guardas se espalharam, e Galo pegou o rapaz de cabelos cacheados pelo pulso e deu um beijo rápido em seus lábios.

— Não morra. — Ele soltou o guarda, que retribuiu com um sorriso rápido antes de partir.

Cas o observou, então se virou para Galo.

— Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Há alguns meses. — Galo começou a caminhar e desembainhou a espada. Cas fez a mesma coisa.

— Há meses! E não me contou.

— Acho que agora não é hora de conversar sobre minha vida amorosa — falou Galo, divertido.

— Tudo bem. Mas você vai me contar depois.

Cas parou atrás de uma árvore. Ele podia ver a carroça na clareira à frente. As mulheres estavam em seu interior, e os homens, enfileirados do lado de fora, se preparando para voltar para dentro. Os guerreiros estavam na mesma posição em que ficavam quando Cas esteve ali: dois na frente, um de cada lado da carroça e dois atrás. Os dois últimos tinham descido dos cavalos para supervisionar os prisioneiros.

Cas olhou para o lado direito. Ele não conseguia ver seu guarda, mas devia estar quase em posição, se preparando para atirar uma flecha.

— Como ele... Qual é o nome dele? — Cas olhou para Galo.

— Mateo.

— E como Mateo se sai com o arco?

— Excelente.

Uma flecha zuniu no ar e aterrissou bem nas costas de uma guerreira do lado direito da

carroça. O corpo convulsionou uma vez antes de cair do cavalo.

Uma segunda flecha voou no ar, mas os outros guerreiros já tinham descido dos cavalos e desembainhavam as espadas.

— Na carroça! — gritou um dos guerreiros para os prisioneiros. Os homens congelaram, ignorando a ordem.

Cas começou a correr, com Galo a seu lado. Mais duas flechas voaram no ar. Um guerreiro gritou enquanto uma delas se alojava em seu braço. Alguns dos criados pularam em cima dele.

No mesmo instante, um dos homens de Olso se plantou diante da entrada da carroça, e Cas girou a espada quando ele se aproximou. O guerreiro bloqueou o ataque, e seus pés levantaram poeira quando as espadas se encontraram.

Galo se esgueirou atrás do guerreiro, agarrando-o pelo pescoço. Os olhos dele se arregalaram e sua espada se moveu para o lado. Cas atacou, afundando a própria espada no peito do homem quando Galo o jogou para ele, e o corpo do soldado atingiu o solo com uma pancada.

Cas pulou para a frente, soltando a tranca da carroça e abrindo a porta com força. Ouviram-se arquejos entre o grupo ao reconhecê-lo.

O príncipe fez um gesto para que saíssem e se virou rapidamente para avaliar o estrago. Ele avistou um dos guardas de Lera morto no chão, mas os criados tinham ido para cima do guerreiro responsável por aquilo.

Dois homens de Olso se defendiam de um ataque de quatro guardas, e era evidente que estavam levando a pior. Um dos guardas cortou o peito do adversário com a lâmina enquanto Cas observava.

Em questão de minutos, cinco dos guerreiros estavam mortos, e Mateo se envolvera em uma luta acalorada com o último deles. O guarda evidentemente não era tão bom com a espada quanto com o arco e flecha.

Cas correu para eles, se jogando contra o inimigo. Os dois caíram, e o guerreiro manteve a mão na espada enquanto ia para o chão. Cas mal conseguiu abaixar a cabeça quando o homem golpeou com a arma em seu pescoço.

O guerreiro fez esforço para se levantar, mas algumas das mulheres da carroça o prenderam.

Cas rapidamente se afastou do homem, e Mateo segurou a espada com as duas mãos, enfiando-a no peito do rival. Ele sorriu para Cas ao retirar a arma do morto.

— Obrigado, Majestade.

Cas acenou com a cabeça ao ficar de pé. A clareira tinha praticamente silenciado, e os corpos dos guerreiros mortos se espalhavam pelo chão. Somente um guarda tinha morrido, e Cas se viu incapaz de olhar na direção dele. A morte pesava em seu peito.

Ele olhou de novo e viu Daniela, a mulher idosa que conhecera antes, saindo da carroça. Ela cambaleou na direção dele e jogou os braços ao redor de seu pescoço.

Cas lhe deu um leve aperto antes de soltá-la. Ele encarou os rostos sujos e exaustos ao redor dele.

— Está todo mundo bem?

As cabeças assentiram ao mesmo tempo.

— Eles deram comida para vocês?

— Um pouco de carne seca ontem — respondeu um dos homens.

— Não estamos muito longe de Forte Victorra — falou Cas. — Fiquem à vontade para voltar à carroça se estiverem fracos demais para caminhar. — Ele fez um gesto para dois guardas assumirem a condução do veículo.

— Obrigada — falou Daniela, os olhos brilhando com lágrimas. Mais alguns agradecimentos ecoaram pela multidão, e Cas lhes deu um sorriso cansado antes de se virar. Galo ficou ao seu lado, observando os criados.

— Acho que você acabou de conquistar trinta pessoas que fariam qualquer coisa por você — falou o guarda.

Cas foi até o cavalo.

— Parece que algumas morreram desde a última vez que as vi.

— Não foi sua culpa.

Cas deu de ombros enquanto montava no cavalo. O guarda montou também, e o restante dos homens se dividiu na frente e atrás dele quando começaram a percorrer a trilha.

— Eu sinto muito pelo seu pai — falou Galo após um longo silêncio.

— Um guerreiro entrou pela janela e o atacou antes que eu pudesse reagir — explicou Cas. — Eu não consegui salvá-lo.

— Ninguém esperava isso de você — falou Galo. — Você não deveria ter encarado um guerreiro sozinho, de qualquer forma. Eu falhei.

— Não, não falhou — retrucou Cas, franzindo a sobrancelha para ele. — Se me lembro corretamente, você ficou para trás para lutar contra um número grande deles. Fico surpreso de você ter saído com vida.

— Eu também.

— Foi uma coisa boa. Não sei quem mais eu nomearia capitão da minha guarda.

Galo olhou para Cas com expressão de surpresa.

— Sou jovem demais para ser capitão da guarda do rei.

— Bem, e eu sou jovem demais para ser rei, mas cá estamos.

— Cá estamos — repetiu Galo baixinho. Ele deu um sorriso triste para Cas. — Muito bem. Obrigado. — Fez uma pausa, fitando o príncipe por alguns momentos. — Não encontramos vestígios de Emmelina Flores.

— Ah.

— Você não perguntou.

— Imaginei que diriam alguma coisa se tivessem encontrado.

Galo lhe lançou um olhar muito desconfiado, mas não quis saber mais. Em algum momento, Cas contaria para o rapaz, mas não quando os outros guardas estivessem tão próximos.

Cas fitou o amigo, percebendo pela primeira vez que Galo era a única pessoa em quem ele confiava o suficiente para contar a verdade sobre Emmelina. Sua mãe e Jovita teriam um colapso nervoso. Nenhum dos conselheiros de seu pai o levava a sério o suficiente para ter algum tipo de relacionamento com ele.

— Fico feliz por você não estar morto, Galo — falou ele em voz baixa. Cas queria dizer mais do que isso, queria contar tudo e pedir conselhos, e dava para perceber que Galo via essas emoções em seu rosto. O príncipe desviou o olhar, esporeou o cavalo e começou a galopar. — Vamos.

TRINTA E CINCO

OS SOLDADOS DE LERA cercaram o forte. Jovita descrevera Forte Victorra para Emm como “uma construção simples”, e não estava errada. Se o castelo da Cidade Real era todo janelas e decoração extravagante, o forte não passava de uma pilha quadrada de tijolos.

Duas torres ladeavam o edifício principal, com aberturas na parte de cima, provavelmente para os soldados ficarem de vigia. Um muro de tijolos percorria o perímetro, embora não fosse alto o suficiente para impedir uma escalada, se necessário. Mas seria difícil fazer isso sem chamar a atenção dos guardas.

Emm se agachou em uma colina não muito distante, de onde podia ver os guardas caminhando atrás do muro. Muitas pessoas haviam conseguido chegar às Montanhas do Sul sem serem capturadas pelos guardas de Olso.

Emm apoiou as mãos na grama e esticou o pescoço para examinar a estrada sinuosa que conduzia até o forte. A rainha e Jovita tinham chegado há alguns minutos, mas não havia sinal de Cas ainda. Com sorte, ele não estaria tão atrás delas.

Emm captou um lampejo de movimento nos bosques além do forte. Alguns casacos vermelhos entraram em seu campo de visão. Guerreiros.

Ela ficou de pé com um pulo, mantendo o corpo abaixado enquanto descia a colina correndo. Tinha que encontrar Aren antes que Olivia fosse libertada. Queria sair correndo de Lera assim que estivesse com a irmã, mas não o deixaria para trás.

Ela começou a correr assim que foi para debaixo das árvores. O bosque estava quieto demais. Nenhum animal corria por ali, nenhum inseto chiava. Muitas pessoas haviam passado pelo local recentemente.

Uma rajada poderosa de vento soprou em seu rosto, forte demais para ser natural. Ela deu meia-volta, buscando alguém de Ruína. Terra foi jogada em seu rosto; ela piscou e seus olhos se encheram de água.

Um corpo colidiu com o dela, e Emm resmungou quando atingiu o chão. Ela jogou o cotovelo para trás, encontrou carne macia e conseguiu se libertar enquanto a outra mulher gritava de dor.

Emm cambaleou pela terra, com a espada desembainhada pela metade antes que pudesse captar um lampejo do rosto da pessoa que a atacou. Ela ficou imóvel.

— Mariana?

A garota de Ruína piscou e olhou perplexa para Emm.

— Emmelina?

Emm ouviu passos firmes e virou a cabeça na direção do som para ver dois habitantes de Ruína indo na direção delas.

— Está tudo bem; é só Emmelina. — Mariana ficou de pé com um pulo, espanando a terra de sua calça. — O que você está fazendo aqui? Pensamos que tinha morrido.

— É bom ver você também. — Emm se levantou do chão e ajustou a espada no cinto. — O que *você* está fazendo aqui? Veio nos navios dos guerreiros?

Mariana fez que sim com a cabeça.

— Os guerreiros queriam que ajudássemos a tomar o Forte Victorra.

Emm olhou para o espaço vazio ao redor delas.

— Onde eles estão?

— Procurando a melhor posição para atacar. Nós íamos fazer a mesma coisa. — Mariana inclinou a cabeça, e suas tranças finas e escuras caíam sobre o ombro. — Por que você está aqui? Tinha certeza de que estava morta há meses.

Emm ignorou a pergunta e fitou os dois homens. O primeiro, com mechas grisalhas no cabelo, era Weldon, e provavelmente foi ele quem jogou areia no rosto da garota. O mais jovem, Nic, também tinha controle dos elementos, mas o poder era tão fraco que ele era praticamente inútil.

— O que você está vestindo? — perguntou ele, sorrindo e olhando para o vestido azul surrado.

— Estou indo pegar Aren — falou Emm. — Vocês três, venham comigo. Talvez eu precise de apoio.

— Aren está vivo? — Mariana imediatamente ficou interessada.

Weldon franziu as sobrancelhas peludas.

— Pensamos que você finalmente o havia matado.

— Os guerreiros estão com ele.

— Talvez a gente devesse esperar aqui — falou Mariana, como se ela estivesse conversando com uma criança. Era um tom que qualquer inútil de Ruína conhecia bem. — Podemos lidar com isso.

Emm revirou os olhos e se afastou deles, começando a correr.

— Sério, o que ela está vestindo? — perguntou Nic atrás dela.

— Anda! — gritou Emm por cima do ombro. Passos a seguiram um instante depois, e ela os conduziu através das árvores para o lado sul do forte. Ela diminuiu a velocidade ao se aproximar da área onde vira os guerreiros. Não fazia esforço para ficar quieta. Ela pretendia negociar com os guerreiros, não atacar.

O rosto de Íria apareceu detrás de uma árvore, e olhou por cima do ombro.

— Emmelina está aqui. — Um murmúrio zangado seguiu as palavras da guerreira, e Íria franziu a testa.

Emm lentamente andou na direção dos guerreiros. Íria deu um passo para o lado e revelou

Koldo e outra mulher de pé com Aren. Ele estava sentado no chão, ainda vendado, mas aparentemente sem ferimentos.

— Eu só quero Aren — falou ela, erguendo as mãos.

A mulher balançou a cabeça.

— Ele é muito perigoso. Matou um guerreiro antes e não vamos arriscar vê-lo matar outros. Vamos mantê-lo até podermos levá-lo ao rei de Olso, para que seja avaliado.

— Petra, não precisamos... — começou Íria.

— Se mexa ou vou fazer você se mexer — interrompeu Mariana, dando um passo para o lado de Emm. Ela estreitou os olhos para Koldo e o guerreiro gritou, golpeando imagens invisíveis com o pulso enfaixado. Ele girou e bateu numa árvore.

Ao cair no chão, o rapaz soltou um gemido:

— Eu odeio vocês.

Petra esticou a mão para pegar a espada ao caminhar na direção de Mariana. Emm pulou entre as duas e colocou uma das mãos sobre o rosto da garota de Ruína antes que ela pudesse usar seus poderes.

— Sai — falou Mariana, jogando a cabeça para o lado.

— Fiquem calmos, pessoal. — Emm se virou para Petra. — Guarde essa espada.

— Me obrigue.

— Com prazer. — Mariana avançou e Emm a empurrou.

— Nós estamos do mesmo lado! — gritou ela. — Será que dá para todo mundo calar a boca por um minuto? Nic, tire a venda de Aren.

— Se você tirar a venda, ele vai matar todo mundo — falou Koldo, se pondo de pé, trêmulo.

— Provavelmente não — retrucou Aren. — Eu diria que tem apenas uns sessenta por cento de chance de eu matar todos vocês.

— Aren — falou Emm, em tom de advertência.

Ele soltou um suspiro exagerado.

— Está bem. Cinquenta por cento.

Íria se moveu para o lado, dando a Nic acesso até Aren. Ele tirou a venda do rapaz e desamarrou as cordas em suas mãos. Aren pulou e ficou de pé.

— Os guerreiros estão em posição para atacar? — Emm perguntou a Íria.

— Sim. Tem uns poucos habitantes de Ruína espalhados pelos bosques também. Para a segunda parte. — Ela apontou para Mariana. — Ninguém lhe deu uma tarefa, não?

— Deram, mas então encontrei Emm perambulando sem rumo pelos bosques.

— Eu não estava sem rumo, estava procurando... — Emm se interrompeu, respirando fundo e se virando para Íria. — Preciso que você espere. Cas prometeu soltar Olivia.

Mariana lançou a ela um olhar perplexo.

— Olivia está lá dentro — falou Emm antes que Mariana começasse a fazer perguntas. — Ela ainda está viva e a qualquer minuto vai sair por aquela porta.

— Espere. — Mariana esticou as mãos à frente do corpo, como se falasse *pare*. — Cas, de príncipe Casimir?

— Rei Casimir agora — falou Aren.

— Ele disse que soltaria Olivia. — O rosto de Mariana se contorceu em total desconfiança. — Por que faria isso?

— É uma longa história, mas...

— É uma longa história que você tem que ouvir — interrompeu Aren. — Emm se casou com Cas. Ela é a razão pela qual conseguiremos fazer um ataque bem-sucedido contra o castelo de Lera. Ela é o motivo de todos estarmos aqui.

O silêncio desceu sobre o grupo, e os três habitantes de Ruína olharam confusos para Emm.

— Casou? — repetiu Weldon.

Mariana fez cara de nojo.

— Eca.

— Você pode adiar o ataque? — Emm quis saber.

— Não. Vai acontecer após o pôr do sol. Já está tudo pronto — retrucou Íria.

Emm fitou o céu. Mais uma hora até o pôr do sol. Com sorte, seria tempo suficiente.

— Muito bem. Aren, venha comigo. Vamos ficar de vigia no forte e ver quando ela sai. Mariana, Weldon, Nic, assumam suas posições. — Ela apontou para os guerreiros. — Vocês três. Nada de fazer os habitantes de Ruína de prisioneiros. Estamos no mesmo time aqui.

Koldo e Petra franziram a testa para o grupo de Ruína, mas Íria fez que sim com a cabeça.

— Entendeu? — Emm perguntou a Mariana.

Mariana piscou e lançou um olhar confuso para Weldon e Nic.

— Quando foi que você começou a dar ordens?

— Quando executei o plano inteiro enquanto vocês todos se escondiam e fugiam.

Mariana se virou para Aren.

— Ela fez mesmo tudo isso? — Ele fez que sim com a cabeça. Mariana ainda não parecia convencida.

— Fique em posição ou saia do caminho — falou Emm.

Mariana hesitou por um segundo, mas então fez um gesto para Nic e Weldon.

— Vamos ficar em posição.

TRINTA E SEIS

CAS SEGUIU GALO ATRAVÉS de um portão de metal alto, e um vento gelado lhe deu calafrios pelos braços. Forte Victorra lançava uma sombra sobre a relva, e Cas ergueu a cabeça para observá-lo. Ele não entrava na fortaleza há anos. A construção já parecia opressiva, e ele sequer estava do lado de dentro.

Os soldados e guardas de Lera se amontoavam por toda a extensão da relva, e todas as cabeças se viraram para observá-lo. Uma inquietação percorreu sua coluna. Todos recebiam ordens *dele*. Todos esperavam que *ele* tivesse as respostas.

Cas forçou um sorriso quando o rosto de um guarda conhecido se iluminou ao vê-lo. Galo empurrou as pesadas portas de madeira e deu um passo para trás para que o rei fosse primeiro.

O guarda à sua direita se empertigou quando Cas entrou no edifício. Não havia janelas, então estava frio e escuro. A entrada era pequena e estava abarrotada. Ele subiu um andar e se viu num cômodo imenso e praticamente vazio. Das paredes, pendiam lampiões que lançavam um brilho suave sobre o chão de pedra. A escada da esquerda conduzia à maior parte dos cômodos, se ele se lembrava corretamente, e também dava acesso às duas torres. Alguns guardas estavam de pé ali perto, um posicionado em cada parede.

— Onde estão minha mãe e Jovita? — perguntou ele.

— No andar de cima, na torre leste — respondeu um guarda.

— E os prisioneiros? Tem mais alguém além de Olivia aqui embaixo?

— Não, Majestade. Apenas Olivia Flores.

Cas se aproximou de Galo e baixou a voz.

— Você pode descer e render alguns guardas? Diga que eles são necessários aqui na frente. Encontrarei você em um minuto.

Galo lhe lançou um olhar de dúvida, mas assentiu e se retirou do cômodo. Cas foi até a escada, subiu correndo e entrou na torre leste. Sua mãe e Jovita estavam de pé na janela do pequeno cômodo. Ambas se viraram quando ele entrou.

— Me digam o que está acontecendo. — Ele foi até a janela e empurrou Jovita para o lado. O sol estava se pondo, e um soldado acendia as tochas em torno do edifício. Era silencioso, o ar estava denso por causa do medo e da tensão.

— Avistamos algum movimento nos bosques — falou sua mãe. — Achamos que eles vão atacar hoje à noite. Provavelmente estavam esperando a nossa chegada.

— Somos o alvo deles — falou Cas.

— Talvez fosse mais seguro você ficar escondido na floresta — emendou Jovita.

— Talvez seja mais seguro, mas não é uma opção muito corajosa, já que estamos em guerra. —

Ele estalou um dos dedos ao dizer a palavra “guerra”.

— Por que você está com a espada de um guerreiro? — perguntou Jovita e fitou a lâmina em sua cintura.

— Peguei do guerreiro que matei.

— Você fez todo o trajeto sozinho? — A desconfiança se misturava à sua voz.

— Alguém deu ordens? — perguntou ele, ignorando a pergunta. Cas apontou para os soldados do lado de fora. — Será que eles... sabem o que fazer? — Ele não tinha conhecimento algum sobre como liderar um exército em batalha, e a pergunta pareceu boba quando saiu de sua boca.

— O coronel Dimas é o oficial de maior patente — falou a rainha. — Tinha esperança de que general Amaro conseguisse estar aqui a tempo, mas ela não chegou. — Pausa. — Ou talvez esteja morta.

— Já temos alguns planos em execução para defender Forte Victorra em caso de ataque — falou Jovita. — Você deveria saber disso, Cas.

Ele se recordava vagamente desses planos e esfregou os dedos contra a cabeça.

— Me perdoe se não consigo lembrar de tudo com clareza agora, Jovita. Não tive guardas para me escoltar pela floresta. Mal dormi desde que fomos atacados.

— Majestade?

Cas se virou para o lado de onde vinha a voz e viu um guarda baixinho de pé na porta. Ele observava o rei com expressão nervosa.

— Eu lamento interromper, Majestade, mas não sei ao certo a quem devo me reportar neste momento.

— Está tudo bem — falou Cas.

— Nos disseram para deixar as masmorras, eu e os outros guardas, e queria apenas que o senhor soubesse que não costumamos deixar Olivia com menos de três guardas e...

— Ela é perigosa? — interrompeu Cas.

— Bem, não, não mais, mas...

— Então nós precisamos de vocês lutando.

O guarda assentiu e saiu correndo, resmungando um pedido de desculpas ao fazer isso.

A rainha e Jovita o observavam com a mesma desconfiança. Cas tentou manter uma expressão neutra no rosto.

Sua mãe tocou-lhe o braço.

— Cas, vamos arrumar alguma coisa para você comer e escondê-lo em um dos quartos. Jovita e eu vamos lidar com os problemas que surgirem.

O olhar de Cas foi para Jovita, e uma sensação de inquietação cresceu em seu peito.

— Não vou me esconder enquanto os soldados estão lutando. — Ele se virou para a prima. —

Jovita, vá atrás do coronel Dimas e diga-lhe para me encontrar lá embaixo. Quero um resumo do plano.

— Sua mãe e eu já conversamos com ele — retrucou Jovita.

— Ótimo. Agora vá e diga que o rei quer conversar com ele em alguns minutos.

O queixo de Jovita se contraiu, mas ela passou por ele e desceu correndo as escadas. Cas seguiu atrás dela e a mãe o acompanhou.

— Parte de ser um bom rei é ter certeza de que vai estar vivo para governar de fato — falou ela, e seus sapatos repercutiam no assoalho enquanto corria para alcançá-lo. — Se envolver numa luta para salvar uns poucos criados numa carroça e...

— Nós os salvamos e eu ainda estou aqui, mãe.

— Não foi prudente. — Ela puxou a camisa dele, fazendo-o parar. — Por que você retirou os guardas de Olivia?

— Precisamos de todos lutando. — Ele tentou manter a expressão vazia, mas a mãe franziu a testa com ar desconfiado.

Cas se afastou, descendo correndo os degraus. Sua mãe ficou parada no mesmo lugar, e ele podia sentir os olhos dela queimando em suas costas. Ele saiu da escada e do campo de visão da rainha. Ia ter que libertar Olivia às escondidas e não estava nem um pouco ansioso para as consequências que sofreria assim que a mãe descobrisse o que havia feito.

O coronel Dimas passou pela porta e acenou para Cas.

— Majestade. Fico feliz que tenha chegado aqui em segurança. — Ele conduziu o rapaz para o lado de fora e o fez dar a volta em todo prédio, apresentando um resumo de sua estratégia de defesa enquanto caminhavam. Muitos dos guardas e soldados estavam obviamente exaustos, com uniformes amassados e sujos da viagem. Mas eles se erguiam em fileiras retas, prontos para a batalha. Cas baixou o olhar para a camisa azul e enlameada da criada.

— O senhor poderia me arrumar um uniforme da guarda? — Ele perguntou ao coronel enquanto voltavam para a relva na frente. — Será mais fácil de lutar se eu me misturar.

— O senhor vai se juntar a nós, Majestade?

— Sim.

— Vou mandar alguém encontrar um uniforme.

Cas agradeceu e girou nos calcanhares, balançando a cabeça quando um dos guardas fez um movimento para segui-lo.

— Volto em um minuto.

Ele passou pelas portas principais e cruzou o grande salão. Havia dois arcos na parede dos fundos, que conduzia aos cômodos na parte de trás do castelo, e ele olhou por cima do ombro antes de entrar no da esquerda. Os guardas o observaram, mas nenhum deles fez movimento de segui-lo.

Cas cruzou a saleta, esquivando-se da mesa e das cadeiras amontoadas no meio da sala. Se ele lembrava corretamente, a porta no canto esquerdo dos fundos da sala conduzia às masmorras.

Ele a abriu e rapidamente desceu as escadas. No fim, viu uma porta pesada de madeira e a empurrou, revelando um comprido corredor com celas dos dois lados. Galo estava de pé diante de uma das últimas, e ergueu os olhos ao ouvir o som da porta abrindo.

— É Olivia? — perguntou o guarda, apontando para a cela atrás dele. Seu rosto estava tenso e preocupado, e Cas rapidamente se aproximou. Todas as celas pelas quais passou estavam vazias. Estranhamente, quanto mais se aproximava, mais forte era o cheiro de perfume ou de flores.

— Ela está bem? — perguntou ele.

A última cela era a única ocupada e continha uma adolescente. Ela estava acorrentada à cama, de frente para a parede em vez de para as grades. Uma venda cobria seus olhos. Ela vestia uma calça larga e uma camiseta branca, sujas de terra e fuligem. O cabelo escuro estava despenteado. Ela tinha mais marcas de Ruína do que Damian. As linhas claras cobriam os braços da garota e subiam pelo pescoço até os cabelos.

— Acho que é ela — falou Cas baixinho.

— Eles a acorrentaram à cama o tempo todo?

Cas passou uma das mãos no rosto e soltou um longo suspiro.

— Eu não sei. — O que será que ele tinha esperado? Que ela tivesse alguns cômodos e uma cama boa? Que pudesse tomar banho regularmente e que a alimentassem? Pelo estado dela, nada disso tinha acontecido.

Ele esticou a mão.

— Você tem as chaves?

Galo as entregou para o rei.

— Elas têm identificação. É a verde.

Ele esticou a chave verde até a fechadura.

— Olivia...

A porta da masmorra se abriu com uma pancada e ele pulou para longe da cela. Sua mãe e Jovita cruzaram o corredor, seguidas por quatro guardas.

A rainha esticou a mão quando parou na frente do filho.

— As chaves, Casimir.

Ele deu um passo para trás e seu ombro roçou o de Galo. Limpou a garganta e tentou parecer autoritário.

— Vocês todos podem me dar um tempo?

— Você não pode libertá-la. — A rainha balançou a cabeça. — Eu sei o que está fazendo aqui embaixo. Sei que Emmelina botou ideias na sua cabeça sobre o povo de Ruína, mas você não pode simplesmente deixar Olivia partir. Você não sabe do que ela é capaz...

— Ela está acorrentada à cama! — Ele apontou para a garota e a raiva cresceu em seu peito. — Ela não é capaz de nada!

— Ela é um experimento que deu errado, Cas — falou Jovita. — Vamos admitir isso. Aprendemos algumas coisas, e nós pensávamos que os poderes de cura de Olivia poderiam ser úteis, mas ela não podia ser condicionada a...

Cas apontou para os guardas.

— Tirem elas daqui.

Nenhum dos guardas se moveu. Sua mãe olhou para ele como se pedisse desculpas.

— Sinto muito — falou ela baixinho.

Os guardas pularam para a frente. As mãos apertaram com força os pulsos de Cas. Ele tentou se soltar, mas os homens seguravam firme. Um deles pegou as chaves da mão do rei.

— Sinto muito, Majestade — murmurou.

Os dedos de Galo apertaram a espada.

— Você é sensível demais — falou a rainha.

Cas lutou contra uma onda de raiva.

— A senhora...

— Lera não é governada pelas opiniões de apenas uma pessoa — interrompeu a rainha. — Mesmo que essa pessoa possa ser o próximo rei.

Possa ser o próximo rei. *Possa?* Ele virou a cabeça para Jovita, mas a garota não olhou em seus olhos.

— Nós estamos no meio da guerra — falou a mãe. — Agora não é hora de mudar drasticamente a política. Se você estivesse pensando com clareza, veria isso. Dá pra ver que você mal dormiu nos últimos dias, e posso, sem dúvida, entender que está traumatizado com a morte de seu pai.

A mulher apontou para a cela.

— Apenas por poucas horas, até evitarmos um ataque dos guerreiros. Você ficará seguro aqui. — Ela segurou o próprio cordão, puxando-o pela cabeça e então colocando nele. O metal ainda estava quente de sua pele ao deslizar por baixo da camisa de Cas.

— Tem a flor Fraqueira nele. Vai proteger você da magia de Ruína.

Ele baixou os olhos, surpreso, e a fitou com um olhar de dúvida.

— É uma das razões para termos ficado com Olivia. Precisamos conhecer as fraquezas deles em situações como esta. Você deveria usá-lo, já que vai ficar aqui embaixo. — Ela apontou para Galo, que ainda mantinha a mão em sua espada. — Botem-no ali dentro com Cas.

Cas se contorceu quando mãos o agarraram. Ele não conseguiu se soltar.

— Você precisa de todos os guardas para o combate! — Sua mãe simplesmente respondeu

balançando a cabeça. Ele lançou um olhar furioso para ela quando um guarda pegou a espada de Galo.

Os guardas empurraram Cas para dentro da cela. Teimosamente, ele se recusou a sair do lugar, então eles tiveram que carregá-lo pela porta aberta de metal. Os dois homens o soltaram e saíram da cela, depois empurraram Galo para dentro dela. Os guardas fecharam a porta atrás de si e giraram a chave.

Cas cruzou os braços na frente do peito, notando que a mãe se recusava a olhá-lo nos olhos. Ele fitou cada um dos guardas e gravou seus rostos. Não queria esquecer a feição dos traidores.

— Vamos — falou a rainha. — Um de vocês fica do lado de fora da porta. Ninguém entra ou sai.

— Eu vou ficar. — Um guarda se ofereceu. A rainha assentiu e fez um gesto para que Jovita a acompanhasse. Elas desapareceram pela porta, e o guarda que decidira ficar fechou-a atrás de si.

Cas olhou de Galo para Olivia, na cela à frente deles. Será que Emm ia pensar que ele a havia traído? Será que atacaria com o restante dos guerreiros? O temor se aninhou no fundo de seu estômago.

Ele soltou um longo suspiro, passou a mão pelo cabelo e, virando-se para Galo, falou: — Tenho que contar o que aconteceu na floresta.

TRINTA E SETE

EMM ESTAVA DEITADA DE bruços no topo da colina, e Aren se esticou ao lado dela. Ela estava observando a entrada do forte há uma hora e não teve sinal de Cas ou de Olivia. Os soldados de Lera desapareceram dentro da fortaleza, e o gramado da frente estava deserto.

— Emm.

Ela olhou por cima do ombro e viu Íria agachada atrás dela.

— Todos estão praticamente em posição. Você e Aren vão ajudar?

Emm examinou mais uma vez o gramado, como se Olivia pudesse aparecer de repente se ela desejasse muito isso. Por que Cas não a libertara? Será que ela tinha sido levada para outro lugar? Será que estava morta?

E se ele tivesse mudado de ideia?

A garota olhou para Aren.

— Eu vou ajudar — falou ele baixinho e se levantou. Emm suspirou, lentamente ficou de pé e os acompanhou colina abaixo.

— Vamos fazer duas ondas — explicou Íria enquanto caminhavam. — Temos um rapaz de Ruína em posição para derrubar uma parte do muro da frente e então os guerreiros entram. O pessoal de Ruína atacará pouco depois. Nós os espalhamos em posições seguras. Assim que tiverem exaurido sua magia, vamos trazê-los de lá.

— Quero tentar entrar e pegar Olivia — falou Emm.

— A melhor opção é esperar até depois de tomarmos o forte — falou Íria.

— E se não o tomarem?

— Nós vamos. — Eles tinham alcançado a base da colina e ela apontou para as árvores. — Aren, tem alguns dos seus conterrâneos ali. Se for até lá, vão arrumar uma posição para você.

Aren balançou a cabeça.

— Vou ficar com Emm. Vamos atrás de Olivia. Mas vou derrubar quantos soldados de Lera eu conseguir.

— Ótimo. — Íria partiu; seus passos eram silenciosos na grama ao desaparecer entre as árvores.

— Você quer ir na frente com os outros? — Aren perguntou a Emm.

Ela balançou a cabeça.

— Toda a atenção estará neles. Vamos nos esgueirar. — Ela foi até as árvores e fez um gesto para que ele a seguisse. Mariana estava junto com dois guerreiros, e seus olhos brilharam quando ela viu Emm e Aren chegando.

— Ele soltou Olivia?

— Não — respondeu Emm. — Vamos entrar para buscá-la. Tem alguém na parte de trás do edifício que pudesse abrir um buraco nele?

— Claro, Weldon está lá. Ele pode fazer isso — falou Mariana.

Emm se virou para Aren.

— Você consegue ir até Weldon e se livrar de alguns soldados de Lera na área próxima? Vou sozinha.

— Eu devia ir com você — falou Aren.

— Não, você será mais útil se puder se livrar dos soldados para que eu possa entrar. E sei quanta energia isso vai exigir. Você devia ficar num lugar seguro.

Ele fez uma pausa e acenou com a cabeça.

— Está bem.

— Você tem que se apressar — falou Mariana. — Vamos atacar a qualquer minuto. Você vai ouvir o muro caindo em breve.

Emm e Aren partiram, e sussurros de “boa sorte” os seguiram. O sol tinha se posto completamente, e enquanto eles corriam estava escuro e silencioso. Os pés da garota doíam, e o estômago abria mão da esperança de comida e simplesmente se contorcia com tristeza, mas ela ignorou a dor.

Eles encontraram Weldon em uma árvore não muito longe dos fundos da fortaleza. Suas pernas pendiam, uma de cada lado, de um galho, e ele ouviu com atenção enquanto Aren explicava o plano.

— Precisamos que você abra um buraco no muro primeiro — falou Aren, apontando. — E depois naquele ponto bem ali, nos fundos do edifício. Seria ótimo se você pudesse fazer algo grande. E retirar umas pessoas com isso também.

Weldon sorriu.

— Com certeza.

Um assobio baixinho soou na noite silenciosa e Weldon assumiu uma expressão mais séria.

— O muro da frente está prestes a cair. Vão!

Emm desembainhou a espada e correu. A área na parte de trás da fortaleza era apenas grama, e qualquer pessoa na torre poderia vê-la se aproximando.

Um *bum* alto foi ouvido do outro lado da construção. O chão embaixo dela estremeceu e Emm caiu de joelhos, observando as pedras do muro da parte de trás da fortaleza caírem com um estrondo. Uma parte grande explodiu e lançou pedras e madeiras em velocidade para todas as direções. Emm abaixou a cabeça, cobrindo-a com as mãos.

Ela pulou e ficou de pé, forçando a vista no meio da poeira e da escuridão. Weldon abria um buraco imenso no muro e no edifício, e dois homens estavam encolhidos no cascalho. Outro

cambaleava por ali, e o sangue escorria do escalpo.

Havia mais guardas no interior da fortaleza. Ela conseguiu ver pelo menos quatro correndo na direção dos destroços, e foi direto para eles. Aren conseguiria se livrar de três, deixando um para ela e sua espada.

Emm pulou por cima das pedras, apontando a arma para o lado esquerdo. Aren cuidou do guarda que correu para ela no mesmo instante. O corpo dele fez barulho de coisa esmagando ao bater no teto e depois no chão.

O guarda bem na frente dela também voou para longe, e Emm ergueu a espada para o outro homem que correu em sua direção. Ela mantinha um olho na cena ao redor, buscando freneticamente por Cas. Onde ele estava?

Emm enfiou a lâmina no peito do guarda quando ele perdeu o equilíbrio e rapidamente se afastou. Passos próximos ecoaram pelo assoalho e ela disparou na direção oposta. Não queria que Aren usasse a magia. Ele precisava conservar energia.

Ela fez uma curva. Onde será que mantinham Olivia? Com certeza, trancada numa cela. Todas as celas em Lera eram subterrâneas e era melhor imaginar que o mesmo acontecia aqui.

A garota achou a cozinha e uma pequena sala de jantar primeiro, mas não havia portas para o andar de baixo. Ela esperou que o som de passos diminuísse; em seguida, correu pelo cômodo destruído até o outro lado da fortaleza.

Abriu uma porta e encontrou outra sala. Havia mais uma porta nos fundos do cômodo e ela foi até lá e a abriu também.

Degraus que conduziam até o subsolo se estendiam diante dela. Um guarda estava na base, protegendo uma porta fechada. Ele ergueu a cabeça e desembainhou a espada.

Emm voou pelos degraus, e o guarda a atacou com um grito. Ela bloqueou a espada e ergueu a bota, chutando o peito dele. O homem caiu e colidiu com a porta.

Ela segurou a maçaneta e abriu. O guarda caiu para trás e se remexeu, tentando ficar em pé. Ela afundou a espada em seu peito.

— Emm.

Ela retirou a lâmina do guarda e ergueu o olhar ao ouvir o som da voz familiar. Um corredor de celas se estendia diante dela. Emm deu um passo para a frente na direção do som. Cas estava em uma cela, com os dedos em volta das grades. Atrás dele estava Galo, com uma expressão perplexa no rosto.

— O que vocês estão fazendo... — A voz dela sumiu ao notar a garota de cabelos escuros na cela em frente à deles. Olivia.

— Eu sinto muito — falou Cas. — Tentei libertá-la, mas minha mãe e Jovita me trancaram aqui.

Ela correu e apertou as barras da cela da irmã.

— Olivia? Você está bem?

A cabeça da irmã se elevou, e ela virou os olhos vendados na direção de Emm. Estava magra, e seu cabelo era uma confusão louca. Olivia tinha quase dezesseis anos, mas estava tão pequena que era quase como se tivesse regredido em idade desde que Emm a vira pela última vez. As marcas de Ruína da garota tinham quase dobrado e cobriam mais pele do que Emm jamais vira. Ela tinha mais do que a própria mãe.

— Onde estão as chaves? — Ela girou e Cas apontou para o guarda. Emm foi até lá e arrancou-as do cinto dele.

— A verde — falou Galo. Depois, mais baixo, para Cas: — Ela vai nos tirar também?

— Claro que vou — respondeu Emm, correndo de volta para a cela de Olivia. Ela enfiou a chave na fechadura e a porta se abriu. Correndo para dentro da cela, arrancou a venda do rosto da irmã.

Olivia piscou algumas vezes, e seu olhar pousou sobre Emm. Seus lábios tremeram, as correntes em volta dos pulsos tilintaram quando ela esticou as mãos, mas a garota não disse uma única palavra. Apenas olhou.

— Qual dessas abre isto aqui? — perguntou ela, segurando as correntes. As algemas de ferro estavam trancadas no pulso, e a longa corrente presa a eles ia até a parede.

— Eu não sei — retrucou Galo. — Talvez uma das chaves menores?

Ela remexeu nas chaves e tentou usar duas pequenas antes de uma delas finalmente estalar na fechadura. Ela retirou as algemas, segurou as mãos de Olivia e a puxou para que ficasse de pé.

— Você consegue andar? — perguntou. Ela pôs as mãos nas bochechas da irmã. — Diga alguma coisa, você está me assustando.

Olivia contorceu o rosto, olhando por cima do ombro para a cela onde se encontravam Galo e Cas. Ela voltou a olhar para Emm e abaixou a voz para um murmúrio.

— Você se casou mesmo com ele?

Emm deu uma risada, mas o som morreu quando gritos soaram no andar de cima. Passos ecoaram no chão acima deles. Olivia ergueu o queixo, e sua cabeça se inclinou, interessada no barulho.

— Emm, se os guerreiros nos encurralarem aqui... — Cas olhou para ela com ar de súplica. — É a chave vermelha.

Ela se apressou para a cela de Cas e a abriu. Cas saiu, e seus dedos envolveram os dela.

— Sinto muito pelo que fizeram com ela — falou em voz baixa.

Emm balançou a cabeça.

— Não foi sua culpa.

— É totalmente culpa dele — falou Olivia atrás da irmã.

Emm se virou e encarou a menina.

— Mais tarde eu explico. Os guerreiros de Olso estão atacando e nós temos que sair daqui.

Os olhos da garota se iluminaram.

— Estão?

Emm pulou por cima do guarda morto e subiu correndo as escadas com Cas e Galo bem atrás. Olivia respirou fundo quando entraram na saleta.

— Isso é muito melhor — falou com um suspiro. — Você sentiu cheiro de Fraqueira lá embaixo? Eles revestiram as celas com ela. Eu mal consegui respirar durante um ano.

Os sons de gritos e espadas colidindo ecoaram pela fortaleza, e Cas correu para a porta da frente.

— Galo, você pode ajudá-las a sair daqui em segurança? — gritou ele por cima do ombro. Depois, desapareceu dobrando a esquina.

— Isso não é necessário. — Olivia estendeu a mão e os pés de Galo saíram do chão. Ele bateu na parede com uma pancada alta e caiu com um gemido.

Emm rapidamente segurou a mão da irmã.

— Não faça isso. Ele é nosso amigo.

— Foi por isso que não arranquei a coluna dele pela garganta. — Olivia fez um gesto com a mão enquanto Galo ficava de pé com uma expressão de dor. — Corra, humano. Antes que eu mude de ideia.

Emm olhou para o guarda como se pedisse desculpas.

— Vai, Galo. Vamos ficar bem.

O medo cruzou o rosto do rapaz, e ele partiu atrás de Cas sem falar nada.

— Tem mesmo guerreiros lá fora? — perguntou Olivia, correndo pela saleta.

Emm segurou o braço dela e puxou a irmã antes que ela passasse pela entrada em arco.

— Espere. — Ela apoiou as costas na parede e espiou. Um guarda passava pela porta da frente, com a espada desembainhada.

— Quem libertou ele? — A voz de Jovita ressoou pela fortaleza, acompanhada pela batida de seus passos. Ela desceu correndo a escada, apontando um dedo para o guarda. — Quem deixou o príncipe Casimir sair? Por que acabei de vê-lo correndo para se juntar ao combate?

Emm estendeu o braço para Olivia, pedindo que ficasse parada.

— Eu não sei — respondeu o guarda. — Ele passou por mim antes que eu pudesse impedi-lo.

Jovita virou as costas para o guarda, e Emm fez um gesto para que a irmã a seguisse. Cautelosamente, Emm esgueirou-se pela esquina e deu uma rápida olhada na bagunça que deixara minutos antes. Os únicos guardas no recinto estavam mortos, debaixo de pilhas de escombros.

De repente, Olivia gritou e Emm deu meia-volta e viu a irmã retirando uma pedra do pé descalço.

— Ei! — gritou Jovita, correndo na direção delas. — Quem... — Seus olhos se arregalaram quando pousaram em Emm, e ela puxou a espada no mesmo instante. Olivia se concentrou no guarda atrás de Jovita e o fez voar pelo cômodo.

Emm ergueu a espada.

— Lembre-se de como isso terminou para você da última vez.

O lábio de Jovita se curvou quando ela deu um passo para a frente.

— Saia, Emm — falou Olivia, cutucando o braço da irmã mais velha. — Me deixe...

— O povo de Ruína está atacando! — O grito veio do lado de fora e a cabeça de Jovita girou.

Emm partiu para cima dela, e sua espada arranhou a bochecha da garota. Jovita arfou, cambaleando para trás enquanto botava a mão sobre o ferimento. Sangue escorreu entre seus dedos, e Emm baixou a espada. Ela não ia matar um membro da família de Cas.

Emm segurou a mão de Olivia, mas a irmã não mudou de posição e apontou para a prima de Cas.

— Não. Quero ver a coluna dela saindo pela...

— Olivia, não — falou Emm abruptamente, puxando a irmã. Elas começaram a correr, pulando os destroços. Assim que chegaram ao lado de fora, se depararam com Aren à sua frente.

— Aren! — Olivia correu para a frente e jogou os braços ao redor do pescoço do rapaz.

O rosto de Aren se abriu num sorriso quando ele a abraçou brevemente. Dois guardas de Lera seguiam na direção deles, e Emm saiu correndo primeiro, levando Olivia consigo. A irmã não calçava sapatos, mas corria rápido, mantendo o passo com os outros dois.

Os guardas de Lera não estavam indo atrás deles. Emm franziu a testa e se voltou para olhar para a fortaleza, perplexa. Por que não os perseguiam?

— Vamos sair daqui — falou Aren. — O povo de Ruína vai tomar o forte a qualquer minuto.

— Os guardas não estão vindo atrás de nós — falou Emm baixinho e engoliu em seco, inquieta.

— Assim que tomarem o forte, vamos poder matar um monte deles — falou Olivia, ignorando o comentário de Emm. Ela sorriu para Aren. — Mal posso esperar para mostrar a vocês o que aprendi. Nossos poderes são muito maiores do que a gente imagina. Nós podemos...

Pop pop pop. Olivia parou ao ouvir o som e ergueu a cabeça para o céu. Emm seguiu o olhar. Partículas minúsculas de alguma coisa flutuavam no ar e mal eram visíveis sob a luz das tochas.

— Não respirem! — gritou Olivia. Ela cobriu a boca e o nariz com as mãos, e Aren e Emm fizeram o mesmo.

Olivia pulou como se tivesse sido picada por alguma coisa, e Emm observou as pequenas partículas tocarem a pele da garota. As marcas de Ruína que cingiam seus braços escureceram, e pontos de sangue apareceram quando a pele começou a rachar.

Emm observou os pedacinhos azuis tocarem sua própria pele. Nada. Ela tirou as mãos da boca e respirou fundo.

Ela conhecia aquele cheiro. Fraqueira.

Emm pulou para cima de Olivia e depois para Aren. Ela empurrou os dois no chão e passou os braços em volta deles da melhor forma que podia. Olivia tinha mais pele exposta do que Aren e ela apertou mais os braços da irmã, cobrindo-os com os seus.

Ela ficou agachada sobre eles até a maior parte das partículas flutuarem para o chão, e em seguida puxou os dois para que ficassem de pé.

— Corram — falou. — Corram até conseguirem respirar.

Olivia tropeçou ao ficar de pé, mantendo as costas da mão contra a boca. Aren fez o mesmo, e a ajudou a se equilibrar com a mão livre. Os dois partiram juntos, e Emm os acompanhou.

Gritos irromperam na noite e, de repente, Olivia parou. Eles tinham se livrado da Fraqueira, e ela e Aren inspiravam profundamente o ar.

— Estão matando os habitantes de Ruína. — Olivia cerrou os punhos e correu de volta na direção da fortaleza. Emm quase gritou, pedindo que parasse, mas o ar já estava praticamente limpo.

Aren e Emm correram atrás dela.

— O pessoal de Ruína está em pontos diferentes ao redor da fortaleza! — gritou Aren. — Em formato de U. Por ali!

Olivia olhou para o local que ele indicava, então deu uma guinada para a esquerda. Eles correram na direção das árvores e pararam no mesmo instante.

Ali a Fraqueira era mais forte, pois grudara nas folhas e ainda flutuava no ar. Olivia e Aren deram vários passos para trás e deixaram Emm percorrer a mata densa.

Nic jazia no chão e o sangue escorria das marcas em seu pescoço. Os lábios do garoto tinham ficado azuis e ele sibilava alto, com os olhos vermelhos fixos no céu.

Emm se abaixou e segurou Nic pelos ombros. Talvez se ela pudesse arrastá-lo para longe dali, ele tivesse uma chance. Talvez Olivia pudesse curá-lo.

Nic arfou. Então seu peito ficou imóvel, e a cabeça virou para um lado. Emm engoliu em seco e baixou os ombros do rapaz. Ela deu uma olhada em Aren e Olivia, muitos passos atrás. Olivia respirava pesadamente, e a raiva escorria de cada um de seus poros.

Ouviram-se gritos vindos da fortaleza. Emm se afastou da mata e viu os guerreiros atacando os soldados de Lera. Era uma ideia ruim, se levassem em conta que provavelmente tinham perdido a maioria dos habitantes de Ruína que haviam posicionado ali.

Olivia correu na direção do forte, com os braços esticados.

— Vocês acham que podem me machucar? — gritou ela. — Tentem de novo, seus covardes.
TENTEM DE NOVO!

De repente, quatro soldados de Lera estavam no ar, e seus ossos se deslocaram e entortaram de um modo que fez o estômago de Emm parar em sua garganta. Eles caíram no chão, mortos.

Matar quatro pessoas com a magia de Ruína deveria ter exaurido Olivia no mesmo instante, mas ela sequer diminuiu o passo. Ela avançou e gritou para que Aren a ajudasse. O rapaz correu atrás dela.

Emm correu para se juntar ao combate e desembainhou a espada, com o coração batendo forte no peito quando um guerreiro passou correndo por ela. Mais alguns passos e ela estaria no centro da luta. Espadas colidiam e gritos cortavam a noite e faziam o cabelo da nuca se arrepiar, totalmente alerta. Era difícil distinguir os guerreiros de Olso e os soldados de Lera em plena noite, e tudo o que ela conseguia ver era uma onda imensa de corpos emaranhados e colidindo uns contra os outros.

Será que Cas estava ali? Será que ele lutava ao lado dos soldados de Lera? Será que sabia que iam jogar Fraqueira pouco depois de Olivia escapar?

Não. Claro que não. Ele estivera com ela nos últimos dias, e então ficou trancado numa cela desde que chegou.

De repente, um homem se postou à frente dela, e Emm não teve mais tempo de se preocupar com Cas. Ele golpeou com a espada bem no peito dela e a garota rapidamente bloqueou o ataque. O rosto era vagamente familiar, do tempo em que passara no castelo.

— Emmeli... — O grito morreu quando ela enfiou a espada no peito dele.

A garota deu meia-volta e viu Íria repelindo um ataque de dois soldados de Lera. Emm pulou para o lado. Ela bloqueou uma espada pouco antes de a lâmina encostar no braço da guerreira. O soldado de Íria piscou com surpresa quando Emm apareceu, e ela se aproveitou do segundo de fraqueza. Deslizou a espada para a sua barriga e então usou o pé para derrubá-lo.

— Obrigada — falou Íria, respirando pesadamente ao retirar a própria espada do peito do outro homem.

Emm examinou a cena à frente delas. Guerreiros mortos salpicavam o chão, e o número era muito maior do que o dos soldados de Lera. Ela examinou desesperadamente a multidão, atrás de Olivia e de Aren, mas eles não estavam em parte alguma.

O pânico invadiu o peito de Emm quando outro soldado partiu para cima dela. Por alguns minutos, tudo se tornou um nevoeiro de sangue, corpos e espadas enquanto ela respondia ataque após ataque e tentava entrever a irmã nos intervalos.

Ela empurrou um soldado de Lera que sangrava para longe dela e chutou a espada de sua mão quando ele caiu de joelhos. Ela deu um passo para trás e encostou em algo sólido.

Deu meia-volta. Cas.

Ele abaixou a espada e tirou o cabelo da frente dos olhos.

— Vai — falou ele, passando os dedos em volta do pulso dela. — Diga ao seu povo para se retirar agora ou eles vão morrer.

— Acho que a maioria já está morta — retrucou Emm, controlando as lágrimas.

Ele franziu o rosto, e cada traço continha arrependimento.

— Sinto muito. Eu não sabia.

— Eu sei.

Ele apertou o pulso dela e logo em seguida a soltou.

— Por favor, Emm. Saia daqui.

Cas se virou, pulando por cima de um guerreiro morto ao correr na direção da fortaleza. Íria não estava muito longe e observou a partida do rapaz. Ela olhou dele para Emm, como se decidisse quem queria seguir.

— Retirar! — gritou Emm o mais alto que conseguiu. — Guerreiros, povo de Ruína, retirar!

Íria repetiu o grito, e os guerreiros começaram a correr. Restaram tão poucos que Emm podia contá-los enquanto corriam colina abaixo: sete, doze, dezoito. Não restavam mais de trinta, até onde ela podia ver. Eles deviam ter sido pelo menos uma centena, no começo.

Emm avistou Olivia e Aren inclinado pesadamente sobre ela, conforme cambaleavam para descer a colina. A garota correu até eles, guardando sua espada, e pegou o outro braço de Aren, passando-o por cima dos ombros.

Olivia estava salpicada com sangue: as roupas, os braços e o rosto. Havia sangue por toda parte.

— Você está bem? — perguntou Emm.

Olivia assentiu, os olhos brilhando. Ela se virou para Aren.

— Não se preocupe, vou ensiná-lo a manter a força ao usar os poderes.

— Sério? — perguntou ele, com a voz cheia de esperança.

— Com certeza. — Ela sorriu para ele e limpou o sangue da bochecha.

As duas garotas arrastaram Aren colina abaixo até alcançarem as árvores. Os guerreiros tinham se espalhado e a área ao redor delas estava quieta, parada. O silêncio era quase excessivo, depois do barulho do combate.

— Aonde nós vamos? — perguntou Olivia.

— Ver se sobrou algum de nós.

A garota subitamente arfou e as palavras de Emm morreram em sua garganta. Uma flecha entrou no braço esquerdo de Olivia e ela cambaleou para trás. Aren caiu no chão sem ter onde se apoiar.

Outra flecha zumbiu no ar, tão perto do rosto de Olivia que deixou um arranhão minúsculo em sua bochecha direita.

Emm deu meia-volta sem conseguir enxergar.

Olivia arrancou a flecha de seu braço. Um líquido azul escorreu do ferimento. Eles tinham molhado a ponta das flechas com Fraqueira.

De repente, um corpo colidiu contra o dela e, tarde demais, ela se deu conta de que se esquecera de olhar para cima. Claro que os soldados estavam nas árvores. Ela conhecia o truque muito bem.

Muitos braços agarraram sua cintura, o pescoço, as pernas. Apesar dos soldados, ela girou e tentou desesperadamente enxergar Olivia, mas um dos homens a agarrou pelo pescoço e a puxou e girou de tal forma que tudo que Emm conseguia ver era a floresta.

E a rainha.

Fabiana não sorriu, mas a satisfação estava escrita em todo seu rosto.

Ela acenou com a cabeça.

— De volta para a fortaleza. Ela vai morrer em público por seus crimes. — E apontou para trás de Emm. — Podem matar Olivia aqui mesmo. Tragam-me a cabeça dela.

Emm balançou as pernas e os braços a apertaram com mais força ainda. Olivia ainda estava gritando, e Emm estava apavorada demais para se virar e procurar Aren. Será que ele já estava morto?

— Por favor, deixem ela ir. — Emm implorou para os soldados que a arrastavam atrás da rainha. — Vocês podem ficar comigo, mas deixem Olivia ir embora.

— Já tenho vocês duas — retrucou a rainha e lançou um olhar por cima do ombro. — Suas habilidades de negociação podiam melhorar.

— Por favor. — As palavras de Emm soavam desesperadas, mas ela não se importava. — Se vocês deixarem Olivia ir, não vão mais nos ver.

A rainha nem se incomodou em responder, e as lágrimas e a raiva encheram o peito de Emm. Era inútil. Ela falhara em salvar Olivia. Falhara em salvar seu povo. Ela morreria sem realizar coisa alguma.

Passos ecoaram contra o chão, e a rainha desembainhou a espada quando Emm olhou ao redor, esperançosa. Aquela seria uma excelente hora para os guerreiros aparecerem.

O rosto de Cas surgiu entre as folhagens, e a minúscula bola de esperança em seu estômago aumentou.

Ele estava sem fôlego, e o olhar foi de Emm para sua mãe. A expressão do rapaz era selvagem, e Emm podia ver que ele já esperava encontrar aquela cena.

A rainha baixou a espada e suspirou.

— Cas, por favor, volte para a fortaleza.

— Soltem Emm — falou e apontou para os soldados. Os homens não se moveram.

— Entendo que você não possa fazer isso pessoalmente — retrucou Fabiana. — Mas alguém tem que fazer.

— Não tem, não. — A voz de Cas era trêmula, mas ele se empertigou. — Já houve mortes suficientes de ambos os lados.

— O dano que ela causou no nosso reino é imensurável — emendou a rainha. — Se você simplesmente deixar que ela vá embora, vai perder o controle do seu povo. Juro. Eles vão considerá-lo um fraco.

Cas balançou a cabeça.

— Acho que eu e você temos definições diferentes de fraqueza. Não vou ser esse tipo de rei. Não vou ordenar a execução dela.

— Eu sei que não vai — falou a rainha em voz baixa.

Emm captou o lampejo de esperança de Cas, o modo como ele mal ergueu as sobrancelhas para a mãe, como se ponderasse se ela ia recuar.

Por um momento, ele pareceu extremamente otimista.

A rainha girou e subitamente um dos soldados deu um pulo.

Ela enfiou uma lâmina na barriga de Emm.

O mundo se tornou preto, depois vermelho e novamente preto. Os joelhos de Emm bateram no chão, mas ela não se lembrava de cair. Alguém gritou “Não”. Ou a palavra ficou ecoando em seus ouvidos ou Cas a repetia muitas e muitas vezes.

Emm começou a fraquejar e bateu num corpo quente.

— Por favor, não — falou Cas com voz embargada, e ela se deu conta de que estava no chão, apoiada no peito dele. Emm baixou o olhar e viu sangue nas mãos dele. Será que o rapaz estava ferido?

Não. O sangue era dela.

— Eu sinto muito — falou ele, a boca contra o cabelo dela. — Eu sinto muito.

Emm balançou a cabeça porque não queria que ele sentisse muito. Cas não tinha que sentir muito. Ela não conseguia falar, mas conseguiu encontrar a mão dele sobre a sua barriga e a apertou.

Eu poderia pensar em formas piores de morrer. As palavras de Cas no dia anterior flutuaram em sua mente, e ela quase riu. Talvez ela tivesse rido.

Então ouviu o grito.

Um grito horrível, terrível.

E a cabeça de um homem rolou sem parar pelo chão.

Os braços de Cas apertaram Emm com força, e ela piscou algumas vezes, tentando fazer a vista funcionar novamente. Havia sangue por todo lado. Não havia mais guardas nem soldados, apenas pedaços deles espalhados por ali.

Olivia estava de pé no meio daquela confusão. Ela esticou um dos braços.

O peito da rainha inchou e um som que não era humano escapou de sua boca.

O peito se abriu com uma fissura que fez o corpo inteiro de Cas tremer. Alguma coisa voou no ar e pousou na mão de Olivia. O sangue pingava pelo braço da garota enquanto ela abria os dedos um a um e deixava o coração da rainha cair no solo com um *plop*.

Olivia se virou e seus olhos se estreitaram na direção de Cas.

— Mexa-se.

Ele não obedeceu imediatamente, mas Olivia gritou novamente ao se aproximar de Emm. De repente, o calor de seu corpo fora embora e a cabeça de Emm estava pousada delicadamente no chão.

— Você está bem — falou Olivia, e sua voz não continha raiva. Ela pôs as mãos na barriga da irmã.

Emm puxou um pouco de ar e subitamente o mundo voltou a ficar em foco.

— Vai embora — falou Olivia, olhando por cima do ombro.

Emm girou a cabeça de um lado para o outro e viu Cas de pé, a alguns passos da mãe morta. O rosto do rapaz era uma máscara congelada de medo e horror.

— Vai embora, ela vai ficar bem — falou Olivia através dos dentes semicerrados.

Cas olhou para Emm, como se esperasse sua confirmação. Ela mal assentiu. Seu corpo estava fraco, mas ela podia sentir a magia de Olivia agindo e recosturando-a.

O corpo inteiro do rei tremeu quando ele hesitou por outro instante, e seu olhar permaneceu fixo no dela. Lágrimas encheram os olhos de Cas quando Emm mais uma vez fez que sim com a cabeça.

Ele começou a correr.

Emm voltou sua atenção para a irmã. Os olhos de Olivia estavam arregalados e selvagens, e a boca, esticada numa careta bizarra. A expressão era uma mistura louca de felicidade e ódio.

— Você vai ficar bem, irmã — falou Olivia em voz baixa. — Eu e você mal começamos. Quando tivermos acabado, todos vão ficar de joelhos e implorar perdão.

Emm fez esforço para controlar as lágrimas, embora não tivesse certeza do motivo de estar chorando. Se era cansaço, derrota ou a expressão no rosto de Cas quando ele ficou de pé ao lado da mãe. Não importava, as lágrimas voltaram e desceram por suas bochechas.

Olivia retirou as mãos da barriga de Emm e esticou o braço para ajeitar uma mecha de cabelo da garota. Ela sorria.

— Não chore, Emm. Logo eles terão bastante medo da gente.

FIM DO LIVRO UM

AGRADECIMENTOS

Ruína foi um verdadeiro trabalho em equipe. Várias pessoas leram, encorajaram, ou simplesmente me deram um bom pontapé quando precisei. Um muitíssimo obrigada a: Emilia Rhodes, minha editora, que fez este livro ser muito melhor do que imaginei que seria. *Ruína* tem tantas cenas tocantes que pensei que nunca conseguiríamos encaixar todas, mas você fez tudo parecer fácil.

Emmanuelle Morgen, minha agente. Obrigada por me apontar uma direção quando eu via milhares de maneiras de escrever a história e queria tentar cada uma delas.

Jennifer Klonsky, por tomar conta do meu último livro e por se certificar de que este chegaria às mãos certas.

Alice Jerman, por todo apoio neste livro e na série Reboot.

Michelle Kryz, pela leitura prévia e pelo entusiasmo. Obrigada por me ajudar a encontrar o melhor começo e pela *blurb* fabulosa.

Shannon Messenger, pela leitura prévia e pelas notas que fez dos personagens. Você me ajudou a tornar Emm e Cas reais. (E obrigada por me tirar daquela escrivadinha em Vegas.) Kiera Cass, pela *blurb* maravilhosa. Estou muito emocionada de ter suas palavras na capa do livro.

Jenn Reese, pelas conversas sobre fantasia e por ser paciente com minhas muitas perguntas. Agradeço também à Amaris e Tracy pelos papos épicos durante o *brunch*.

Agradeço à equipe de design da HarperTeen pela belíssima capa de *Ruína*. É mais bonita do que eu havia imaginado.

Um muitíssimo obrigado a toda equipe de marketing e publicidade da HarperTeen por sempre cuidarem de mim, especialmente a Gina Rizzo — obrigada pelo entusiasmo e por sempre ser uma carinha sorridente na RT!

Minhas amigas do GFA — Natalie, Michelle, Amy, Lori, Corinne, Gemma, Deb, Ruth, Kim e Stephanie —, obrigada por compartilharem os altos e baixos comigo. Vocês são as melhores amigas escritoras que uma garota poderia ter.

Natalie Parker, por planejar os melhores retiros e por me apresentar a todos os meus amigos escritores, basicamente.

Michelle Rosenfield, por ser uma amiga sensacional e assistir a todos aqueles filmes comigo e ouvir meus desabafos em mais de uma ocasião. Agradeço também ao Ethan pelos passeios no lago. Luna sente sua falta.

Sara e Sean, Mely e JP, Nick, Louise, Josh, Chris e Megan — obrigada por irem aos eventos e serem pessoas fabulosas.

Obrigada a todos os blogueiros que leram e apoiaram a série Reboot, mas especialmente a Stacey (*Book Junkee*), Erin e Jaime Arkin (*Fiction Fare*), Dianne (*Oops I Read It Again*), Katie (*Mundie Moms*), e Sash (*Sash and Em*). Adoro ver as carinhas sorridentes de vocês nos eventos ou no meu feed do Twitter.

Agradeço aos meus pais e minha família, com minhas desculpas pelas mortes e/ou por pais ruins neste livro. Prometo que eles não foram baseados em vocês.

E por último, mas não menos importante, agradeço à Laura, minha irmã e primeira e melhor crítica, razão pela qual este livro se tornou uma história sobre irmãs. Desculpa, fiz da irmã mais nova a mais maluca.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Ruína

Site da autora

<https://www.amytintera.com/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/amytintera>

Facebook da autora

<https://www.instagram.com/amytintera/>

Tumblr da autora

<http://amytintera.tumblr.com/>

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/amytinterabooks/>

Pinterest da autora

<https://br.pinterest.com/amytintera/>

Goodreads da autora

https://www.goodreads.com/author/show/5768611.Amy_Tintera

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/13782-amy-tintera>

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/ruina-717763ed719504.html>